

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS

SUELEN CRISTINA DA SILVA

**A VARIAÇÃO DOS PRONOMES DE SEGUNDA PESSOA NA MESORREGIÃO
MINEIRA CAMPO DAS VERTENTES**

Belo Horizonte

2022

Suelen Cristina da Silva

**A VARIAÇÃO DOS PRONOMES DE SEGUNDA PESSOA NA MESORREGIÃO
MINEIRA CAMPO DAS VERTENTES**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito à obtenção do título de Doutora em Linguística.

Área de concentração: Linguística Teórica e Descritiva

Linha de pesquisa: Estudo da Variação e Mudança Linguística

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Tadeu Roque Amaral

Belo Horizonte

2022

S586v

Silva, Suelen Cristina da.

A variação dos pronomes de segunda pessoa na mesorregião mineira Campo das Vertentes [manuscrito] / Suelen Cristina da Silva. – 2022. 215 f., enc. : il., grafs., maps., (color)., tabs., (p&b)

Orientador: Eduardo Tadeu Roque Amaral.

Área de concentração: Linguística Teórica e Discursiva.

Linha de Pesquisa: Estudo da Variação e Mudança Linguística.

Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.

Bibliografia: f. 204-211.

Apêndices: f. 212-215.

1. Língua portuguesa – Regionalismos – Minas Gerais – Teses. 2. Sociolinguística – Teses. 3. Língua portuguesa – Pronomes – Teses. 4. Mudanças linguísticas – Teses. 5. Língua portuguesa – Variação – Minas Gerais – Teses. I. Amaral, Eduardo Tadeu Roque. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

CDD: 469.798



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS

FOLHA DE APROVAÇÃO

A variação dos pronomes de segunda pessoa na mesorregião mineira Campo das Vertentes

SUELEN CRISTINA DA SILVA

Tese submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ESTUDOS LINGUÍSTICOS, como requisito para obtenção do grau de Doutor em ESTUDOS LINGUÍSTICOS, área de concentração LINGUÍSTICA TEÓRICA E DESCRITIVA, linha de pesquisa Estudo da Variação e Mudança Linguística.

Aprovada em 30 de setembro de 2022, pela banca constituída pelos membros:

Prof(a). Eduardo Tadeu Roque Amaral - Orientador

UFMG

Prof(a). Maria Alice Mota

Unimontes

Prof(a). Márcia Cristina de Brito Rumeu

UFMG

Prof(a). Soélis Teixeira do Prado Mendes

UFOP

Prof(a). Valter Pereira Romano

UFSC

Belo Horizonte, 30 de setembro de 2022.



Documento assinado eletronicamente por **Eduardo Tadeu Roque Amaral, Professor do Magistério Superior**, em 30/09/2022, às 15:27, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Soelis Teixeira do Prado Mendes, Usuário Externo**, em 30/09/2022, às 17:13, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Valter Pereira Romano, Usuário Externo**, em 30/09/2022, às 19:16, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Marcia Cristina de Brito Rumeu, Professora do Magistério Superior**, em 03/10/2022, às 15:56, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Maria Alice Mota, Usuário Externo**, em 25/10/2022, às 20:57, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1773061** e o código CRC **DD3A220E**.

Referência: Processo nº 23072.256380/2022-19

SEI nº 1773061

À minha filha, Júlia Ester!

AGRADECIMENTOS

Ao meu DEUS, por me permitir vivenciar esse momento, dando-me sabedoria e forças, abrindo os caminhos possíveis para que tudo pudesse acontecer.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Eduardo Tadeu Roque Amaral. Eu sou eternamente grata a você! Agradeço-lhe pela compreensão nos momentos mais difíceis. Você me disse que tudo daria certo e, hoje, eu posso confirmar isso. Agradeço pela sua dedicação, incentivo, competência, atenção especial nas revisões e sugestões, que me fizeram enxergar novos horizontes para a proposta desta pesquisa. Obrigada por me nortear e por ser protagonista deste momento!

Às professoras Dra. Márcia Cristina de Brito Rumeu e Dra. Maria Alice Mota pela leitura atenta e sugestões que contribuíram para a elaboração deste trabalho.

Ao José Ferreira, pelo grande auxílio nas gravações das entrevistas. Obrigada pelo companheirismo e parceria! Estarei sempre em dívida com você!

Aos falantes entrevistados das localidades de Alfredo Vasconcelos, Barbacena e Ressaquinha, que enriqueceram este trabalho com suas falas e percepções, contribuindo para o conhecimento do uso das formas pronominais de segunda pessoa do singular em Minas Gerais. Agradeço-lhes por serem protagonistas deste trabalho.

À Fernanda Oliveira, pelas orientações, pelo incentivo e pelas palavras de apoio. Obrigada por ter me dado atenção sempre quando eu precisei.

À Camila Martins, sem palavras para lhe agradecer! Você sabe o quanto é especial para mim. Não mediu esforços para me ajudar. Quantas madrugadas revisando textos, mas hoje todo esse trabalho valeu a pena. Você é parte desta conquista!

À CAPES pelo apoio financeiro essencial para realização dessa pesquisa.

À minha família, minha mãe, ao meu pai e meus irmãos, que me incentivaram nessa caminhada. Obrigada pelas palavras de apoio, pelos incentivos e por me permitir dedicar mais tempo para este trabalho, ajudando-me sempre. E aos demais familiares e amigos que estiveram perto de mim na realização deste sonho.

Ao André, pela força, compreensão, incentivo e sua companhia durante todo esse tempo. Estou sem palavras para lhe agradecer, meu amor!

“Esmiuçar as entranhas das formas linguísticas e sentir a sistematicidade que envolve as línguas, dialetos e variedades, sem julgamento de valor (...). Partilhar esse bem constitui mais do que um dever, é uma responsabilidade social, é uma questão de cidadania” (Marta Scherre)

O coração do homem planeja o seu caminho,
mas o Senhor lhe dirige os passos. Provérbios
16:9.

RESUMO

A presente pesquisa tem como principal objetivo investigar, à luz da Sociolinguística Variacionista, o fenômeno de variação entre os pronomes de segunda pessoa, *tu*, *você*, *ocê* e *cê*, em três cidades mineiras que estão localizadas na mesorregião Campo das Vertentes, a saber: Alfredo Vasconcelos, Barbacena e Ressaquinha. Tal proposta advém não somente da necessidade de ampliar os estudos envolvendo a mesma temática no estado, mas também dos indícios de uso da forma *tu* nessa região. O *corpus* desta pesquisa é composto por duas amostras: entrevistas sociolinguísticas e testes de percepção e produção. Em relação à primeira amostra, essa é composta por 54 entrevistas sociolinguísticas, sendo um total de 18 informantes para cada cidade. No que tange aos testes de percepção e produção, foram aplicados 36 testes (12 para cada município). Para a seleção dos participantes em ambas as amostras, levou-se em consideração as variáveis extralinguísticas contempladas neste trabalho, o sexo (masculino e feminino) e a faixa etária (18 a 30 anos, 31 a 50 anos e 51 anos ou mais). Os resultados gerais mostram que, em Alfredo Vasconcelos e Barbacena, há um uso predominante da forma *cê* e, na localidade de Ressaquinha, o pronome *tu* demonstra ser mais recorrente entre os falantes. Com relação à análise multivariacional dos dados, em termos de dados específicos da aproximação dos resultados nas três localidades estudadas, indica que: a) a variável contexto sintático favorece o uso de *cê*; b) o paralelismo formal, variável selecionada apenas em Alfredo Vasconcelos e Ressaquinha, mostra favorecimento da variante *tu* quando empregada com o paradigma de 2P nas duas localidades; c) a variável tipo de verbo, aponta que a forma *tu* é aliada aos verbos de ação, e os pronomes *você* e *ocê* são favorecidos quando empregados em contextos com os verbos *dicendi* e com os verbos de estado; d) a variável tipo de discurso demonstra que a forma *tu* é favorecida quando empregada nos contextos de discurso direto e as formas *você*, *ocê* e *cê* tendem a ocorrer nos discursos genéricos; e) a variável extralinguística sexo aponta que, em Barbacena e Ressaquinha, o pronome *tu* é aliado ao sexo masculino e, em Alfredo de Vasconcelos, esse elemento pronominal é favorecido nas falas femininas e f) a variável faixa etária indica a predominância da forma *tu* nas falas dos mais novos (18 a 31 anos), o favorecimento de *você* pelos falantes da faixa etária dos mais velhos (51 anos ou mais) e o pronome *ocê* é mais produtivo na faixa etária dos medianos (31 a 50 anos). No que diz respeito à amostra testes de percepção e produção, os resultados correspondentes ao teste de percepção apontam que, na relação simétrica (entre amigos), os falantes das localidades de Alfredo Vasconcelos e Barbacena optam pela forma *você* nas interações entre amigos e os entrevistados de Ressaquinha tendem a escolher o pronome *tu*. No que se refere à relação assimétrica ascendente, o tratamento *o/a senhor(a)* é predominante na escolha dos falantes das três cidades analisadas. No que concerne ao teste de produção, os dados indicam que os entrevistados de Alfredo Vasconcelos e Barbacena tendem a escolher as combinações com o pronome *você* tanto com as formas paralelas (com o paradigma de 3P) quanto com as formas não paralelas (com o paradigma de 2P), ao passo que os participantes de Ressaquinha têm preferência pela variante *tu* e pelas formas do paradigma de 2P. Em relação aos complementos preposicionados, observou-se que o *pra tu* é o preferido entre os entrevistados ressaquinhenses e, em Alfredo Vasconcelos e Barbacena, a maioria dos participantes optou pelo complemento *pra você*.

Palavras-chave: Sociolinguística Variacionista. Variação dos pronomes de segunda pessoa do singular. Falares da mesorregião mineira Campo das Vertentes.

ABSTRACT

Under the light of Variational Sociolinguistics, the present study aims at investigating the variation phenomenon among second person pronouns *tu*, *você*, *ocê*, and *cê* (you) in Brazilian Portuguese, in three cities in the State of Minas Gerais, Brazil, based in Campos das Vertentes mesoregion, as follows: Alfredo Vasconcelos, Barbacena and Ressaquinha. Such proposal relies not only on the need for further studies on the issue in the state, but also on trend in the use of the *tu* form in such region. The corpus of this research is comprised of two samples: sociolinguistic interviews as well as perception and production tests. With regard to the first sample, 54 sociolinguistic interviews were to be used, encompassing a total of 18 informants per city. In turn, in the perception and production tests, 36 tests have been carried out (12 per municipality). In order to select participants for both samples, the extralinguistic variables addressed by his study were taken into account, i.e., gender (male and female), and age group (18 to 30 years old, 31 to 50 years old, 51 years old or more). The results show that, in the cities of Alfredo Vasconcelos and Barbacena, there is predominant use of the form *cê* and, in the region of Ressaquinha, the pronoun *tu* seems to be more recurrent among speakers. In relation to the multivariational analysis of data, in terms of specific data of result approximation in the three regions analyzed, one may note that: a) the variable of syntactic context favors the use of *cê*; b) the variable of formal parallelism, variable which was selected solely in Alfredo Vasconcelos and Ressaquinha, shows that the variant *tu* was favored when employed with the 2P paradigm in both regions; c) the variable of type of verb, which points out that the form *tu* is used alongside action verbs and the pronouns *você* and *ocê* are favored when used in contexts with verba *dicendi* and with stative verbs; d) the variable of type of discourse shows that the form *tu* is favored when used in contexts of direct speech and the forms *você*, *ocê* and *cê* tend to occur in generic speeches; e) the variable of extralinguistic factors of gender shows that, in Barbacena and Ressaquinha, the pronoun *tu* is related to the male gender and, in Alfredo Vasconcelos, such pronominal element is favored in female speeches, and f) the variable of age demonstrates predominance of the form *tu* in the speeches of younger individuals (aged 18 to 31) as well as favoring of *você* among elder speakers (51-year-olds or more) and the pronoun *ocê* is more productive in the age gap of the average individuals (aged 31 to 50). With regard to the sample of perception tests and production, the results of the perception test show that, in the semetric relationship (among friends), speakers from Alfredo de Vasconcelos and Barbacena opted for the form *você* in interactions among friends whereas interviewees from Ressaquinha are inclined to use the pronoun *tu*. When it comes to ascendant asymmetric relationships, the title *o/a senhor(a)* is predominant in the choice of speakers from the three cities analyzed. Regarding the production test, the data show that interviewees from Alfredo Vasconcelos and Barbacena tend to choose combinations with the pronoun *você* either with parallel forms (with the 3P paradigm) or with non-parallel forms (with the 2P paradigm), while participants from Ressaquinha are more likely to use the variant *tu* as well as the forms of the 2P paradigm. Regarding preposition complements, it is noteworthy that *pra tu* is preferred among interviewees and, in Alfredo Vasconcelos and Barbacena, the majority of participants opted for the complement *pra você*.

KEYWORDS: Variational Sociolinguistics. Variation of second person singular pronouns. Dialect spoken in the State of Minas Gerais Campos das Vertentes mesoregion

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Síntese cronológica da evolução e surgimento das formas nominais de tratamento cerimonioso	30
Figura 2: Localização dos municípios de Alfredo Vasconcelos, Barbacena e Ressaquinha	80
Figura 3: Mapa dos registros do uso dos pronomes <i>tu</i> , <i>você</i> , <i>ocê</i> e <i>cê</i> em Minas Gerais	161
Figura 4: Mapa dos registros do uso dos pronomes <i>tu</i> , <i>você</i> , <i>ocê</i> e <i>cê</i> no Brasil	162
Figura 5: Exemplo dos resultados fornecidos pelo formulário eletrônico	172
Figura 6: Exemplo das perguntas do teste de produção no formulário eletrônico	185

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - A produtividade do pronome <i>tu</i> em cartas dos estados de Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo nos séculos XIX e XX.	37
Gráfico 2 - A produtividade do pronome <i>você</i> em cartas dos estados de Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo nos séculos XIX e XX.	38
Gráfico 3 - Trajetória de <i>tu</i> e <i>você</i> em cartas pessoais catarinenses no curso do tempo	41
Gráfico 4 - A produtividade do pronome <i>você</i> em cartas Nordestinas durante os séculos XIX e XX.	45
Gráfico 5 – Distribuição geral dos pronomes <i>tu</i> , <i>você</i> , <i>ocê</i> e <i>cê</i> em Alfredo Vasconcelos	105
Gráfico 6 – Distribuição geral dos pronomes <i>tu</i> , <i>você</i> , <i>ocê</i> e <i>cê</i> em Barbacena	125
Gráfico 7 – Distribuição geral dos pronomes <i>tu</i> , <i>você</i> , <i>ocê</i> e <i>cê</i> em Ressaquinha	138
Gráfico 8 – Dados dos pronomes <i>tu</i> , <i>você</i> , <i>ocê</i> e <i>cê</i> em Ressaquinha: amostra Silva (2017) e amostra atual	138

Gráfico 9 – Dados da percepção do falante sobre as formas pronominais mais usuais em Alfredo Vasconcelos, Barbacena e Ressaquinha	182
--	-----

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Etapas evolutivas do tratamento formal e informal de 2P na posição de sujeito em português.	31
Quadro 2 - Registros das formas pronominais nos séculos XIX e XX	46
Quadro 3 - Tipos de relações das formas pronominais <i>tu</i> e <i>você</i> nos séculos XIX e XX	48
Quadro 4 - Divisão dos subsistemas pronominais brasileiros por Scherre <i>et al.</i> (2015)	50
Quadro 5 - Distribuição das entrevistas de cada localidade pelas variáveis extralinguísticas faixa etária e sexo.	85
Quadro 6 - Normas adotadas para a transcrição das gravações	86
Quadro 7 - Código das variáveis para análise no programa computacional	89
Quadro 8: Descrição das variantes analisadas em cada cidade.	90
Quadro 9: Distribuição dos testes de cada localidade por variável extralinguística.	102

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - As relações sociais em cartas setecentistas do Rio de Janeiro	34
Tabela 2 - Frequência de <i>tu</i> e <i>você</i> em cartas catarinenses escritas entre 1880 e 1990, por amostra	40
Tabela 3 - Distribuição dos pronomes <i>você</i> , <i>ocê</i> e <i>cê</i> em Minas Gerais	60
Tabela 4 - Índices dos pronomes <i>tu</i> , <i>você</i> , <i>ocê</i> e <i>cê</i> no Brasil	70

Tabela 5 - A atuação do contexto sintático em Alfredo Vasconcelos	112
Tabela 6 - A atuação do paralelismo formal em Alfredo Vasconcelos.	114
Tabela 7 - A atuação do tipo de verbo em Alfredo Vasconcelos	116
Tabela 8 - A atuação do tipo de discurso em Alfredo Vasconcelos	118
Tabela 9 - A atuação da variável sexo em Alfredo Vasconcelos	121
Tabela 10 - A atuação da variável faixa etária em Alfredo Vasconcelos	122
Tabela 11 - A atuação da variável contexto sintático em Barbacena	129
Tabela 12 - A atuação da variável tipo de verbo em Barbacena	131
Tabela 13 - A atuação da variável tipo de discurso em Barbacena	133
Tabela 14 - A atuação da variável sexo em Barbacena.	134
Tabela 15 - A atuação da variável faixa etária em Barbacena	136
Tabela 16 - A atuação da variável contexto sintático em Ressaquinha	143
Tabela 17 - A atuação da variável paralelismo formal em Ressaquinha	145
Tabela 18: A atuação da variável tipo de verbo em Ressaquinha	147
Tabela 19 - A atuação da variável tipo de discurso em Ressaquinha.	149
Tabela 20 - A atuação da variável sexo em Ressaquinha	151
Tabela 21 - A atuação da variável faixa etária em Ressaquinha	153
Tabela 22 - Frequência dos pronomes tu, você, ocê e cê em Minas Gerais	158
Tabela 23 - Respostas do teste de percepção para a pergunta referente às formas utilizadas para se dirigir a um amigo	175
Tabela 24 - Respostas do teste de percepção para a pergunta referente às formas utilizadas para se dirigir aos pais	176

Tabela 25 - Respostas do teste de percepção para a pergunta referente às formas utilizadas para se dirigir aos avós	178
Tabela 26 - Respostas do teste de percepção para a pergunta referente às formas utilizadas para se dirigir a alguém superior.	179
Tabela 27 - Distribuição geral das ocorrências do teste de produção.	187
Tabela 28 - Resultado do teste de produção para a pergunta: “Você/tu vai(s) à(na) festa de hoje com _____ namorada? [teu/seu]	188
Tabela 29 - Resultado do teste de produção para a pergunta -“Você/Tu quer(es) que eu vá à (na) festa _____? [com você/contigo]	189
Tabela 30 - Resultado do teste de produção - Você/Tu pode(s) vir aqui que eu tenho que ____ contar uma coisa. [te/lhe]	190
Tabela 31 - Resultado geral do paralelismo formal em Alfredo Vasconcelos, Barbacena e Ressaquinha	191
Tabela 32 - Resultado do teste de produção - “Eu trouxe um presente _____. [pra você/ pr’ocê/ pra ti/ pra tu]	192

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	19
1. REFERENCIAL TEÓRICO	22
1.1. Sociolinguística Variacionista	22
1.1.1 Sociolinguística: estudos precursores	22
1.1.2. A Sociolinguística Variacionista: conceitos e metodologia	24
1.1.3 A Sociolinguística no Brasil	27
1.2. Os pronomes de segunda pessoa	28
1.2.1. O percurso histórico dos pronomes de segunda pessoa	29
1.2.2. Os pronomes de segunda pessoa no PB: dados de sincronias passadas	33
<u>1.2.2.1. Estudos da Região Sudeste</u>	35
1.2.2.2. Estudos da Região Sul	40
1.2.2.3 Estudos da Região Nordeste	42
1.2.2.4. Síntese dos estudos de sincronias passadas	46
1.2.3. O uso dos pronomes de segunda pessoa no Brasil: dados sincrônicos	49
1.2.3.1. Estudos da Região Centro-Oeste	51
1.2.3.2 Estudos da Região Nordeste	53
1.2.3.3. Estudos da Região Norte	57
1.2.3.4. Estudos da Região Sudeste	59
1.2.3.5. Estudos da Região Sul	66
1.2.3.6. Síntese dos estudos sincrônicos	70
2. METODOLOGIA	79
2.1. A mesorregião do Campo das Vertentes e as cidades em estudo	79
2.1.1 A cidade de Alfredo de Vasconcelos	80
2.1.2. A cidade de Barbacena	81
2.1.3. A cidade de Ressaquinha	82
2.2. O corpus	83
2.2.1. Amostra de Entrevistas Sociolinguísticas	83
2.2.1.1. A coleta de dados	83
2.2.1.2. A seleção dos participantes	84
2.2.1.3. A transcrição dos dados	85
2.2.1.4. Ferramenta de análise e métodos	86
2.2.1.5. As variáveis dependentes	90

2.2.1.6. Variáveis Independentes	90
2.2.2. Amostra Testes de Percepção e Produção	101
3. ANÁLISE DOS DADOS	105
3.1. Amostra entrevistas sociolinguísticas	105
3.1.1. Amostra entrevistas sociolinguísticas: resultados de Alfredo Vasconcelos	106
3.1.1.1 Distribuição geral dos pronomes <i>tu, você, ocê</i> e <i>cê</i> em Alfredo Vasconcelos	106
3.1.1.2. Análise multivariacional dos dados de Alfredo Vasconcelos	111
3.1.2. Amostra entrevistas sociolinguísticas: resultados de Barbacena	124
3.1.2.1. Distribuição geral dos pronomes <i>tu, você, ocê</i> e <i>cê</i> em Barbacena	125
3.1.2.2. Análise multivariacional dos dados de Barbacena	129
3.1.3. Amostra entrevistas sociolinguísticas: resultados de Ressaquinha	138
3.1.3.1. Distribuição geral dos pronomes <i>tu, você, ocê</i> e <i>cê</i> em Ressaquinha	138
3.1.3.2. Análise multivariacional dos dados em Ressaquinha	143
3.1.4. Síntese e comparação dos resultados	155
3.1.4.1. Síntese e comparação: distribuição geral dos pronomes	155
3.1.4.2. Síntese e comparação: análise multivariacional dos dados	163
3.2. Amostra de teste de percepção e produção	172
3.2.1. Os testes de percepção	173
3.2.1.1. Resultados dos testes de percepção	173
3.2.1.1.1. O uso das formas pronominais nas relações simétricas e assimétricas	173
3.2.1.1.2. A percepção do falante sobre o uso dos pronomes de 2P em Alfredo Vasconcelos, Barbacena e Ressaquinha	181
3.2.2. Os testes de produção	184
3.2.2.1. Resultados dos testes de produção das cidades de Alfredo Vasconcelos, Barbacena e Ressaquinha	187
3.3. Comparação dos resultados das duas amostras analisadas	194
CONSIDERAÇÕES FINAIS	197
REFERÊNCIAS	204

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem como principal objetivo investigar o fenômeno de variação entre os pronomes de segunda pessoa, *tu*, *você*, *ocê* e *cê* em três cidades mineiras que estão localizadas na mesorregião Campo das Vertentes, a saber: Alfredo Vasconcelos, Barbacena e Ressaquinha. Tal proposta advém não somente da necessidade de ampliar os estudos envolvendo a mesma temática no estado, mas também, dos indícios de uso da forma *tu* nessa região.

Como se sabe, Minas Gerais é um estado caracterizado, segundo Scherre (2015, p. 143), pela predominância do pronome *você* e suas variantes *ocê* e *cê*. No entanto, o fato revelador em Minas é a presença da forma pronominal *tu* em dois municípios mineiros, São João da Ponte (MOTA, 2008) e Ressaquinha (SILVA, 2017). Tal constatação, principalmente, o uso do *tu* nos falares dessas localidades, são fatores que motivaram a proposta desta pesquisa. A escolha por estudar novamente a cidade de Ressaquinha se deu pela necessidade de ampliar o estudo de Silva (2017). A proposta inicial era fazer uma nova análise¹ dos pronomes *tu*, *você*, *ocê* e *cê*, além de mapeá-los conforme seus usos nessa localidade. Entretanto, conforme a coleta dos dados foi ocorrendo, optou-se por realizar novas entrevistas sociolinguísticas e utilizar apenas quatro gravações do *corpus* de Silva (2017).

Em relação aos demais municípios de Alfredo Vasconcelos e Barbacena, o foco do nosso interesse em expandir esse estudo para essas outras localidades teve como ponto de partida o fato de serem próximas de Ressaquinha. Dessa maneira, torna-se possível averiguar se a ocorrência da forma *tu* é um fenômeno presente apenas na comunidade ressaquinhense ou se os falantes dos municípios vizinhos também a usam como elemento pronominal. É importante ressaltar que era proposta inicial desta pesquisa averiguar a variação dos pronomes de 2P nas cidades em seis cidades, sendo Alfredo Vasconcelos, Antônio Carlos, Barbacena, Carandaí, Ressaquinha e Santos Dumont. No entanto, diante do cenário pandêmico no país, mais especificamente, em 2020 (um dos anos destinado à coleta de dados deste estudo), algumas decisões quanto ao rendimento da pesquisa tiveram que ser tomadas e isso incluiu a exclusão de 3 municípios (Antônio Carlos, Carandaí e Santos Dumont), sobretudo por não ser possível realizar as gravações das entrevistas sociolinguísticas durante o período da pandemia, pelo menos da maneira que já havíamos iniciado, ou seja, indo às cidades e tendo contato com cada participante. Como a coleta de dados nas cidades de Alfredo Vasconcelos, Barbacena e

¹ Esta nova análise trata de averiguar o fenômeno de variação entre os pronomes *tu*, *você*, *ocê* e *cê* separadamente, já que Silva (2017), que também é autora desta presente pesquisa, em seu estudo, acoplou as formas *você*, *ocê* e *cê*, considerando-as como uma única variável, *você*.

Ressaquinha já estava finalizada, optou-se por estudar apenas essas três cidades para não prejudicar o andamento deste estudo.

Esta pesquisa tem como aporte teórico a Sociolinguística e se fundamenta nos pressupostos teóricos-metodológicos da Sociolinguística Variacionista, seguindo os preceitos de Weinreich, Herzog e Labov (2006 [1968]), Labov (2008 [1972]), entre outros. No que se refere à constituição do *corpus*, este estudo é composto por duas amostras: entrevistas sociolinguísticas e testes de percepção e produção. As análises de ambas as amostras indicam a frequência e os fatores linguísticos e extralinguísticos que influenciam o uso de uma ou outra forma pronominal entre os falantes dessas cidades. Especificamente, diante dos dados sincrônicos analisados, foi possível realizar uma comparação com outras pesquisas realizadas em Minas Gerais (COELHO, 1999; HERÊNIO, 2006; PERES, 2006; GONÇALVES, 2008; MOTA, 2008; SILVA, 2017 e REIS, 2019).

Conforme já apontado, este trabalho tem como principais objetivos investigar e mapear o fenômeno da variação entre as formas pronominais de segunda pessoa *tu*, *você*, *ocê* e *cê* nas cidades mineiras de Alfredo Vasconcelos, Barbacena e Ressaquinha. Como objetivos específicos, tem-se:

- a) averiguar em que medida ocorre a alternância pronominal de segunda pessoa nas cidades propostas para este estudo;
- b) investigar quais variáveis linguísticas favorecem as variantes *você*, *ocê*, *cê* e *tu*;
- c) investigar quais variáveis extralinguísticas favorecem as variantes *você*, *ocê*, *cê* e *tu*;
- d) mapear os usos dos pronomes de segunda pessoa na mesorregião Campo das Vertentes de acordo com as cidades estudadas;
- e) analisar a extensão do encaixamento dos pronomes de segunda pessoa (2P) no sistema linguístico de cada comunidade;
- f) verificar qual forma pronominal de 2P os participantes afirmam usar em situações de simetria e assimetria (entre amigos, com os pais, com alguém superior), por meio da amostra teste de percepção.

Considerando a carência de estudos que abordam a mesma temática em Minas Gerais, sendo tal tema tão importante para depreender os processos de mudança no quadro de pronomes do português brasileiro, doravante PB, esta pesquisa torna-se pertinente não somente para o mapeamento do uso das formas pronominais no estado, como também contribuir para a literatura linguística que focaliza os pronomes de 2P no Brasil.

Além disso, por se tratar de um trabalho amparado nos pressupostos metodológicos da Sociolinguística Variacionista, tal proposta justifica-se pela relevância das entrevistas

sociolinguísticas tanto para as análises atuais quanto para a documentação dos dados de fala de uma comunidade. Para Tarallo (1986, p. 18), “o fato sociolinguístico, o dado de análise, é ao mesmo tempo a base para o estudo linguístico: o acervo de informações para fins de confirmação ou rejeição de hipóteses antigas sobre a língua e também para o levantamento e o lançamento de novas hipóteses”.

No primeiro capítulo deste trabalho, “Referencial Teórico”, apresenta-se a Sociolinguística Variacionista, aporte teórico-metodológico que fundamenta este estudo e, possui como base bibliográfica os preceitos de Weinreich, Herzog e Labov (2006 [1968]), Labov (2008 [1972]), entre outros. Em seguida, são descritas as formas pronominais, *tu* e *você*, considerando o percurso histórico desses pronomes, bem como seus usos pelos falantes do PB. Dessa maneira, são explorados, neste capítulo, aspectos do período do PB desde a época da colonização, perpassando tanto por estudos direcionados aos séculos XVIII, XIX e XX, quanto por pesquisas sincrônicas contemporâneas, que dizem respeito aos dados da oralidade de diferentes regiões brasileiras. Ressalta-se que, neste capítulo, também são apresentadas duas sínteses que dizem respeito à revisão dos estudos realizados no Brasil sobre o fenômeno de variação dos pronomes de segunda pessoa do singular, tendo em vista tanto a abordagem das sincronias passadas quanto as sincronias atuais.

No segundo capítulo, intitulado “Metodologia”, inicialmente, são expostas algumas características históricas e sociais das cidades de Alfredo Vasconcelos, Barbacena e Ressaquinha. Posteriormente, apresentam-se os processos da constituição das duas amostras e os procedimentos para análise do fenômeno linguístico em estudo, abordando-se os métodos, como, por exemplo, os suportes estatísticos, e também as variáveis dependentes e independentes analisadas.

No terceiro capítulo, expõem-se a descrição e análise dos dados, considerando as duas cidades com as amostras desta pesquisa (amostra entrevistas sociolinguísticas e amostra testes de percepção e produção). Além desses aspectos, apresentam-se também, as sínteses e comparações dos resultados encontrados nas cidades examinadas neste estudo em questão, levando-se em consideração os dados apresentados pela análise das duas amostras.

Logo após, têm-se as considerações finais deste estudo, que descrevem as conclusões deste trabalho. Em seguida, são apresentadas as referências bibliográficas que nortearam esta tese e, por fim, os apêndices, que trazem as temáticas que direcionaram as entrevistas sociolinguísticas e as perguntas que foram realizadas na aplicação dos testes de percepção e produção.

1. REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo, apresenta-se a fundamentação teórica que norteia o presente trabalho, estabelecendo alguns tópicos que fazem referência ao fenômeno em estudo, a variação dos pronomes de segunda pessoa. A princípio, descreve-se a Sociolinguística Variacionista, que é o aporte teórico-metodológico assumido nesta pesquisa, perpassando por algumas abordagens linguísticas que contribuíram para as discussões e entendimento das influências dos fatores internos e externos que atuam na língua, bem como conceituando a variação linguística por meio de alguns preceitos descritos por Weinreich, Labov e Herzog, [1968] 2006); Labov, ([1972] 2008); Tarallo (1986); Mollica (2004), entre outros, e, posteriormente, traz-se, em síntese, o desenvolvimento da Sociolinguística no Brasil. Partindo-se para a segunda subseção, apresentam-se os pronomes de segunda pessoa, fazendo-se uma síntese do percurso histórico dessas formas, assim como, destacando-se a origem dos pronomes *tu* e *você* e seus usos no PB desde a colonização.

1.1. Sociolinguística Variacionista

1.1.1 Sociolinguística: estudos precursores

Partindo do comparatismo do século XIX, Ferdinand de Saussure, procura unir as tradições francesa e alemã, chegando à sua clássica distinção entre língua e fala, especificando, assim, o objeto de estudo da Linguística, que, de acordo com o teórico, apresenta uma homogeneidade interna. Dessa maneira, a língua, sendo esse objeto homogêneo, caracteriza-se pelas relações que existem entre as línguas, ideia essa diferente do aspecto naturalista do século XIX.

O foco dos estudos estruturalistas é pautado na língua (*langue*) e sua estrutura abstrata. Para Saussure (2006 [1916], p. 21), a língua é um objeto que pode ser estudado separadamente da fala (*parole*). Segundo o autor, “o lado executivo fica de fora, pois, a sua execução jamais é feita pela massa; é sempre individual e dela o indivíduo é sempre senhor”. Além do caráter individual, o linguista atribui à fala o termo acessório, que não consiste em uma função do falante e sim um “produto que o indivíduo registra passivamente” (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 21).

Concomitante a essas concepções entre língua e fala, Saussure colocou em distinção também a sincronia e a diacronia. Dessa maneira, mesmo reconhecendo o lugar dos estudos das mudanças, o linguista propõe que a língua seja estudada sincronicamente, fazendo-se um

recorte do momento histórico. Já a diacronia, ação do tempo que envolve as mudanças ocorridas na língua, não era foco do interesse dos estruturalistas.

Para Saussure, a língua é um sistema que conhece apenas a sua ordem própria, sendo as mudanças do sistema linguístico provenientes do que é interno à língua. Em outras palavras, pode-se dizer, do ponto de vista do autor, que nada no linguístico era externo à língua.

Os pressupostos teóricos delimitados por Saussure foram confrontados por vários linguistas. Meillet, considerado um dos discípulos do autor supracitado, insistiu em vários textos sobre o caráter social da língua, buscando explicar os fenômenos linguísticos por meio dos fatores históricos e sociais.

Ao fazer uma resenha sobre o *Curso de Linguística Geral*, Meillet entra em conflito com alguns pressupostos de Saussure, contestando que a variação linguística não deve ser separada das condições externas de que ela depende. Segundo o teórico, dessa forma, a variação linguística seria privada de sua realidade e reduzida a uma “abstração que é necessariamente inexplicável” (MEILLET, 1921² *apud* CALVET, 2002, p. 14).

Em seus escritos, Meillet (1921) mostra sua contradição com a dicotomia saussuriana sincronia/diacronia. A respeito disso, Calvet explica tal incompatibilidade:

Contradição porque a afirmação do caráter social da língua que se verifica em toda a obra de Meillet implica ao mesmo tempo a convergência de uma abordagem *interna* e de uma abordagem *externa* dos fatos da língua e de uma abordagem *sincrônica* e *diacrônica* desses mesmos fatos (CALVET, 2002, p.15)

Dessa forma, Meillet (1921) distinguia a oposição linguística interna e linguística externa de Saussure, associando-lhes e considerando ser relevante tanto a sincronia quanto a diacronia. Para Meillet, há divergência entre o *fato social* e o *sistema que tudo contém*, segundo o teórico, “não se chega a compreender os fatos da língua sem fazer referência à diacronia” (CALVET, 2002, p. 15).

Meillet (1921) explica que, por ser a língua um fato social, a linguística é uma ciência social. O teórico ainda destaca a “mudança social” como elemento único variável para dar conta da variação linguística. Com essa concepção, o referido autor se aproxima dos pressupostos linguísticos que foram estabelecidos, mais tarde, por Labov, o precursor da Sociolinguística.

Todas essas distinções foram cruciais para que estudos no campo da linguística fossem surgindo, como por exemplo, a Etnolinguística, a Psicolinguística e a Sociolinguística, essa,

² Antoine Meillet, "L'Etat actuel des études de linguistique générale", aula inaugural no Collège de France, 13 de fevereiro de 1906, retomado em *Linguistique historique et linguistique générale*, Paris Champion, 1921. Citado por Calvet (2002, p.16) na reedição de 1965, p. 17.

que reflete sobre a língua, levando em consideração os fatores sociais. Foi na década de 60 que a Sociolinguística ganhou destaque. Em 1964, Bright reuniu 25 pesquisadores em Los Angeles para uma conferência temática sobre a Sociolinguística. O teórico foi encarregado da publicação das atas. Ao falar dessa linha de pesquisa, o autor acreditava não ser tão fácil defini-la precisamente, mas esclarece que “uma das maiores tarefas da sociolinguística é mostrar que a variação ou a diversidade não é livre, mas que é correlata às diferenças sociais” (BRIGHT, 1966, p. 11).

1.1.2. A Sociolinguística Variacionista: conceitos e metodologia

As abordagens sobre a sociolinguística descritas por Bright, assim como as descrições de Meillet sobre o caráter social da língua, deixaram algumas lacunas que precisavam ser preenchidas. As definições precisas sobre essa corrente teórica começaram a surgir a partir de pesquisas sistemáticas de Labov. O autor comenta a ausência do caráter social nos estudos linguísticos realizados até então, fazendo a seguinte observação:

Por esta razão, a Escola de Genebra saussuriana é frequentemente mencionada como a escola “social” da linguística. (...) No entanto, de modo bastante curioso, os linguistas que trabalham dentro da tradição saussuriana (e isso inclui a grande maioria) não levam em conta de modo nenhum a vida social: trabalham com um ou dois informantes em seus escritórios, ou examinam seu próprio conhecimento de língua. Além disso, insistem em que as explicações dos fatos linguísticos sejam derivadas de outros fatos linguísticos, não de quaisquer dados “externos” sobre o comportamento social (LABOV, 2008 [1972], p. 217).

Dessa forma, o referido autor critica os ideais saussurianos e outros teóricos que desconsideravam os fatores sociais ou fatores externos à língua como relevantes para explicação da variação e mudança linguística. Segundo Weinreich, Labov e Herzog, (2006 [1968], p. 123), “a estrutura linguística mutante está ela mesma encaixada no contexto mais amplo da comunidade de fala, de tal modo que variações sociais e geográficas são elementos intrínsecos da estrutura”. Nessa perspectiva, fica claro que a língua não deve ser estudada fora de seu contexto social, devido às pressões externas que atuam sobre ela.

Esses pressupostos romperam com as ideias estruturalistas dominantes do século XX de que a língua era um sistema homogêneo, estático, uniforme, sem variações, postulando que a heterogeneidade e a variabilidade são características inerentes ao sistema linguístico.

Labov, pioneiro das pesquisas sociolinguísticas, demonstrou, por meio de seus estudos, que os fenômenos variáveis na língua são passíveis de descrições e interpretações. Em um de seus trabalhos relevantes, o linguista busca compreender as variações fonológicas surgidas a partir da consoante (r) em posição pós-vocálica, observando os dados produzidos em

três lojas de departamentos da cidade de Nova York. Os estabelecimentos escolhidos por Labov para tal estudo apresentavam diferenciações no que se refere aos preços, aos clientes e à localização. Dessa forma, o teórico caracterizou cada loja com seu respectivo status, a saber: Saks Fifth Avenue (*status superior*); Macy's (*status médio*) e S. Klain (*status inferior*) (LABOV, 2008 [1972], p. 70).

O método utilizado pelo linguista em suas entrevistas, nesse trabalho específico, consistiu de perguntas sobre um departamento que ficava no quarto andar do prédio. Assim, o entrevistador se aproximava das pessoas e lhes perguntava “por favor, onde ficam os sapatos femininos?”. A resposta geralmente era: ‘Fourth floor’ (‘Quarto andar’) Labov ([1972] 2008, p. 70). As entrevistas eram realizadas anonimamente sem esclarecer para o entrevistado que se tratava de uma pesquisa.

Conforme descrito por Labov (2008 [1972], p. 70), foram considerados como variáveis independentes: a loja; o andar da loja; a idade (estimada em unidades de cinco anos); cargo (encarregado[a] de seção, vendedor[a], caixa, repositor[a]); raça e sotaque estrangeiro ou regional. E como variável dependente, o uso de (r) nas ocorrências, a saber: casual (*fourth floor*) e enfático (*fourth floor*). Todavia, foram anotados os demais usos de (r) pelos falantes, bem como as ocorrências de africadas ou oclusivas para consoantes em momento final da palavra *fourth*, atentando-se às variantes não padrão de (*th*) utilizadas pelos falantes.

Quanto aos resultados, em termos numéricos, foram encontradas 68 ocorrências na Sacks, 125 na Macy's e 71 na Klein. Labov observa uma diferença considerável entre as lojas Macy's e Klein, mas, entre a Sacks e Macy's não há grande diferenciação, indicando uma proximidade na pronúncia do (r) final entre os funcionários, deixando a impressão de que essa pronúncia é uma norma que os trabalhadores da Macy's querem alcançar.

O estudo indicou que a fala pode se modificar pelo efeito das variáveis independentes, alguns grupos da população podem evidenciar a marcação ou não da pronúncia do *r*. O autor não enfatizou, categoricamente, que esse é melhor modelo de pesquisa Sociolinguística, mas, em seus escritos, deixa claro que a influência dos fatores sociais na língua é realmente considerável e, dessa forma, não pode ser ignorada como era feito em alguns estudos até então. Além disso, as pesquisas realizadas por Labov evidenciaram que a variação, inerente ao sistema linguístico, pode ser descrita sistematicamente.

Partindo-se do aperfeiçoamento dessa metodologia, muitas pesquisas sociolinguísticas são realizadas para identificar os fenômenos variáveis na língua, principalmente, os estudos sociolinguísticos que focalizam as comunidades de fala. Os trabalhos realizados à luz da Sociolinguística Variacionista são pautados nas análises dos fatores internos e externos que

podem influenciar a variação linguística e refletem a diversidade social e cultural dos falantes. Quando se fala em variação linguística, é preciso esclarecer que as formas de variação existentes recebem o nome de *variantes linguísticas*, que são diversas maneiras de se dizer a mesma coisa “em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes dá-se o nome de *variável linguística*” (TARALLO, 1986, p. 8).

Pode-se exemplificar esses conceitos baseando-nos no trecho (1).

(1) ah... eu acredito que... deixa eu vê ah geralmente geralmente tem gente... três horas assim... ah dá uma olhadinha boba quem sabe... sempre tem alguém... é só **cê** ir em linha reta entendeu? não tem dificuldade não... na hora que **ocê** acabá de chegá perto do colégio tiradentes aí vai ter o supermercado tem o supermercado em seguida na frente **tu** vai ver ela... que as vezes **cê** consegue alguém por ali... as vezes algum adolescente também de colégio que estuda ali perto (BRB 06 CSF)³.

Esse trecho⁴ exemplifica o fenômeno de variação linguística. Como já apontado, este estudo analisa a variação entre os pronomes de segunda pessoa e, diante do exposto, fica claro que a falante BRB 06 CSF alterna o uso dessas formas pronominais, ou seja, ora usa o *tu*, ora usa *ocê* ou *cê*. Essa alternância é denominada de variação linguística. Observando as formas de referência de segunda pessoa citadas no trecho 1, a saber: *tu*, *ocê* e *cê*, são consideradas as variantes linguísticas, que, conforme conceitua Tarallo (1986), estão inseridas no mesmo contexto e com valores igualitários de verdade. Esse conjunto de variantes (*tu*, *ocê* e *cê*) denomina-se variável dependente, que, no caso da pesquisa em questão, são os pronomes de segunda pessoa.

Uma variação linguística não é aleatória, mas pode ser influenciada por variáveis independentes ou fatores de natureza externa e interna ao sistema linguístico. (COELHO *et al.*, 2015, p. 20). Consideraram-se como fatores internos ao sistema linguístico, as restrições fonológicas, morfológicas, sintáticas, semânticas determinantes para um fenômeno variável. Os fatores externos, segundo Tarallo (1986, p. 46), é “tudo aquilo que serve de pretexto e cotexto à variável (isto é, tudo aquilo que não for estritamente linguístico) poderá ser relevante para resolução” no caso de estudo variacionista. Dessa forma, podemos citar, como fatores

³ Para identificação de cada participante desta pesquisa, foram utilizados códigos com a seguinte estruturação: as três primeiras letras representam a cidade do entrevistado, sendo BRB (Barbacena), AFV (Alfredo Vasconcelos) e RSQ (Ressaquinha). Em segundo momento, tem-se a numeração, sendo que os números 01 até 09 dizem respeito às falantes do sexo feminino e a sequência de 10 a 18 refere-se aos participantes do sexo masculino. Posteriormente, têm-se as iniciais dos nomes de cada entrevistado.

⁴ Essa citação é parte da conversa de uma das participantes entrevistadas em Barbacena, denominada, neste estudo, de BRB 06 CSF. O ponto de partida para esse relato surgiu por meio de alguns diálogos a respeito de alguns lugares em que era possível encontrar falantes barbacenenses dispostos a gravarem entrevistas para a eventual pesquisa.

extralinguísticos, a formalidade ou a informalidade do discurso, a classe social do falante, a escolaridade, a faixa etária, o sexo e ocupação.

Tanto as variáveis internas quanto as externas à língua não agem isoladamente, elas se integram num conjunto de correlações, que, segundo Mollica (2004, p. 27), “inibem ou favorecem o emprego das formas variantes semanticamente equivalentes”. Para exemplificar, a autora ressalta que “agentes como escolarização alta, contato com a escrita, com os meios de comunicação de massa, nível socioeconômico alto e origem social alta concorrem para o aumento na fala e na escrita das variedades prestigiadas”.

A Sociolinguística Variacionista procura entender os fatores que favorecem ou não os usos alternados e antevem o comportamento sistemático do fenômeno variável. A metodologia empregada nessas pesquisas estabelece, em termos numéricos, frequência e/ou a probabilidade de cada fator hipotetizado como condicionador ou não da variação em estudo.

O fenômeno linguístico em variação pode ser estudado por meio de duas metodologias, a saber: a *observação em tempo aparente* e a *observação em tempo real*. Essa última parte de uma observação em duas épocas distintas em uma dada comunidade. Metodologicamente, uma análise em tempo real pode ser realizada de duas formas: comparando os estudos atuais com os estudos mais antigos ou pela repetição de análise após um lapso de tempo, nesse caso, deve-se retornar à comunidade e repetir o estudo realizado com os mesmos informantes estudados anteriormente, obtendo-se o comportamento linguístico dos falantes com o passar dos anos. Na observação em tempo aparente, metodologia empregada neste estudo, considera-se falantes de diferentes idades, dividindo-os em grupos etários, que vão dos mais jovens aos mais velhos. As análises podem indicar que:

(a) relação de estabilidade entre as variantes avultará, se entre a regra variável e a faixa etária dos informantes não houver qualquer tipo de correlação. Se, por outro lado, o uso da variante mais inovadora for mais frequente entre os jovens, decrescendo em relação à idade dos outros informantes, você terá presenciado uma situação de mudança em progresso (TARALLO, 1986, p. 65).

A *relação de contemporização* entre as variantes indica que duas ou mais formas podem permanecer em variação estável, já no processo de mudança uma variante se sobrepõe às demais.

1.1.3 A Sociolinguística no Brasil

Conforme Oliveira (2016, p. 483), a publicação da tese *The Social Stratification of English in New York City* (doravante SSENYC), de William Labov, foi o ponto de partida para

a realização de muitos trabalhos sociolinguísticos. No Brasil, por exemplo, os estudos dessa natureza começaram a se projetar em grupos de pesquisas, com a finalidade de construir bancos de dados para análises sociolinguísticas, tais como o Projeto Nurc (Projeto da Norma Urbana Oral Culta) criado em 1969; as Competências Básicas do Português, em 1977; o PEUL (Programa de Estudos dos Usos da Língua), em 1980; a Confluência Dialetal na Nova capital Brasileira, em 1984; o VARSUL (Variação Linguística Urbana da Região Sul), em 1989, o VALPB (Variação Linguística na Paraíba), em 1994; os Dialectos Sociais Cearenses, em 1996; o LUAL (A Língua Usada em Alagoas), em 1997, entre outros.

Em Minas Gerais, segundo Amaral e Santos (2016), o marco para os estudos do português falado no estado foi a publicação do artigo de José Aparecido Teixeira, *O falar mineiro*, em 1938. Nos anos posteriores, surgiram novos trabalhos no âmbito da dialectologia brasileira, tal como o *Esboço de um Atlas Linguísticos de Minas Gerais* (EALMG), organizado por pesquisadores da UFJF, publicado por Ribeiro *et al.* (1977). A partir de então, o estudo da língua falada pelos mineiros ganhou forças, crescendo consideravelmente tanto nas pesquisas em instituições superiores (teses e dissertações) quanto nas publicações de livros e artigos. Das publicações de dissertações e teses, segundo o levantamento realizado por Amaral e Santos (2016), entre os anos de 1980 a 2014, somam-se 132 trabalhos sobre a língua falada no estado, sendo que 72% desses estudos foram desenvolvidos na UFMG, 11,4% na PUC-MG e 9,8% na UFU. É importante deixar claro que esses dados não se referem apenas à pesquisa sociolinguística, mas, de maneira geral, aos trabalhos que tratam da língua falada sob diferentes perspectivas teóricas e metodológicas.

As pesquisas sociolinguísticas realizadas no Brasil têm sido substanciais para demonstrar não somente a variação e mudança linguística que vêm ocorrendo no PB, mas também a diversidade linguística entre os falantes de todo o país. Nas seções seguintes, por exemplo, são apresentados resultados de alguns trabalhos que focalizam a variação de 2P no território nacional, tanto na sua perspectiva diacrônica (Sociolinguística Histórica) quanto nas sincronias atuais.

1.2. Os pronomes de segunda pessoa

Os próximos tópicos visam descrever o histórico dos pronomes de segunda pessoa, bem como seus usos no PB desde os tempos da colonização.

1.2.1. O percurso histórico dos pronomes de segunda pessoa

Segundo Brown e Gilman (1960, p. 187), o sistema de tratamento da língua latina era composto por duas formas pronominais (*tu* e *uos*), sendo o *tu* como indicador de singular — empregado para se referir apenas a um interlocutor — e o *uos* como sinalizador do plural, utilizado como estratégia de referência a mais de uma pessoa do discurso. No entanto, conforme ressaltam os autores, a partir do século IV, houve uma mudança nesse quadro pronominal e o *uos* passa a ser empregado como uma forma de tratamento respeitosa para se dirigir unicamente ao imperador romano, expressando uma singularidade.

A mudança nesse paradigma no sistema de tratamento do latim pode ser explicada por meio de duas hipóteses. Nessa época, especificamente, havia dois imperadores: um era governante do império oriental e tinha sua sede em Constantinopla, e o outro era governante do Oeste, em Roma. Devido à reforma diocleciana, os governos se uniram e o cargo imperial passou a ser constituído por dois homens. Dessa maneira, o *vós* emerge como forma de tratamento, implicitamente, indicada como referência a ambos, destacando a pluralidade desse contexto. Já a segunda hipótese está interligada à figura do imperador como representante de seu povo, o porta-voz de seu reino. Por conta disso, o imperador se dirigia aos seus súditos como *nós* e recebia como tratamento recíproco o *vós* (BROWN e GILMAN, 1960, p. 187).

Segundo Cintra (1972), o português herdou do latim esse sistema binário de tratamento (*tu/vós*), sendo, nos primórdios da língua portuguesa, o pronome *tu* singular produtivo no plano do tratamento íntimo e o *vós* singular no tratamento cerimonioso, herdado da língua latina, empregado nas relações sociais assimétricas ascendentes (de inferior para superior), em outras palavras, nos contextos em que o sujeito se dirigia a uma pessoa de maior poder. Uma outra forma de referência do *vós* era no contexto das relações simétricas menos solidárias, ou seja, nas relações de igual para igual em interações de menos intimidade.

O *vós*, por sua vez, foi perdendo seu valor específico ampliando sua produtividade para os demais integrantes do clero e da nobreza em meados do século VI (LOPES *et al.*, 2018, p. 29). Por conseguinte, essa ampliação do contexto de ocorrência de *vós* acarretou a perda de seu caráter prestigioso original. Diante de tal fato, foi necessária a criação de novas formas nominais de tratamento para se direcionar aos membros da realeza portuguesa.

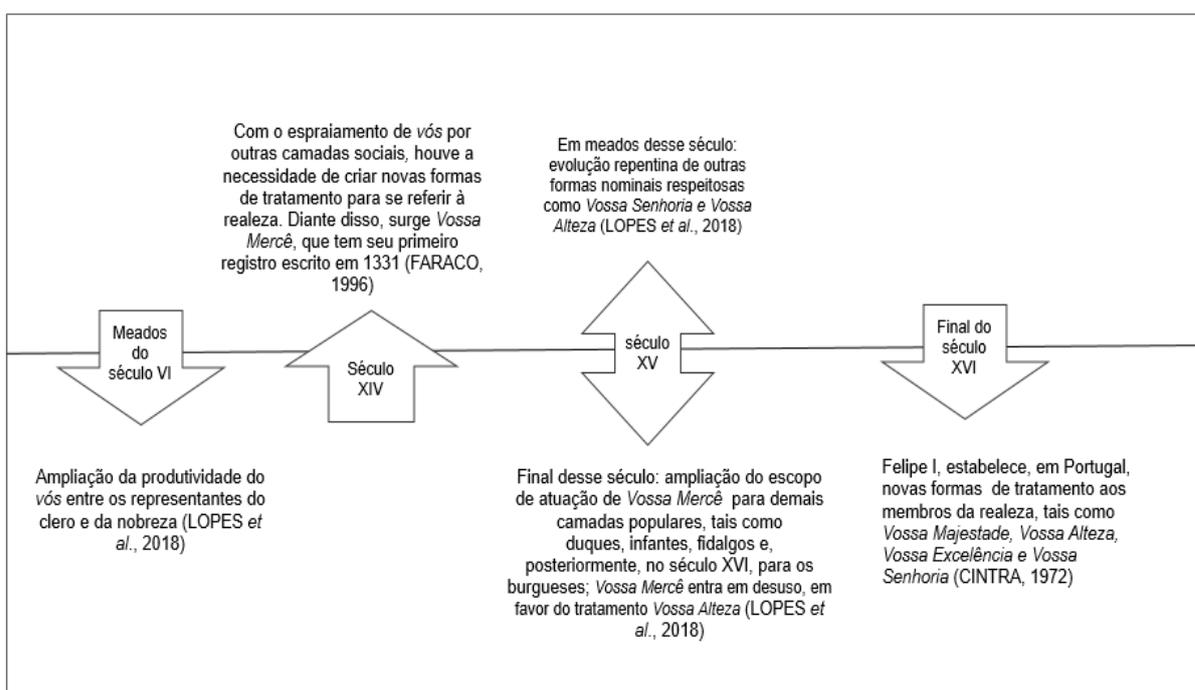
Nesse contexto, surge a forma *Vossa Mercê*, empregada exclusivamente para se referir ao rei. Segundo Lopes *et al.* (2018, p. 29), tal tratamento foi elaborado como forma de enaltecer a figura do rei que tinha a soberania no regime monárquico português. No entanto, no final do século XV, *Vossa Mercê* perde seu valor honorífico, deixando de ser um tratamento específico

ao monarca português, ampliando seu escopo de atuação para camadas populares do reino, tais como fidalgos e burgueses em ampla ascensão.

Em 1597, com a perda do caráter prestigioso de *Vossa Mercê*, o rei Felipe I estabelece, em Portugal, novas formas nominiais de tratamento, tais como *Vossa Majestade* para se referir ao rei e à rainha, *Vossa Alteza* para príncipes e seus sucessores, *Vossa Excelência* para se referir aos sucessores dos Infantes e para o Duque de Bragança e *Vossa Senhoria* para os membros do clero e autoridades do império português (CINTRA, 1972).

Em vista do exposto, de acordo com a Figura 1, têm-se, cronologicamente, os seguintes marcos:

Figura 1: Síntese cronológica da evolução e surgimento das formas nominiais de tratamento cerimonioso.



Fonte: Elaboração própria.

Conforme disposto na Figura 1, percebe-se que a dessemantização das formas de tratamento *vós* e *Vossa Mercê* acarreta a elaboração de novas formas para se distinguir linguisticamente a hierarquização lusitana. De acordo com Lopes *et al.* (2018, p. 30), *Vossa Mercê* e *Vossa Senhoria* desgastaram-se com o tempo perdendo seus valores formais. Dessa maneira, passaram a ser empregadas no tratamento íntimo em oposição ao *tu*.

Tendo em vista esse uso comum da forma nominal *Vossa Mercê*, tal pronome evoluiu gradativamente, originando o pronome de 2P *você* na língua portuguesa. No entanto, apesar das alterações fonéticas, *você* ainda resguarda traços de sua forma originária, que é o fato de

estabelecer concordância formal com a 3ª pessoa gramatical. Acerca disso, Faraco (1996)⁵ contextualiza que essa incompatibilidade na flexão verbal de tal pronome pode estar interligada ao seu valor semântico inicial, ou seja,

utilizava-se, para tratar o rei, um sintagma nominal que fazia referência não diretamente ao rei como pessoa do discurso (em outras palavras, utilizava-se uma expressão não pronominal), mas a uma de suas propriedades (à sua mercê, à sua senhoria, e assim por diante), sintagma nominal de terceira pessoa, portanto; e, por consequência, determinando a concordância do verbo em terceira pessoa (FARACO, 1996, p. 123).

Assim, segundo o autor, *Vossa Mercê*→*você* desgastou sua concepção semântica inicial à medida que se espalhou por outras camadas sociais. Dessa maneira, perdeu-se o significado metonímico e adquiriu-se um caráter dêitico, passando-se a um pronome de 2P, mas, que preservou a relação de concordância gramatical inicial.

Rumeu (2008, p. 30) destaca que a questão do processo de gramaticalização de *Vossa Mercê* não foi um fenômeno isolado e que pode ser analisado, em relação ao encaixamento, como uma mudança encaixada (*embedding problem*, cf. Weinreich; Labov; Herzog, (2006 [1968])), nas matrizes da estrutura linguística e social. Em termos da estrutura social, por exemplo, a autora ressalta que a propagação se deu de *cima* para *baixo* (*change from above*, cf. Labov 1994). Trata-se de uma produtividade que se iniciou na realeza portuguesa no século XV, descendo a pirâmide social e perpassando pela nobreza (séc. XVI), burguesia (séc. XVI) e a plebe (séc. XVI).

No que diz respeito ao comportamento de *Vossa Mercê*→*você* no campo das relações sociais, nota-se que essas foram diferentes ao longo do tempo. Em sua gênese, tal pronome circulava como um tratamento formal no âmbito da cortesia. À medida que se espalhou por outros estratos sociais, essa forma foi se distanciando de seu significado semântico primitivo e passou a ser usada também no espaço da intimidade, conforme é visto no PB atualmente.

Sobre o aspecto cronológico do tratamento formal e informal, Lopes (2019) sintetiza, esquematicamente, quatro estágios no português brasileiro e europeu, como se observa no quadro 1 a seguir.

Quadro 1: Etapas evolutivas do tratamento formal e informal de 2P na posição de sujeito em português.

⁵ Republicado, em 2017, no v. 3, n. 2 da Revista LaborHistórico.

Etapas	I	II	III	IV
Séculos	Até XIV/XV	XV – XVIII/XIX	Fim do XIX ao XX	XX - XXI
Intimidade [-formal] (T)	(T)u →	(T)u →	(T)u →	(T)u Você (PB)
Cortesia [+formal] (V)	(V)ós →	(V)ós <i>Vossa Mercê</i> →	<i>Você</i>	Você (PE) O/A Senhor(a)

Fonte: Lopes (2019, p. 260).

Assim, segundo a autora, o estágio I refere-se à diferenciação dos termos pragmáticos, sendo (T) utilizado em contextos informais (entre iguais e de superior para inferior) e (V) como um tratamento formal (de inferior para superior). Já o estágio II sintetiza o espraiamento da produtividade do *vós* por outros estratos da sociedade e a inserção de *Vossa Mercê* no campo da formalidade. No entanto, essa forma também se generalizou, desgastando o propósito comunicativo de deferência, e sofreu alterações fonéticas (*Vossa Mercê* > *vosmecê* > *você*). Conforme sinaliza Lopes (2019, p. 261), *você* preservou-se como tratamento (V), aproximadamente, até o século XIX, ocupando o espaço da formalidade de *vós* (já arcaizante desde o século XVIII). O estágio III demarca o comportamento polifuncional do inovador *você* que, ao mesmo tempo que circulava pela elite como uma forma de distanciamento, resguardando traços do valor formal de sua forma primitiva, também circulava como variante pronominal de *tu*, concorrendo com tal pronome nos mesmos espaços funcionais. Em último momento, no estágio IV, o *tu* continua sendo empregado nas relações sociais íntimas e o *você* assume direções diferentes nas relações sociopragmáticas no que tange ao português brasileiro (PB) e o português europeu, doravante PE.

Dessa maneira, Lopes (2019), em consonância com os estudos de Guilherme e Bermejo (2015, p. 169) e Bacelar, Mendes e Duarte (2018), destaca os seguintes contextos de uso de *você* no PE:

- Não tem valores bem delimitados entre falantes, sendo reportado nas relações assimétricas ascendentes (mas é considerado ofensivo);
- empregado no tratamento íntimo (mas que não se igualaria ou substituiria o *tu*) por grupos sociais mais elevados (FARIA, 2009);

- c) utilizado nas relações igualitárias para se manter a cortesia e neutralidade na literatura⁶;
- d) como um tratamento respeitoso nas zonas rurais;
- e) como forma íntima entre familiares e pessoas conhecidas nas classes sociais altas;
- f) como estratégia dos mais velhos para se referirem aos mais novos;
- g) uma forma que se espalhou pelas novas gerações em consequência das novelas brasileiras.

A partir dos contextos de usos dos pronomes no PE, é possível perceber que o *você* ainda guarda traços de uma forma de tratamento, indicando ser um pronome que ainda não se generalizou nos contextos íntimos característicos de *tu*. Essa constatação se difere do PB que, segundo Lopes (2019), no século XX, o *você* já se deslocava para o campo da informalidade. É nesse mesmo século que a oposição pragmática *T/V* começa a dar indícios de perda e as formas *tu* e *você* passam a coexistir nos campos da intimidade. Assim, Lopes (2019) aponta que no PB atual *tu* e *você* são variantes de intimidade e o *você* é aceito de forma geral pelos falantes em diferentes relações interpessoais e regiões. No entanto, a pesquisadora sinaliza que o *você* pode apresentar valores mais ou menos íntimos no Brasil, dependendo da presença de *tu*, que não tem seu uso frequente em todas regiões brasileiras.

Focando-se nos dados de pesquisas do PB, a subseção seguinte apresenta um panorama histórico da evolução das formas de segunda pessoa, abordando também seus diferentes comportamentos no âmbito das relações sociais brasileiras.

1.2.2. Os pronomes de segunda pessoa no PB: dados de sincronias passadas

Os estudos referentes aos dados de sincronias passadas do sistema pronominal brasileiro têm crescido significativamente nos últimos anos. Por meio de pesquisas realizadas com *corpora* baseados em textos escritos que sobreviveram com o tempo, mais especificamente peças teatrais, cartas pessoais ou cartas publicadas na imprensa, muitos pesquisadores brasileiros, tais como Célia Regina Lopes, Leonardo Lennertz Marcotulio e Márcia Cristina de Brito Rumeu, entre outros, têm demonstrado o percurso histórico dos usos dos pronomes de 2P no PB. As pesquisas realizadas nesse âmbito, na maioria das vezes, são subsidiadas pelo *Projeto Para a História do Português Brasileiro (PHPB)*⁷. Para apresentação de um panorama

⁶ É importante destacar que se trata de uma observação questionável, uma vez que, no PE, é comum optar-se por formas verbais de 3P ou grupos nominais (LOPES, 2019, p. 262).

⁷ Tal projeto foi criado na Universidade de São Paulo, em 1997, durante o evento *I Seminário do Projeto para a História do Português Paulista*. Atualmente, esse projeto conta com mais de 200 pesquisadores, distribuídos por catorze equipes regionais e que seguem as seguintes atividades: Organização do corpus diacrônico; História social do PB; Mudança gramatical do PB; Tradições discursivas: constituição e Mudança dos gêneros discursivos. Diacronia dos processos constitutivos do texto e História do léxico do PB (CASTILHO, 2018).

das formas pronominais de 2P no Brasil, a partir de agora são relatados alguns trabalhos que focalizaram tal temática, iniciando-se desde o processo da colonização até o século XX.

Faraco (1996), em sua abordagem histórica da forma de tratamento *você*, aponta que o processo inicial de colonização brasileira se encontrava no momento de etapas bastante avançadas da arcaização de *vós*, da redução fonética de *Vossa Mercê* e seu uso generalizado como *você*. Já no que se refere aos séculos XVIII e XIX, Rumeu (2004) constata, por meio de cartas brasileiras⁸, que no século XVIII, tinha-se a presença das formas *Vossa Excelência*, *Vossa Mercê*, *Senhor*, *tu* e *você*. Dessa maneira, no que tange aos dados das relações sociais da época, foi possível perceber que *Vossa Mercê* se encontrava como um tratamento acentuado nas relações simétricas entre membros da classe alta, em cartas não oficiais, considerado pela autora como indícios da perda de seu caráter cerimonioso. Além disso, essa forma era também empregada nas relações assimétricas ascendentes (de inferior para superior), mas em menor frequência (37%), conforme se observa na tabela 1.

Tabela 1: As relações sociais em cartas setecentistas do Rio de Janeiro

Tipos de relações sociais perceptíveis em cartas manuscritas no Rio de Janeiro colonial (século XVIII)								
Tipos de relações sociais		Formas pronominais e nominais de tratamento					Totais	
		V.Ex. ^a	V. M. ^{cc}	S. ^a	Você	Tu		
Assimetria	De inferior para superior	138/195 (71%)	-	11/34 (32%)	-	01/12 (08%)	150/371 (40%)	226/ 371 (69%)
	De superior para inferior	-	18/49 (37%)	12/34 (35%)	76/81 (94%)	-	106/371 (29%)	
Simetria	Entre membros de um mesmo grupo social (classe social)	57/195 (29%)	31/49 (63%)	12/34 (32%)	05/81 (06%)	11/12 (92%)	115/371 (31%)	
Totais		195/371 (53%)	49/371 (13%)	34/371 (09%)	81/371 (22%)	12/371 (03%)	371/371 (100%)	

⁸ A autora analisou cartas da administração pública, consideradas por ela como cartas oficiais, cartas da administração privada (cartas não-oficiais) e cartas pessoais.

Fonte: Elaboração própria, baseando-se nos dados de Rumeu (2004, p. 100).

Diante do disposto na tabela 1, percebe-se também um uso elevado de *você* como estratégia de cortesia nas relações assimétricas descendentes (de superior para inferior). Já o pronome *tu* se apresentou quase categórico nas relações simétricas, evidenciando a proximidade entre os missivistas, uma vez que essas ocorrências foram encontradas em cartas particulares, sendo consideradas um texto com menor grau de cerimônia. No que se refere ao tratamento nominal *Vossa Excelência*, observou-se sua produtividade mais acentuada nas relações sociais de inferior para superior (assimétrica ascendente). No que tange à forma respeitosa *Senhor*, mostrou-se recorrente em todas as esferas sociais analisadas.

No século XIX, além das formas já citadas, também foram encontrados os tratamentos nominais *Vossa Senhoria* e *Vossa Majestade*, sendo o primeiro empregado com maiores índices nas relações assimétricas ascendentes (de inferior para superior) e o segundo como recurso específico nas cartas direcionadas ao rei. No que diz respeito às formas *Vossa Mercê*, *você* e *tu*, essas estavam presentes apenas nas cartas não oficiais e nas relações de simetrias entre membros de um mesmo grupo social. Para Rumeu (2004, p. 103), o uso frequente de *Vossa Mercê* nesse tipo de relação solidária evidencia um processo acelerado de dessemantização de tal forma de tratamento na passagem do século XVIII para o século XIX.

Com base nos estudos de sincronias passadas direcionados aos séculos XIX e XX, é possível perceber uma similaridade nas regiões brasileiras quanto ao uso das formas pronominais de 2P. Para ilustrar o comportamento desses pronomes durante esse período, a partir de agora são abordadas algumas pesquisas realizadas em três regiões do Brasil (Sudeste, Sul e Nordeste), que têm recebido maior atenção dos pesquisadores.

1.2.2.1. Estudos da Região Sudeste

A coletânea de estudos de Lopes *et al.* (2018) demonstra que, na região Sudeste, no século XIX, os dados do Rio de Janeiro⁹ e São Paulo¹⁰ apresentam proximidades quanto ao uso

⁹ É importante destacar que a amostra analisada no Estado carioca foi, basicamente, organizada por Souza (2012). Consideraram-se as cartas de brasileiros nascidos no estado do Rio de Janeiro e/ou no antigo Distrito Federal, sendo que algumas foram escritas apenas por pessoas que moraram ou passaram boa parte de sua vida no estado do Rio de Janeiro.

¹⁰ A amostra de São Paulo é um conjunto de 67 cartas paulistas escritas entre os anos 1870 e 1939 e que totalizam três grupos diferentes de missivas — cartas de familiares do político Washington Luiz, Coleção Clube Republicano e as correspondências particulares do Fundo Rafael Tobias de Aguiar (R. T. A.).

dos pronomes *tu* em dada época. Já em Minas Gerais¹¹, nas cartas oitocentistas, prevalecia o uso de *Vossa Mercê* e de *você* quase categórico (não foram localizados dados de *tu*). A partir de 1900, o estado mineiro ainda mantinha a prevalência de *você*, com índices acima de 85% e o *tu* aparece com baixas frequências. No entanto, no decorrer de 1930, registrou-se uma abrupta e repentina ascensão de *tu* — com índices de 63%. Os autores ratificam que as análises realizadas entre os anos de 1930 a 1939 partiram dos dados de 10 cartas que apresentam conexões sociais simétricas (entre irmãs, primos e amigos) e também nas relações assimétricas descendentes (entre mãe e filha). Dessa maneira, nas cartas trocadas entre irmãs tem-se a forma *tu* classificada pelos pesquisadores como uma postura linguística menos ousada e também como uma forma de retribuição ao tratamento já recebido em outras cartas. No que tange às missivas de mãe para filha, refletem um recato linguístico de uma interlocutora que tem domínio da norma-padrão. Nas cartas trocadas entre amigos, há uma convivência de *você* e *tu* (LOPES *et al.* p. 73-75).

Dando continuidade ao uso dos pronomes de segunda pessoa nas demais décadas em Minas Gerais, os referidos autores sinalizam que as frequências de *você* tornam a subir a partir de 1940 e, em 1960, tem-se o uso categórico de *você*, que passa a dominar a escrita mineira a partir de então.

No Rio de Janeiro, as duas formas pronominais apresentavam um equilíbrio, com índices bem próximos dos anos de 1900 a 1939. Nessa etapa, o pronome *você* começou a ser empregado nos mesmos contextos de *tu*, nas relações mais informais e de intimidade. Segundo Lopes *et al.* (2018), esse período mostra o momento da disputa entre essas duas formas pronominais no estado carioca, um marco crucial que pode ser explicado em vista da hipótese do quadro social que se presenciava, ao longo do século XX, em grandes cidades brasileiras, tais como a modernização e industrialização, a ascensão da burguesia industrial, a ampliação do mercado de trabalho e também do mercado consumidor. Por conseguinte, os pronomes de 2P acompanharam as transformações no âmbito social, propiciando mudanças de tratamento linguístico na esfera familiar, pessoal e interpessoal. Dessa maneira, tal fase favoreceu a neutralização da semântica de *você* que, por sua vez, passa-se para um tratamento menos marcado, por consequência da reestruturação dos papéis sociais.

No período de 1940 a 1979 houve uma inversão de comportamento, a forma *você* torna-se predominante, com uso entre 95% e 99%, e há um declínio no emprego de *tu*. Além de seu

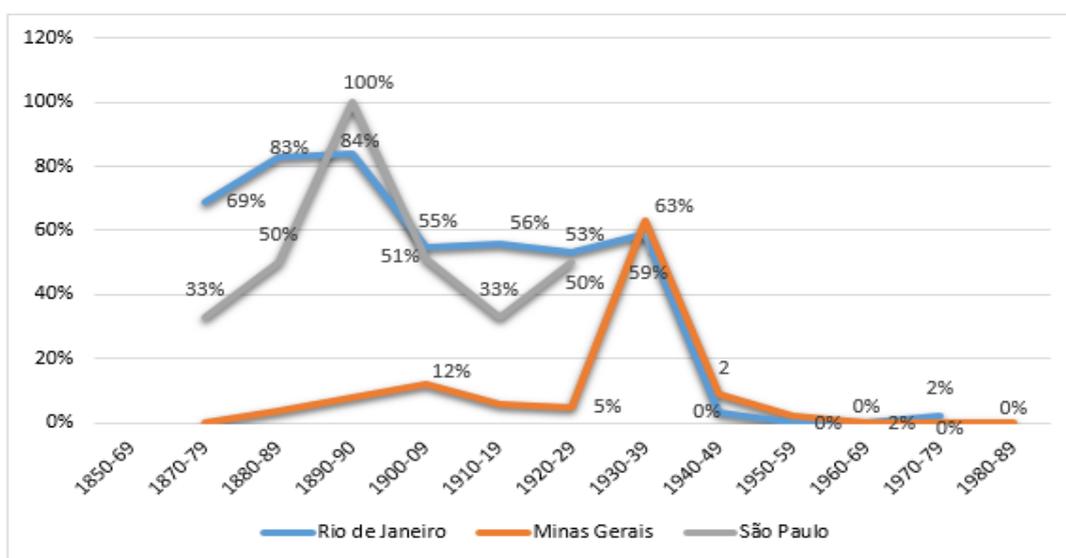
¹¹ No que se refere aos dados de Minas Gerais, trata-se de 89 cartas trocadas entre familiares e amigos que fazem parte do arquivo histórico Fundo Barão de Camargos (FBC), editadas por Chaves (2006), e da Coleção H. L., que estão sob a guarda do Acervo de Escritores Mineiros (AEM/FALE/UFMG), editadas por Rumeu (2004).

uso nos contextos típicos de *tu*, nessa fase, também o pronome *você* tornou-se uma estratégia para os novos papéis sociais da sociedade da época. Segundo Lopes (2008), no Rio de Janeiro, especificamente, a forma *você* suplanta o *tu* por volta dos anos 20-30 do século XX, entretanto, o *tu* retorna na fala carioca no final desse mesmo século, mas sem a flexão verbal de 2P. Os estudos de Lopes *et al.* (2009) e Santos (2012) evidenciam que tal fenômeno ainda persiste nessa capital.

No que diz respeito ao estado de São Paulo, Lopes *et al.* (2018) observam, em termos de produtividade dos pronomes *tu* e *você*, que na década de 1900-09 houve um equilíbrio entre ambas as formas, sendo 51% de *tu* e 49% de *você*. No período de 1910 a 1919, os autores identificaram um uso crescente de *você* (67%) em oposição ao *tu* (33%) e, novamente, os pronomes voltam-se a equilibrar, chegando, na década de 1920-1929, com 50% de *tu* e 50% de *você*.

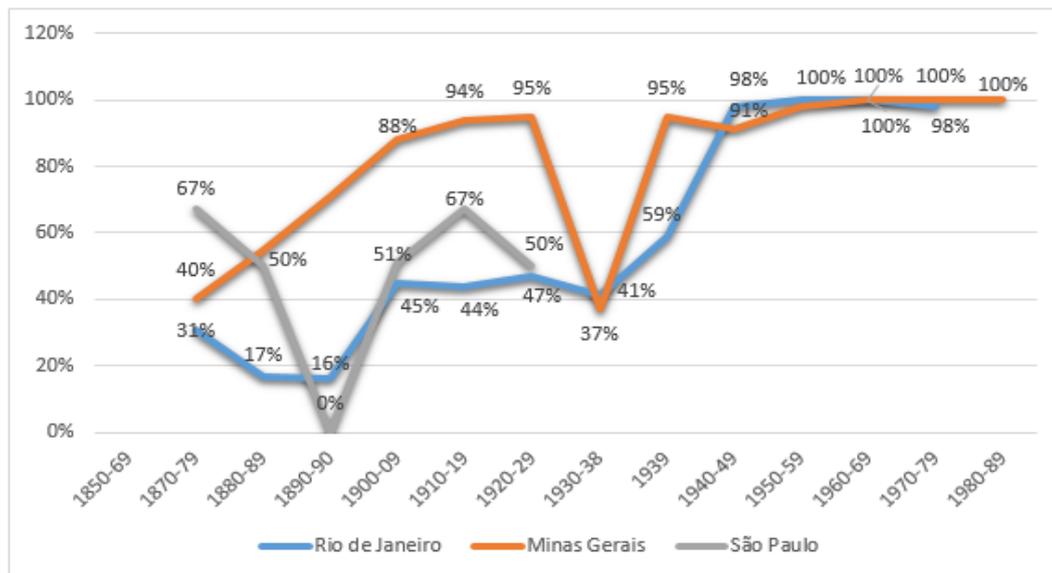
Tendo em vista os dados referentes ao comportamento dos pronomes de 2P na região Sudeste, e para complementação dos resultados, os gráficos 1 e 2 seguintes delineiam o que foi abordado, apresentando as frequências de *tu* e de *você* em meados do século XIX e ao longo do século XX, conforme o período analisado em cada estado.

Gráfico 1: A produtividade do pronome *tu* em cartas dos estados de Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo nos séculos XIX e XX.



Fonte: Elaboração própria, baseando-se nos dados de Lopes *et al.* (2018, p. 50, 62 e 69).

Gráfico 2: A produtividade do pronome *você* em cartas dos estados de Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo nos séculos XIX e XX.



Fonte: Elaboração própria, baseando-se nos dados de Lopes *et al.* (2018, p. 50, 62 e 69).

Passando-se para os resultados das relações sociais, Lopes *et al.* (2018), no que se refere aos dados do Rio de Janeiro, ressaltam que, no período de 1870 a 1899, o pronome *tu* era mais frequente nas relações simétricas e de maior intimidade. No mesmo espaço funcional, o *você* aparece menos expressivo, de forma neutra e menos invasivo. Já a partir de 1890, o pronome *você* marcava certa deferência entre sobrinho-tia e filho-mãe e, no que se refere às relações descendentes, o *tu* era mais produtivo nas cartas das tias e das mães para seus sobrinhos e filhos. Além disso, esse pronome também prevalecia entre os homens mesmo nas relações assimétricas (pai-filho e avô-neto). Em suma, segundo Lopes *et al.* (2018, p. 67), *você* passou a ser empregado, de forma paulatina, nas relações simétricas. Por conseguinte, o uso crescente da forma *você*, ao longo do século XX, pode ser explicado, principalmente, por sua disseminação nas relações igualitárias.

Em Minas Gerais, com relação aos dados de *Vossa Mercê* e *você*, Lopes *et al.* (2018) observam, no período de 1850 a 1879, que a primeira estratégia se mostrou produtiva, categoricamente, nas relações sociais ascendentes (sobrinho-tio, filho-mãe e afilhado-padrinho), ao passo que o inovador *você* se manifestou nas relações sociais simétricas (entre iguais). De 1900 a 1929, verificou-se o uso categórico do pronome *você* nas relações assimétricas ascendentes (sobrinho-tio) e com alta frequência, 83%, nas relações sociais simétricas (amigos, primos, etc). A forma *tu* foi marcada nas relações simétricas descendentes (mãe-filho e pai-filho). No período de 1930 a 1959, houve a prevalência de *você* nas cartas, sendo produtivo nas relações assimétricas descendentes e ascendentes e simétricas, e o *tu* persiste nas relações assimétricas descendentes e simétricas. Os autores ressaltam que a

disseminação da forma *você* permitiu seu uso tanto pela elite letrada (LOPES e MACHADO, 2005) quanto pelos menos ilustres analisados na amostra em diferentes relações sociais (assimétricas ascendentes, descendentes e simétricas).

Ainda no que tange às relações sociais, as cartas paulistas são produtivas nas relações simétricas e solidárias. É importante destacar que a análise foi realizada com base nas missivas trocadas entre primos, cunhados e amigos. Assim sendo, os resultados apontam um uso equilibrado entre *tu* e *você* tanto com primos quanto com os cunhados, com percentuais de 53% de *tu* e 47% de *você* (nas relações entre primos) e de 49% de *tu* e 51% de *você* (nas relações entre cunhados). Já nas relações entre amigos, predomina-se o uso de *tu* (50%), seguido de *você* (29%), mas também se encontra a presença de *Vossa Senhoria* que, segundo Lopes *et al.* (2018, p. 86) demonstra reverência e cortesia, uma vez que as cartas trocadas entre amigos versam assuntos de negócio e política, sendo menos íntimos e pessoais.

A relação entre sogra-genro demarca traços de intimidade e afeto visto na escolha do pronome *tu* (57%) na maioria das estratégias, já o *você* (43%) ocorre em contextos de ameaça a face do interlocutor (BROWN e LEVINSON, 1987). No que tange à relação filho-mãe, segundo Lopes *et al.* (2018, p. 89), há um caráter solidário e horizontal nas cartas do filho, que se dirige à sua mãe, majoritariamente, com a forma *você* (72%). Além disso, demarca a verticalidade da relação ao utilizar, consideravelmente, a forma pronominal *a senhora*. Na relação de sobrinho-tio, os dados demonstram uma predominância das formas *o/a senhor (a)*, com 83%, que pode estar associada à sinalização de respeito e reverência ao tio, que tinha, na sociedade da época, a função de orientador profissional e de conduta aos seus sobrinhos.

Para complementação dos dados da Região Sudeste, aborda-se o trabalho realizado por Scherre *et al.* (2018). Trata-se de uma análise de 60 missivas escritas por um capixaba ilustre, Oswaldo Cruz Guimarães, no início do século XX. As cartas eram destinadas a diversos interlocutores de seu vínculo familiar ou até mesmo aos amigos. Para análise dos dados, as autoras tiveram o suporte do programa GoldVarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH 2005), que selecionou as seguintes variáveis: preenchimento do sujeito e o tópico do discursivo.

Em termos gerais de uso, as formas *tu* e *você*, na posição de sujeito, foram encontradas apenas nas cartas destinadas à Hylida (esposa) e ao Alcides (irmão). Dessa maneira, Scherre *et al.* (2018) optaram por analisar somente os dados das cartas da esposa que somaram a maioria das ocorrências (190/193). Assim sendo, encontraram-se 189 ocorrências, com percentuais de 73% de *tu* (138/189) e 27% de *você* (51/189). O alto índice da forma *tu*, segundo Scherre *et al.* (2018, p. 18), pode estar associado ao processo de inserção da forma *você* no sistema pronominal capixaba escrito, principalmente nas relações simétricas mais íntimas.

De acordo com os resultados das variáveis selecionadas, observou-se que o *tu* é favorecido em sua forma nula, sendo 85% (134/156) dos dados e com 0,665 de peso relativo. Já na forma expressa, tal pronome é bem desfavorecido, com 12,1% (4/33) dos dados e com peso relativo de 0,038. Em relação aos resultados da variável tópico discursivo, as temáticas amor e pedido são aliadas ao uso de *tu*, com, respectivamente, 0,842 e 0,579 de pesos relativos.

Sintetizando os dados desse estudo, o pronome *tu* representa maior intimidade, por se encontrar mais frequente nos temas de maior envolvimento emocional, amor e pedido. Por outro lado, a forma *você* denota distanciamento, uma vez que é mais usado nos tópicos de menor envolvimento emocional, notícia e crítica (SCHERRE *et al.*, 2018, p 18).

No que tange aos tipos de relações sociais, Scherre *et al.* (2018, p. 15) observam as seguintes relações: simétrica (com a esposa, o irmão e amigos) e assimétrica ascendentes (com pais e tios). No entanto, os pronomes *tu* e *você* foram encontrados apenas nas relações familiares (esposa e irmão). Nas relações de amizade, Oswald usa a forma *amigo* e nas relações assimétricas, o pronome de tratamento *senhor*.

1.2.2.2. Estudos da Região Sul

Com o intuito de mapear os pronomes *tu* e *você* nas escritas catarinenses entre os anos 1880 a 1900, Coelho (2019) reuniu seis amostras pertencentes ao PHPB-SC, que foram objetos de investigação dos trabalhos de Nunes de Souza (2015); Grando (2016); Vanelli e Silva (2018); Marcelino e Reis de Aquino (2019); Gouveia (2019); Coelho e Nunes de Souza (no prelo). Essa junção resultou em um *corpus* constituído de 420 cartas de missivistas de Santa Catarina, sendo distribuídas nas seguintes amostras: amostra Cruz e Sousa ampliada (1880 e 1940), amostra Maura de Senna (1960 e 1990), amostra Vale (1960), amostra Medeiros (1980), amostra Harry Laus (1980 e 1990) e amostra Monguilhott (1990).

A autora baseou o seu trabalho nos preceitos da Sociolinguística Histórica (CONDE SILVESTRE, 2007) e da Teoria da Variação e Mudança (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]; LABOV, 1994). Dessa maneira, em linhas gerais, foram registradas 1468 ocorrências dos pronomes *tu* e *você* na posição de sujeito, sendo que 1.059 são do pronome *tu* e 409 do pronome *você*. Assim, em relação a cada amostra, têm-se os seguintes resultados descritos na tabela 2.

Tabela 2: Frequência de *tu* e *você* em cartas catarinenses escritas entre 1880 e 1990, por amostra

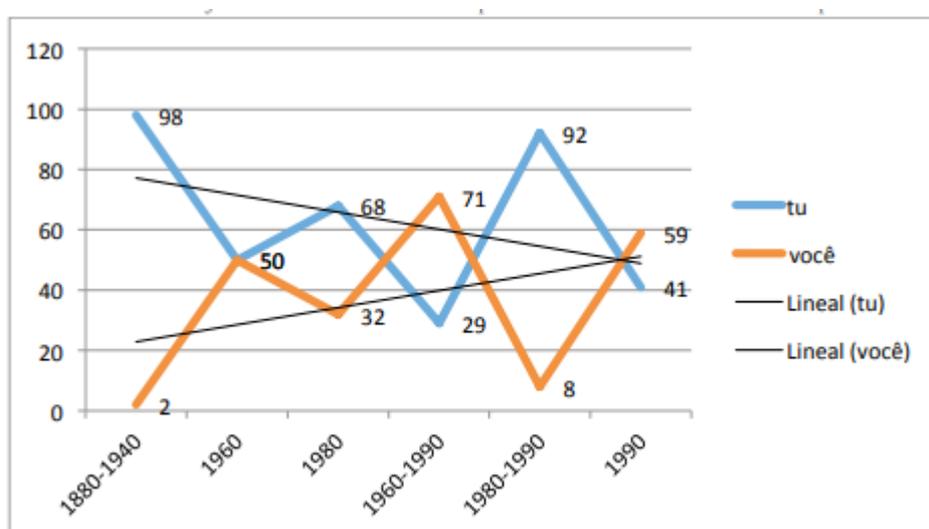
AMOSTRAS	DÉCADAS	TU	VOCÊ
----------	---------	----	------

Cruz e Sousa ampliada	1880-1940	402/412 98%	10/412 2%
Maura de Senna	1960-1990	69/237 29%	168/327 71%
Vale	1960	92/184 505	92/184 50%
Medeiros	1980	156/230 68%	74/230 32%
Harry Laus	1980-1990	316/345 92%	29/345 8%
Monguilhott	1990	24/60 40%	36/60 28%
Total de ocorrências nas seis amostras: 1467		1059/1468 72%	409/1468 28%

Fonte: Elaboração própria, com base em Coelho (2019, p. 145).

Diante do exposto na tabela 2, percebe-se que, ao longo do tempo o *tu* foi majoritariamente a estratégia pronominal escolhida entre os catarinenses, com exceção das amostras Maura de Senna (1960-1990) e Monguilhott (1990), que apresentam maiores frequências de *você*, sendo 71% e 60%, respectivamente. A partir desses resultados, a autora conclui que a implementação da forma *você* em Santa Catarina acontece gradualmente, apontando-se como uma tendência mais conservadora — iniciando com índices baixos (22) e chegando a valores intermediários (50) — em relação às demais localidades brasileiras, conforme se verifica no gráfico 3.

Gráfico 3: - Trajetória de *tu* e *você* em cartas pessoais catarinenses no curso do tempo



Fonte: Coelho (2019, p. 156).

Em um panorama geral, a autora ressalta que o *tu* predominava entre os missivistas de Santa Catarina no período de 1880 a 1940. A partir de 1960, *você* passa a competir com o *tu*, mas, diferentemente do que acontece nas outras regiões brasileiras (Sudeste e Nordeste), a forma *você* não suplanta o *tu*, que ainda se mostra bem frequente nas escritas catarinenses durante o século XX. Segundo a autora, as evidências atuais reafirmam esses traços da variação *tu* e *você* (RAMOS, 1989; LOREGIAN, 1996; LOREGIAN-PENKAL, 2004; ROCHA, 2012 e DAVET, 2013).

Em relação ao preenchimento do sujeito, Coelho (2019) verificou que, independente da amostra, o pronome *tu* prevalecia como sujeito nulo, com índices acima de 80%. Já o pronome *você* era preferencialmente usado como sujeito expreso, com índices entre 50% a 69%, exceto no período de 1880 a 1940, na amostra Cruz e Sousa ampliada, em que os valores alcançaram 90% — mas, é importante considerar um uso minoritário de *você* nessa amostra, sendo apenas 10 ocorrências contra 402 dados de *tu* — e na amostra de Monguilhott, no período de 1990, que o *você* apresentou-se como forma nula, com índices de 62%. Para Coelho (2019), esses resultados corroboram com os dados encontrados por Rumeu (2008), que indicou que, nas cartas da região Sudeste, no fim século XIX e início do século XX, o *tu* era fortemente favorecido sem o preenchimento de sujeito, como uma forma nula e o *você* mostrava um equilíbrio entre sujeitos nulos e plenos.

Em suma, no que se refere à implementação de *você* no sistema pronominal em Santa Catarina no final do século XIX e início do século XX, especificamente, na amostra Cruz e Sousa ampliada, Coelho (2019) destaca que o *você* e o *zero* encontravam-se em variação, mas não competiam com o *tu* nos mesmos aspectos de uso, já que essa última forma foi encontrada nos tratamentos íntimo, familiar e determinado e as duas primeiras estratégias eram utilizadas em contextos de mais distanciamento.

No que diz respeito às amostras do período de 1960 a 1990, percebe-se um comportamento dúbio de *você*, que mantém seu caráter menos invasivo, sobretudo nas relações de formalidade, e além disso, passa a concorrer com o *tu* nos espaços de mais proximidade e intimidade. Essa variabilidade das formas *tu* e *você* também é encontrada, na década de 90, nos estudos de Loregian-Penkal (1998) e Loregian-Penkal (2004), nas análises de entrevistas orais de florianopolitanos e ainda persiste, conforme Rocha (2012).

1.2.2.3 Estudos da Região Nordeste

Em relação à região Nordeste, Lopes *et al.* (2018) destacam os estudos realizados nos estados de Pernambuco, Rio Grande do Norte e da Bahia. Partindo-se da trajetória geral dos

pronomes de 2P no território nordestino, os dados evidenciam que a forma *tu* era mais frequente no final do século XIX, nas cartas pernambucanas¹², mais especificamente no período de 1870-79, com incidência de 92%. Já a partir de 1880-1900, o cenário muda e o *você* torna-se majoritário, registrando-se percentuais acima de 80%. As décadas de 1900-1910 e 1920-1929 indicam a menor polarização de *tu* e *você*. Segundo Lopes *et al.* (2018, p. 123), esses períodos são caracterizados pela variação entre essas duas formas pronominais. Em 1930, ocorre a generalização de *você*, que segue categórico até o último período analisado (1969).

Diante dessa configuração, os autores ressaltam similaridades da trajetória dos pronomes de 2P em Pernambuco com a do Rio de Janeiro. Embora haja diferenciações em alguns fatores, como por exemplo, taxas de frequências diferentes, perfil social dos missivistas, entre outros, o delineamento em cada período aponta que as formas pronominais *tu* e *você* trilharam caminhos parecidos em ambos os estados.

No que se refere ao estado da Bahia, Lopes *et al.* (2018) analisam uma amostra constituída de 383 cartas¹³ escritas por baianos nos séculos XIX e XX. Em geral, as missivas são de autorias de pessoas ilustres, cultas e cidadinas, com alto grau de instrução, e de pessoas semicultas das localidades rurais da Bahia. Além disso, foram consideradas também aquelas de semipopulares e populares (chamados de não cultos, como no caso de 7 vaqueiros).

Em relação à distribuição geral da amostra relativa ao período de 1810 a 1990, identificaram-se 838 dados¹⁴ das formas de 2P na posição de sujeito, considerando os sujeitos preenchidos e nulos. De maneira contraditória aos outros locais, no cenário baiano, a produtividade focalizou-se no tratamento nominal *Vossa Mercê* (47%) e também na forma *você* (41%), preferencialmente em sua forma plena, totalizando (56%)¹⁵. Encontraram-se apenas 6 (1%) ocorrências de *tu*, categoricamente, em sua forma nula e em contextos de maior intimidade e solidariedade. A peculiaridade da Bahia foi a presença de *vós* em referência à segunda pessoa do singular e a forma *Vossa Mercê* grafada *vosmicê*, sobretudo nas relações assimétricas, indicando uma possível transição entre o tratamento formal de origem.

¹² As cartas analisadas no estado de Pernambuco fazem parte da Fundação Joaquim Nabuco, em Recife e tem como escreventes autores de 11 famílias de políticos, jornalistas, diplomatas, juristas, sociólogos, escritores, promotores, industriais, professores, entre outros, tendo, como base de produção, grafias de pessoas ilustres e com um alto grau de instrução.

¹³ As cartas baianas foram extraídas do *Corpus* Eletrônico de Histórico do Sertão/CE-DOHS (<<http://www.uefs.br/cedohs/>>).

¹⁴ Ressalta-se que nessa distribuição geral foram contabilizados também os dados das formas *Vossa Excelência*, *Vossa Senhoria*, *o senhor* e *vós*. No entanto, são retratados, neste trabalho, apenas os resultados referentes aos pronomes *Vossa Mercê*, *você* e *tu*.

¹⁵ Sobre esses dados de *você* na posição de sujeito pleno, os autores destacam que o grau de escolaridade foi significativo para determinar os resultados. Em outras palavras, as ocorrências de *você* em sua forma plena aumentam à medida que o grau de escolarização do remetente diminui (LOPES *et al.*, 2018, p. 116).

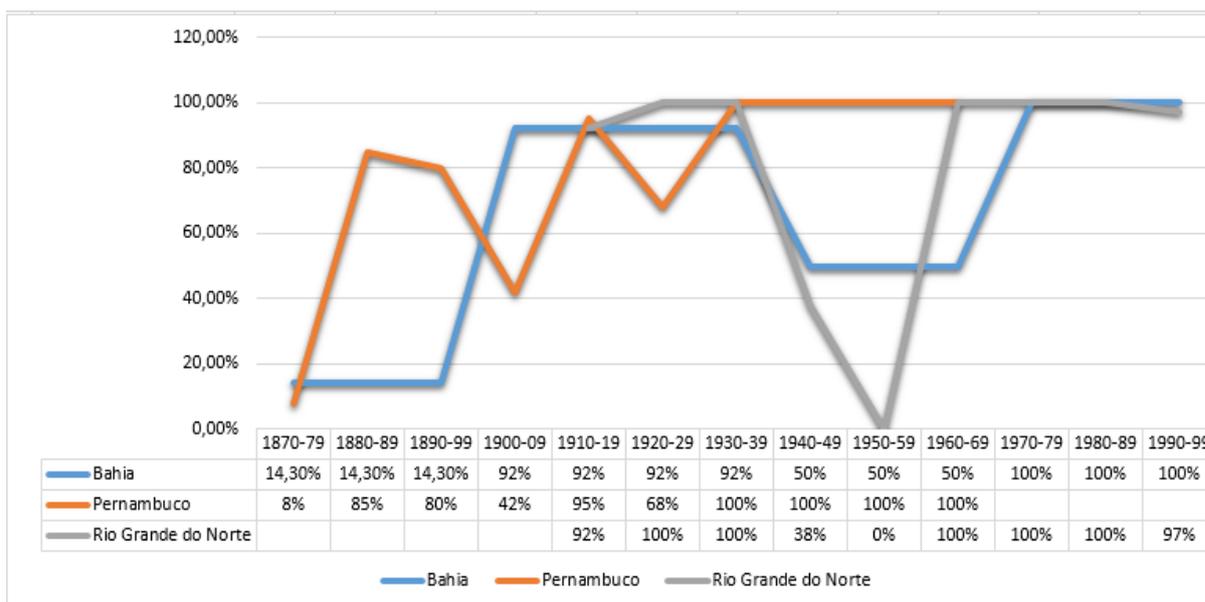
No que tange à distribuição da amostra ao longo do tempo, observa-se a indicação do maior uso da forma nominal *Vossa Excelência*, que atinge 82% na segunda metade do século XIX. Em um segundo momento, o pronome *você* em sua ascensão de forma abrupta no século XX, com índices de 92% nas décadas de 1900-1929 e 100% no período de 1960 a 1999.

Já no Rio Grande do Norte, Lopes *et al.* (2018) analisam as formas de 2P apenas no decorrer do século XX (1910-1999). Verificaram-se 304 cartas que pertencem ao *corpus Projeto Para História do Português Brasileiro* no Rio Grande do Norte (PHPB - RN), caracterizadas como missivas amorosas, outras trocadas entre familiares e algumas produções de escritas de um historiador e um folclorista. Foram encontradas 892 ocorrências, sendo 84% (756 dados) de *você*, 9% de *tu* (86 dados) e 5% (50 dados) de *a senhora*.

No que diz respeito ao uso dos pronomes nos intervalos de tempo, têm-se os seguintes resultados: em 1910-19, o pronome *você* teve a preferência de uso, com 92%; em 1920-29 e 1930-39, a forma *você* foi empregada, categoricamente; já em 1940-1949, verifica-se uma queda da forma *você* e o pronome *tu* passa a ser mais usual, com 38%, chegando a ser categórico no período de 1950-59. As ocorrências representativas dessas décadas são cartas amorosas, o que pode favorecer o uso de *tu*, por se tratarem de contextos mais íntimos; entre 1970-1989, o cenário muda novamente e o pronome *você* passa a ser empregado, categoricamente, com índices de 97%, em 1990-99.

Diante dos resultados dos estados nordestinos expostos, percebe-se que o *você* suplanta o *tu* nesses três territórios, sendo que, em Pernambuco, tal fenômeno acontece por volta da década de 1930, e, na Bahia e Rio do Grande do Norte, há um período contínuo de categorização de *você* entre as décadas de 1960-1989, conforme é visto no gráfico 4.

Gráfico 4: A produtividade do pronome *você* em cartas Nordestinas durante os séculos XIX e XX.



Fonte: Elaboração própria, baseando-se em Lopes *et al.* (2018, p. 112, 122 e 133).

Percebe-se também, no gráfico 4, que os altos índices de *você* na variedade baiana sugerem que a implementação de *você* já estava em estágio bastante avançado no início do século XX, com índices acima de 90%. Para os autores, o fato de *você* estar mais presente nas relações simétricas e assimétricas descendentes (superior-inferior) solidárias indicia que tal forma possa ter tomado, rapidamente, os contextos de maior intimidade, originários de *tu*.

No que se refere às relações sociais dos pronomes *tu* e *você* em Pernambuco, nota-se que o pronome *você* demonstrou um comportamento híbrido, sendo empregado tanto nas relações simétricas (marido-mulher, entre amigos e entre irmãos) quanto nas relações assimétricas descendentes (mãe-filho e pai-filho) e assimétricas ascendentes (filho-mãe e filho-pai). Já a forma *tu* foi detectada nas relações simétricas (marido-mulher e entre amigos) e nas relações assimétricas descendentes (pai-filho) e assimétricas ascendentes (filho-mãe), configurando ser um pronome utilizado em relações mais íntimas pelos pernambucanos.

Em suma, mesmo que a forma *você* tenha obtido a supremacia em diferentes aspectos sociais ao longo do tempo, Lopes *et al.* (2018) ressaltam intervalos acentuados da variação *tu* e *você* nas cartas de Pernambuco, em fins do século XIX (1870) e início do século XX (1900-1910). Em linhas gerais, o emprego de *tu* era motivado, sociopragmaticamente, destacando-se nos contextos das relações assimétricas descendentes, porém solidárias, e também nas relações simétricas entre amigos (presente apenas em 1870-1899).

Já no Rio Grande do Norte, no âmbito das relações sociais, detectou-se que o pronome *você* foi mais produtivo nas relações de irmão para irmão (96%), irmã para irmã (100%), de

amigo para amigo (100%), de namorado/noivo para namorada/noiva (91%) e de marido para mulher (67%). Por outro lado, o pronome *tu* mostrou ser aliado às relações simétricas mais íntimas, chegando a ser categórico nas cartas de mulher para marido (100%) e namorada/noiva para namorado/noivo (100%). Em outros subgêneros, tais como marido para mulher (33%), namorado/noivo para namorada/noiva (9%) e irmão para irmão (4%), também houve ocorrências de *tu*. Nas missivas entre amigos e de irmã para irmã, não houve dados de tal forma pronominal (LOPES *et al.*, 2018, p. 135).

1.2.2.4. Síntese dos estudos de sincronias passadas

Retomando alguns aspectos do tópico anterior, mais precisamente no que se refere à evolução das formas de segunda pessoa no Brasil, pode-se citar os seguintes estágios dos pronomes *tu* e *Vossa Mercê* e *você*. Inicialmente, em relação à época da colonização, o tratamento *Vossa Mercê* já estava em processo de redução fonética e seu uso generalizado como *você* (FARACO, 1996). No século XVIII, de acordo com o estudo de Rumeu (2004), *Vossa Mercê* já apresentava indícios da perda de seu caráter cerimonioso, sobretudo por demonstrar ser um tratamento acentuado nas relações simétricas entre membros da classe alta, em cartas não oficiais. No que diz respeito ao uso de *você* nas cartas oitocentistas, foi registrado, com maior frequência, nas relações assimétricas descendentes (de superior para inferior) como estratégia de cortesia. O pronome *tu*, por sua vez, apresentou-se quase categórico nas relações simétricas, denotando certa proximidade entre os missivistas.

Em se tratando dos séculos XIX e XX, foram expostas diversas pesquisas realizadas em três regiões do Brasil, Sudeste, Sul e Nordeste. Sintetizando os resultados desses estudos, é possível perceber algumas semelhanças de usos dos pronomes de 2P nos diferentes estados brasileiros, tais como Rio de Janeiro, Minas Gerais, São Paulo, Espírito Santo, Santa Catarina, Bahia, Pernambuco e Rio Grande do Norte, que serão citados nas conclusões seguintes apenas com suas abreviações.

Com relação às formas pronominais encontradas nos estudos dos estados supracitados, têm-se os registros expostos no quadro 2.

Quadro 2 - Registros das formas pronominais nos séculos XIX e XX

FORMAS PRONOMINAIS	ESTADOS
<i>Tu e Você</i>	BA, ES, MG, RJ, PE, RN, SC e SP
<i>Vossa Excelência</i>	BA e SP
<i>Vossa Mercê</i>	BA, MG e PE
<i>O/A senhor(a)</i>	BA, ES, RN e SP
<i>Vós</i>	BA

Fonte: Elaboração própria, baseando-se nos estudos de Coelho (2019), Lopes *et al.* (2009), Scherre *et al.* (2018).

Como demonstra o quadro 2, a forma nominal *Vossa Mercê* foi registrada em Minas Gerais, Pernambuco e na Bahia. No estado mineiro, no período de 1850 e 1979, tal pronome apresentou-se categoricamente nas relações sociais assimétricas ascendentes (de sobrinho para tio, de filho para mãe e afilhado para padrinho). Já em Pernambuco, *Vossa Mercê* teve seu registro nas cartas de missivistas masculinos escritas no ano de 1869. Na Bahia, os dados de *Vossa Mercê* foram também encontrados em cartas do século XIX, com baixos índices de frequência e utilizadas nas relações sociais de menor distanciamento. De forma peculiar, no estado baiano, as ocorrências de tal pronome eram grafadas como *vosmicê*, indicando uma possível transição entre o tratamento formal de origem *Vossa Mercê*.

Seguindo com os usos dos pronomes de 2P, considerando o final do século XIX, na Região Sudeste, a forma *tu* era bem mais frequente que o inovador *você*, no Rio de Janeiro. Em São Paulo, notou-se a superioridade de *você*, com exceção da última década, 1890 a 1899, período em que foi observado um predomínio de *tu*, associado, por Lopes *et al.* (2018), ao fato de se ter analisado apenas duas missivas de um remetente que, apesar de nascido em São Paulo, passou muito tempo no Rio de Janeiro, local onde ele morava quando redigiu as cartas. No que se refere à Minas Gerais, de acordo com os registros de 1850 e 1879, não foram encontrados dados do pronome *tu*, apenas a convivência de *Vossa Mercê* ao lado de *você* (LOPES *et al.*, 2018).

Na Região Sul, de acordo com o estudo de Coelho (2019), o final do século XX é marcado pelo uso quase categórico do pronome *tu*, que, em 1880, apresentava índices de 98%. Quanto aos dados da Região Nordeste, na Bahia, considerando o uso de *tu* e *você*, no período de 1810 a 1990, foi observada a supremacia do inovador *você* e um emprego bastante marginal de *tu*, com menos de 1% de frequência, nas relações de maior intimidade entre os missivistas. Já no estado pernambucano, foram registrados picos elevados das formas pronominais *tu* e *você*, sendo, no intervalo de 1870 a 1879, a predominância de *tu*, com 92% de frequência e, em 1880 a 1900, o cenário muda e os índices de *você* apresentam-se mais elevados que o de *tu*, com 85%.

Passando-se para o comportamento dos pronomes *tu* e *você* no século XX, verificou-se que a primeira metade desse século é marcada pela ascensão de *você* na maioria das localidades (BA, MG, PE, RJ, RN e SP) e, conseqüentemente, a queda da forma *tu*. Já no ES, nas primeiras décadas do século XX, houve um uso preferencial da forma *tu* (73%). No entanto, é importante

considerar que as missivas foram escritas apenas por um remetente, Oswaldo Cruz Guimarães, enviadas exclusivamente a sua esposa. No que tange aos dados de SC, o cenário é um pouco diferente, sobretudo por demonstrar a supremacia do *tu* sobre o *você* no período de 1880 a 1940. Nessa localidade, o *você* passa a concorrer com o *tu* a partir de 1960, porém, esse pronome ainda é uma estratégia bastante recorrente entre os catarinenses, indicando que a forma inovadora ainda não suplantou o *tu*, conforme observado nos outros estados brasileiros (COELHO, 2019).

No plano das relações sociais, têm-se os seguintes resultados descritos no quadro 3:

Quadro 3 - Tipos de relações das formas pronominais *tu* e *você* nos séculos XIX e XX.

TIPOS DE RELAÇÃO		PRONOMES	
		<i>Tu</i>	<i>Você</i>
Simétrica		BA, ES, MG, PE, RJ, RN	BA, ES, MG, PE, RJ, RN
Assimétrica	ascendente	PE, RJ e SP	MG, PE, RJ, RN e SP
	descendente	MG, PE, RJ e SP	BA, MG, PE, RJ, RN e SP

Fonte: Elaboração própria, baseando-se em Coelho (2019), Lopes *et al.* (2009), Scherre *et al.* (2018).

Tendo em vista o quadro 3, percebe-se que o *tu* foi registrado nas relações assimétricas ascendentes (inferior-superior) no RJ (no período de 1900-39), SP¹⁶ e PE (em 1900 a 1910); nas relações assimétricas descendentes (superior-inferior) nos estados do RJ (entre os anos de 1870 a 1939), SP, MG e PE (em 1890-1900 e 1920) e também nas relações simétricas mais solidárias nas localidades de RJ (de 1870 a 1939), MG, SP, ES, BA, PE (nos anos de 1870-1890 e 1920) e RN. Já o *você* foi encontrado nas relações assimétricas ascendentes nos estados do RJ (no período de 1900-39), MG, SP, PE e RN; nas relações assimétricas descendentes no RJ (1870-1939), MG, SP, BA, PE e RN e também nas relações simétricas nos territórios de RJ (entre o período de 1870 a 1979), MG, SP, ES, BA, PE e RN.

Em suma, esse panorama do percurso dos pronomes de 2P no território brasileiro reforça parcialmente as dimensões contemporâneas do uso dessas formas nessas regiões. Os resultados encontrados na região Sudeste, por exemplo, no Rio de Janeiro, demonstram a supremacia de *você* sobre o *tu* na última década analisada, tal como ocorre atualmente. O pronome *tu* ainda persiste na fala carioca, no entanto, sem a realização da flexão verbal que o corresponde (LOPES *et al.*, 2009 e SANTOS, 2012).

¹⁶ É importante destacar que a falta de informação dos períodos em que se registraram o pronome *tu* nos estados da BA, do ES, de MG e de SP se deve à ausência de indicação nos estudos realizados.

Em relação aos estados de Minas Gerais e São Paulo, há também o uso majoritário de *você*. As falas mineiras, em termos de dados atuais, demonstram que o pronome *tu* é empregado em menores índices que o *você*, que tem uso categórico na maioria das cidades pesquisadas, conforme sinalizam os estudos de Coelho (1999), Gonçalves (2008), Herênio (2006), Peres (2006), Mota (2008), Silva (2017) e Reis (2019). No estado paulista, a distribuição equilibrada observada entre as duas formas pronominais em 1939 não persiste. Os estudos contemporâneos revelam que, em São Paulo, o *você* é praticamente categórico, com exceção da Baixada Santista, onde o *tu* também faz parte da fala dessa comunidade (MODESTO, 2006). No Espírito Santo, os dados atuais revelam que a forma *você* e a variante *cê* são mais frequentes (CALMON, 2010), resultado que difere do contexto do século XX, em que o pronome *tu* se destacava.

Na região sulista, a atualidade também demonstra os altos índices de *tu* (ROCHA, 2012), assim como foi encontrado nas sincronias passadas de algumas cidades desse território. Já no Nordeste do Brasil, segundo Scherre *et al.* (2015), a Bahia conserva a predominância de *você*, principalmente em sua capital (Salvador). No Estado de Pernambuco, há um uso médio de *tu* abaixo de 60%, opondo-se um pouco da realidade de 1989, último ano de estudo da abordagem sincronia passada, em que havia um uso categórico de *você*, e no Rio Grande do Norte segue a supremacia de *você* com uso acima de 80% em Natal (SILVA, 2015).

Em relação aos pronomes de 2P do português falado no Brasil, na próxima seção são abordados, de maneira mais abrangente, os usos dessas formas em todo território nacional, levando-se em consideração as diversas pesquisas contemporâneas que tratam a variação *tu* e *você* no PB. Haja vista a significância desses dados para o presente estudo, principalmente, por fornecer resultados que são referências para o desenvolvimento desta tese.

1.2.3. O uso dos pronomes de segunda pessoa no Brasil: dados sincrônicos

Em relação aos dados da oralidade no Brasil, diversas pesquisas realizadas em todo o território do país delineiam os traços dos usos dos pronomes de 2P no PB. Conforme já citado, no momento inicial da colonização brasileira, o pronome *você* já se encontrava generalizado e no século XX ocorre a implementação de tal forma no sistema pronominal brasileiro. Nesse momento, é possível perceber que o *você* passa a concorrer com o *tu* nos mesmos aspectos funcionais de uso, sendo que nas regiões Nordeste e Sudeste do país — territórios onde se focalizam os estudos de sincronias passadas citados neste trabalho —, conforme visto na subseção anterior, o *você* suplanta o *tu* e passa a ser predominante.

Essa inserção de *você* no quadro de pronomes do PB ocasionou uma divisão de diversos subsistemas. Conforme o estudo de Scherre *et al.* (2015, p. 142), que analisou diversas pesquisas da oralidade brasileira realizadas até 2012, tem-se a existência de seis subsistemas de tratamento no PB quando se considera a concordância verbal estabelecida entre o sujeito e o verbo, a saber:

Quadro 4 - Divisão dos subsistemas pronominais brasileiros por Scherre *et al.* (2015).

Subsistema	% de uso / concordância	Regiões
só <i>você</i>	Uso exclusivo das formas <i>você/ocê/cê</i>	Norte, Nordeste, Sul, Sudeste e Centro-Oeste
mais <i>tu</i> com concordância baixa	Uso de <i>tu</i> acima de 60%/ concordância abaixo 10%	Norte e Sul
mais <i>tu</i> com concordância alta	Uso de <i>tu</i> acima de 60%/ concordância entre 40% e 60%	Norte e Sul
<i>tu/você</i> com concordância baixa	Uso de <i>tu</i> abaixo de 60%/ concordância abaixo 10%	Nordeste e Sul
<i>tu/você</i> com concordância	Uso de <i>tu</i> abaixo de 60%/ concordância entre 10% a 39%	Norte, Nordeste e Sul
<i>você/tu</i> sem concordância	1% a 90% sem concordância	Norte, Nordeste, Sudeste, Sul e Centro-Oeste

Fonte: Elaboração própria, baseando-se nos dados de Scherre *et al.* (2015, p. 142).

É importante ressaltar que Scherre *et al.* (2015), neste estudo específico, compilaram resultados de pesquisas realizadas no âmbito da Sociolinguística e da Dialetologia, focando na análise da variação dos pronomes de 2P e o grau de concordância. Dessa maneira, esses autores realizaram um trabalho amplo, com 60 amostras diversificadas, que somam 29 mil dados coletados nas regiões brasileiras. Diante da subdivisão dos subsistemas realizada por Scherre *et al.* (2015), exposta no quadro 4, nota-se que o *tu* é um pronome usado em todo território do país, sendo que em algumas regiões, Norte e Sul, os índices ultrapassam 60%. Nesses locais também é possível perceber a relação de concordância entre o *tu* sujeito e o verbo que lhe corresponde, com níveis entre 40% e 60% ou até mesmo entre 10% a 39%. Segundo os autores, trata-se de uma concordância em graus variados motivada pelo contexto de mais formalidade ou pelo aumento de escolarização e que ocorre em locais onde o pronome *tu* é natural no falar da comunidade, como por exemplo, Belém (PA), Chapecó (SC), Florianópolis (SC), Manaus (AM), São Luís (MA), Rio Grande do Sul (RS), Tefé (AM).

Ainda conforme os subsistemas disponibilizados por Scherre *et al.* (2015), existem localidades em que o *tu* é expresso sem a flexão verbal correspondente, mais especificamente, nas regiões Centro-Oeste (Brasília - DF), Nordeste (nos estados de Maranhão e Bahia), Norte

(em Roraima, Acre) e Sudeste (nos estados do Rio de Janeiro, São Paulo, precisamente, na cidade de Santos, e Minas Gerais).

Além desses dados, existe também o subsistema só *você*, que é caracterizado pelo uso exclusivo de *você*. Conforme Scherre *et al.* (2015, p. 141), esse subsistema encontra-se registrado em todas regiões brasileiras, sendo que no Centro-Oeste é representado pelos estados de Goiás, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul; no Nordeste pela Bahia; no Norte por Tocantins; no Sudeste pelos estados de Espírito Santo, Minas Gerais e São Paulo e no Sul por Porto Alegre.

Com a finalidade de demonstrar os usos dos pronomes de 2P no Brasil na oralidade, a partir de agora são citadas algumas pesquisas que compõem os dados pronominais dos falares brasileiros. Para tal, é considerado, de maneira estrutural, um quadro geral dessas formas pronominais nas cinco regiões do país, seguindo a ordem alfabética.

1.2.3.1. Estudos da Região Centro-Oeste

Segundo Scherre *et al.* (2015), a região Centro-Oeste brasileira é marcada pelo subsistema só *você*, exceto em Brasília, que, a partir da década de 2000, registrou o uso de *tu*, dando a entrada do subsistema *você/tu sem concordância* no repertório brasiliense. Alguns estudos realizados na capital brasileira (LUCCA, 2005; DIAS, 2007 e ANDRADE 2010, 2015) demonstram o uso dos pronomes de 2P pelos falantes dessa localidade.

O estudo de Lucca (2005), por exemplo, foi o pioneiro a constatar a presença da forma *tu* na capital brasileira. A autora analisou a variação *tu* e *você* em três regiões administrativas do Distrito Federal (Brasília, Taguatinga e Ceilândia) por meio de uma amostra de entrevistas sociolinguísticas realizadas com falantes jovens da faixa etária de 15 a 19 anos. Foram considerados 32 participantes, sendo 29 do sexo masculino e 3 pertencentes ao sexo feminino. É importante ressaltar que as entrevistas foram gravadas de maneira oculta, levando-se em conta, principalmente, as conversas interacionais entre amigos.

Em linhas gerais, encontraram-se 453 ocorrências, sendo 72% da forma *tu* e 28% do pronome *você*¹⁷. Por meio do programa computacional GoldVarb 2001, a autora analisou alguns fatores que mais favorecem o uso de *tu* entre os falantes brasilienses e assim constatou os seguintes resultados, por ordem de relevância: a) no que se refere à variável gênero, os homens são os que mais utilizam tal pronome, sendo 78% e 0,55 de peso relativo; b) o paralelismo formal indicou o primeiro item da série sendo o *tu* com 85% e 0,58 de peso relativo; c) no que diz respeito ao tipo de relação entre os interlocutores, constatou-se que o fator pares nas relações

¹⁷ Casos da forma *cê* foram acoplados aos de *você*.

solidárias é o que mais favorece o uso de *tu* com 79% e 0,57 de peso relativo; d) o fator familiaridade com tema demonstrou que os mais familiares são propensos ao uso de tal variante, com 74% e 0,52 de peso relativo; e) no que se refere ao fator região administrativa, os dados apontam que Ceilândia é a localidade que mais utiliza o *tu*, sendo 86% e 0,68 de peso relativo; f) o fator tipo de estrutura demonstrou que as frases exclamativas são aliadas desse pronome, com 94% e 0,87 de peso relativo.

Dando continuidade aos dados das pesquisas realizadas na região Centro-Oeste, Dias (2007) analisou as formas pronominais *tu* e *você* na região administrativa de Brasília. A autora verificou uma amostra constituída de 18 sujeitos dos sexos masculino e feminino e com faixas etárias entre 13-19 anos; 20-39 anos e 30 em diante. Em termos gerais, encontraram-se 900 ocorrências¹⁸. Os resultados apontam a alta frequência da variante *cê*, com 51,4%, já os pronomes *você* e *tu* totalizam 26,5% e 10,6%, respectivamente. Os dados selecionados pelo programa GoldVarb X indicam que, no fator linguístico tipo de fala, a categoria ironia/brincadeira (31,7% e 0,80) é o mais aliado ao *tu*. Em relação aos fatores extralinguísticos, têm-se os seguintes resultados: a) faixa etária – 13-29 anos (29,8%, 0,76 de peso relativo) favorece o uso de *tu*; sexo – os homens são mais adeptos à forma *tu*, com 14,9% e 0,60 de peso relativo, ao passo que as mulheres possuem apenas 10,8% e 0,41 de peso relativo.

Andrade (2010) pesquisou a variação entre as formas *você/cê/tu* em Brasília. Sua amostra é composta por 43 sujeitos, sendo 34 moradores da Vila do Planalto, 4 do Lago Azul, 2 da Asa Norte e 3 do Sudoeste. A autora testificou a aquisição em tenra idade do pronome *tu* com falantes aos cinco anos de idade, além de também constatar a indubitável influência da origem dos pais em sua amostra, que consiste em sujeitos de 7 a 15 anos, moradores da cidade de Brasília. Foram encontradas 835 ocorrências das formas pronominais, sendo o *tu* o mais utilizado, com 48%, e as variantes *você* e *cê*, com 26% e 26%, respectivamente. A autora destaca que o maior uso do *tu* entre as crianças tem relação com a origem nordestina dos pais — resultado que se aproxima dos dados de Lucca (2005), que relaciona a entrada do pronome *tu* na localidade de Ceilândia à grande quantidade de migrantes nordestinos nessa região e conclui que a fala dos pais estaria influenciando as falas dos filhos — bem como o maior emprego da variante *cê* deve-se ao fato de os pais serem do estado de Minas Gerais.

É importante ressaltar que o estudo mostra que o uso de *tu* em Brasília não se deve apenas às origens externas dos pais. Andrade (2010) constatou também, na Vila do Planalto, que dois pais de origem brasiliense favoreceram o uso de *tu*. A autora ressalta que Brasília vem

¹⁸ Foram encontrados 1080 dados, porém, a autora eliminou 124 dos pronomes nulos e 56 que estavam em posição de objeto, restando 900.

desenvolvendo suas características da oralidade e o pronome *tu* faz parte desse processo. Em suas conclusões, Andrade (2010) apresenta a seguinte abordagem a respeito do *tu* na fala brasiliense.

Brasília passa por processo de focalização, embora ainda passe por período dialetal, pois continua recebendo imigrantes e se expandindo vertiginosamente. Ainda não temos registro de que a grande Brasília tenha características culinárias típicas, por exemplo, mas acreditamos que a variedade brasiliense já tem focalizado algumas características linguísticas, tanto lexicalmente quanto gramaticalmente, e o uso do *tu*, como um pronome marcado, figura como característica gramatical própria (ANDRADE, 2010, p. 10).

Segundo Andrade (2015), esse processo de focalização¹⁹ deve-se ao fato dos constantes fluxos migratórios na região. No entanto, a autora ressalta que já é possível considerar a existência de um falar próprio em Brasília que se caracteriza pelo uso crescente do pronome *tu* sem a concordância verbal correspondente. Em relação ao espraiamento da forma *tu* na comunidade brasiliense, a pesquisadora relaciona a sua origem ou surgimento dessa variante inovadora por meio dos migrantes nordestinos. Andrade (2015, p. 132) também ressalta que o *tu* parece espraiar de maneira gravitacional entre os falantes de Brasília, que, por magnetismo ou atração, torna-se também uma variante presente nas falas daqueles que não se relacionam diretamente com migrantes nordestinos.

No que concerne ao contexto geral das pesquisas relatadas, a região Centro-Oeste não apresenta uma diversidade nos subsistemas. Observa-se a predominância do pronome *tu* sobre o *você* nos estudos de Lucca (2005) e Andrade (2010) e um menor emprego de *tu* em Dias (2007). Quanto aos resultados parciais indicados nos trabalhos citados, foi demonstrado que os homens dessa região fazem mais uso da forma *tu* do que as mulheres e esse pronome é, preferencialmente, usado entre os mais jovens.

1.2.3.2 Estudos da Região Nordeste

Scherre *et al.* (2015, p. 145) destacam que a região Nordeste brasileira é composta por variados subsistemas. Em Salvador (BA), por exemplo, tem-se o subsistema *só você*, bem como também em Vitória da Conquista (BA). Essa última localidade foi estudada por Rocha, Santos e Sousa (2016). Os autores analisam as formas *você* e *cê* no referido município baiano. Foram encontradas 405 ocorrências das referidas variantes, sendo 58% delas de *você* e 42% de *cê*. O estudo comprovou a coocorrência das duas variantes. Os pesquisadores concluíram que os

¹⁹ Processo de formação de uma identidade linguística própria (ANDRADE, 2015, p. 16).

pronomes se encontram em uma variação estável, sendo o *cê* o preferido nas falas das mulheres e também pelos falantes mais escolarizados.

Dando continuidade aos dados da Bahia, é possível encontrar também, segundo Scherre *et al.* (2015), o subsistema *você/tu sem concordância* em Feira de Santana (BA)²⁰ e algumas comunidades rurais, tais como Santo Antônio de Jesus e Poções, Sapé, Cinzento, Helvécia, Rio de Contas. As localidades Santo Antônio de Jesus e Poções foram estudadas por Oliveira (2007). A autora considerou um *corpus* constituído por 48 entrevistas sociolinguísticas, sendo 12 para cada comunidade rural. Foram encontradas um total de 1.128 ocorrências dos pronomes analisados e verificou-se que o uso do *você* equivale a 88% das realizações e o *tu* corresponde a 12%. No que se refere aos resultados gerais, identificou-se que o *você* é favorecido nos seguintes contextos: traço semântico da indeterminação e no paralelismo formal. A autora também concluiu que as faixas etárias de 20 a 40 anos e 40 a 60 anos tendem a utilizar mais o *você*. No que concerne à variável sexo, demonstrou-se os homens como favorecedores ao uso de *você*.

Já as comunidades Sapé, Cinzento, Helvécia e Rio de Contas foram investigadas por Oliveira (2005). Em síntese, foram analisadas 710 ocorrências, sendo o pronome *você* correspondente a 88% das realizações e a forma *tu* com 12%.

Conforme Scherre *et al.* (2015), o estado do Maranhão apresenta o subsistema *tu/você com concordância baixa (menos de 10%)* nas cidades de Pinheiros²¹, norte do estado, e Imperatriz, a sudoeste. Esse município foi alvo da pesquisa de Herênio (2006)²². Nesse estudo foram analisadas 530 ocorrências das formas pronominais, sendo, em termos percentuais, 27% para *tu* e 73% para *você*. Um dos fatores analisados pela autora foi o paradigma número-pessoal do verbo e a variável dependente. Os resultados indicaram que o pronome *você* é empregado em 100% de frequência com o verbo na 3ª pessoa do singular. Já o *tu* apresenta as frequências de 7,7% para o verbo em 2ª pessoa e 92,3% para o verbo na 3ª pessoa do singular.

Ainda, especificando a representatividade pronominal no Maranhão, Scherre *et al.* (2015, p.145) também destacam, nesse estado, os subsistemas *tu/você com concordância média (entre 10% a 39%)*, na sua Capital, São Luís e o *você/tu sem concordância* em Bacabal e

²⁰ Essa localidade também já foi alvo de outros estudos relacionados ao uso das formas *tu* e *você*, tais como Santana (2008), Assunção e Almeida (2008) e Nogueira (2013). Essa última realizou seu estudo em duas cidades – Feira de Santana e Salvador.

²¹ Esta localidade faz parte do estudo de Alves (2010), que é também citado neste tópico. Por ora, considera-se os resultados referentes à concordância canônica da forma *tu*, que é de 3,2%, o que categoriza esse município como um dos representantes do subsistema *tu/você com concordância baixa (menos de 10%)*.

²² Além da cidade de Imperatriz, Herênio (2006) também investigou, nesse estudo, o município de Uberlândia (MG). Os dados representativos dessa localidade são exibidos no tópico Região Sudeste.

Tuntum (parte central) e em Balsas e Parnaíba, Sul do estado. Para ambos os subsistemas, pode-se relatar, sucintamente, a pesquisa de Alves (2010)²³, que investigou o uso de *tu* e *você* nas localidades citadas. A amostra foi constituída a partir do banco de dados do Atlas Linguístico do Maranhão — Projeto ALiMA, sendo um total de 28 entrevistas realizadas com informantes de ambos os sexos. Encontraram-se 328 ocorrências, sendo 126 (38,4%) de *tu* e 202 (61,6%) de *você*. Quanto ao fator concordância, em relação ao pronome *tu*, têm-se os seguintes resultados: São Luís com 28,9%, Bacabal, Tuntum, Balsas, Alto Parnaíba não apresentaram concordância.

No que se refere ainda às pesquisas realizadas no estado de Maranhão, aborda-se também o estudo de Alves (2015), realizado em São Luís. A autora analisou a variação dos pronomes de segunda pessoa em uma perspectiva entre e intrafalante por meio de um *corpus* composto por um grupo de pessoas, tendo como centro dois colaboradores alvos (1 homem e 1 mulher). Em outras palavras, a pesquisadora analisou dados da fala desses dois participantes em interações com alguns interlocutores, fugindo, dessa forma, da situação de fala formal e observando os contextos naturais de socialização, sejam com a família ou com seus pares. No contexto geral, foram registradas 1.110 ocorrências do fenômeno em estudo, sendo 871/78,5% do pronome *tu*, 157/14,1% da forma *você*, 22/02% da variante *cê* e 60/5,4% do tratamento *senhor (a)*. Perpassando por alguns resultados, identificou-se que o *tu* sem concordância é o mais utilizado entre os falantes ludovicenses, indicando, segundo Alves (2015), ser uma forma que traduz a identidade linguística do local estudado, que se configura como um fenômeno de uso comum entre os falantes, mesmo que sem sua marca verbal correspondente. Com relação ao pronome *tu com concordância* e o pronome *você*, são mais favorecidas em contextos formais de interação, regidas por relações assimétricas. Dessa maneira, pôde-se constatar que os homens fazem mais uso da forma *você* nas situações de conversas que indicam mais formalidade e, por outro lado, nesse mesmo ambiente interacional, as mulheres tendem a conservar o *tu com concordância*. Com relação à variante *cê*, notou-se apenas na fala de um participante, por esse motivo, conforme sinaliza a autora, parece ser uma variação intrafalante. No que se refere ao tratamento *senhor (a)*, as suas ocorrências foram registradas categoricamente para denotar respeito, marcadas nas relações de assimetria.

Ainda explorando os estudos realizados na região Nordeste, têm-se, nos estados de Piauí, Ceará, Paraíba e Pernambuco, a representação do subsistema *tu/você com concordância média (entre 10% a 39%)* (SCHERRE et al., 2015, p. 145). O estudo de Guimarães (2014),

²³ Trata-se de um estudo de uma abordagem geo-sociolinguística, que teve como objetivo fazer uma fotografia sociolinguística do português falado de Maranhão.

realizado em Fortaleza (CE), indicou a possível existência do subsistema *tu/você com concordância baixa (menos de 10%)* no estado do Ceará. Um dos objetivos²⁴ da autora foi investigar os pronomes *tu, você, cê* e *senhor* no falar fortalezense. Para tal, foram selecionados 53 informantes do banco de dados NORPOFOR (Norma Oral do Português Popular de Fortaleza). Em termos gerais, a pesquisadora contabilizou um total de 1.679 ocorrências, distribuídas da seguinte forma: *tu* com 792 ocorrências (47,2%), *você* com 780 realizações (46,5%), *o(a) senhor(a)*, que totalizou 73 (4,3%), *cê* com 33 (2%) e *ocê* possui somente 1 ocorrência (0,1%). Esses resultados indicaram que a variante *cê* ainda é muito escassa e a *ocê* praticamente não ocorre.

Os resultados representativos desse estudo em Fortaleza (CE) foram os seguintes: a) em *tu x você*, a entonação (interrogativa) para o *tu* (76%,70), com indícios de uma mudança em curso; b) em *tu x você +cê*, tipo de fala, observações irônicas e brincadeiras (90,6%, 0,91), c) em *cê x você*, a escolaridade (a mais baixa) para o *cê*. A autora ressalta que a concordância canônica na fala dos fortalezenses é praticamente inexistente, dos 792 dados de *tu*, apenas 3 (0,37%) são de concordância verbal expressa.

No estado do Rio Grande do Norte, o estudo de Silva (2015) comprovou a existência do subsistema *você/tu* sem concordância. A autora analisou 12 conversações gravadas na década de 1990 e pertencentes ao Banco Conversacional de Natal. Na amostra foram encontradas 378 ocorrências, sendo 316 (84%) de *você* e 62 (16%) de *tu*. Dos dados de *tu*, segundo Silva (2015, p. 96), houve apenas 1 caso natural de concordância canônica. Outros resultados apontaram que a forma *tu* é favorecida nas relações simétricas íntima e informal e nos discursos não relatados. Já o *você* é favorecido nas relações simétricas pouco íntimas e mais formal e nos discursos relatados. A autora ressalta que essas conclusões, mais precisamente, sobre o uso de *você* na localidade pesquisada, podem estar relacionadas ao desenvolvimento histórico de tal pronome, que se apresentava em traços de mais formalidade. Diante disso, é possível dizer que a cidade Natal (RN), no período de 1990, é marcada pela preferência de *você* nas relações sociais mais formais.

Em síntese, os estudos referentes à região Nordeste apresentam um uso diversificado dos pronomes *tu* e *você* e um mosaico de subsistemas. Observa-se os índices mais altos de *você* nos trabalhos citados, porém, nota-se que o *tu* também é bem produtivo na fala nordestina.

²⁴ A autora também investigou as formas nominais *macho, mulher, minha filha, cara e meu amigo* no falar popular de Fortaleza (CE). Os dados referentes a essas variantes não serão relatados neste trabalho.

1.2.3.3. Estudos da Região Norte

Scherre *et al.* (2015, p.144) destacam que a região Norte brasileira também possui um uso diversificado das formas pronominais. Em Tocantins, por exemplo, os autores, fazendo uma paráfrase dos dados apresentados pelo professor Cícero Silva²⁵, constataram que há pelo menos dois subsistemas, a saber: *só você* (mais ao Sul, na fronteira com Goiás) e o subsistema *tu/você* com concordância baixa (menos 10%) — ao norte. Em Colinas de Tocantins, segundo o professor, o uso das variantes *você*, *ocê* e *cê* é mais frequente, o *tu* é também utilizado, mas é menos recorrente e não deve passar de 10% a 20% (sem concordância). O professor ainda destaca que em Bico do Papagaio, área de influência de maranhense e piauiense, o uso de *tu* supera o de *você*.

Tocantins foi alvo do estudo de Haupt, Marra e Martins (2020), mais precisamente, na comunidade linguística de Porto Nacional (TO). Os autores, à luz dos pressupostos teóricos-metodológicos da Sociolinguística Variacionista, verificaram o uso alternado dos pronomes *você*, *cê* e *tu* em tal localidade por meio de amostra constituída por 36 falantes e estratificada conforme o sexo (masculino e feminino); as faixas etárias (18 a 30 anos, 35 a 55 anos e 55 anos ou mais) e o nível de escolaridade (fundamental completo ou incompleto, ensino médio e superior). Em linhas gerais, foram encontradas 306 ocorrências das variantes estudadas e os resultados apontaram que a forma mais usual na comunidade de Porto Nacional (TO) é a variante *cê*, com 58,8%, ao passo que os pronomes *você* e *tu*, obtiveram 38,6% e 2,6% de frequência, respectivamente. Os pesquisadores ressaltam que a presença mais frequente da variante *cê* entre os falantes de tal localidade deve-se ao fato de *você* ser mais usual do que o *tu* (formas concorrentes). Dessa maneira, *cê*, sendo uma variante oriunda de *você*, é a preferida entre os participantes desse estudo.

Dando continuidade aos estudos da região Norte, no estado do Pará pode-se destacar a pesquisa de Costa (2016). A autora verificou a alternância *tu*, *você* e *senhor* na função de sujeito na localidade de Cametá, seguindo a abordagem do aporte teórico da Teoria da Variação e Mudança Linguística (Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968])). Para esse trabalho em questão, a autora considerou a fala de oito informantes das faixas etárias entre 21 a 29 anos e de 34 a 44 anos, do sexo/ gênero (masculino e feminino) e todos com nível superior. No que concerne aos resultados, Costa (2016) encontrou 223 ocorrências dos pronomes, sendo 110 (49,5%) de *você*, 105 (47,1%) de *tu* e 08 (3,2%) de *senhor*. Esses dados demonstram um

²⁵ Natural de Colina do Tocantins, presta serviços à Secretaria Estadual de Tocantins (Seduc/TO). Os dados apresentados pelos autores foram obtidos por meio de trocas de mensagens em dezembro de 2012.

equilíbrio entre as variantes *tu* e *você*. Em relação aos fatores analisados, observou-se que o *tu* é favorecido pela referência direta e específica ao interlocutor, pelo tipo frase exclamativa e é usado, preferencialmente, pelas mulheres, principalmente em interações sociais simétricas. Já a forma *você* é mais usual nas referências específicas e entre falantes de hierarquias sociais diferentes (status superior para inferior), o que leva a pesquisadora inferir que o *você* é marcado pelo distanciamento social e tratamento não íntimo entre os falantes na comunidade analisada.

A cidade de Tefé, interior do Amazonas, é caracterizada pelo subsistema *mais tu com concordância baixa (menos 10%)*. Pode-se citar, para esse município, a pesquisa realizada por Martins (2010), que investigou a alternância *tu/você/senhor*, considerando os pressupostos da Teoria da Variação e Mudança Linguística proposta por Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]). O corpus é constituído por 30 sujeitos (15 homens e 15 mulheres) e foi estratificado em três faixas etárias (7 a 10 anos, 20 a 35 anos e mais de 50 anos) e em dois níveis de escolaridade (fundamental e superior). Foram analisadas 865 ocorrências das formas pronominais, sendo para *tu* (520/865, 60,1%), para *você* (286/865, 33%) e para *senhor* (60/865, 6,9%).

Os resultados apontaram que o *tu* é mais utilizado pelos falantes tefeenses e que apenas 3,7% das ocorrências do pronome *tu* são utilizadas com a concordância canônica. Nessa comunidade, a variante *tu* é fortemente favorecida em função do grau de intimidade com o interlocutor. À medida que o grau de intimidade aumenta, os falantes se sentem mais à vontade para utilizar a referida forma. Além desse resultado, outros fatores também favoreceram a escolha pronominal *tu* pelos falantes de Tefé, a saber: as gravações consentidas; a faixa etária dos mais jovens (7 – 10 anos).

Em linhas gerais, conclui-se que, nesse estudo em questão, o *tu* é o pronome de tratamento menos marcado, sendo utilizado com maior frequência em relações que denotam maior intimidade. Seu uso se dá de forma equilibrada entre homens e mulheres, no entanto, essas superam os homens quando envolvidas em situações comunicativas de um grau elevado de intimidade. Os falantes utilizam o *tu* independentemente do tipo de relação, se simétrica ou assimétrica e esse pronome é fortemente favorecido nos contextos de referência específica.

Ainda sobre os subsistemas pronominais na região Norte, Scherre *et al.* (2015, p. 145) destacam o subsistema *você/tu sem concordância* que se apresenta nos estados de Roraima e do Acre. Na capital acreana, Rio Branco, encontra-se o estudo realizado por Silva (2019). Na pesquisa em questão, a autora analisou a alternância *tu* e *você* e por meio de um *corpus* constituído de entrevistas coletadas entre os anos de 1998 a 2011 e pertencente ao Projeto Estudo da Fala Urbana de Rio Branco Acre. Foram analisadas um total de 96 entrevistas.

Encontraram-se, em termos gerais, 221 ocorrências, das quais 156 (70,6%) são do pronome *você* e 65 (29,4%) são da forma *tu*. Diante desses dados e das análises realizadas através do software GoldVarb X, a pesquisadora encontrou os seguintes resultados, a saber: a variante *você* é a mais usada entre os falantes rio-branquenses com maior frequência que o *tu*, até mesmo quando se considera os tipos de referências determinada ou indeterminada, e a forma *tu* é sempre expressa sem a concordância verbal correspondente.

Já em Manaus (AM), tem-se o subsistema *tu/você com concordância baixa (entre 10% e 39%)*. Nessa região, especificamente, encontra-se o estudo de Babilônia e Martins (2011), que investigaram os pronomes *tu* e *você* na fala manauara. O *corpus* dessa pesquisa é constituído por 40 participantes do Projeto Fala Manauara Culta (FAMAC), sendo 24 mulheres e 16 homens das seguintes faixas etárias: 20-35 anos, 36- 55 anos e 56 anos em diante. Em termos gerais, foram registradas 492 ocorrências, em termos percentuais, têm-se 35% para *tu* e 65% para *você*. Em síntese, os resultados apontaram que as mulheres fazem mais o uso de *tu*, com percentual de 60%, enquanto os homens apresentam um índice de 40%. Quanto à concordância canônica, observaram-se as seguintes conclusões: na faixa etária 56 anos em diante a concordância ocorreu em 89% dos dados, ao passo que as faixas etárias de 36-55 anos e 20-35 anos correspondem apenas 31% e 1,6%, respectivamente. Os autores indicam, diante dos resultados apresentados, uma possível mudança linguística em andamento.

É interessante observar que o Norte do Brasil possui um uso diversificado entre os pronomes de segunda pessoa. Dessa maneira, não se pode afirmar que nesse território brasileiro os falantes empregam mais o *tu* ou o *você*. De acordo com as pesquisas relatadas, existem localidades em que a frequência do *tu* é maior que a de *você*, como Tefé e Bico de Papagaio. Já em outros locais a forma *você* é mais recorrente que o *tu*, como é o caso de Manaus, Cameté e Porto Nacional.

1.2.3.4. Estudos da Região Sudeste

A região Sudeste, segundo Scherre *et al.* (2015), tem a presença predominante do subsistema *só você*, mas também exhibe a presença do subsistema *você/tu sem concordância* nos estados do Rio de Janeiro, São Paulo e em Minas Gerais. Em relação ao subsistema *só você* (com uso exclusivo de *você*, *ocê* e *cê*), os autores ressaltam as três capitais, a saber: Belo Horizonte (MG), São Paulo (SP) e Vitória (ES), que exibem diferenças quanto ao uso das referidas formas pronominais. Em Belo Horizonte, a variante mais frequente é *cê*; em São Paulo, há um equilíbrio entre *você* e *cê* e em Vitória, o pronome mais privilegiado é *você*. Para

mais detalhamento dos dados, expõem-se alguns estudos que ilustram a representação desse subsistema na região Sudeste.

No que se refere ao Estado de Minas Gerais, as pesquisas de Coelho (1999), Peres (2006) e Gonçalves (2008), realizadas sob os moldes da Sociolinguística Variacionista, identificaram os usos alternados das formas *você*, *ocê* e *cê* em três cidades mineiras, sendo elas Arcos, Belo Horizonte, São Francisco. Por meio desses estudos, é possível perceber o uso preferencial da variante *cê* pelos falantes dos municípios pesquisados, conforme indica a tabela 3.

Tabela 3: Distribuição dos pronomes *você*, *ocê* e *cê* em Minas Gerais.

AUTOR / CIDADE	PRONOMES		
	<i>Você</i>	<i>ocê</i>	<i>Cê</i>
Coelho (1999) / São Francisco	20%	23%	56%
Peres (2006) (<i>corpus</i> 1982) / Belo Horizonte	15,9%	6,6%	77,5%
Peres (2006) (<i>corpus</i> 2002) / Belo Horizonte	23,5%	3,9%	72,6%
Gonçalves (2008) / Arcos	22%	24%	54%

Fonte: Elaboração própria, baseando-se em Coelho (1999), Peres (2006) e Gonçalves (2008).

Diante do exposto na tabela 3, é possível perceber a semelhança nos usos das formas pronominais *você*, *ocê* e *cê* em Minas Gerais. Observa-se uma alta frequência do pronome *cê* em todos locais pesquisados. Os dados de Gonçalves (2008) e Coelho (1999) têm grandes aproximações nos usos de todos os três pronomes analisados. Vale ressaltar que ambos os estudos estratificam suas amostras em função da procedência geográfica. Nesse aspecto, os resultados dos autores assemelham-se. O trabalho de Coelho (1999, p.56), por exemplo, mostrou que o *você* é tipicamente empregado pelos falantes da zona urbana, a variante *ocê*, por sua vez, ocorre mais na zona rural, já a forma *cê* possui os maiores índices nas duas áreas geográficas. E, em Arcos, Gonçalves (2008) constatou que, na zona urbana dessa localidade, o pronome *você* é preferencialmente usado, ao passo que na zona rural têm-se índices mais altos das variantes *ocê* e *cê*.

O estudo de Peres (2006), considerando as duas amostras (1982 e 2002), demonstra que houve pequeno aumento do uso de *você* durante os vinte anos em estudo, sendo em 1982 (15,9%) e em 2002 (23,5%). A variante *ocê*, por sua vez, demonstrou-se bastante escassa. Na amostra de 2002, por exemplo, o percentual não chega a 3,9%. Confrontando os dois *corpora*, a autora encontrou os seguintes resultados: a pronome *cê* continua sendo a preferida entre os

falantes; no emprego de *cê* na função objeto preposição, os percentuais dobraram, indicando uma possível mudança e o uso de *cê* tem como fator condicionador a idade, quanto mais novo, maior a frequência do uso dessa forma, indicando uma possível mudança em progresso.

As análises das três pesquisas, considerando a função sintática, indicam que a função sujeito é a que mais favorece o uso das três variantes (*você*, *ocê* e *cê*). Resumidamente, passando-se por outros dados encontrados nessas pesquisas, pode-se constatar algumas semelhanças, tais como a variante *cê* é mais usada como interpretação indefinida; *ocê* é favorecido para expressar referência definida e as orações afirmativas favorecem o uso de *você*, *ocê* e *cê*.

Além do exposto, relata-se, em síntese, a pesquisa de Herênio (2006), que investigou os pronomes *tu* e *você*, em Uberlândia (MG) e Imperatriz (MA). Nos resultados representativos apenas da cidade mineira, a autora encontrou 529 ocorrências, sendo 100% do uso de *você*, evidenciando que não há uso de *tu*²⁶ nessa localidade.

Dando continuidade à representação do uso do subsistema *só você* na região Sudeste, apresenta-se agora o estudo de Nascimento (2011) que foi realizado na capital paulista. A autora analisou apenas as formas *você(s)* e *cê(s)*, baseando-se em dois corpora, NURC-SP-70 e GESOL-SP-2000²⁷, sendo 18 e 36 entrevistas de cada *corpus*, respectivamente. Considerando os dados gerais dos *corpora*, registraram-se 4.639 ocorrências dos pronomes, com o percentual de 54,3% para *você* e 43% para *cê*.

As rodadas foram analisadas por meio do programa computacional GoldVarb X. A autora comparou as amostras do GESOL e as amostras do NURC, identificando os fatores que favorecem o uso de uma ou de outra variante. Dessa maneira, os resultados indicaram que no GESOL a variante *cê* é favorecida pela escolaridade de nível médio e fundamental, com 53,3% e 0,59 de peso relativo; pelas mulheres mais jovens e mais velhas, sendo 57% e 0,58 de peso relativo e 60,4%, 0,61 de peso relativo, respectivamente, e também os homens mais jovens com 56%, 0,54 de peso relativo. Já na projeção do NURC, destaca-se a faixa etária 20-32 anos, que favorece o uso do *cê*, sendo 47,6% e 0,64 de peso relativo.

No estudo de Calmon (2010), realizado em Vitória (ES), foram investigadas as formas *você* e *cê*, considerando duas amostras - PORTVIX (Português falado na cidade de Vitória) e Fala Casual. Em termos gerais, registraram-se 2363 ocorrências dos entrevistados e 2613 dados

²⁶ A autora destaca que embora não haja ocorrência da forma *tu*, a referida cidade possui resquícios da segunda pessoa caracterizados pelas formas paradigmáticas *te*, *ti*, *teu*.

²⁷ Na estratificação dos corpora, consideraram-se os fatores sexo/gênero (masculino e feminino) e faixa etária (20-32 anos, 35-45 anos e 50 anos em diante). No caso do GESOL, considerou-se a escolaridade – superior, médio e fundamental- já no corpus do NURC todos indivíduos possuem superior completo.

dos entrevistadores. Separando-se os *corpora*, no que se refere aos resultados da amostra PORTIVIX, indicam que o pronome *você* é o mais utilizado, com 74% de uso entre os entrevistados e 76% entre os entrevistadores, ao passo que *cê* possui percentuais mais equilibrados entre os entrevistados e entrevistadores, sendo 25,8% e 24%, respectivamente. Em relação aos fatores aliados ao emprego de *você*, ainda considerando o *corpus* PORTVIX, têm-se os seguintes fatores favorecedores à tal forma pronominal: a faixa etária dos mais velhos (95,1%, 0,823); o gênero/sexo feminino com 511/643 dos dados (79,5%) e os menos escolarizados com (78%).

Quanto ao *corpus* da Fala Casual, os resultados representativos indicam que na primeira gravação o uso de *cê* é maior que o de *você*, sendo 68,8% e 31,4%, respectivamente, e na segunda gravação o emprego de *você* é maior (63%), ao passo que *cê* é o menos utilizado com 36,8%.

A partir de agora, passa-se para a representação do subsistema *você/tu sem concordância* na região Sudeste. Faz-se um detalhamento geral de todos os estados participantes desse subsistema, mencionando uma síntese dos dados de algumas pesquisas realizadas.

Em Minas Gerais, têm-se três estudos que analisaram a alternância *tu e você*, a saber: Mota (2008), Silva (2017) e Reis (2019). O primeiro trata-se de uma pesquisa realizada no Norte do estado, mais especificamente, no município de São João da Ponte. O *corpus* analisado por Mota (2008) é constituído por 24 entrevistas com falantes do Ensino Fundamental e foi estratificado em funções do sexo (feminino e masculino) e quatro faixas etárias (7-14; 15-25; 26-49 e 50 anos ou mais).

No que se refere aos dados gerais, foram registradas 509 ocorrências dos pronomes, sendo 49 (10%) ocorrências de *tu* e 460 (89%) de *você*. Assim como algumas pesquisas supracitadas, a função sujeito favorece o uso das variantes *você*, *ocê* e *cê*, das 460 ocorrências computadas dessas formas, 392 foram como pronome sujeito, dando um total de 82,2%. Por outro lado, o *tu* é favorecido pela função pronome objeto, com um total de 27/49 (55%) e, em segundo momento, pela função sujeito, somando-se 19/49 (38%). Mota (2008) caracterizou o pronome *tu* em São João da Ponte como favorecedor da variável grau de intimidade e como um fenômeno da zona rural, sendo marcado pela faixa etária de 15 a 25 anos.

O estudo de Silva (2017) foi realizado em Ressaquinha, cidade localizada na mesorregião mineira Campo das Vertentes. A autora analisou a variação *tu/você*, considerando uma amostra constituída de 24 entrevistas sociolinguísticas, estratificadas conforme as variáveis sexo (feminino e masculino); faixa etária (20 a 30 anos, 31 a 50 anos e 50 anos ou

mais) e procedência geográfica (zona urbana e zona rural). Encontraram-se 579 ocorrências dos pronomes. Os resultados gerais indicam a predominância de *você*²⁸ sobre o *tu* em Ressaquinha (MG), sendo 356/579 (61,5%) de *você* e 223/579 (38,5%) de *tu*. Ao utilizar o *software* GoldVarb X, a autora constatou 4 fatores que favorecem o uso de *tu*, na seguinte ordem de relevância: tipo de referência específica (45,4% e 0,60 de peso relativo); contexto sintático sujeito (40,8% e 0,54 de peso relativo); tipo de discurso direto (40,1% e 0,54 de peso relativo); faixa etária 19 a 35 anos (34,1 e 0,45 de peso relativo). Outras variáveis, tais como contexto frasal, sexo e área geográfica não foram selecionadas pelo programa computacional, mas demonstrou que o pronome *tu* utilizado pelos ressaquinenses é mais recorrente nas frases interrogativas e na zona urbana. Em suma, a pesquisadora constatou que o uso da variante *tu*, na cidade de Ressaquinha, é geral entre seus residentes e bem aceita por toda comunidade, indicando ser um fenômeno que não depende do sexo do falante.

Com relação aos estudos que focalizam a alternância dos pronomes *tu* e *você* no estado de Minas Gerais, encontra-se também registrada a pesquisa de Reis (2019). A autora investigou as já referidas formas pronominais no português falado e escrito na cidade de Lontra, situada ao Norte do estado. Esse estudo teve como suporte teórico a Sociolinguística Laboviana, a Dialetoлогия, a Geografia Linguística, a Sociolinguística Educacional e os postulados sobre as Crenças e Atitudes Linguísticas. O *corpus* foi constituído de dados de 48 alunos com idade entre 13 e 14 anos do 8º ano da Escola Estadual Guimarães Rosa, do município de Lontra. Reis (2019) considerou duas amostras em seu estudo, sendo elas: a amostra da escrita, que foi coletada por meio de duas atividades aplicadas — narrativa da tragédia acontecida em Janaúba na creche Gente Inocente e também a escrita de um bilhete direcionado para um amigo — e a amostra da oralidade que é composta por áudios do aplicativo *WhatsApp*. Para essa última amostra, os alunos foram orientados a gravar áudios para uma pessoa mais próxima (amigo, mãe, madrinha, irmão) e um também para a professora de Português.

Passando-se para os resultados obtidos por Reis (2019) nas duas amostras anteriormente descritas, tem-se, em primeiro momento, para os dados da escrita da atividade da narrativa, um total de 107 ocorrências, sendo 24/22,4% do pronome *tu*, 74/69,1% do tratamento *você* e 03/2,8 e 06/5,6% das formas variante *ucê*²⁹ e *cê*, respectivamente. No que se refere ao gênero bilhete, foram encontradas 35 ocorrências dos pronomes de segunda pessoa, as quais 18/53% são do pronome *você*, 12/35,3% da forma *tu* e em termos respectivos, as variantes *cê*, *ocê* e *ucê* com

²⁸ É importante ressaltar as ocorrências das variantes *ocê* e *cê* foram acopladas aos dados de *você*.

²⁹ Variante registrada por Reis (2019) na escrita dos alunos participantes da pesquisa.

02/5,9%, 01/2,9% e 01/2,9%. Com relação aos dados da oralidade, a autora constatou 59 ocorrências, 34/57,6% correspondem ao pronome *você*, 16/27,1% representam a variante *cê* e 08/13,5% são da forma *tu*.

Além desses resultados, Reis (2019) observou também se alguns fatores estruturais, tais como, função sintática da forma, ambiente fonológico precedente, morfologia da forma verbal, paradigma flexional verbal, contexto de interpretação da forma e tipo de frase em que a forma ocorre, influenciam na variação. Dessa maneira, a autora comprovou que, com exceção do fator ambiente fonológico precedente que não demonstrou influência significativa na oralidade, os demais favorecem o uso das variantes estudadas em Lontra.

Além disso, Reis (2019) analisou fatores não estruturais, tais como, as variáveis sexo, grau de intimidade, classe social e procedência geográfica. Os resultados indicaram a influência dos três primeiros fatores na variação pronominal em Lontra. Em síntese, no que diz respeito à variável sexo, a autora observou que a turma 8º ano 4 (composta, em sua maioria, por mulheres) fez mais uso da norma-padrão e apresentou uma “linearidade/regularidade” quanto ao uso do pronome *você*, de forma a monitorar bem suas situações comunicativas, dependendo do interlocutor e do contexto de interlocução. Já a turma do 8º ano 5 (composta, em sua maioria, por homens), tende a usar a variedade não padrão e apresentou uma certa insegurança linguística, sobretudo quando se trata no uso das formas pronominais, mais especificamente, com o *tu* sobrepondo o *você*. Quanto ao fator grau de intimidade, a autora observou que o tratamento alterava conforme o grau de intimidade e de distanciamento do interlocutor, ou, até mesmo, de respeito ao ouvinte/interlocutor, envolvendo uma relação de poder. Já no que se refere ao fator classe social, a autora constatou que a turma com condição socioeconomicamente privilegiada foi a que mais utilizou a variante padrão, ao passo que a classe social não privilegiada fez mais uso da variante *tu* sem a concordância verbal padrão do PB, além de usar as variantes de *você* (*ocê*, *ucê*, *cê*). Por fim, a variável procedência geográfica não apresentou influência no uso dos pronomes analisados. Ademais, destaca-se a pesquisa de Reis (2019) como parte das comparações dos resultados desta presente pesquisa, sobretudo por ser um estudo mineiro que apresenta dados representativos do pronome *tu* falado em Minas Gerais.

Dando continuidade à representação ao subsistema *tu/você sem concordância* na região Sudeste, em Santos (SP), Modesto (2006) estudou a alternância *tu/você*, com apoio da metodologia da Sociolinguística Variacionista. O corpus é constituído de 20 gravações divididas em secretas e não secretas. A amostra foi estratificada, levando-se em consideração o fator gênero (homem/mulher), duas faixas etárias (15 a 20 anos e 21 anos ou mais) e a escolaridade (ensino médio ou superior). Foram encontradas 708 ocorrências das formas

pronominais, sendo 476 para *você* e 232 para *cê*. O autor ressalta que, apesar do pronome *tu* estar presente na fala santista, o *você* é preferido entre os falantes, sendo, em termos percentuais, *você* com 67% e *tu* com 32%.

As análises realizadas pelo autor destacam que os falantes com pouco grau de estudo usam mais a forma *tu* (40%, 0,6 de peso relativo) que os mais escolarizados (29%, 0,4 de peso relativo). Os dados rodados, contrapondo gênero e escolaridade, mostram que as mulheres menos escolarizadas preferem o uso do *tu* (30/43, 70%) e as que têm mais graus de estudo tendem a evitar o uso desse pronome, com 39/158, 25%. Em relação ao fator faixa etária, os resultados obtidos indicaram que a alternância entre as formas pronominais pode estar neutralizada (variável estável), sendo da primeira faixa etária 38% e 0.5 de peso relativo e da segunda 30%, 0.5 de peso relativo.

No estado do Rio de Janeiro, encontram-se pesquisas de Lopes *et al.* (2009) e Santos (2012). No primeiro estudo, os autores investigaram os pronomes *tu* e *você* com falantes das seguintes profissões: ambulantes, vendedores e gerentes. A amostra foi obtida por meio de entrevistas realizadas no centro da cidade, que consistem de perguntas do tipo: como faço para chegar em tal rua? Os autores contabilizaram 129 ocorrências das formas e suas análises apontaram que o *você* é mais utilizado pelos falantes, sendo 65% e o *tu* com 35%. Em rodadas específicas, os dados indicam que o *você* é favorecido pelo sujeito pleno, com 61%, ao passo que *tu* tem 57%. Em relação ao sujeito nulo, a forma *tu* é mais usada sendo 43%, enquanto *você*, 39%. As variáveis sociais apontam que o *tu* é mais empregado pelos homens (80%) e as mulheres fazem mais uso de *você* (58%). Os resultados ainda evidenciam que as mulheres mais jovens preferem o uso do *tu*, com 46%, seguido das adultas, com 13%. As idosas não fazem uso desse pronome.

Santos (2012) estudou as estratégias de referência à segunda pessoa do discurso na função sujeito de falantes da cidade do Rio de Janeiro (RJ). A autora baseou-se no método de pesquisa de Labov (1972), com o objetivo de colher dados espontâneos das formas pronominais. Foram consideradas as seguintes amostras temáticas para investigação do fenômeno de variação: Amostra Perfil Profissional e Amostra Almirante Barroso (realizadas em 2006); Amostra 'Advogados' (constituída no ano de 2008); Amostra zona Oeste e Amostra zona Norte (realizada em 2009). O *corpus* é composto de 52 informantes e foi estratificado considerando os fatores sexo/gênero (masculino e feminino), faixa etária (aproximadamente 18 a 30 e 31 a 55 e mais de 56 anos) e o grau de escolaridade (ensino fundamental, ensino médio e ensino superior). Em termos gerais, encontraram-se 648 ocorrências, sendo 318 (49%) de *você*, 251 (39%) sujeito nulo e 79 (12%) de *tu*.

Os principais resultados apontaram que o pronome *você* é mais recorrente na zona Norte, com 56%, o *tu* é mais produzido na zona Oeste, com 21% dos dados. O *você* tem maior índice de uso entre as mulheres, com 53,9%, ao passo que os homens obtiveram 44,40%. As pessoas que têm ensino superior empregam mais a forma *você*, com 56,30%, enquanto o *tu* é favorecido pelos que possuem ensino fundamental (12%) e médio (12%).

Tendo em vista os trabalhos citados da região Sudeste, é possível concluir que em tal território brasileiro, as formas *você* e *cê* destacam-se em alguns estudos. A variante *cê*, por exemplo, parece estar cada vez mais presente na fala mineira, já em São Paulo (SP) e, principalmente, em Vitória (ES), há um predomínio de *você*. A variante *ocê* aparece com mais frequência, até mais que o *você*, nos estudos de Coelho (1999) e Gonçalves (2008), realizados em Minas Gerais. Em relação ao pronome *tu*, nota-se que ele também está presente no falar da região Sudeste, mais especificamente em Rio de Janeiro (RJ), Santos (SP), São João da Ponte (MG) e Ressaquinha (MG) e, em alguns casos, como nos estudos de Modesto (2006), Lopes *et al.* (2009) e Silva (2017), a frequência de *tu* apresenta-se acima de 30%. É interessante destacar também que no Sudeste brasileiro o pronome *tu* é aliado da fala masculina, segundo dados apresentados pelas pesquisas realizadas, os índices mais altos de *tu* estão entre os homens.

1.2.3.5. Estudos da Região Sul

Segundo Scherre *et al.* (2015, p.145), a Região Sul do país é um “mosaico linguístico” representado por uma diversidade de subsistemas. Apesar de ser um território onde há bastante incidência do uso de *tu* pelos falantes, a região sulista também é caracterizada pelo subsistema *só você*, no Paraná. Tal constatação pode ser comprovada por meio da pesquisa de Loregian-Penkal e Menon (2012), que analisou os pronomes *você* e *cê* na capital desse estado, Curitiba. As autoras, com bases nos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista, verificam uma amostra de 44 sujeitos do Banco VARSUL³⁰, considerando as variáveis sexo, escolaridade e idade. Além das entrevistas do VARSUL, foram analisadas algumas observações em situações espontâneas, como por exemplo: nos ônibus de Curitiba, reuniões de escola, lanchonetes e outros locais públicos passíveis de gravações. Esse método seguiu orientações de Labov (2008 [1972], p. 32). Os dados (2200 ocorrências) foram submetidos ao programa GoldVarb 2001.

Os resultados encontrados pelas autoras evidenciam que a forma *você* é mais recorrente entre os falantes curitibanos, com um total de 1533 ocorrências, já para variante *cê* foram

³⁰ Projeto Variação Linguística Urbana da Região Sul.

registradas 667 ocorrências. A baixa ocorrência de *cê* em todas as faixas etárias analisadas, especialmente, na fala dos jovens, aponta para uma mudança em progresso. Os mais altos índices dos pronomes *você* e *cê* estão na função sintática sujeito com 68% e 32%, respectivamente. Os dados assinalam que a variante *cê* já está implementada na língua dessa região.

Quanto à alternância *tu/você* na Região Sul, cita-se, neste trabalho, as pesquisas de Loregian-Penkal (2004) e de Rocha (2012). A primeira considerou duas amostras para realização de seu estudo, tais como, VARSUL, dos estados do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, e BRESCANCINI³¹, da localidade de Ribeirão da Ilha. Loregian-Penkal (2004) teve como foco fazer uma reanálise de Loregian (1996), verificando como a configuração da concordância verbal com o pronome *tu* nas localidades de Florianópolis, Porto Alegre e Ribeirão da Ilha, Chapecó, Blumenau, Lages, Flores da Cunha, Panambi e São Borja. Para tal, foram considerados 24 informantes de cada localidade, com exceção de Ribeirão da Ilha, com 11 sujeitos. No contexto geral da amostra, a autora analisou dados de 203 participantes, levando em conta a seguinte estratificação: o sexo (feminino e masculino), a faixa etária (25 a 49 anos; mais de 50) e o grau de escolaridade (primário, ginásio e colegial).

A pesquisadora selecionou apenas os pronomes na função sujeito e os analisou por meio de rodadas binárias realizadas no *software* Varbrul 2S. No que se refere à primeira rodada, Loregian-Penkal (2004) considerou as cidades de Florianópolis, Porto Alegre e Ribeirão da Ilha. Já a segunda, foi realizada com base nos dados da região de Santa Catarina, e a terceira, com os dados do Rio Grande do Sul. Posteriormente, a autora fez rodadas para todas as cidades.

Considerando a primeira rodada, os resultados apontam os seguintes fatores como os mais relevantes para o uso de *tu*: o sexo feminino (96% e 0,74 de peso relativo); a localidade de Ribeirão da Ilha (96% e 0,78) e o pronome explícito (97% e 0,80 de peso relativo). Já na região de Santa Catarina, o fator de maior relevância selecionado pelo programa computacional, em relação ao uso de *tu*, foi a localidade, que constatou São Borja como a cidade que mais utiliza tal forma, com 94% e 0,76 de peso relativo. O segundo fator selecionado foi o gênero do discurso, que aponta as receitas como o contexto mais favorável ao uso de *tu*. No que se refere à região do rio Grande do Sul, conclui-se que o pronome *tu* é favorecido pelo sexo feminino, com 38% e 0,61 de peso relativo e também é mais utilizado pelos falantes de escolaridade primária.

³¹ Dados de Ribeirão da Ilha coletados por Cláudia Brescancini para composição de sua dissertação de mestrado.

Em suma, Loregian-Penkall (2004) sinaliza a que há uma manutenção do *tu* como uma marca de identidade e de valores regionais, mas, sem a concordância verbal correspondente nas cidades do Rio Grande do Sul, em Chapecó e Santa Catarina. Já Florianópolis e Ribeirão da Ilha apresentam flexão verbal. Em relação aos informantes de Lages, esses tendem a utilizar só o pronome *você*.

Dando continuidade aos estudos da região Sul, é importante destacar também a pesquisa de Rocha (2012) realizada em Florianópolis. A autora analisou as formas *tu*, *você*, *o senhor* na função de sujeito e sua correlação com os pronomes que aparecem na função de complementos verbais e de adjuntos (obliquos e possessivos). O *corpus* utilizado pela pesquisadora é composto por 28 entrevistas e 40 testes de percepção e produção. Em termos gerais, foram encontradas 573 ocorrências³² dos pronomes, sendo 440 (76%), 99 (17%) para *você* e 34 (5%) para *o senhor*. No mapeamento dos dados, Rocha (2012) constatou que Ilhéus é a localidade em que os falantes preferem, em geral, o uso de *tu* para se referirem a seus interlocutores. No que tange à análise estatística, os resultados apontam, considerando as amostras das entrevistas, os seguintes fatores que favorecem o uso de *tu*, a saber: paralelismo sujeito e clítico (91% e 0,66 de peso relativo); paralelismo sujeito e possessivo (85% e 0,57 de peso relativo); sexo feminino (95% e 0,72 de peso relativo); faixa etária 15 a 33 anos (96% e 0,88 de peso relativo) e os mais escolarizados³³ (96% e 0,71 de peso relativo).

Em relação aos testes de percepção e produção, a maioria dos resultados corroboram os dados encontrados na amostra das entrevistas, exceto o fator faixa etária, que indicou os mais velhos (49% e 0,58 de peso relativo) como os que mais usam a forma *tu*. Rocha (2012) também ressalta que a relação entre os informantes também é relevante para escolha dos pronomes de segunda pessoa, ou seja, nas relações de superior para inferior a preferência é o uso de *tu*, bem como nas relações entre iguais. Já no que se refere às relações de inferior para superior, o pronome mais utilizado é *o senhor* seguida de *você*, denotando respeito e formalidade.

Seguindo com a representação do uso dos pronomes de segunda pessoa na Região Sul, aborda-se também a pesquisa realizada por Franceschini (2011), que analisou a variação pronominal *nós* e *a gente* e *tu* e *você* na cidade de Concórdia (SC), no entanto, nessa síntese, são relatados apenas dados referentes à alternância *tu* e *você*, que também se enquadram como variantes analisadas neste presente estudo. A referida autora, para averiguar a variação pronominal, considerou uma amostra composta de 24 entrevistas e coletada entre os anos de

³² Do total desses (573), Rocha (2012) considerou os pronomes nulos e preenchidos.

³³ Quanto aos falantes mais escolarizados, Rocha (2012) considerou os indivíduos com Ensino Superior completo ou incompleto.

2007 a 2010. Na seleção dos participantes, Franceschini (2011) considerou as variáveis sexo/gênero (feminino - masculino), duas faixas etárias (26 a 45 anos e 50 anos ou mais) e três níveis de escolaridade (fundamental I, fundamental II e ensino médio). Em termos gerais, registraram-se um total de 926 ocorrências, sendo 512 (55%) da forma *tu* e 414 (45%) do pronome *você*. Para a pesquisadora, tal resultado aponta para a predominância e manutenção do pronome *tu*, em Concórdia. É importante citar que as ocorrências da forma *tu*, expressas entre os concordienses, se apresentam sem a marca de concordância correspondente de 2P, sendo utilizadas com o verbo em terceira pessoa. Passando-se por alguns dados da análise realizada no programa estatístico VARBRUL, no que se refere aos fatores que favorecem o uso de *tu* em Concórdia, destacam-se o referente determinado (79% e 0.72 de peso relativo); os tipos de verbos, epistêmico e estado (70% e 0.58 de peso relativo e 51% e 0.53 de peso relativo, respectivamente); o nível de escolaridade fundamental II (76% e 0.58 de peso relativo); os tipos de ocorrências isoladas (67% e 0.57 de peso relativo); o fator sexo feminino (61% e 0.56 de peso relativo) e a faixa etária (64% e 0.55 de peso relativo). Segundo a autora, o favorecimento de *tu* na fala dos mais velhos se deve ao contato desses com o pronome *tu* em boa parte de suas vidas, visto que é uma variante típica da Região Sul. Por outro lado, a forma inovadora *você* mostrou-se favorecida com seguintes fatores: na indeterminação do referente (52% e 0,57 de peso relativo); nos tipos de verbos *dicendi* e ação (54% e 0.68 de peso relativo e 48% e 0.53 de peso relativo, respectivamente); no nível de escolaridade ensino médio (53% e 0.58 de peso relativo); no sexo masculino (50% e 0,56% de peso relativo), nos tipos de ocorrências formas iguais (53% e 0.55 de peso relativo) e na faixa etária de 26 a 45 anos (50% e 0.53 de peso relativo). Para Franceschini (2011), o emprego mais significativo da forma *você* entre os falantes mais jovens pode estar relacionado à influência dos meios de comunicação, ao contato dos falantes com pessoas de outras regiões e também ao fato de a escola condenar o uso de *tu* sem marca de concordância, o que propicia o maior uso de *você* entre os mais jovens. Em suma, a autora destaca que o inovador *você* ainda não alcançou a uniformidade de uso nas falas de Concórdia, visto que ainda é um local em que predomina o emprego de *tu* entre os falantes.

Em síntese, a região Sul do Brasil, diferentemente do que acontece na região Sudeste, é caracterizada pela predominância do pronome *tu* com graus de concordância variáveis e os maiores índices da forma expressa *tu*. Em algumas comunidades florianopolitanas, por exemplo, Ratoles e Santo Antônio de Lisboa, constatou-se o uso de *tu* quase categórico, sendo 97,1% e 98,8%, respectivamente (ROCHA, 2012). No entanto, em Curitiba (PR), há uma peculiaridade que se registra a partir do estudo de Loregian-Penkal e Menon (2012). As

referidas autoras encontraram o uso categórico de *você* pelos curitibanos, evidenciando que o subsistema *só você* também está presente na região sulista.

1.2.3.6. Síntese dos estudos sincrônicos

Nesses tópicos de exposição de pesquisas realizadas por meio de amostras da língua falada no Brasil, foi possível observar usos diversificados entre os pronomes de segunda pessoa no PB. Diante disso, para melhor visualização do que foi relatado na subseção anterior, retomase, na Tabela 4, os resultados descritos em todas as regiões brasileiras. Para elaboração do quadro em questão, foram considerados apenas percentuais relacionados aos pronomes *tu* e *você* e às variantes *ocê* e *cê*, uma vez que são o foco de análise da amostra entrevistas sociolinguísticas do presente estudo. Além disso, no preenchimento das lacunas dos pronomes no Tabela 4, levou-se em consideração as formas pronominais que foram estudadas em cada pesquisa, especificamente, isso é, alguns autores analisaram *tu*, *você*, *ocê* e *cê*, outros averiguaram apenas as formas *tu* e *você* e, muitas das vezes, os dados de *ocê* e *cê* foram acoplados com os de *você*, já alguns pesquisadores optaram por analisar as variantes *tu*, *você* e *cê*.

Tabela 4 - Índices dos pronomes *tu*, *você*, *ocê* e *cê* no Brasil.

Região	Autor (ano)	Localidade (Estado)	Pronomes			
			Tu	Você	ocê	Cê
Centro Oeste	Lucca (2005)	Região Administrativa de Brasília (DF)	72%	28%	-	-
	Dias (2007)	Região Administrativa de Brasília (DF)	10,6%	26,5%	2%	51,4 %
	Andrade (2010)	Brasília (DF)	48%	26%	-	26%
	Andrade (2015)	Brasília (DF)	31,2%	44,8%	-	24%
Nordeste	Rocha, Santos e Sousa (2016)	Vitória da Conquista (BA)	-	58%	-	42%
	Oliveira (2005)	Sapé, Cinzento, Helvécia e Rio de Contas (BA)	12%	88%	-	-
	Oliveira (2007)	Santo Antônio de Jesus e Poções (BA)	12%	88%	-	-
	Herênio (2006)	Imperatriz (MA)	27%	73%	-	

	Alves (2010)	Bacabal, Tuntum, Balsas, Parnaíba e Pinheiros (MA)	38,4%	61,6%	-	-
	Alves (2015)	São Luís (MA)	78,5%	14,1%	-	5,4%
	Guimarães (2014)	Fortaleza (CE)	47,2%	46,5%	0,1%	02%
	Silva (2015)	Natal (RN)	16%	84%	-	-
Norte	Haupt, Marra e Martins (2020)	Porto Nacional (TO)	2,6%	38,6%	-	58,8%
	Costa (2016)	Cametá (PA)	47,1%	49,5%	-	-
	Martins (2010)	Tefê (AM)	60,1%	33%	-	-
	Silva (2019)	Rio Branco (AC)	29,4%	70,6%	-	-
	Babilônia e Martins (2011)	Manaus (AM)	35%	65%	-	-
Sudeste	Coelho (1999)	São Francisco (MG)	-	20%	23%	56%
	Peres (2006)	Belo Horizonte (MG)/ <i>corpus</i> 1982	-	15,9%	6,6%	77,5%
		Belo Horizonte (MG)/ <i>corpus</i> 2002	-	23,5%	3,9%	72,6%
	Herênio (2006)	Uberlândia (MG)	-	100%	-	-
	Gonçalves (2008)	Arcos (MG)	-	22%	24%	54%
	Mota (2008)	São João da Ponte (MG)	10%	89%	-	-
	Silva (2017)	Ressaquinha (MG)	38,5%	10%	17,1%	34,4%
	Reis (2019)	Lontra (MG)/ Amostra Narrativa	22,4%	69,1%	-	5,6%
		Lontra (MG)/ Amostra Gênero Bilhete	35,3%	53%	2,9%	5,9%
		Lontra (MG)/ Amostra Áudios do <i>WhatsApp</i>	13,5%	57,6%	-	27,1%
	Nascimento (2011)	São Paulo (SP)	-	54,3%	-	43%
	Modesto (2006)	Santos (SP)	32%	67%	-	-
	Calmon (2010)	Vitória (ES)	-	74%	-	25,8%
Lopes <i>et al.</i> (2009)	Rio de Janeiro (RJ)	35%	65%	-	-	
Santos (2012)	Rio de Janeiro (RJ)	12%	49%	-	-	
Sul	Loregian-Penkal e Menon (2012)	Curitiba (PR)	-	69%	-	31%
	Loregian-Penkal (2004)	Florianópolis (SC), Porto Alegre (RS) e Ribeirão da Ilha (SC)	87%	13%	-	-
		Região do Rio Grande do Sul	89%	13%	-	-
		Região de Santa Catarina	26%	74%	-	-
Rocha (2012)	Florianópolis (SC)	81,60%	18,36%	-	-	

	Franceschini (2011)	Concórdia (SC)	55%	45%	-	-
--	---------------------	----------------	-----	-----	---	---

Fonte: Elaboração própria, baseando-se nos dados dos estudos citados.

Diante do exposto no Tabela 4, quando se trata do uso dos pronomes de segunda pessoa em todo o território nacional, é possível notar índices variados nas diferentes regiões brasileiras. Na região Centro-Oeste, por exemplo, destacam-se 4 pesquisas realizadas em Brasília e locais limítrofes da capital brasileira, tais como, Ceilândia e Taguatinga. O que se observa, a partir dos estudos citados, é o pronome *tu* mais recorrente nas pesquisas de Lucca (2005) e de Andrade (2010). A primeira autora, por sua vez, analisou conversas entre rapazes, entre rapazes e garotas e entre rapazes e adultos. Dessa maneira, Lucca (2005) constatou que a maioria das falas averiguadas se tratava de pares solidários, tipos de interações que favorecem o uso de *tu*. No que se refere à pesquisa de Andrade (2010), a pesquisadora analisou as falas de crianças e adolescentes entre a faixa etária de 7 a 15 anos e relacionou o maior índice de *tu* à origem nordestina dos pais de seus entrevistados e, por outro lado, a possibilidade de ocorrência da variante *cê* aumentava quando se tratavam de descendentes de pais oriundos de Minas Gerais e Goiás. Já no estudo de Dias (2007), percebe-se um alto índice da forma *cê* e na pesquisa de Andrade (2015) destaca-se o pronome *você*. Essa última autora sinaliza a questão do processo de focalização dialetal em Brasília, devido à migração constante. No entanto, Andrade (2015) ressalta que a capital brasileira parece já ter construído seu dialeto próprio, um pouco diferenciado, mas que segue algumas características, como, por exemplo,

um possível nível intermediário e distinto de abertura/fechamento de vogais pretônicas uma realização alveolar do /s/ pós-vocálico, menos ditongada que na realização carioca, mas mais ditongada que na realização (não ditongada) de Belo Horizonte, e sibilante de forma saliente; um vocabulário distinto; e o uso crescente do pronome *tu* sem concordância (ANDRADE, 2015, p. 129).

No que diz respeito ao uso do pronome *tu* em Brasília, Andrade (2015) ainda destaca que não é marcada pela concordância verbal correspondente. Em outra abordagem, a autora salienta que tal forma pronominal não é estigmatizada, sendo usada, pelos falantes, em menor ou maior grau, e apresenta diferentes níveis de ocorrências por sexo, faixa etária e classe social.

Em relação às pesquisas realizadas na região Nordeste, destaca-se o maior índice do pronome *tu* na cidade de São Luís (MA). Segundo Alves (2015), o emprego majoritário de *tu*, mesmo que sem a concordância verbal correspondente, traduz a identidade linguística dos falantes ludovicenses. Por outro lado, o pronome *você* se sobressai no estado da Bahia, conforme evidenciam os estudos de Oliveira (2005 e 2007) e Rocha, Santos e Sousa (2016). Esses últimos autores analisaram a variação pronominal de segunda pessoa *você* e *cê* em Vitória

da Conquista e identificaram um maior uso de *você*, sobretudo nas falas femininas. Além do estado baiano, a forma *você* também se destaca, com índices acima de 60%, em alguns municípios do estado de Maranhão, tais como, Bacabal, Tuntum, Balsas, Parnaíba, Pinheiros e Imperatriz, conforme indicam os estudos de Alves (2010) e de Herênio (2006). Já no Rio Grande do Norte, mais precisamente, em Natal, o pronome *você* também é a forma pronominal mais empregada pelos falantes, com percentual bem elevado, 84%. Em relação ao estado do Ceará, a pesquisa de Guimarães (2014) demonstrou um equilíbrio entre índices dos pronomes *tu* e *você* e presença tímida da variante *cê* na fala fortalezense, com apenas 2% dos dados.

No que diz respeito à região Norte, também é marcada por diferentes usos dos pronomes de segunda pessoa. Destaca-se em Tefé (AM), cidade estudada por Martins (2010), a presença da forma *tu* com índices acima de 60%. Segundo o referido autor, o pronome *tu* teve maior ocorrência nas relações de intimidade, em outras palavras, quanto maior o grau de intimidade, maior o uso de *tu*. Com relação ao emprego de *você*, conforme descrito na Tabela 4, houve índices também acima de 60% nos estudos de Silva (2019), em Rio Branco (AC) e Babilônia e Martins (2011), em Manaus (AM). Nas falas rio-branquenses a variante *você* indicia ser a de maior prestígio, usada entre os falantes de grau mais elevado de escolaridade. Além disso, Silva (2019) aponta que o uso de *você* em Rio Branco é favorecido em contextos formais, nas relações que denotam poder e deferência. Em Manaus, segundo Babilônia e Martins (2011), o pronome *você* também é mais ocorrente nas relações mais formais, tais como, as díades professor/aluno e entrevistador/entrevistado. No que se refere à localidade de Cametá (PA), Costa (2016), notou-se um equilíbrio entre os pronomes *tu* e *você*. Diante disso, a autora conclui que pode estar ocorrendo uma possível competição entre ambas as formas pronominais nas falas cametaenses. Em relação ao estudo de Haupt, Marra e Martins (2020), em Porto Nacional (TO), destaca-se um uso acentuado de *cê* e um baixo emprego de *tu*, que é favorecido, sobretudo nas relações de mais intimidade.

A região Sudeste possui um uso diversificado entre as variantes *tu*, *você*, *ocê* e *cê*. Em Minas Gerais, localidade onde as cidades estudadas nesta presente pesquisa estão situadas, conforme salienta Rumeu (2015), é um estado que se destaca pela pluralidade linguística, oriunda da concentração de povos de diversos territórios brasileiros durante as atividades auríferas. No que se refere ao uso dos pronomes de 2ª pessoa, percebe-se, nos falares mineiros, uma preferência pela forma *você* e suas formas reduzidas (*ocê* e *cê*), como indicam os estudos de Coelho (1999), na localidade de São Francisco, Herênio (2006), na cidade de Uberlândia, Peres (2006), na capital Belo Horizonte e Gonçalves (2008), no município de Arcos. O que se pode dizer diante dos dados das pesquisas supracitadas, é o emprego superior da variante *cê*, sendo

que o *você* e *ocê* têm índices bem próximos em São Francisco e em Arcos. Na capital Belo Horizonte, a forma *ocê* não aparenta ser tão usual, com índice abaixo de 10% e o pronome pleno *você* aparece como a segunda escolha pronominal entre os falantes da capital mineira. Em relação à Uberlândia, a pesquisa de Herênio (2006) indica um emprego categórico de *você*.

Embora uma das características dos falares mineiros seja um uso acentuado da forma reduzida *cê* pelos falantes, não se pode deixar de mencionar a presença também do pronome *tu* no estado, conforme se vê nos estudos de Mota (2008), na cidade de São João da Ponte, Silva (2017), na localidade de Ressaquinha, e Reis (2019), no município de Lontra. Mota (2008) e Reis (2019) realizaram suas pesquisas na região Norte mineira. A primeira autora, por sua vez, é a pioneira a encontrar a forma *tu* em Minas Gerais e seu estudo demonstra que o *tu* faz parte do repertório linguístico pontense, mesmo que em percentual menor que o de *você*. Os dados encontrados do pronome *tu* permitiram à pesquisadora inferir que se trata de fenômeno característico do falar rural, levando em consideração o fato de que os municípios limítrofes, mais urbanizados, não apresentaram indícios de uso de tal pronome. Além desses resultados, o *tu* registrado em São João da Ponte é predominante na faixa etária dos mais jovens e favorecido em contextos mais íntimos. A pesquisa de Reis (2019) foi realizada também na região Norte mineira, mais precisamente, na cidade de Lontra, município vizinho de São João da Ponte. Os usos linguísticos diferentes em Lontra, sobretudo quando se trata dos pronomes de 2P, que são marcados pela alternância *tu* e *você* e carregados de estigma, tanto pelos seus moradores quanto pelos moradores dos municípios vizinhos (REIS, 2019, p. 14), foram as motivações que impulsionaram o desenvolvimento desse estudo no Norte mineiro. Por meio de 3 amostras, a saber, Amostra Narrativa, Amostra Bilhete e Amostra Áudios do *WhatsApp*, Reis (2019) constatou a presença das formas *tu*, *você*, *ocê* e *cê* em diferentes índices de uso na língua falada e escrita de estudantes entre a faixa etária 13 a 14 anos. É importante ressaltar que em todas as amostras, o uso do pronome pleno *você* foi mais elevado que os demais, sempre acima de 50%. No entanto, há algumas peculiaridades quando se considera cada amostra individualmente, como, por exemplo, a forma *tu* apresentou ser mais recorrente nas amostras da língua escrita, sobretudo no gênero bilhete. Na amostra da Narrativa, o pronome *você* se sobressai, com índice acima de 60%. Por outro lado, a amostra da língua falada, ou seja, os áudios de *WhatsApp*, mostraram-se mais propícios ao uso de *cê*. Em linhas gerais, a autora comprovou que há influência da oralidade na escrita dos estudantes, como, por exemplo, o pronome *tu* realizado sem a sua concordância correspondente. Além disso, Reis (2019) ainda confirma a variação nos usos das formas de 2P, registrando a concorrência entre o “*tu* regional” (grifos da autora) com o *você*.

Com relação ao uso de *tu* e *você* em Minas Gerais, também se destaca a pesquisa de Silva (2017), que, por sua vez, analisa a fala dos moradores de Ressaquinha, cidade situada na mesorregião do Campo das Vertentes. Tal estudo foi o ponto de partida para a existência da presente tese, sobretudo pelos falares ressaquinhenses marcados pela alternância das formas *tu*, *você*, *ocê* e *cê*. Ressaquinha é uma cidade pequena e interiorana, com aproximadamente 5.000 habitantes. Dessa maneira, a confirmação desse fenômeno variável em tal município, fez-nos refletir sobre o comportamento linguístico pronominal em outras localidades vizinhas de Ressaquinha, tais como, Alfredo Vasconcelos e Barbacena, e, conseqüentemente, estudar os usos pronominais nessas outras cidades. O que se observa, a partir da pesquisa de Silva (2017), é um uso acima de 35% do pronome *tu* sem a desinência canônica pelos ressaquinhenses. Todavia, fica evidente que a forma *tu*, nas falas mineiras, é caracterizada por seu emprego sem a concordância verbal, conforme apresentam os dados das pesquisas de Mota (2008), Silva (2017) e Reis (2019). Em linhas gerais, Silva (2017) conclui que o emprego do pronome *tu* é de uso geral entre os falantes de Ressaquinha em diferentes faixas etárias, e não apresenta estigma, sendo considerada como uma variante bem aceita na comunidade. Com relação ao emprego do pronome *cê*, conforme indica a Tabela 4, apresenta-se com um percentual bem próximo ao de *tu*, sendo a segunda variante mais empregada. Esse resultado confirma a tendência do uso acentuado de *cê*, mensurada em algumas cidades mineiras, tais como, Arcos, Belo Horizonte e São Francisco. Uma das peculiaridades em Ressaquinha está no baixo uso do pronome pleno *você*, 10%. No entanto, tal forma pronominal também aparece em níveis mais baixos nas pesquisas de Coelho (1999), Peres (2006) e Gonçalves (2008). Já no que se refere à variante *ocê* em Ressaquinha, essa apresenta índice parecido com os dados de Coelho (1999) e Gonçalves (2008).

Prosseguindo com o uso das formas pronominais de 2P na região Sudeste, percebe-se que nas capitais São Paulo (SP) e Vitória (ES), localidades estudadas por Nascimento (2011) e Calmon (2010), respectivamente, são marcadas pelo uso recorrente do pleno *você*. No entanto, em São Paulo, parece haver um equilíbrio entre as formas *você* e *cê*, que, conforme indica o Tabela 4, possuem percentuais bem próximos. Já no estado do Rio de Janeiro, destacam-se duas pesquisas realizadas na capital carioca, a saber Lopes *et al.* (2009) e Santos (2012), que identificaram também o uso do pronome *tu* sem a flexão verbal correspondente de segunda pessoa do singular. Diante desse fato, é possível dizer que uma das características da forma pronominal *tu*, utilizada na Região Sudeste, é ser empregada com o verbo em terceira pessoa do singular, enquadrando-se no *subsistema você/tu sem concordância* citado por Scherre *et al.*

(2015). Ainda sobre os estudos realizados no Rio de Janeiro, além do pronome *tu*, foi identificado que o pronome mais utilizado nas falas cariocas é o *você*.

No que concerne à região Sul do Brasil, tem-se que se trata de um território marcado pelos maiores índices de usos do pronome *tu*. Em Florianópolis (SC), Porto Alegre (RS), Ribeirão da Ilha (SC) e na região do Rio Grande do Sul, por exemplo, o percentual de uso de tal forma pronominal ultrapassa os 80%. Segundo Rocha (2012), a variante *tu* é uma variedade linguística florianopolitana utilizada, preferencialmente entre as mulheres e entre os falantes mais jovens. Além disso, a autora destaca o uso majoritário do pronome *tu* nas relações sociais assimétricas (superior para inferior) e simétricas (entre iguais) e emprego de *você* na relação assimétrica (inferior para superior), denotando um grau de formalidade. No que se refere ao contexto da concordância verbal, Rocha (2012) percebeu que em Florianópolis cerca de 20% dos casos de ocorrências de *tu* eram acompanhados da desinência verbal correspondente. Em relação ao estudo de Loregian-Penkall (2004), a autora analisou diversas localidades da região Sul e os altos percentuais de *tu* levaram a pesquisadora a concluir que tal pronome se mantém como marca regional nas falas sulistas de duas maneiras, a saber: com a flexão verbal, devidamente, correspondida em Florianópolis e em Ribeirão da Ilha e sem a concordância canônica em quatro cidades do Rio Grande do Sul (Porto Alegre, Flores da Cunha, Panambi e São Borja), e no município de Chapecó, em Santa Catarina. No que se refere à cidade de Concórdia (SC), Franceschini (2011) destaca o uso predominante do pronome *tu* sem a concordância verbal correspondente. Segundo a autora, a forma *tu* se mostrou característica das falas dos mais velhos, por passarem muito tempo de suas vidas em contato com tal pronome, que é típico dos falares sulistas e o *você* faz parte do repertório linguístico dos mais jovens. Resultado que pode ser explicado pela influência dos meios de comunicação, bem como pelo contato com pessoas de outras regiões e até mesmo pelos ensinamentos escolares que condenam o uso do pronome *tu* sem a marcação verbal correspondente.

Diante dos dados aqui expostos, é importante deixar registrados também alguns resultados do Projeto Atlas linguístico do Brasil (doravante ALiB) correspondentes aos pronomes 2P do singular nos territórios brasileiro. Conforme Cardoso *et al.* (2014), o Projeto ALiB³⁴, idealizado na década de 1990, tem como objetivo principal a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil por meio de uma metodologia que se insere na linha da Geolinguística Pluridimensional, buscando o levantamento de dados de naturezas diatópica, diastrática,

³⁴ Ressalta-se que a descrição do Projeto ALiB aqui relatadas foram retiradas do site WWW.alib.ufba.br. Nesse site é possível obter acesso as informações gerais do Projeto ALiB, tendo em vista o contexto histórico desse projeto, bem como a equipe responsável, os objetivos, a metodologia, as publicações, entre outros aspectos.

diageracional, diafásico e diagenérico do português falado no território brasileiro. No que diz respeito ao perfil dos sujeitos analisados, o Projeto ALiB considera os falantes nascidos na comunidade estudada, seguindo as seguintes estratificações: faixa etária (18 a 30 anos e 50 a 65 anos), sexo (feminino e masculino) e escolaridade (indivíduos alfabetizados e que cursaram, no máximo, o ensino fundamental).

No ano de 2014, foram lançados dois volumes do Atlas Linguísticos do Brasil. O volume dois, organizado pelos autores Suzana Alice Marcelino da Siva Cardoso, Jacyra Andrade Mota, Vanderci de Andrade Aguilera, Maria do Socorro de Silva Aragão, entre outros, retrata, dentre outras temáticas, o uso das formas de tratamento ao interlocutor nas capitais brasileiras. Dessa maneira, Cardoso *et al.* (2014, p. 349) apresentam os resultados referentes ao emprego dos pronomes *tu* e *você*. Diante dos dados expostos pelos autores, é possível notar algumas semelhanças com os estudos da sincronia contemporânea citados nesta seção, como por exemplo, tanto os dados de Calmon (2010) e de Nascimento (2011) quanto os resultados apresentados pelo ALiB, apontam o uso exclusivo de *você* nas localidades de São Paulo (SP) e Vitória (ES). Além dessa similaridade, segundo Cardoso *et al.* (2014), as capitais Florianópolis (SC), Fortaleza (CE), Manaus (AM), Natal (RN), Porto Alegre (RS), Rio Branco (AC), Rio de Janeiro (RJ) e São Luís (MA) apresentam uso das formas *tu* e *você*, tal como constatado nos dados das pesquisas sociolinguísticas relatadas na Tabela 4, mais especificamente nos estudos de Alves (2015), Babilônia e Martins (2011) Guimarães (2014), Lopes *et al.* (2009), Loregian-Penkal (2004) Rocha (2012), Santos (2012), Silva (2015) e Silva (2019). Por outro lado, os resultados constatados por Cardoso *et al.* (2014), referentes às capitais Belo Horizonte (MG) e Curitiba (PR), diferem-se dos estudos de Peres (2006) e Loregian-Penkal e Menon (2012) realizados nessas duas cidades, respectivamente. Observa-se que, em Belo Horizonte, Peres (2006) encontrou apenas dados do pronome *você* e suas variantes *ocê* e *cê*. No entanto, conforme Cardoso *et al.* (2014, p. 349), os resultados do ALiB indicam que, além do pronome *você*, há também ocorrências da forma *tu* na capital mineira, com índice de até 25%. O mesmo acontece com a capital paranaense, ou seja, Loregian-Penkal e Menon (2012) registraram ocorrências das formas *você* e *cê*, ao passo que nos dados do estudo geolinguístico de Cardoso *et al.* (2014, p. 349), a localidade de Curitiba apresenta uso dos pronomes *tu* (com frequência até 25%) e de *você* (com frequência de até 75%). Em vista desses aspectos, apesar de comparar dados de metodologias diferentes, é possível notar muitas aproximações dos estudos sociolinguísticos e geolinguísticos supracitados. No entanto, os resultados apontados por Cardoso *et al.* (2014, p. 349) referentes às capitais Belo-Horizonte e Curitiba indicam que há também a presença da forma *tu* nessas duas localidades. Esse dado não foi constatado pelas pesquisas sociolinguísticas, mas se torna significativa para a literatura linguística que focaliza o uso dos pronomes de 2P no Brasil.

Em síntese, esse capítulo apresentou os fundamentos teóricos-metodológicos norteadores desta pesquisa estabelecidos pela Sociolinguística Variacionista. É importante citar o fato dessa corrente teórica ser fundamental para as pesquisas que focalizam a mudança linguística e o fenômeno de variação, sobretudo, os estudos citados, que trouxeram o percurso dos pronomes de segunda pessoa, considerando PB em vários períodos analisados. Este trabalho, por sua vez, visa também deixar registrado a variedade pronominal encontrada na mesorregião mineira Campo das Vertentes. Na seção seguinte, são apresentados os procedimentos metodológicos utilizados para o desenvolvimento desta pesquisa.

2. METODOLOGIA

Neste capítulo, são apresentados os procedimentos metodológicos que foram utilizados na presente pesquisa. Inicialmente, tem-se uma breve história das cidades que fazem parte deste estudo, Alfredo Vasconcelos, Barbacena e Ressaquinha. Posteriormente, são discutidos todos os procedimentos e critérios adotados para a coleta dos dados das duas amostras deste trabalho, tais como, seleção dos participantes, transcrição das entrevistas, preparação dos dados para análise estatística, seleção das variantes e variáveis.

2.1. A mesorregião do Campo das Vertentes e as cidades em estudo

Neste tópico são apresentadas as cidades que fazem parte deste estudo, a saber: Alfredo Vasconcelos, Barbacena e Ressaquinha. Todos os três municípios estão localizados na mesorregião do Campo das Vertentes mineira, conhecida pela extração aurífera e foi, pioneiramente, explorada pelos bandeirantes em fins do século XVII. Além desses destaques, essa região denominada Campo das Vertentes é marcada, em face do contexto histórico, pelo famoso Caminho Velho — passagem que dava acesso a São Paulo, Rio de Janeiro e Ouro Preto, considerada como um fator fundamental para a origem dos primeiros povoados nessa região (FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO, 1981).

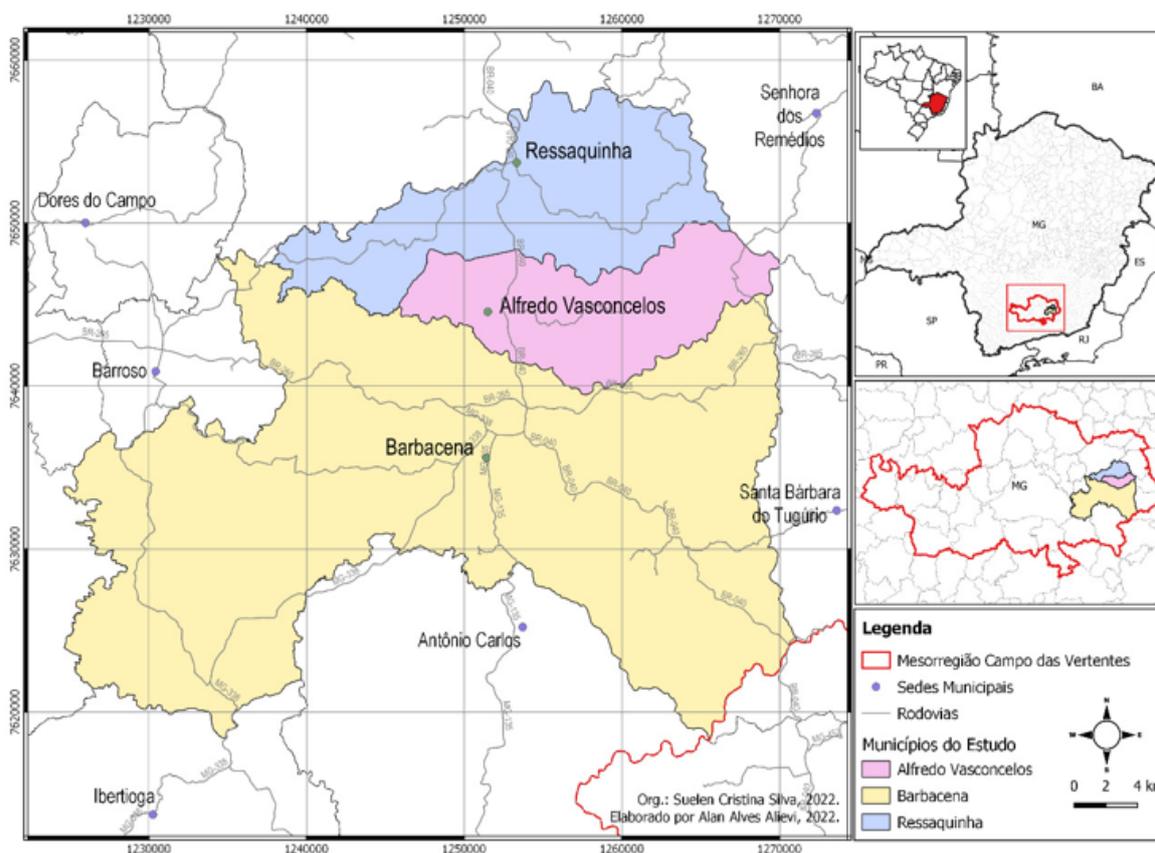
Assim como outras localidades coloniais mineiras, que tiveram suas origens da atividade de exploração do ouro, a formação urbana da mesorregião Campo das Vertentes se deu a partir de aglomerados humanos que surgiram nos locais de mineração. No que se refere aos territórios aqui estudados, em termos de emancipação, a cidade de Barbacena foi a primeira a se tornar um município. Segundo a Fundação João Pinheiro (1981, p. 20), em 1791, ainda como vila, tal localidade já ganhava o direito de julgamento e despacho de questões de menor exigência. Já, em 1840, Barbacena foi emancipada e, atualmente, é um polo regional que atende as demandas da área da saúde, educação, comércio, entre outras, de muitas cidades da mesorregião Campo das Vertentes, dentre as quais se insere também Alfredo Vasconcelos e Ressaquinha.

No que diz respeito ao contexto histórico, Campo das Vertentes, conforme já relatado, é marcada pela extração de promissores veios de ouro. No entanto, após as finalizações das atividades de exploração, expandiram-se as produções agrícola e pecuária, que já eram parte também da economia dessa região desde o século XVIII, abrindo espaço de comercialização tanto para exportações quanto para centros consumidores fora do estado de Minas Gerais

(FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO, 1981). Atualmente, essa região preserva esses ofícios e se destaca nas plantações de morango, rosas, hortaliças, produtos orgânicos e derivados de leite.

Em face das particularidades dos territórios aqui estudados, são relatadas, nas seções seguintes, sínteses dos municípios de Alfredo Vasconcelos, Barbacena e Ressaquinha, levando-se em consideração o contexto histórico de formação, bem como alguns aspectos atuais, tais como, população, educação, atividades comerciais, entre outros. Entretanto, antes das apresentações das localidades em estudo, a seguir, expõe-se o mapa da mesorregião mineira Campo das Vertentes, destacando-se as três cidades que fazem parte desta pesquisa.

Figura 2: Localização dos municípios de Alfredo Vasconcelos, Barbacena e Ressaquinha.



Fonte: Elaborado por Alan Alves Alevi.

Nas subseções seguintes, são apresentados aspectos históricos e atuais das 3 cidades que fazem parte deste estudo, Alfredo Vasconcelos, Barbacena e Ressaquinha.

2.1.1 A cidade de Alfredo de Vasconcelos

Segundo Azevedo (2017), a história de Alfredo de Vasconcelos está ligada diretamente aos bandeirantes que adentraram no território e que, posteriormente, denominou-se Minas

Gerais. Após passarem pelo Rio Grande, seguiram o curso do Rio das Mortes até quase atingirem seu início, onde chegaram ao Caieiro, no Vale do Ribeirão de Alberto Dias. Os bandeirantes que se estabeleceram no local entre os anos de 1710 e 1720 são bastante conhecidos no cenário da Inconfidência Mineira, cita-se, por exemplo, o Coronel José Lopes de Oliveira, que construiu a hoje demolida Fazenda do Ribeirão de Alberto Dias.

Em torno de 1846, a região começou a sofrer um declínio. Conforme ressalta Azevedo (2017, p. 120), em 1882, com a Lei nº 2.935, desmembrou-se o distrito do Ribeirão de Alberto Dias do Povoado de Ressaquinha e foi anexado à Freguesia de Barbacena. Pela Lei nº 7, de 15 de março de 1895, efetivou-se transferência do distrito de Ribeirão de Alberto Dias para o povoado de Ressaquinha.

Diante do crescimento da população, o vilarejo formado em derredor da Estação da Estrada de Ferro Central do Brasil, agora chamado Alfredo de Vasconcelos, foi elevado, pela Lei nº 2746, de 30 de dezembro de 1962, a distrito da cidade de Ressaquinha, por meio da Lei Estadual aprovada pelo Governador de Minas Gerais, na época, José de Magalhães Pinto. Foi instalado também, a partir desse mesmo decreto, o Cartório de Pessoas Naturais e Tabelionato de Alfredo Vasconcelos. O distrito se emancipou em 1993, sendo desmembrado então do Município de Ressaquinha (AZEVEDO, 2017, p. 131-132).

Alfredo de Vasconcelos está localizado na Mesorregião de Campo das Vertentes, na microrregião de Barbacena. Conforme os dados do IBGE (2020), o município possui uma área de 126,9 km², tendo uma população total de 6.981 habitantes, com densidade populacional de 47,9 hab./km². Faz limite com Ressaquinha, Barbacena, Desterro do Melo e Senhora dos Remédios, é banhado pelo Ribeirão Alberto Dias e Rio Ressaquinha e o clima no local fica em torno de 18° C.

2.1.2. A cidade de Barbacena

Segundo Andrada (2018, p. 219), Barbacena nasceu de uma pequena aldeia de índios Puris, situada na cabeceira dos Rios Mortes, tendo como visitantes os primeiros bandeirantes que adentraram em Minas Gerais e Borba do Campo. Os indígenas que habitavam no local pertenciam à nação Tupi e espalharam-se desde a Mantiqueira até Cachoeira do Campo. O que se sabe é que os últimos indivíduos dessa tribo desapareceram em meados do século XVIII.

Os primeiros habitantes da localidade foram portugueses e paulistas, vindos em sua maioria, de Taubaté. Ao estabelecerem-se na região, deram início à exploração de minérios. Barbacena ficou pertencente à comarca do Rio das Mortes até o ano de 1833. Quando, em 9 de

março de 1840, através de uma lei Provincial, juntamente com a Campanha da Princesa, Paracatu e Minas Novas, se tornaram cidades (ANDRADA, 2018, p. 222).

O município de Barbacena possui 13 distritos: Barbacena (distrito-sede), Colônia Rodrigo Silva, Correia de Almeida, Costas da Mantiqueira, Faria, Padre Brito, Galego, Mantiqueira do Palmital, Senhora das Dores, Pinheiro Grosso, Ponte do Cosme, Ponte Chique do Martelo e São Sebastião dos Torres. Conforme os dados do IBGE (2020), a cidade possui uma área total de 759,186 km², com uma população de 138.204 habitantes.

2.1.3. A cidade de Ressaquinha

Segundo os dados do IBGE, Ressaquinha, um dos marcos da Estrada Real mineira, está localizada a, aproximadamente, 129 km da capital do estado de Minas Gerais, Belo Horizonte. A história do município tem seu início no final do século XVII. Na metade desse século, o território foi percorrido pelos bandeirantes paulistas que estavam em busca de ouro, pedras preciosas e índios para serviços (IBGE, 2020).

Era preciso abrir caminhos nas Minas para o escoamento de ouro e em 1699, o primeiro trecho, conhecido como Caminho Velho (AZEVEDO, 2017, p. 26), foi aberto. Nesse mesmo local foi construída uma base para descanso dos operários, que, posteriormente, transformou-se na fazenda Costa da Mina, havendo, assim, um possível povoamento no local. Tal comunidade começou a crescer em torno da Estação Ferroviária de D. Pedro II, inaugurada em 12 de abril de 1882, que pertencia ao Distrito do Ribeirão de Alberto Dias e que, atualmente, é a cidade de Alfredo Vasconcelos e uma parte do município de Barbacena.

Segundo Oliveira (2002), essa localidade desenvolveu-se e, em 1921, já contava com uma escola pública, a Escola Municipal Belisario Moreira, que foi construída pelo governo de Minas Gerais. Outros pontos estruturais do distrito também foram instalados, como: telefone, energia elétrica, calçadas nas ruas e abastecimento de água, sendo inaugurados em 1925, 1927 e 1928, respectivamente. Em 1943, os ressaquinhenses já cogitavam se emanciparem da tutela de Barbacena, que veio acontecer só em 8 de dezembro de 1953, quando foi autorizada a emancipação da cidade pela Assembleia Legislativa.

Vale ressaltar a importância de Ressaquinha (MG) dentro da história de Minas Gerais, principalmente, pela extração de ouro que se desenvolveu nesse local durante os primórdios da independência do Brasil.

Ressaquinha está localizada na Mesorregião Campo das Vertentes de Minas Gerais. Atualmente, segundo dados do IBGE (2020), a cidade tem uma população estimada em, aproximadamente, 4817 habitantes, considerando os moradores da Zona Urbana e Zona Rural.

O município possui uma área total de 183,062 km² e é banhado pela nascente do rio Piranga, principal formador do rio Doce. São cidades limítrofes de Ressaquinha: Carandaí, Alfredo Vasconcelos e Barbacena.

Conforme Oliveira (2002), a zona rural de Ressaquinha é dividida por distritos, sítios e fazendas que totalizam a população. A principal fonte de renda de Ressaquinha é o trabalho agrícola, proveniente das atividades rurais como o cultivo de morangos, verduras e vegetais. Além disso, a criação de gado, a venda de produtos derivados do leite e os empregos gerados pela prefeitura e outros estabelecimentos da cidade complementam o rendimento do município. Destaca-se também, a igreja Matriz São José, considerada um dos principais pontos turísticos da cidade e que tem grande prestígio nessa região.

2.2. O corpus

O *corpus* da presente pesquisa foi constituído por duas amostras, a saber: entrevistas sociolinguísticas e testes de percepção e produção, que foram executados após o consentimento do Comitê de Ética da UFMG³⁵. Dessa maneira, apresentam-se, a seguir, cada uma delas, considerando todas suas etapas realizadas.

2.2.1. Amostra de Entrevistas Sociolinguísticas

2.2.1.1. A coleta de dados

Conforme já citado anteriormente, os dados desta pesquisa foram norteados pelos preceitos da Sociolinguística Variacionista (LABOV, [1972] 2008) e coletados em três cidades mineiras, a saber: Alfredo Vasconcelos, Barbacena e Ressaquinha. É importante citar que as entrevistas não seguiram um roteiro linguístico específico, mas tiveram como ponto de partida, para o direcionamento de alguns diálogos com os participantes, temáticas diferenciadas (Apêndice 1) como, por exemplo, receitas, instruções, aconselhamento, relatos e opiniões sobre política, preconceito, educação, saúde pública, entre outros. Além disso, solicitou-se também que os entrevistados narrassem fatos curiosos como lendas sobre a sua cidade ou até mesmo experiências pessoais.

Procurou-se instigar o envolvimento emocional do falante para que sua narrativa se tornasse mais “espontânea”, pois, segundo Labov ([1972] 2008, p. 111), esses contextos carregados de emoção fazem com que o entrevistado abandone os “constrangimentos” de uma

³⁵ A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em 10/04/2019. Número do projeto: CAAE 09693819.9.0000.5149 e Parecer nº 3.257.875.

situação formal de fala e dessa forma ocorreu. Em outras palavras, à medida que os assuntos eram retratados nas gravações, os sujeitos lembravam de fatos que aconteceram não somente com eles, mas também com seus parentes ou amigos e os relatavam de forma a parecer que as entrevistas eram apenas uma conversa simples.

A coleta de dados só foi possível com o consentimento do falante ao assinar um termo autorizando o uso de seus dados com propósitos de estudos. Além disso, os participantes estavam cientes que as conversas seriam gravadas. Os locais estabelecidos para as gravações foram escolhidos pelos sujeitos, sendo em suas próprias casas ou outras localidades.

As gravações foram realizadas no período de 2019 e 2020. Foi necessária a ida a esses municípios para realizar as entrevistas. A princípio, no que se refere à cidade de Ressaquinha, conforme já citado anteriormente, seria considerada a amostra de Silva (2017), que foi coletada em 2016. No entanto, com a necessidade de voltar a esse município para realizar os procedimentos da segunda amostra (teste de percepção e produção), acabou-se optando por fazer novas gravações. Diante disso, considerou-se apenas quatro entrevistas do *corpus* de Silva (2017). É importante destacar que todos os dados referentes à Ressaquinha foram realizados por um morador dessa cidade que tem certa intimidade com os sujeitos. Trata-se de um ressaquinhense com a idade de 30 anos, que possui curso superior e atua na área da educação como professor de Língua Portuguesa.

Considerando o fato de que nas gravações realizadas na localidade de Ressaquinha há um certo grau de intimidade entre o entrevistador ressaquinhense e os entrevistados, pode-se afirmar que a presença do gravador, em algumas entrevistas, parecia não ser notória, dessa forma, os diálogos fluíam sem qualquer intimidação. Já no que tange às demais localidades, as entrevistas foram realizadas pela pesquisadora, autora desta pesquisa, sendo, nesse sentido, um processo mais difícil, a princípio, pelo fato de não conhecer ninguém nesses municípios, o que dificultou encontrar pessoas que disponibilizassem seu tempo para as entrevistas. Porém, no decorrer do processo da gravação, alguns moradores, interessados em cooperar com a pesquisa, indicavam novos participantes como, por exemplo, parentes e amigos.

2.2.1.2. A seleção dos participantes

A escolha dos entrevistados foi estabelecida a partir de alguns critérios, como, por exemplo, serem falantes do português do Brasil, nascidos no estado de Minas Gerais, nativos e/ou residentes dos municípios em estudo por 10 anos ou mais. Além desses fatores, os falantes também foram selecionados de acordo com as variáveis extralinguísticas contempladas neste trabalho, a saber: sexo, masculino e feminino (para cada cidade foram escolhidos 9 homens e 9

mulheres), e a variável faixa etária, que consiste em três divisões, sendo F1 (18 a 30 anos), F2 (31 a 50 anos) e F3 (51 anos ou mais). A primeira se refere aos falantes mais jovens, a segunda, aos falantes adultos, que, possivelmente já estão inseridos no mercado de trabalho, e a terceira refere-se aos falantes mais velhos.

Devido à amplitude deste presente trabalho, considerando-se as diferentes cidades que foram analisadas, propôs-se utilizar 54 entrevistas sociolinguísticas, sendo um total de 18 informantes por cada cidade.

Quadro 5: Distribuição das entrevistas de cada localidade pelas variáveis extralinguísticas faixa etária e sexo.

CIDADE	FAIXA ETÁRIA	SEXO	
		Feminino	Masculino
Alfredo Vasconcelos	18 a 30 anos	3	3
	31 a 50 anos	3	3
	51 anos ou mais	3	3
Barbacena	18 a 30 anos	3	3
	31 a 50 anos	3	3
	51 anos ou mais	3	3
Ressaquinha	18 a 30 anos	3	3
	31 a 50 anos	3	3
	51 anos ou mais	3	3
TOTAL: 54 entrevistas			

Fonte: Dados da autora.

2.2.1.3. A transcrição dos dados

Após o procedimento da coleta dos dados, deu-se início ao processo de transcrição das entrevistas. Paiva (2004, p. 136) considera relevante para a transcrição transpor o discurso falado de uma forma fiel. Para a autora, “a fidelidade aos dados orais deve ser o objetivo de toda transcrição. Queremos registrar o que foi dito por um falante da forma como foi dito. Uma transcrição não é e não pode ser uma edição da fala do entrevistado”. A pesquisadora ainda destaca que não existe uma transcrição de dados linguísticos perfeita e incontestável, pois, há um componente subjetivo envolvido nessa prática.

Diante desse fato, toda transcrição implica em um conjunto de decisões que são definidas conforme os objetivos do pesquisador. Para as transcrições deste trabalho foram

utilizados alguns dos critérios estabelecidos por Amaral (2003), de acordo com o quadro 6 a seguir.

Quadro 6: Normas adotadas para a transcrição das gravações

SINAIS	OCORRÊNCIAS
()	Incompreensão de palavras
/	Truncamento
...	Qualquer pausa
((comentários))	Comentários descritivos do transcritor
“ ”	Discurso direto
[]	Supressão de diferentes segmentos sonoros
(...)	Corte na transcrição
Elevação das vogais pretônicas (intendi<entendi)	

Fonte: Baseado em Amaral (2003).

2.2.1.4. Ferramenta de análise e métodos

A Sociolinguística tem como objetivo investigar o grau de estabilidade de uma variação ou de mudança linguística, descrevendo seus comportamentos por meio de estudos sistemáticos que analisam, interpretam e caracterizam esses fenômenos que se efetivam em uma determinada comunidade de fala.

Dessa maneira, no âmbito da Sociolinguística Variacionista, as análises de uma pesquisa podem ser desenvolvidas por meio da metodologia quantitativa, sobretudo por envolver números e estatísticas. Segundo Guy e Zilles, (2007, p. 104), o uso do método quantitativo tem duas finalidades: primeiramente, estimar parâmetros (pesos, probabilidades)³⁶ para cada efeito linguístico, grupo de falantes, ou estilo a ser estudado, e posteriormente, relacionar esses valores com os modelos e teorias sociais e/ou linguísticas de que se dispõe para explicação do fenômeno. Todavia, para as análises dos estudos sociolinguísticos, o método qualitativo também não é descartado, uma vez que se utiliza dele para interpretar e compreender dados.

Com relação à metodologia quantitativa, nos estudos sociolinguísticos são constantemente usados programas computacionais que dão suporte para as análises estatísticas. Na presente pesquisa, por exemplo, para se obter o quadro explicativo do fenômeno analisado, foi utilizado o *software* GoldVarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005), que é uma versão do Varbrul (Pacote de Programas Estatísticos de Regras Variáveis) desenvolvido

³⁶ Segundo Guy e Zilles (2007, p. 239), o peso relativo de um fator é um valor calculado pelo Varbrul “que indica o efeito deste fator sobre o uso da variante investigada”, já a probabilidade de evento indica a chance de ele acontecer.

para o ambiente Windows. Guy e Zilles (2007, p. 105) definem o Varbrul como um “conjunto de programas computacionais de análise multivariada, especificamente estruturado para acomodar dados de variação sociolinguística”.

Além disso, os referidos autores fazem uma descrição da metodologia disponibilizada pelo Varbrul, que se caracteriza como um modelo matemático de dados. Para Guy e Zilles (2007),

a modelagem matemática desse tipo é uma das abordagens mais poderosas e sofisticadas na estatística; vai muito além do mero objetivo de dizer sim ou não sobre se uma variável influencia outra, para tentar articular vários resultados numa visão geral – e testável – de como funciona um sistema inteiro. Esse é o tipo de trabalho teórico que se faz na física, construindo equações para explicar os movimentos dos planetas, um tipo de trabalho que é essencial para avanços profundos no entendimento científico do mundo (GUY e ZILLES, 2007, p. 107).

Como se sabe, o objetivo de muitos estudos sociolinguísticos é identificar se há ou não um fenômeno em variação ou em mudança na língua e, para tal, são atestados grupos de fatores internos e externos ao sistema linguístico, denominados também de variáveis independentes. Nesse sentido, o Varbrul dá a suporte a essa investigação, sobretudo por possibilitar uma análise multivariada, que, conforme Guy e Zilles (2007, p. 105), “permite investigar situações em que a variável linguística em estudo é influenciada por vários elementos do contexto, ou seja, múltiplas variáveis independentes”.

Em outras palavras, o Varbrul tem a função de averiguar, separadamente, o efeito de um fator e avaliar a interação entre vários grupos de fatores. Ademais, enriquece e facilita o trabalho do pesquisador, dando-lhe a oportunidade de testar várias hipóteses e eliminar o que não é relevante. Isso, não somente permite ao linguista uma análise mais concisa e geral do fenômeno que está sendo estudado, como também mostra as evidências que auxiliam o pesquisador na conclusão de seu estudo.

Em relação ao *software* GoldVarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005), versão utilizada nesta presente pesquisa, Scherre (2012) ressalta o fato de tal programa ser de fácil manuseio e destaca o sistema hábil do GoldVarb X, sobretudo por analisar dados “sem limites conhecidos de fatores em cada variável independente e sem limites de células (conjunto de contextos idênticos codificados)” (SCHERRE, 2012, p. 4). No entanto, a referida pesquisadora faz algumas ressalvas sobre esse programa computacional, mais precisamente, sobre as limitações de tal *software* para efetuar análises de três, quatro ou cinco variantes em termos de pesos relativos. Essa é uma das desvantagens do GoldVarb X, que só realiza análises de pesos relativos de duas variantes (binominal), entretanto, efetua os cálculos das frequências

absolutas e relativas brutas de até nove variantes na variável dependente (SCHERRE, 2012, p. 4).

O *software* GoldVarb X, em sua análise binominal, oferece ainda duas opções de como fazer as rodadas dos fatores, separando os mais relevantes na amostra estudada, tais como, *one level e step-up/step-down*. Segundo Guy e Zilles (2007, 164), no que se refere à rodada *step*, utilizada neste estudo, ela tem a função de testar a significância de cada de fator, além de produzir várias páginas dos resultados e selecionar os melhores. Dessa maneira, a rodada *step up* testa os grupos de fatores individualmente e os adiciona um a um, já o *step down* retira os grupos de fatores da análise um por um. Por fim, ambas as rodadas, *step-up e step down* escolhem os mesmos grupos de fatores significativos. Assim, geralmente, a melhor rodada de cada procedimento será igual.

Em suma, as rodadas *steps* do GoldVarb X fornecem dados das frequências brutas, bem como os pesos relativos e selecionam os grupos de fatores que são mais relevantes para a aplicação da regra. Em relação ao peso relativo, quando possui valor acima de 0.50 demonstra o favorecimento da aplicação da regra variável. Por outro lado, se o valor for menor que 0.50, indica ser inibidor à regra variável. Já os valores próximos a 0.50 demonstram ser neutros diante do fenômeno variável estudado.

É importante ressaltar que antes de se realizar as rodadas no programa GoldVarb X, toda a amostra coletada passa por um processo de codificação de dados, ou seja, são catalogadas as ocorrências do fenômeno em estudo de um *corpus*, levando-se em consideração os fatores que se deseja investigar como, por exemplo, “a identidade e as características sociais do informante, os contextos sociais e os contextos linguísticos relevantes ao fenômeno estudado” (GUY e ZILLES, 2007, p. 103).

Para este estudo específico, foram codificadas, conforme as variantes estudadas em cada cidade, todas as ocorrências dos pronomes de segunda pessoa do caso reto (*tu, você, ocê e cê*). Também foram contabilizados os dados dos possessivos (*teu/ tua e seu/sua*), oblíquos tônicos (*ti, contigo*) e clíticos (*te e lhe*) para as análises dos fatores paralelismo sujeito e possessivo; paralelismo sujeito e clítico; paralelismo sujeito e oblíquos. Além dos grupos de fatores já relatados, foram analisados também os seguintes contextos: função sintática (sujeito, complemento com preposição e complemento sem preposição); tipo de verbo (epistêmico, *dicendi*, estado e ação); tipo de discurso (direto e relatado) e tipo de referência (específica e genérica).

No quadro 7, a seguir, apresenta-se a codificação de cada variável independente ou dos grupos de fatores que foram analisados neste estudo.

Quadro 7: Código das variáveis para análise no programa computacional.

CODIFICAÇÃO DOS DADOS	
Variável	Fatores e símbolos
Função Sintática	Sujeito: s
	Complemento com preposição: p
	Complemento sem preposição: c
Paralelismo Formal	Formas não paralelas: n
	Formas paralelas: u
	Contextos sem paralelismo: h ³⁷
Tipo de Verbo	Estado: e
	Ação: i
	Epistêmico: l
	<i>Dicendi</i> : q
Tipo de Discurso	Direto: d
	Relatado: j
	Genérica: g
Sexo	Feminino: f
	Masculino: m
Faixa etária	18-30 anos: y
	31-50 anos: t
	51 anos ou mais: z

Fonte: Elaboração própria.

Após a codificação realizada, todas as ocorrências das quatro variantes trabalhadas, *tu*, *você*, *ocê* e *cê*, foram inseridas no programa GoldVarb X para averiguar, inicialmente, os números referentes à distribuição geral de cada pronome em variação. Logo após, passou-se para as rodadas *steps* que, conforme já mencionado, têm como finalidade testar a significância de cada fator em análise. Nessa etapa, por meio das rodadas realizadas, o *software* calcula os pesos relativos, as frequências absolutas e relativas brutas de cada variante em variação. Assim,

³⁷ Para a realização das análises, mais especificamente, no que diz respeito à variável contexto paralelismo formal, os dados dos contextos sem paralelismo, ou seja, períodos em que não havia ocorrências dos paradigmas de 2P e 3P analisados nesta pesquisa, foram considerados no processo de análise. O exemplo (1) ilustra o tipo de contexto sem paralelismo considerado no processo de análise.

(1) assim eu cresci escutando a mãe falar minha vó que morreu com cento e cinco anos falando de assombração... a mãe também contava muito caso de assombração e eu também porquê eu creio que tem eu acredito em assombração... **tu** entendeu? assim é uma coisa: que pra muitos pode falar assim é idiotice mas é credence popular então eu acredito (RSQ 01 LHSC).

Ressalta-se que essa decisão foi tomada com base nos poucos dados do paralelismo formal encontrados nas três cidades.

com a projeção dos resultados, é possível averiguar a influência dos grupos de fatores no fenômeno variável estudado.

Para análise dos dados desta pesquisa, por tão somente escolher o auxílio do GoldVarb X, sabendo de suas limitações, ou seja, é um *software* que só examina pesos relativos de duas variantes (binominal), optou-se por averiguar 12 rodadas binárias com a finalidade de se obter os pesos relativos de todas variantes em confronto. Dessa maneira, para exemplificar, realizou-se a rodada binária *tu x cê*, para que o programa gerasse os resultados, em termos de pesos relativos, da variante *tu* e, logo após, examinou-se a rodada *cê x tu*, para se ter os dados referentes ao peso relativo de *cê* e assim, seguindo esse procedimento, obteve-se o confronto entre todos os pronomes em análise (*tu, você, ocê e cê*).

No que diz respeito à análise dos dados, o foco desta pesquisa é demonstrar a influência de cada variável na variação pronominal das cidades de Alfredo Vasconcelos, Barbacena e Ressaquinha. Nesse sentido, na descrição dos resultados, de cada cidade, são expostos os grupos de fatores, seguidos das rodadas binárias em que esses foram selecionados como relevantes para a variação entre os pronomes *tu, você, ocê e cê*. Nesta pesquisa, essa etapa de análise é relatada no capítulo 3 (Análise dos dados). No entanto, a subseção seguinte detalha a variável dependente e as variáveis independentes que foram analisadas neste estudo e apresenta as hipóteses para cada variável.

2.2.1.5. As variáveis dependentes

Esta pesquisa tem como variável dependente os pronomes de segunda pessoa do singular e como variantes as formas *tu, você, ocê e cê* conforme é exemplificado no quadro 8.

Quadro 8: Descrição das variantes analisadas em cada cidade.

CIDADES	VARIANTES
Alfredo Vasconcelos	<i>Tu, Você, Ocê e Cê</i>
Barbacena	<i>Tu, Você, Ocê e Cê</i>
Ressaquinha	<i>Tu, Você, Ocê e Cê</i>

Fonte: Elaboração própria.

2.2.1.6. Variáveis Independentes

Neste trabalho, as variáveis testadas foram escolhidas com base nos estudos de Andrade (2010), Franceschini (2011), Guimarães (2014), Lopes *et al.* (2009), Martins (2010), Mota (2008), Rocha (2012) e Silva (2017), que analisaram também as formas pronominais de 2P.

Para interpretação do fenômeno variável, foram considerados grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos que são especificados a seguir.

Grupos de fatores linguísticos:

1. Função Sintática:

Por meio desse fator, propõe-se identificar a função sintática mais propensa à variação pronominal nas três cidades estudadas. Tal variável é recorrentemente averiguada em várias pesquisas que focalizam os pronomes de segunda pessoa no Brasil. Dando ênfase aos estudos do estado mineiro, principalmente pelo fato de que é onde se encontram as cidades analisadas nesta pesquisa em questão, pode se citar Coelho (1999), Peres (2006) Gonçalves (2008), Mota (2008), Silva (2017) e Reis (2019), que também escolheram a função sintática como parte de seus grupos de fatores. Em termos gerais, os resultados dessas pesquisas apontaram a função de sujeito como favorecedora à variação de todas as variantes (*tu*³⁸, *você*, *ocê* e *cê*). No entanto, conforme já evidenciaram os estudos citados, há também presença dessas formas pronominais em outros contextos sintáticos, mesmo que em baixos índices de ocorrências, como, por exemplo, o pronome pleno *tu* na função de complemento com preposição e complemento sem preposição (SILVA, 2017); na posição de objeto (MOTA, 2008) e nos contextos de complemento de verbo e complemento de nome (REIS, 2019). A variante *cê*, por sua vez, não obteve nenhuma ocorrência na função de complemento de verbo sem preposição na cidade de Arcos, apenas nos contextos complemento de verbo com preposição e complemento de nome, conforme ressalta Gonçalves (2008). Já na localidade de São Francisco, Coelho (1999) encontrou, mesmo que em baixo índice, a forma *cê* nas funções de complemento verbo com preposição e verbo sem preposição. Os resultados encontrados por Peres (2006), também sinalizam o uso de *cê*, mesmo que com poucas ocorrências, nos ambientes sintáticos objeto de verbo e objeto de preposição.

Dessa maneira, tal como evidenciado nos estudos supracitados, parte-se da hipótese de que a função sintática sujeito seja o contexto em que apresenta um número maior de ocorrência das variantes *tu*, *você*, *ocê* e *cê* nos municípios de Alfredo Vasconcelos e Barbacena. No entanto, em Ressaquinha, Silva (2017) demonstrou que a função de sujeito favorece o pronome *tu* e, por outro lado, a forma *você* é favorecida nos contextos de complemento com preposição e complemento sem preposição. Dessa maneira, conjectura-se que tal evidência se prossegue

³⁸ É importante ressaltar o fato de que os estudos de Mota (2008), Silva (2017) e Reis (2019) foram os que encontraram ocorrências do pronome *tu*.

em Ressaquinha e nas localidades de Alfredo Vasconcelos e Barbacena, ou seja, o pronome *tu* sendo produtivo na função sujeito e as formas *você*, *ocê* e *cê* sendo favorecidas nos contextos complementos com preposição e complementos sem preposição. A seguir, expõem-se as funções sintáticas que são analisadas nesta pesquisa, bem como seus respectivos exemplos, que são trechos retirados da amostra deste trabalho. Ressalta-se que

a. Sujeito

(2) **tu** pode fazer dela o que quiser (RSQ 01 MCO).

(3) **cê** pode escolher (BRB 02 MFMF).

(4) quando **ocê** chega(r) perto do posto de gasolina (BRB 01 TAA).

b. Complemento com preposição

(5) o quê que eu falei pra **você** (RSQ 05 MAN).

(6) eu ainda não sei é eu fala pra **tu** nada que eu ainda tô analfabeta eu tô leiga ainda (ALV 06 SGSS).

(7) ó não eu não fico com **cê** (BRB 12 SBM).

(8) muito gostoso é fácil **d'ocê d'ocê** fazer né...eu gosto muito de fazer doce de de goiaba então é mais fácil (BRB 07 MFM).

c. Complemento sem preposição

(9) eu não aconselho **você** a ir (BRB 09 NM).

2. Paralelismo de formas pronominais:

O paralelismo formal analisado nesta pesquisa segue as expressões citadas por Scherre (1988 *apud* SCHERRE, 1998, p. 14) de que o paralelismo se constitui na tendência geral das “formas gramaticais particulares ocorrerem juntas”. Partindo-se disso, o escopo dessa variável é analisar, nas falas de Alfredo Vasconcelos, Barbacena e Ressaquinha, se há uma correlação no uso das formas pessoais e as formas oblíquas, átonas e possessivas. Em outras palavras, é averiguar, em um mesmo contexto de fala, se o participante que usa o pronome *tu* tende a utilizar também *te/contigo* e *teu/tua* ou, por outro lado, se o falante que utiliza a forma *você* tende a empregar também *lhe/com você*, *com cê* e *seu/sua*.

Tal variável foi analisada por Rocha (2012), em Florianópolis, e os resultados apontaram a tendência das formas paralelas que fazem referência ao pronome *tu*, sendo sujeito/átono (*tu/te*) e sujeito possessivos (*tu/teu, tua*), ocorrerem juntas. Quanto ao pronome

você, foram apresentados índices maiores nas formas não paralelas. É importante ressaltar o fato de que a pesquisa de Rocha (2012) apontou um alto percentual da variante *tu* pelos florianopolitanos, sendo, 76%. Nesse sentido, conjectura-se que, em Ressaquinha, as formas paralelas *tu/te*, *contigo tu/teu*, *tua* estão mais presentes, principalmente, por ser um local onde o uso de *tu* é a escolha pronominal mais recorrente entre os falantes, conforme os resultados de Silva (2017) em relação às variantes *tu*, *você*, *ocê* e *cê*. Já em Alfredo Vasconcelos e Barbacena, acredita-se que o paralelismo formal tende a ser mais produtivo com as variantes *você*, *ocê* e *cê*, ou seja, *você*, *ocê*, *cê/lhe*, *com você*, *com cê* e *você*, *ocê*, *cê/seu*, *sua*, favorecendo a variação nessas localidades. Tendo em vista que durante o contato com a comunidade percebeu-se que os falantes empregam mais o *você*, *ocê* e *cê*.

Nesta pesquisa são averiguados três tipos de paralelismo, que são descritos a seguir.

a) Sujeito e possessivo.

- formas paralelas: *tu + teu/tua* e *você/ocê/cê + seu/sua*

(10) (...) dez só Deus só Deus dez... porquê se **tu** chegar em dez acabou acabou o **teu** limite (RSQ 11 GSF).

(11) “oh meu filho **cê** não vai na onda dos zoto não se alguém tivé fazendo coisa errada **cê** faz o **seu**”. (AFV 12 AM).

- formas não paralelas: *tu + seu/sua*; *você/cê + teu/tua*.

(12) ah **você** arruma um namorado... a **tua** mãe e **teu** pai fala assim “não esse cara eu não quero esse cara eu não fui cara dele e baba baba” (RSQ 10 VTP).

b) Sujeito e oblíquo átono.

- formas paralelas: *tu + te* e *você/cê + lhe*

(13) não pode ir lá... **tu** não vai perdê não eu **te** garanto (AFV 14 JFF).

- formas não paralelas: *tu +lhe*; *você/cê +te*.

(14) se **você** passa ali ela **te** ranha todinha (AFV 16 PES).

c) Sujeito e oblíquo tônico.

- formas paralelas: *tu + contigo* e *você/cê + com você/cê*

(15) o que tô fazendo **contigo** aqui hoje: daqui uns dias **tu** pode fazer com outra pessoa (RSQ 15 JFF).

(16) **cê** vai ver ela é fantástica... as imagens são uma coisa linda... parece que conversa **com você** (BRB 05 ATM).

- formas não paralelas: *tu + com você/cê* e *você/cê + contigo*

(17) **cê** vê que a pessoa sai alegre **contigo** (RSQ 11 GSF).

Ressalta-se que acrescentou a essa variável o fator contextos sem paralelismo, que se referem às ocorrências isoladas dos pronomes, quando não houve usos dos elementos pronominais tanto do paradigma de 2P quanto de 3P. Dessa maneira, para análise multivariacional dessa variável, as ocorrências foram codificadas conforme o fator em que elas se encaixavam, ou seja, formas paralelas, formas não paralelas e contextos sem paralelismo.

Isso posto, a seguir, expõe-se a descrição da variável tipo de verbo analisada nesta pesquisa.

3. Tipo de verbo:

A variável tipo de verbo faz referência ao estudo de Franceschini (2011). A autora analisou a influência dos tipos verbais *dicendi*, *epistêmicos*, *ação* e *estado* na alternância pronominal *tu/você*, em Concórdia (SC). Em termos de resultados, tal estudo apontou que os verbos *epistêmicos* e de *estado* favorecem o uso do pronome *tu* e os verbos *dicendi* e de *ação* favorecem a forma *você*. Guimarães (2014) também controlou tal variável em sua pesquisa realizada em Fortaleza (CE), no entanto, além desses quatro tipos verbais (*dicendi*, *epistêmicos*, *ação* e *estado*), a pesquisadora inseriu também como fatores o *verbo ter* — por não conseguir encaixá-lo em nenhuma categoria — e os contextos *sem verbo*. Dessa maneira, os resultados encontrados por Guimarães (2014) indicaram que os verbos *epistêmicos*, a categoria *sem verbo*, os verbos *dicendi* e de *ação* são os fatores que favorecem o uso de *tu* nas falas fortalezenses, e consequentemente, os verbos de *estado* e o *verbo ter* favorecem o emprego de *você*.

Tendo em vista as análises das duas autoras supracitadas, percebe-se que há uma tendência de os verbos epistêmicos favorecerem o uso do pronome *tu*. Diante disso, o objetivo de averiguar essa variável parte do princípio de identificar qual o tipo de verbo que mais favorece a variação nas localidades em estudo. Para além, demonstrar se esses tipos verbais apresentam alguma tendência já verificada nos trabalhos dessas duas autoras.

Como já relatado, a análise dessa variável faz referência ao estudo de Franceschini (2011) pelo fato de considerar a mesma classificação dos tipos de verbo, ou seja, *dicendi*, *epistêmicos*, *ação* e *estado*. Sendo assim, a seguir, têm-se as categorias verbais analisadas, bem como seus respectivos exemplos.

a) Ação.

Essa categoria verbal é bem abrangente, sobretudo pelo fato de estar relacionada a alguma ação ou movimento, como, por exemplo, *brincar, correr, comprar, trabalhar, comer, andar*, entre outros. Para exemplificar esse tipo de verbo, têm-se os trechos (18) e (19) seguintes. Em (18), o falante relatava sobre a rotina de fatos ruins na televisão e, em (19), o participante explicava, ao entrevistador, como se faz um estrogonofe.

(18) essas coisa ruim que vem essas doença ruim que vem na que cê **liga** a televisão só tem só notícia ruim (AFV 12 AM).

(19) acrescentos né? e: por último aí catchup... uma parte catchup... é mos/ é: mostarda... pra dar o toque picante e adocicado né? porquê o estrogonofe é um prato adocicado... aí por último tu **põe** o creme de leite mistura ele aquece um pouquinho e po/ e pronto pra servi com arroz batata frita. (RSQ 10 VTP).

b) *Dicendi*.

Os verbos *dicendi* estão relacionados ao ato da fala ou ao dizer. Conforme Franceschini (2011), são definidos como verbos que, geralmente, introduzem o discurso. Neste estudo, todos os verbos que estão relacionados ao dizer — *falar, comunicar, responder, contar, explicar, dizer, perguntar*, entre outros — foram classificados como *dicendi*. Os exemplos abaixo correspondem a esse tipo de verbo. Em (20), o falante estava notificando que dormiu enquanto esperava o entrevistador. Em (21), a entrevistada estava exemplificando como daria uma informação para alguém. No exemplo (22), a participante relata como os professores agiam antigamente com os alunos. Em (23), a falante conversava com uma cliente no restaurante a respeito da comida que estava reservada.

(20) eu que tu falou meio dia acabei foi dormindo (RSQ 13 JCS).

(21) “chega lá na frente cê **pergunta** mais gente... cê tiver dúvida entendeu?” assim que eu explicaria. (RSQ 07 CLP).

(22) se ocê **pergunta** sua mãe seu pai avós era com a régua ou dava sacode no ombro e carregava jogava no quadro de frente as vezes (AFV 06 SGSS).

(23) falô você **falô** eu perguntei “o Juliano ela vai almoçar pra/ ” “ah deve de almoçar”. (AFV 07 MDSS).

c) Estado.

Os verbos de estado analisados neste estudo incluem *ser permanecer, estar, ficar, continuar, ter*, entre outros. A seguir, apresentam-se alguns exemplos dos verbos de estado retirados da amostra da presente pesquisa. Ressalta-se que em (24) o falante ressaquinhense

estava exemplificando como ele aconselharia algum indivíduo viciado em drogas. Já em (25), a participante perguntava a entrevistadora sobre a sua religião.

(24) olha porque **tu** tá nessa vida?" (RSQ 15 JFF).

(25) **cê** é católica ou não? (BRB 05 ATM).

d) Epistêmico.

Os verbos epistêmicos fazem referência a alguma atividade mental, como por exemplo, *pensar, conhecer, imaginar, saber, lembrar, acreditar*, entre outros. Dessa maneira, para exemplificação dessa categoria verbal, apresentam-se os trechos (26) e (27), retirados da amostra desta pesquisa. Em (26), a entrevistada relatava sobre um assalto em Barbacena. No exemplo (27), o participante falava sobre seu trabalho como motorista, mas que desejava que os seguissem a mesma profissão dele.

(26) a única coisa que me lembro de coisas desse sentido foi só um assaltuzinho que deu ali uma vez né que deu uns tiros numas pessoa... foi um horror... porquê **tu** pensa aqui parado e de repente acontecer uma coisa dessa ((risos)). (BRB 02 MFMF).

(27) é um trabalho assim digno gostoso **cê** conhece muita gente conversa com muita gente mas não quero pra eles não quero não... é... uma hora **cê** tá indo pode ser pro uma cidade tem fiscalização parando por causa de um município que não pode transitar em outro e como é que **cê** não vai. (AFV 11 FTS).

4. Tipo de discurso:

A variável tipo de discurso é constantemente analisada entre as pesquisas que focalizam os pronomes *tu* e *você*. A motivação para a escolha desse fator deve-se ao fato de que algumas temáticas, nas entrevistas, partiram do contexto de relato, ou seja, algumas perguntas realizadas durante as gravações das entrevistas tinham relação com algo já acontecido com o participante. Dessa maneira, ele relatava os fatos. Por outro lado, outras direcionaram o entrevistado a uma exemplificação de algum possível aconselhamento diante de temas como uso de bebida alcoólica e drogas, entre outros. Além disso, nas entrevistas, era solicitado ao falante que contasse relatos sobre fatos curiosos e acontecimentos a respeito da cidade onde ele mora. Tendo em vista esses aspectos, percebe-se que, na realização das entrevistas sociolinguísticas, foram utilizadas diversas temáticas que podem favorecer um ou outro tipo de discurso. Nesse sentido, a avaliação dessa variável pode indicar se os diferentes tipos de discursos influenciam a variação dos pronomes de 2P.

Para compor essa variável, foram considerados três tipos de discursos. A seguir, são especificados cada um, com seus respectivos exemplos.

a) Discurso direto

Considerou-se como discurso direto a fala com quem o participante se dirige a alguém próximo do discurso, sendo direcionado ao entrevistador ou a um interveniente — a alguém que está presente durante a entrevista (um amigo ou alguém do grupo familiar). A seguir, têm-se dois exemplos do discurso direto retirados da amostra entrevistas sociolinguísticas. Ressalta-se que em (28) a participante estava se referindo a um túmulo no cemitério que minava água e convidou o entrevistador para averiguar tal fato. Já em (29), a falante estava orientando a entrevistadora a entrar no *Campus* da IFMG, em Barbacena, para realizar uma pesquisa.

(28) se **tu** for lá **tu** vai ver (RSQ 01 LHSC).

(29) se **cê** falar que precisa fazer uma pesquisa eles vão deixá **você** entrar (BRB 05 ATM).

b) Discurso relatado

Para este estudo, foi considerado como discurso relatado as falas reportadas pelo entrevistado, sendo um acontecimento que ele narra com reproduções de relatos do próprio falante, conforme se vê no exemplo (30), ou de terceiros, especificado no exemplo (31) e, até mesmo, um possível discurso do participante que se refere a um conselho para alguém, como se observa em (32). É importante ressaltar que em (30), o contexto do relato refere-se a um eventual acontecimento sobrenatural que ocorreu no cemitério de Ressaquinha. Em (31), o participante relata seu desejo em doar seus órgãos para estudos medicinais e o exemplo (32) a participante estava exemplificando como ela daria um conselho para seu neto, caso um dia ele parasse de estudar.

(30) “C. A. G... C. A. eu e a M. A. vimos que foi eu e ela lá... aí eu falei “oh Maria Augusta olha pra **tu** ver... do sô N. tá pouquinho.... mas ainda tá minando mas de lá tá começando”... tempo seco não tem como tá aquela poça d’água lá não” (RSQ 01 LHSC).

(31) eu já falei eu falei com o médico pra estudá... o meu corpo eu não importo que estuda ele... é... aí o médico falou comigo “ó esse negócio de doação **cê** tem que assiná” eu falei “não eu assino tudo que for preciso” (BRB 12 SBM).

(32) ah eu falaria assim “não meu filho **cê** tá novo tá com dezesseis” ele tá com dezesseis anos “deve não não vai desistir não... enfrenta porquê eu não tive não tive as condições

de estudar porquê o pai ganhava pouco nós tinha que trabalhar pra ajudar”. (AFV 09 MMA).

c) Discurso genérico

No presente estudo, considerou-se como discurso genérico as falas que não se referem a um interlocutor apenas ou a um interlocutor conhecido, mas a todos aqueles que cabem dentro do contexto de uma informação, em outras palavras, um discurso direcionado aos falantes em geral, conforme sinaliza os exemplos seguintes. Vale ressaltar que o assunto abordado em (33) partiu de relatos sobre os perigos de deixar uma criança andar sem companhia atualmente. Já em (34), a falante explicava sobre o fato de não se poder fazer tanto para um cidadão que entra para o mundo das drogas. No que diz respeito ao exemplo (35), a participante sinalizava que muitas vezes são as más companhias que levam o ser humano ao mundo de vício.

(33) como é que **ocê** solta umas crianças na br pra ir lá embaixo (AFV 11 FTS).

(34) sabe? **tu** podes proibir (AFV 06 SGSS).

(35) mas **você** tem que saber com quem que **você** anda (BRB 05 ATM).

No estado mineiro, o fator tipo de discurso já foi alvo de estudo de algumas pesquisas, tais como, o estudo de Mota (2008), que apontou o discurso relatado como favorecedor ao emprego de *tu*, em São João da Ponte, e a pesquisa de Silva (2017), realizada em Ressaquinha, que sinalizou o discurso relatado e a referência genérica como fatores que favorecem o uso de *você*. No presente trabalho, considerando-se o estudo de Silva (2017), conjectura-se que essa tendência do pronome *você* e suas variantes (*ocê* e *cê*) serem favorecidos nas falas reportadas, e nos discursos genéricos, também prossegue nas cidades de Alfredo Vasconcelos e Barbacena, sobretudo pelo fato de Ressaquinha ser uma localidade limítrofe desses municípios.

Dando continuidade à apresentação das variáveis trabalhadas no presente estudo, a seguir, expõem-se os grupos de fatores extralinguísticos sexo e faixa etária.

Grupos de fatores extralinguísticos

Neste estudo, foram escolhidos 2 grupos de fatores extralinguísticos — sexo e faixa etária — considerados como relevantes para o condicionamento do fenômeno de variação linguística. Dessa maneira, a seguir, apresentam-se tais variáveis e suas estratificações.

1. Sexo

A variável sexo tem seu papel de relevância nos estudos sociolinguísticos. A análise desse fator ganhou forças na comunidade científica na década de 1960, sobretudo com os estudos labovianos e, até então, tem sido, constantemente, averiguado em diversos estudos direcionados ao fenômeno de variação linguística no Brasil e no mundo.

Gonçalves (2008), partindo da significância da variável sexo nos estudos sociolinguísticos, destaca que

A análise da dimensão social da variação e da mudança linguística não pode ignorar, no entanto, que a maior ou menor ocorrência de certas variantes, principalmente daquelas que envolvem o binômio forma padrão/ forma não-padrão e o processo de implementação de mudanças estejam associados ao gênero do falante e à forma de construção social dos papéis feminino e masculino (GONÇALVES, 2008, p. 200).

Dessa maneira, há diferenciações no processo de socialização e construção dos papéis feminino e masculino que podem, conforme assinala Santos (2012), refletir no uso de uma ou outra forma pronominal, fazendo com que a variável sexo seja apontada como relevante para ocorrência da variação. Nesse sentido, faz-se necessária a análise desse fator no presente estudo, sobretudo para agregar mais informações sobre as tendências de uso dos pronomes *tu*, *você*, *ocê* e *cê* pelos homens e pelas mulheres do estado mineiro.

No que diz respeito à variação entre os pronomes de 2P em Minas Gerais, Coelho (1999) constatou, nas falas da cidade de São Francisco, localizada na região norte mineira, a tendência do sexo masculino em utilizar com mais frequência as variantes *ocê* e *cê*, e as mulheres empregam mais o *você*. Essa tendência também se confirma no estudo de Gonçalves (2008), realizado no município de Arcos. Por meio dos resultados encontrados, o autor assinala que os homens arcoenses tendem a ser menos conservadores ao utilizarem com mais frequência as formas inovadoras *ocê* e *cê*. No entanto, o pesquisador ressalta que a forma *você* tem índices de uso bastante equilibrado entre ambos os sexos, sendo 51% para as falas femininas e 49% para falas masculinas. No que diz respeito às falas belo-horizontinas, o estudo de Peres (2006), no *corpus* 2002, demonstrou que os homens tendem a ser mais conservadores, utilizando com mais frequência a forma *você* e as mulheres são mais adeptas à variante *cê*. Já o pronome *ocê* não é tão recorrente nas falas de ambos os sexos, com percentual inferior a 5%. Em relação ao norte de Minas Gerais, o estudo de Reis (2019), realizado em Lontra, comprovou, por meio da amostra da oralidade, que as mulheres empregam mais as formas-padrão (*tu* ou *você*) que os homens, sendo (62%). No entanto, quando se considera a mesorregião Campo das Vertentes, o estudo de Silva (2017) indicou, em Ressaquinha, um uso bem equilibrado, com percentuais quase que iguais, em ambos os sexos, tanto para o uso de *tu* quanto para o emprego de *você*.

Tendo em vista esses dados constatados na fala mineira, no contexto geral, percebe-se que as mulheres tendem a utilizar as formas-padrão, conforme em Coelho (1999), Gonçalves (2008) e Reis (2019). Dessa maneira, se conjectura que essa tendência se procede também nas cidades de Alfredo Vasconcelos e Barbacena, como também em Ressaquinha, apesar dessa localidade apresentar um uso equilibrado dos pronomes *tu* e *você* (SILVA, 2017), acredita-se que na análise dos pronomes *tu*, *você*, *ocê* e *cê* de forma separada os resultados podem confirmar a escolha pronominal mais conservadora do sexo feminino.

Para este estudo, a seguinte estratificação para a variável sexo:

- a) feminino;
- b) masculino.

2. Faixa etária

A faixa etária é um dos fatores extralinguísticos mais averiguados nos estudos que contemplam a variação e mudança na língua. No contexto do estado de Minas Gerais, por exemplo, Coelho (1999) constatou, na localidade de São Francisco, que os falantes da idade mediana (26 a 49 anos) favorecem o uso de *você*, ao passo que os mais jovens (15 a 25 anos) tendem a utilizar as variantes *cê* e *ocê*. Já o estudo de Gonçalves (2008) demonstrou que na cidade de Arcos, os falantes das três faixas etárias analisadas (15 a 30; 31 a 59 e 60 anos ou mais) preferem o uso de *cê* e, com relação às formas *você* e *cê*, notou-se que são mais recorrentes nas faixas etárias dos medianos (31 a 59 anos). No que diz respeito à pesquisa de Peres (2006), essa indicou que todas as faixas etárias (08-11; 12-15; 16-30; 31-47 e 47 ou mais) dos belo-horizontinos são favoráveis ao emprego de *cê*, assim como ocorre em Arcos. A autora ressalta uma possível mudança em progresso no uso de *cê* pelos falantes mais jovens, ou seja, os dados demonstraram que, quanto mais novos, maior é a frequência de tal forma pronominal. Além disso, os resultados encontrados por Peres (2006) sinalizaram que o *você* é mais empregado pelos falantes masculinos da faixa etária de 47 ou mais.

No que diz respeito ao pronome *tu* em Minas Gerais, o estudo de Mota (2008), realizado na cidade de São João da Ponte, demonstrou que os mais jovens (15 a 25 anos) são os que mais utilizam o pronome *tu*. Tal como ocorre na pesquisa de Silva (2017), em Ressaquinha, que também constatou o uso de *tu* mais frequente nas falas mais jovens (20 a 35 anos).

Diante do exposto, esse estudo tem a função de contribuir para as análises dos usos dos pronomes de 2P em diferentes faixas etárias mineiras, mais precisamente, nas cidades de Alfredo Vasconcelos, Barbacena e Ressaquinha. Essa última, embora já tenha sido estudada por Silva (2017), nesta pesquisa, os resultados do pronome *você* e suas variantes *ocê* e *cê* são

contabilizados de forma separada, e não acopladas como uma única variante (*você*), conforme se verifica em Silva (2017). Dessa maneira, foi escolhida a seguinte estratificação da faixa etária:

- a) 18 a 35 anos;
- b) 36 - 50 anos;
- c) 51 anos ou mais.

Tal estratificação foi baseada no estudo de Silva (2017), sendo que a primeira faixa etária contempla os falantes mais jovens, que estão ainda estudando ou prestes a se inserir no mercado de trabalho. A segunda faixa refere-se à fase mais adulta, aos que, possivelmente, já estão inseridos no mercado de trabalho. A terceira faixa diz respeito aos falantes mais velhos, que viveram em tempos com costumes diferentes das demais faixas etárias e que, provavelmente, estão aposentados.

Diante dos resultados expostos nos trabalhos de Mota (2008) e Silva (2017), conjectura-se que os falantes mais jovens de Alfredo Vasconcelos, Barbacena e Ressaquinha fazem mais uso da forma *tu*. Com relação a variante *cê*, espera-se que seja frequente em todas as faixas etárias, principalmente, em Alfredo Vasconcelos e Barbacena, locais que, durante a coleta dos dados, demonstraram que tal pronome é mais recorrente entre os falantes, seguindo a tendência já encontrada nas falas mineira por Peres (2006) e Gonçalves (2008).

Posto os aspectos referentes à metodologia da amostra entrevistas sociolinguísticas, na seção seguinte apresenta-se o delineamento metodológico da amostra dos testes de percepção e produção.

2.2.2. Amostra Testes de Percepção e Produção

No presente estudo, além da amostra das entrevistas sociolinguísticas, decidiu-se aplicar dois testes linguísticos, percepção e produção. A importância dos testes para a pesquisa em questão reside no aspecto da consciência do falante e suas atitudes diante do fenômeno linguístico estudado. Segundo Tarallo (1986), os testes sociolinguísticos são uma forma de submeter os falantes à situação experimental, em outras palavras, é o parecer dos participantes diante da variedade linguística que ele utiliza. Dessa maneira, a proposta da realização dos testes nesta pesquisa teve como objetivo buscar a percepção e ações dos sujeitos quando em contato com os pronomes de 2P.

Tal procedimento já foi utilizado como método de análise na região Norte mineira, mais precisamente, pelas pesquisadoras Mota (2008) e Reis (2019), nas cidades de São João da Ponte

e Lontra, respectivamente. Mota (2008) trabalhou com o teste de produção. Na sua proposta, o falante era instigado a produzir frases, ou seja, a pesquisadora sugeria uma palavra e o participante fazia uma pergunta, escolhendo uma ou outra variante pronominal. Por meio desse mecanismo, a autora comprovou a variação pronominal *tu* e *você* em São João da Ponte. Reis (2019), além de comprovar, por meio do teste de atitude e percepção linguística, a variação pronominal de segunda pessoa *tu* e *você*, também constatou a influência dos traços da oralidade na escrita, bem como indícios do preconceito linguístico, sobretudo no uso da variante *tu* sem a concordância verbal expressa.

Tendo em vista o exposto, é notório que o uso dos testes é fundamental para análise de um fenômeno linguístico. No caso da presente pesquisa, esse método tem objetivo de identificar a variação pronominal de 2P do singular em Alfredo Vasconcelos, Barbacena e Ressaquinha, por meio da percepção subjetiva do falante diante de sua variedade linguística utilizada, sobretudo nas relações sociais simétricas e assimétricas, como também no contexto paradigmático das formas pronominais, e assim poder comparar os resultados obtidos com a amostra da língua falada. É importante salientar que, na aplicação dos testes, todos os participantes tinham consciência da variedade linguística que estava sendo estudada, o que difere da amostra entrevistas sociolinguísticas, que era realizada sem que os sujeitos soubessem do fenômeno investigado.

Todos os testes foram aplicados pelos entrevistadores após a gravação das entrevistas sociolinguísticas e era notificado, no momento da aplicação, que se tratava de algumas perguntas que visavam saber como eles compreendem ou utilizam certas expressões linguísticas, mais precisamente, os pronomes de 2P do singular usados tanto por eles quanto pelos falantes das localidades. Diante da amplitude da presente pesquisa, optou-se por trabalhar com uma amostra menor nos testes de percepção e produção, sendo 36 testes (12 por cada cidade). O quadro 9, a seguir, exemplifica a distribuição geral dos testes, tendo em vista as localidades e as variáveis extralinguísticas.

Quadro 9: Distribuição dos testes de cada localidade por variável extralinguística.

CIDADE	FAIXA ETÁRIA	SEXO	
		Feminino	Masculino
Alfredo Vasconcelos	18 a 30 anos	2	2
	31 a 50 anos	2	2
	51 anos ou mais	2	2

Barbacena	18 a 30 anos	2	2
	31 a 50 anos	2	2
	51 anos ou mais	2	2
Ressaquinha	18 a 30 anos	2	2
	31 a 50 anos	2	2
	51 anos ou mais	2	2
TOTAL: 36 testes			

Fonte: Dados da autora.

Conforme já citado, são trabalhados, neste estudo, os testes de percepção e produção. O formato metodológico dos testes foi baseado na pesquisa de Rocha (2012). Dessa maneira, no que se refere ao teste de percepção, foi questionado ao falante sobre qual forma pronominal ele costuma usar com diferentes interlocutores, tais como, amigos, pais, avós ou alguém superior (chefe, por exemplo), e posteriormente, perguntou-se ao entrevistado quais as formas ele acha mais usuais entre os membros de sua comunidade. Em relação ao teste de produção, foi solicitado ao participante que produzisse a variável linguística, conforme o uso que ele faz dos pronomes de segunda pessoa do singular, em seu dia a dia, preenchendo as lacunas em branco (ver Apêndice 2).

Partindo-se das respostas dadas no teste de percepção, foram produzidas tabelas com percentuais que indicam as escolhas dos participantes por uma ou outra forma pronominal com relação aos interlocutores. Já o teste de produção foi analisado de forma diferente, ou seja, todas as frases foram caracterizadas como se fossem produzidas pelo falante e inseridas no programa GoldVarb X. Para análise do teste de produção, controlaram-se os seguintes fatores:

Grupos de fatores linguísticos:

1. Paralelismo sujeito e possessivo - formas paralelas: *tu + teu/tua* e *você/cê + seu/sua* e formas não paralelas: *tu + seu/sua*; *você/cê + teu/tua*.
2. Paralelismo sujeito e oblíquo átono: formas paralelas: *tu + te* e *você/cê + lhe* e formas não paralelas: *tu + lhe*; *você/cê + te*.
3. Paralelismo sujeito e oblíquo tônico: *tu + contigo* e *você/cê + com você/cê* e formas não paralelas: *tu + com você/cê* e *você/cê + contigo*.

Grupos de fatores extralinguísticos

1. Sexo - feminino e masculino
2. Faixa etária: F1 (18 a 30 anos); F2 (31 a 50 anos) e F3 (51 anos ou mais)

Essas variáveis também são controladas na amostra das entrevistas sociolinguísticas, sendo assim, será possível uma comparação entre as duas amostras.

Posto todo o processo metodológico deste estudo, a seguir, têm-se os resultados da análise dos dados referentes às duas amostras, entrevistas sociolinguísticas e testes de percepção e produção.

3. ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo são apresentados os resultados referentes às análises dos dados, tendo em vista tanto a amostra entrevistas sociolinguísticas quanto a amostra testes de percepção e produção coletadas nos municípios de Alfredo Vasconcelos, Barbacena e Ressaquinha. No que diz respeito à amostra entrevistas sociolinguísticas, a descrição dos resultados é apresentada por localidade estudada. Dessa maneira, em um primeiro momento, as análises representativas de cada município são estruturadas da seguinte forma: inicialmente são expostos os dados correspondentes à distribuição geral dos pronomes analisados, ou seja, os números de ocorrências encontradas das formas *tu*, *você*, *ocê* e *cê* e, em seguida, abordam-se os resultados referentes à análise multivariacional dos dados examinados com o auxílio do *software* GoldVarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005). Logo após a exposição da análise dos dados em cada cidade, são apresentadas as sínteses e a comparação dos resultados, levando-se em consideração os dados dos municípios estudados, bem como outros estudos brasileiros que focalizaram o mesmo tema.

Após a apresentação dos resultados representativos da amostra entrevistas sociolinguísticas, passa-se para exibição dos números referentes à amostra teste de percepção e produção, sendo, inicialmente, expostos os resultados do teste de percepção em cada cidade examinada e, logo após, são apresentados os resultados que dizem respeito ao teste de produção. Ao final, é apresentada uma comparação dos resultados, tendo em vista a análise dos testes de percepção e produção em cada cidade, bem como uma comparação geral com os dados das duas amostras deste estudo.

3.1. Amostra entrevistas sociolinguísticas

Nesta seção, expõem-se as análises da amostra entrevistas sociolinguísticas, que é composta por 54 entrevistas, sendo 18 gravações por cada cidade examinada. A partir dessa amostra, obteve-se um total de 1.696 ocorrências representativas das formas *tu*, *você*, *ocê* e *cê*, sendo 441 em Alfredo Vasconcelos, 737 em Barbacena e 518 em Ressaquinha.

Os resultados exibidos nesta seção referem-se à distribuição geral das ocorrências dos pronomes de 2P do singular em cada município analisado, bem como à análise multivariacional dos dados correspondentes às três cidades. Inicialmente, abordam-se os dados da localidade de Alfredo Vasconcelos. Logo após, expõem-se os resultados de Barbacena e, por último, as análises dos dados da cidade de Ressaquinha.

No que se refere aos resultados da análise multivariacional dos dados, é importante ressaltar que, conforme já relatado na seção anterior, foram realizadas 12 rodadas binárias no *software* GoldVarb X com a finalidade de se obter, sobretudo, o peso relativo para cada pronome em análise. O foco desta pesquisa é demonstrar a influência dos fatores linguísticos e extralinguísticos na variação pronominal em cada localidade. Dessa maneira, na apresentação dos resultados da análise multivariacional, são expostas, em tópicos, todas as variáveis analisadas (contexto sintático, paralelismo formal, tipo de verbo, tipo de discurso, sexo e faixa etária), seguidas dos dados representativos das rodadas binárias nas quais essas variáveis foram selecionadas e consideradas como influenciadoras no fenômeno de variação nos municípios estudados.

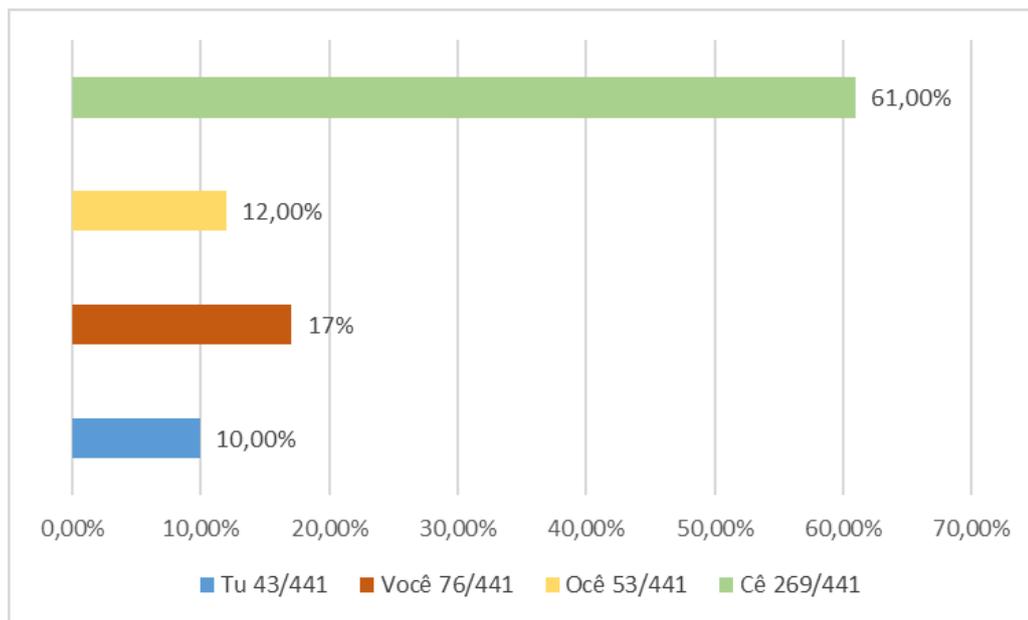
3.1.1. Amostra entrevistas sociolinguísticas: resultados de Alfredo Vasconcelos

Apresentam-se, a seguir, os resultados correspondentes à análise dos dados em Alfredo Vasconcelos. Em primeira instância, aborda-se a distribuição geral do número de ocorrências dos pronomes de 2P *tu*, *você*, *ocê* e *cê* e, em seguida, passa-se para a análise multivariacional, expondo-se todos as variáveis que foram examinadas e a relevância de cada uma para o fenômeno em variação em estudo.

3.1.1.1 Distribuição geral dos pronomes *tu*, *você*, *ocê* e *cê* em Alfredo Vasconcelos

No que diz respeito aos resultados referentes à distribuição geral de ocorrências em Alfredo Vasconcelos, contabilizaram-se um total de 441 dados dos pronomes de 2P do singular *tu*, *você*, *ocê* e *cê*, conforme demonstra o gráfico 5.

Gráfico 5 – Distribuição geral dos pronomes *tu*, *você*, *ocê* e *cê* em Alfredo Vasconcelos.



Fonte: Elaboração própria.

Diante dos resultados apontados no gráfico 5, é possível notar a preferência dos falantes de Alfredo de Vasconcelos pela variante *cê*, com 269/441 (61%), seguida dos pronomes *você*, com 76/441 (17%), *ocê*, com 53/441 (12%) e *tu*, com 43/441 (10%). Tendo em vista esses dados, observa-se que as falas vasconcelenses seguem a mesma tendência já encontrada em Minas Gerais, nos estudos de Coelho (1999), Peres (2006) e Gonçalves (2008), realizados nas cidades de São Francisco, Belo Horizonte e Arcos, respectivamente, no que tange ao uso acentuado da forma *cê*. No que se refere aos pronomes *você* e *ocê*, nota-se uma aproximação com os dados analisados na capital mineira por Peres (2006), ou seja, a autora também constatou que o pronome *você*, com 15,9% de uso no *corpus* de 1982 e 23,5% no *corpus* 2002, é a segunda escolha pronominal mais utilizada em Belo Horizonte e a variante *ocê*, tendo uma frequência de 6,6% no *corpus* 1982 e 3,9% no *corpus* 2002, não apresentou ser tão recorrente, tal como ocorre nos dados de Alfredo Vasconcelos.

No que diz respeito ao *tu*, é importante destacar a presença desse pronome entre os falantes do município de Alfredo Vasconcelos. Conforme já citado, um dos objetivos deste estudo é averiguar se o pronome *tu* faz parte também do repertório linguístico das cidades limítrofes de Ressaquinha. Dessa maneira, apesar do percentual baixo, 10%, confirma-se o uso de *tu* na localidade de Alfredo Vasconcelos. Tal resultado corresponde às falas de 16 dos 18 participantes das entrevistas que utilizaram essa forma pronominal no momento das gravações. Essa evidência comprova que o *tu* parece ser parte da escolha pronominal da maioria desses

falantes. Ao perguntar a uma das entrevistadas se ela usa o pronome *tu* e se tal forma era constantemente empregada pelos vasconcelenses, obteve-se a seguinte resposta.

(1) Participante: Falo. Falo o tu também... Falo com amigos... ah é geral mesmo... no meu local de trabalho mesmo a gente usa muito o tu... é muito usado aqui em Vasconcelos... acho que é geral... todo mundo usa (AFV 02 RMD).

Diante disso, apesar de esta pesquisa apresentar um menor índice da forma *tu*, é possível dizer que essa variante parece ser um elemento pronominal bem recorrente entre os falantes. Um outro dado importante a se destacar no que diz respeito ao uso de *tu* nas falas de Alfredo Vasconcelos é presença de uma ocorrência desse pronome com a flexão verbal correspondente de 2P, conforme se vê em (2). Ressalta-se que se trata de uma falante do sexo feminino, da faixa etária mediana, ou seja, 45 anos de idade, nascida em Ressaquinha e que reside em Alfredo Vasconcelos há 15 anos. Em termos do assunto do trecho (2), teve como temática a comercialização e o uso de drogas em Alfredo Vasconcelos.

(2) Participante: é verdade vai na residência é igual a minha casa eu posso fazer dela um ponto de droga e o pessoal vai lá comprar

Entrevistadora: e não tem fiscalização assim?

Participante: quem fiscalizar? Polícia? aqui as polícia sabe todo mundo sabe mas isso é uma coisa que não tem domínio

Entrevistadora: sim

Participante: sabe **tu** **podes** proibir

Entrevistadora: e aqui por ser uma cidade pequena com poucos policiais né... porque quando é cidade pequena não tem

Participante: ah não adianta não eles vêm (AFV 06 SGSS).

Essa constatação torna-se relevante, uma vez que as pesquisas realizadas em Minas Gerais (MOTA, 2008; SILVA, 2017 e REIS 2019), que estudaram a forma *tu*, não encontraram dados correspondentes à concordância verbal em 2P desse pronome. No entanto, é importante considerar o fato de que as demais ocorrências (42/43) da variante *tu*, em Alfredo Vasconcelos, apresentam ser expressas com a 3P gramatical, seguindo a tendência desses estudos mineiros supracitados e, em termos de classificação dos subsistemas pronominais realizados por Scherre *et al.* (2015, p. 142), tal cidade pode ser representada pelo subsistema *você/tu sem concordância: tu de 1% a 90% sem concordância*.

Não se pode deixar de mencionar o fato de que ao adentrar na cidade de Alfredo Vasconcelos, foi possível notar o constante uso do pronome *tu* entre os falantes, principalmente entre os familiares e nas relações entre pais/filhos/avós/netos/tios. Para ilustrar essas evidências, abordam-se algumas conversas dos participantes que demonstram a referência desse pronome conservador entre eles. Ressalta-se que os trechos (3) e (4) são dois diálogos entre duas

participantes desta pesquisa, sendo uma a neta (AFV 08 LSS, nomeada como Participante 1) e a avó (AFV 07 MDSS, nomeada como Participante 2). Em relação aos assuntos relatados nos seguintes trechos, em (3) a participante AFV 08 LSS buscava responder à pergunta da pesquisadora sobre a naturalidade dos pais. Já em (4), ambas as participantes tentavam definir quem seria a primeira a gravar a entrevista para a presente pesquisa.

(3) **Participante 1:** meus pais?

Entrevistadora: nasceram onde?

Participante 1: oh vó a mãe nasceu em Barbacena ou Ressaquinha?

Participante 2: tua mãe nasceu em Ressaquinha uai

Participante 1: e o pai nasceu aqui né?

Participante 2: ah teu pai tem que perguntar pra ele tua mãe/

Participante 1: oh pai **tu** nasceu aqui? aí ó **tu** nasceu aqui?

Entrevistadora: ((risos)) (AFV 08 LSS).

(4) **Participante 1:** pode fazer com ela primeiro

Entrevistadora: pode fazer com ela primeiro?

Participante 2: faz com a L. primeiro

Participante 1: não faz contigo uai **tu** é a mais velha (AFV 07 MDSS).

Diante dos trechos expostos, é possível perceber o uso da forma *tu* na relação social assimétrica ascendente (de inferior para superior). Isso é, nota-se que em (3), a filha se dirige ao pai com o pronome *tu*, quando lhe é perguntado sobre a localidade onde ele nasceu e em (4) a mesma participante AFV 08 LSS faz uso do pronome *tu* para se referir à avó. Além dessas constatações, notou-se também que o pronome *tu* está presente na relação social assimétrica descendente (superior para inferior), conforme se observa nos diálogos (5) e (6) seguintes. Ressalta-se que no diálogo (5) a já citada participante AFV 08 LSS conversava com a sua avó sobre a entrevista e em (6) com o seu pai (nomeado como Parente 1) a respeito da cidade, mais precisamente, em relação ao aspecto de lazer.

(5) **Entrevistadora:** é passar pra cá

Participante 2:: vão ver **tu** responde agora Lívia

Participante 1:: agora é eu lá vai eu... vou ser bem rápida

Entrevistadora: ((risos))... é: (AFV 08 LSS).

(6) **Entrevistadora:** você gosta de morar aqui?

Participante 1:: gosto... só que aqui não tem nada assim de lazer né... aqui é mais tranquilidade mesmo que

Parente 1 (pai): ah tem uai... tem uma piscina grande pra **tu** ir lá nadar

Participante 1: ((risos))

Parente 1 (pai): sempre entra na água (AFV 08 LSS).

Tendo em vista os trechos (5) e (6), nota-se que ambos correspondem às falas de um superior para inferior, ou seja, avó para a neta e pai para a filha. Em geral, esses diálogos apresentados demonstram que o pronome *tu* parece ser comum nas relações sociais íntimas desses falantes, independentemente da posição social em que eles se encontram.

Apesar da análise multivariacional dos dados em Alfredo Vasconcelos, apresentada na próxima subseção, abordar os resultados referentes ao paralelismo formal de maneira mais detalhada, é importante mencionar que constataram-se, nas falas vasconcelenses, a presença dos elementos do mesmo paradigma de *tu* (*teu/tua, te, contigo*), sendo a forma oblíqua *contigo*, preferencialmente empregada paralela ao pronome *tu*, os possessivos *teu/tua* e o átono *te*, fazendo combinações tanto com o *tu*, conforme se vê em (7) e (8), quanto com *você, ocê* e *cê*, como exemplificado nos trechos (9), (10), e (11).

(7) “deixa eu ficá aqui com **tua** mulhé e **tu** vai lá na rua com meu marido lá” aí ele falou assim “não ela vai comigo” (AFV 01 TGA).

(8) não pode ir lá **tu** não vai perdê não eu **te** garanto (AFV 14 JFF).

(9) **cê** pode ter certeza que as pessoas vão **te** informar direitinho (AFV 02 RMD).

(10) qualquer emprego que **você** vai arrumar eles **te** pedem referência... mas se eles não te der oportunidade (AFV 02 RMD).

(11) é eu torço p’**cê** ter muito sucesso agora eu tô com dó do **teu** marido fica carregando **ocê** (AFV 10 EES).

Por outro lado, os possessivos *seu/sua* apontam ser mais recorrentes com o pronome *você* e suas variantes *ocê* e *cê*, como nos exemplos (12), (13) e (14) seguintes. É importante salientar que foram encontradas 25 ocorrências das formas possessivas *seu/sua*, sendo que em 24/25 foi constatado o paralelismo *você/ocê/cê + seu/sua* e apenas 1/25 foi encontrado o possessivo *seu* sendo utilizado com o pronome *tu*, conforme se observa no trecho (15).

(12) por mais **você** aconselhe eles não aceitam **seu** conselho... né? (AFV 02 RMD).

(13) é **cê** tem que ficar de olho no que **seu** filho tá assistindo tá mexendo (AFV 05 LMFV).

(14) se **ocê** pergunta **sua** mãe **seu** pai avós era com a régua ou dava sacode no ombro e carregava jogava no quadro (AFV 06 SGSS).

(15) **tu** faz do **seu** jeito sem saber ... manda pra eles eles só corrige (AFV 17 JWGP).

Diante desses dados referentes ao uso dos pronomes de 2P do singular em Alfredo Vasconcelos, percebe-se um uso mais produtivo da variante *cê* nessa localidade e as formas *você* e *ocê* apresentam ser mais recorrentes que o pronome *tu*. Entretanto, destaca-se o emprego de *tu* no repertório linguístico da comunidade vasconcelense, não somente pelo fato de que, na fala mineira, tal evidência era vista apenas na região Norte do estado, mais precisamente, nas cidades de São João da Ponte e Lontra, estudadas por Mota (2008) e Reis (2019), respectivamente, e Ressaquinha, município situado na mesorregião Campo das Vertentes, que, conforme citado anteriormente, foi alvo da pesquisa de Silva (2017) e é parte da investigação deste estudo.

Como já visto, o pronome *tu* empregado em Alfredo Vasconcelos parece ser característico das relações sociais mais íntimas, independentemente da posição social do falante. Isso é, percebeu-se o uso de *tu* tanto nas relações assimétricas ascendentes (pai para filha/ avó para neta) quanto nas relações assimétricas descendentes (filha para pai/ filha para avó). Além desses dados, constatou-se também, nas falas vasconcelenses, a presença das formas paradigmáticas de 2P e 3P, sendo utilizadas tanto com o pronome *tu* quanto com as variantes *você*, *ocê* e *cê*.

Postos os dados relativos à distribuição geral dos pronomes, abordam-se, no tópico seguinte, os resultados correspondentes a análise multivariacional dos pronomes de 2P do singular em Alfredo Vasconcelos.

3.1.1.2. Análise multivariacional dos dados de Alfredo Vasconcelos

Conforme já citado, para cada cidade foram realizadas 12 rodadas *steps* no *software* GoldVarb X, com a finalidade de se obter resultados referentes à análise multivariacional dos dados, ou seja, as frequências absolutas e relativas brutas, bem como os pesos relativos correspondentes a cada pronome. Dessa maneira, a seguir, são apresentados os dados da análise multivariacional de Alfredo Vasconcelos, considerando as seis variáveis analisadas neste estudo (contexto sintático, paralelismo formal, tipo de verbo, tipo de discurso, sexo e faixa etária). Ressalta-se que os resultados não são expostos por ordem de relevância, mas por variáveis trabalhadas. Dessa maneira, são apresentadas cada variável e as rodadas binárias nas quais elas foram selecionadas pelo programa GoldVarb X, como relevantes para o fenômeno de variação.

a) Contexto sintático

No que diz respeito à variável contexto sintático, entre as 12 rodadas binárias realizadas no programa computacional GoldVarb X, apenas quatro demonstram que o contexto sintático é uma variável relevante, influenciando a variação pronominal aqui estudada, sendo elas *você x cê*, *cê x você*, *ocê x cê* e *cê x ocê*. Já nas demais, essa variável foi eliminada pelo *software* durante o processo de análise. Destaca-se que, em *você x cê* e *cê x você*, o fator contexto sintático foi selecionado como a terceira variável na ordem de relevância e, em *ocê x cê* e *cê x ocê*, esse fator foi apontado como o segundo estaticamente relevante. É importante salientar que foram contabilizadas ocorrências de três funções sintáticas, a saber: sujeito, complemento com preposição e complemento sem preposição. Entretanto, entre as quatro rodadas em que tal variável se mostra significativa para variação em Alfredo Vasconcelos, não se têm resultados para o contexto complemento sem preposição, devido à ausência de ocorrências dos pronomes *você* e *cê* nessa função. Por outro lado, no que se refere à variante *ocê*, foram encontrados dois dados de complemento sem preposição, conforme se vê nos exemplos (16) e (17).

(16) agora eu tô com dó do teu marido fica carregando **ocê** (AFV 10 EES).

(17) ficá esperando **ocê** (AFV 10 EES).

No entanto, essas duas ocorrências vistas em (16) e (17) não foram contabilizadas para evitar resultados categóricos e, conseqüentemente, nocautes. O nocaute ou KnockOut é um termo de análise do *software* GoldVarb X. Entende-se por nocaute “um fator que, num dado momento da análise, corresponde a uma frequência de 0 ou 100% para um dos valores da variável dependente” (GUY; ZILES, 2007, p.158). Diante disso, durante o processo de análise, quando um dos fatores é zero, não é possível exprimir os pesos relativos. Seguindo com a análise da variável contexto sintático na localidade de Alfredo Vasconcelos, na Tabela 5 são exibidos os dados representativos da atuação do contexto sintático na fala dos vasconcelenses, tendo em vista as quatro rodadas binárias em que esse fator foi selecionado durante o processo de análise.

Tabela 5: A atuação do contexto sintático em Alfredo Vasconcelos.

PRONOME (RODADA)	CONTEXTO SINTÁTICO					
	Sujeito			Complemento com preposição		
	Apl./T.	%	P.r.	Apl./T.	%	P.r.
você (você x cê)	69/335	20,7	0.492	7/11	63,6	0.835

cê (cê x você)	265/335	79,3	0.508	4/11	36,4	0.165
ocê (ocê x cê)	38/303	12,5	0.461	13/17	76,5	0.943
cê (cê x ocê)	265/303	87,5	0.539	4/17	23,5	0.057

Fonte: Dados da autora.

Tendo em vista o exposto na Tabela 5, nota-se que as quatro rodadas em que o contexto sintático mostra ser uma variável relevante para a variação têm em comum o pronome *cê*, sendo favorecido quando utilizado como sujeito, conforme indicam as frequências e os pesos relativos das rodadas *cê x você* e *cê x ocê*, sendo 79,3% e 0.508 e 87,5% e 0.539, respectivamente. Por outro lado, o fator complemento com preposição demonstra ser fortemente aliado às variantes *você* e *ocê*, sobretudo nas expressões *para você*, *pr'ocê* e *d'ocê*, com frequências de 63,6% e 76,5 % e pesos relativos de 0.835 e 0.943, respectivamente.

Diante dos resultados apresentados, a hipótese inicial para essa variável, a saber: a função sujeito é o contexto sintático que apresenta um maior número de ocorrência das variantes *tu*, *você*, *ocê* e *cê* nas localidades em estudo, foi corroborada em Alfredo Vasconcelos, uma vez que se percebe um número maior de ocorrências dos pronomes *você*, *ocê* e *cê* neste fator, conforme se vê na Tabela 5. Apesar dessa variável não ter se mostrado relevante para variação nas rodadas binárias com a variante *tu*, foram contabilizadas 38/43 ocorrências de tal forma pronominal na função sujeito. Para exemplificar, em (18) e (19) têm se dados da ocorrência de *tu* no contexto sintático sujeito.

(18) aqui nesse horário **tu** não acha ninguém não tá todo mundo trabalhando (AFV 17 JWGP).

(19) se ele é alérgico e **tu** acabô de falá que ele é alérgico (AFV 01 TGA).

No que se refere ainda à hipótese relativa a esse fator, mais precisamente, sobre as funções complemento sem preposição e complemento com preposição favorecer o uso das variantes *você*, *ocê* e *cê*, conforme Silva (2017), os dados demonstram que foi corroborada, parcialmente, pois, nota-se que os pronomes *você* e *ocê* são favorecidos na função sintática complemento com preposição. Já a forma *cê* sinaliza ser produtiva no contexto sintático sujeito.

Levando em consideração os dados da Tabela 5, nota-se também resultados parecidos com os estudos de Coelho (1999), Peres (2006) e Gonçalves (2008), sobretudo no que tange aos maiores índices dos pronomes *você*, *ocê* e *cê* no contexto sintático sujeito. No estudo de

Peres (2006), por exemplo, os pesos relativos das duas amostras (1992 e 2002) demonstram ser equilibrados na função sujeito, sendo acima de 0.50 para *cê* e valores neutros entre 0.40 a 0.49 para *você* e *ocê*. Diante disso, é possível dizer que Alfredo de Vasconcelos segue essa mesma tendência.

Em vista da apresentação dos resultados da variável contexto sintático, passa-se para os dados correspondentes ao paralelismo formal.

b) Paralelismo formal

Conforme já descrito na seção metodológica deste estudo, o escopo dessa variável é verificar, em um mesmo contexto de fala, se o participante que usa o pronome *tu* tende a utilizar também *te/contigo* e *teu/tua* ou, por outro lado, se o falante que utiliza as formas *você*, *ocê* e *cê* tende a empregar também *lhe/com você*, *com cê* e *seu/sua*. Dessa maneira, ao realizar as 12 rodadas binárias, percebeu-se que em apenas duas (*tu x cê* e *cê x tu*) essa variável foi selecionada, sendo a segunda em ordem de relevância, conforme os dados extraídos do *software* GoldVarb X. Os resultados são apresentados na Tabela 6.

Tabela 6: A atuação do paralelismo formal em Alfredo Vasconcelos.

PRONOME (RODADA)	PARALELISMO FORMAL					
	Formas paralelas			Contextos sem paralelismo		
	Apl./T.	%	P.r.	Apl./T.	%	P.r.
tu (tu x cê)	5/18	27,8	0.718	38/286	13,3	0.485
cê (cê x tu)	13/18	79,2	0.282	248/286	86,7	0.515

Fonte: Dados da autora.

Vale ressaltar, antes da descrição dos resultados apresentados pela Tabela 6, que não houve nenhum dado de *tu* como formas não paralelas. Dessa maneira, optou-se por eliminar esse fator durante o processo de análise para retirada de nocaute. Sendo assim, nos dados das duas rodadas binárias *tu x cê* e *cê x tu*, são apresentados apenas resultados correspondentes aos fatores formas paralelas e contextos sem paralelismo. Diante disso, conforme se observa na Tabela 6, considerando-se os resultados das variantes *tu* e *cê* apenas, as formas paralelas com o pronome *tu*, apesar de serem pouco recorrentes, com 27,8 % de frequência, são as que mais favorecem a variação em Alfredo Vasconcelos, com peso relativo de 0.718.

Os resultados apresentados pela Tabela 6 e já detalhados nessa descrição, refutam a nossa hipótese para essa localidade de que o paralelismo formal tende a ser mais frequente com as variantes *você*, *ocê* e *cê*, ou seja, *você/ocê/cê* + *lhe*, *você/ocê/cê* + *com você/com cê* e *você/ocê/cê* + *seu/sua*. Percebe-se um peso relativo relevante da forma *cê* nos contextos sem paralelismo (0,515), ou seja, nas frases em que tal variante aparece isolada, sem uso dos elementos pronominais tanto do paradigma de 2P quanto de 3P, conforme se nota em (20), (21) e (22). Ressalta-se que, conforme já mencionado na seção metodológica, períodos em que não havia os paradigmas de 2P (*teu/tua*, *te* e *contigo*) e 3P (*seu/sua*, *lhe*, *com você*) também foram considerados na análise da variável paralelismo formal. Essa decisão foi tomada com base nas poucas ocorrências dos paralelismos de 2P e 3P na amostra.

(20) é sentia assim... sério... aí ele tinha só Talita o Ítalo e Taís o Ian era neném aí eu quando eu vi aí eu vi da granja eu vim pra Ressaquinha... oh véio eu sentada igual eu sentada assim ó eu conversando com pessoa e eu tagarelado que **tu** sabe que eu falo muito... ninguém viu a pessoa só eu e era ele ele falou comigo se eu quisesse eu ia ter muito grana dinheiro e poder (RSQ 01 LHSC).

(21) sim mais comércio aquela coisa de um salário aquela coisa assim de **cê** ganhá acima de um salário não tem tanta oportunidade não mas assim pra se morar é um lugar perfeito... eu não troco aqui por nada graças a Deus consegui me estabilizar aí agora eu tô quietinho memo (AFV 13 EAS).

(22) que eu me lembro... a loucura? é porquê só tem a loucura né que aqui é chamada a cidade dos loucos né... não sei se **você** sabe é que todo mundo conhece aqui por causa disso né... que a gente tem o o manicômio aqui que é... acho que é o terceiro que tem do Bra\ do país que vem todo mundo pra cá... aqui é chamado da cidade dos loucos mas um acontecimento assim que eu me lembre recente? não? (BRB 02 MFMF).

Apesar de a tabela 6 não apresentar dados das formas não paralelas, destaca-se que foram contabilizadas oito ocorrências de *cê* sendo utilizadas com paradigmas de 2P, sendo 6/8 de *te* e 2/8 de *teu*. Rumeu (2008) ressalta que o fato de o pronome *você* estabelecer concordância formal com a 3ª pessoa gramatical, seguindo os traços de sua forma nominal originária *Vossa Mercê*, ocasionou alguns rearranjos no sistema pronominal, dentre eles as possibilidades combinatórias de *você* com *te/lhe*, *você* com *teu/tua* e *seu/sua*.

Dessa maneira, percebe-se que em Alfredo Vasconcelos, conforme se vê nos exemplos (9), (10) e (11) já citados na seção anterior, há uma alternância pronominal, ou seja, *você*, *ocê* e *cê* sendo utilizados, em um mesmo contexto, com formas paradigmáticas de 2P. Segundo Lopes (2008), essa combinação de *você* com formas de 2P (*te*, *teu*, etc) já estava presente em cartas de leitores mineiros, em fins do século XIX. Esse resultado fez a autora inferir que, nessa época, essa configuração poderia até ser mais produtiva na fala. Diante disso, percebe-se que a constatação do uso de *você* com o paradigma de 2P não é um fenômeno novo, sobretudo em Minas Gerais, e os dados contemporâneos apresentados nos estudos mineiros de Herênio (2006), Mota (2008) e Silva (2017), por exemplo, sinalizam que essa tendência parece ser bastante comum entre os falantes.

Colocados os resultados referentes à variável paralelismo formal analisada em Alfredo Vasconcelos, a seguir, são expostos os dados do fator tipo de verbo.

c) Tipo de verbo

No que concerne à variável tipo de verbo, destacam-se seis rodadas que selecionaram esse fator como relevante para o fenômeno variável pronominal em Alfredo Vasconcelos, a saber: *tu x cê*, *cê x tu*, *tu x ocê*, *ocê x tu*, *ocê x cê* e *cê x ocê*. Em termos respectivos desses confrontos, considerando a ordem de relevância indicada pelo software GoldVarb X durante o processo de análise, destaca-se que nas duas primeiras rodadas a variável tipo de verbo foi apontada como quarta na ordem de relevância e nos demais confrontos esse fator foi o terceiro estatisticamente importante. Diante desses dados, na Tabela 7, seguem os resultados referentes a essa variável.

Tabela 7: A atuação do tipo de verbo em Alfredo Vasconcelos.

PRONOME (RODADA)	TIPO DE VERBO											
	Ação			<i>Dicendi</i>			Estado			Epistêmico		
	Apl./T.	%	P.r.	Apl./T.	%	P.r.	Oc./T.	%	P.r.	Oc./T.	%	P.r.
tu (tu x cê)	27/192	14,1	0.563	7/27	25,9	0.666	3/64	4,7	0.307	1/19	6,3	0.311
cê (cê x tu)	165/192	85,9	0.437	20/27	74,1	0.334	61/64	95,3	0.693	18/19	94,7	0.689
tu (tu x ocê)	27/46	58,7	0.602	7/14	50,0	0.551	3/16	18,8	0.204	1/2	50,0	0.842
ocê (ocê x tu)	19/46	41,3	0.398	7/14	50,0	0.449	13/16	81,2	0.796	1/2	50,0	0.158
ocê (ocê x cê)	18/183	9,8	0.441	7/27	25,9	0.728	13/74	17,6	0.611	1/19	5,3	0.298
cê (cê x ocê)	165/183	90,2	0.559	20/27	74,1	0.272	61/74	82,4	0.389	18/19	94,7	0.702

Fonte: Dados da autora.

Diante dos resultados da Tabela 7, é possível perceber a tendência do pronome *tu* ser favorecido com os verbos de ação e *dicendi*, tanto nas análises com a forma *cê* quanto com a variante *ocê*. Nesse sentido, tem-se, em *tu x cê*, os verbos de ação com índice de 14,1% e um peso relativo de 0.563 e os verbos *dicendi* com 25,9% pontos percentuais e 0.666 de peso relativo. Já com relação à rodada *tu x você*, os verbos de ação têm frequências e pesos relativos de 58,7 e 0.602, respectivamente, e a categoria verbal *dicendi* com percentual de 50% e 0.563 de peso relativo. No entanto, é importante destacar, nessa rodada, o pronome *tu* sendo, fortemente favorecido quando utilizado com os verbos epistêmicos, com 50% e 0.842 de peso relativo. Ressalta-se que nesse contexto verbal, a forma *tu* obteve apenas uma ocorrência, exemplificada em (23).

(23) **tu** imagina eu com saudade dela?” porquê ela era minha confidente (AFV 01 TGA).

No que tange aos valores correspondentes às variantes *ocê* e *cê*, destaca-se que, nas rodadas com o pronome *tu*, a forma *ocê* aponta ser favorecida nos contextos de uso com os verbos *dicendi* (50% e 0.449 de peso relativo) e os verbos de estado (81,2% e 0.796 de peso relativo), e a variante *cê* apresenta um favorecimento com os verbos de estado (95,3% e 0.693 de peso relativo) e com os verbos epistêmicos (94,7% e 0.689 de peso relativo). No que concerne às rodadas binárias *ocê x cê* e *cê x ocê*, nota-se que a forma *ocê*, assim como na rodada com o pronome *tu*, indica ser favorecida com os verbos *dicendi* (25,9% e 0.728 de peso relativo) e de estado (17,6% e 0.611). Já a variante *cê* tem seu destaque quando usada com os verbos de ação (90,2% e 0.559) e com os verbos epistêmicos (94,7% e 0.702).

Conforme citado na seção metodológica, a análise dessa variável tem como objetivo averiguar os tipos verbais que favorecem a variação nas localidades em estudo, atentando-se para as tendências já apresentadas nos estudos de Franceschini (2011), em Concórdia (SC), e Guimarães (2014), em Fortaleza (CE). Dessa maneira, apesar de esta pesquisa analisar o pronome *você* e suas variantes *ocê* e *cê*, separadamente, podem-se citar algumas semelhanças dos resultados da análise em Alfredo Vasconcelos com os estudos dessas duas autoras, como, por exemplo, os verbos de ação, *dicendi* serem aliados do pronome *tu*, conforme em Guimarães (2014). Na rodada binária *tu x cê*, percebeu-se que o verbo epistêmico favorece o uso da forma *tu*, tendência já verificada em ambos os estudos de Franceschini (2011) e Guimarães (2014).

No que se refere ao pronome *você*, as pesquisas de Franceschini (2011) e Guimarães (2014) apontaram que os verbos de estado favorecem o uso de tal forma pronominal. Conforme se observa na Tabela 7, as variantes *ocê* e *cê*, nos confrontos com o pronome *tu* têm em comum serem mais produtivas quando empregadas com os verbos de estado. Já no confronto direto entre as duas formas, ou seja, nas rodadas *ocê x cê* e *cê x ocê*, nota-se que o *cê* se destaca com os verbos *epistêmicos* e com os verbos de ação, ao passo que a variante *ocê* é favorecida nos contextos de uso com os verbos de estado e com os verbos *dicendi*. Diante dos dados apresentados, a seguir, expõem-se os dados da variável tipo de discurso.

d) Tipo de discurso

Os resultados da variável tipo de discurso são exibidos na Tabela 8. Ressalta-se que, durante o processo de análise dos dados, o *software* GoldVarb X indica que em seis rodadas binárias esse fator influencia a variação pronominal em Alfredo Vasconcelos, sendo *tu x você* e *você x tu*, *tu x cê*, *cê x tu*, *tu x ocê* e *ocê x tu*. Nesses quatro primeiros confrontos, a variável tipo de discurso se destacou como a terceira na ordem de relevância e, nas demais, esse fator foi indicado como a quarta variável estaticamente relevante.

Tabela 8: A atuação do tipo de discurso em Alfredo Vasconcelos

PRONOME (RODADA)	TIPO DE DISCURSO								
	Direto			Genérico			Relatado		
	Apl./T.	%	P.r.	Apl./T..	%	P.r.	Apl./T.	%	P.r.
tu (tu x cê)	28/134	20,9	0.662	8/128	6,2	0.327	7/50	14,0	0.514
cê (cê x tu)	106/134	79,1	0.338	120/128	93,8	0.673	43/50	86,0	0.486
tu (tu x ocê)	28/51	54,9	0.760	8/31	25,8	0.140	7/14	50,0	0.456
ocê (ocê x tu)	23/51	45,1	0.240	23/31	74,2	0.860	7/14	50,0	0.544
tu (tu x você)	28/61	45,9	0.741	8/43	18,6	0.198	7/15	46,7	0.433
você (você x tu)	33/61	54,1	0.259	35/43	81,4	0.802	8/15	53,3	0.567

Fonte: Dados da autora.

Tendo em vista a Tabela 8, é interessante observar que em todas as rodadas com o pronome *tu* essa variável foi selecionada. Os resultados apontam que o discurso direto é o que mais favorece o emprego de *tu*, tal como ocorre no estudo de Silva (2017). Em termos de dados, tem-se uma frequência de 20,9% e 0.662 de peso relativo na rodada *tu x cê*, 54,9% e 0.760 no

confronto *tu x ocê* e 45,9% e 0.741 de peso relativo na rodada *tu x você*. Por outro lado, o discurso genérico se mostra aliado às formas *você*, *ocê* e *cê*, com 81,4% e 0.802 de peso relativo para o pronome *você*, 74,2% e 0.860 de peso relativo para a variante *ocê* e 93,8% e 0.673 de peso relativo para *cê*.

É importante considerar o fato de que todas as ocorrências de discurso direto nas entrevistas realizadas em Alfredo Vasconcelos tiveram como locutor, o participante, e interlocutor, a entrevistadora. Dessa maneira, retomando às transcrições das entrevistas realizadas nessa localidade, notou-se que à medida que o falante se envolvia com os assuntos tratados, ele se despreocupava com a forma pronominal que utilizaria naquele contexto. Diante disso, a entrevista fluía de forma menos monitorada, surgindo, assim, o pronome *tu* nos diálogos, sobretudo nos direcionamentos à entrevistadora.

Já no que se refere ao discurso relatado, as rodadas binárias demonstram um emprego mais equilibrado entre os pronomes. No entanto, entre os pronomes *tu* e *cê*, esse fator mostra ser o contexto mais propenso ao uso de *tu* (14,0% e 0.514 de peso relativo). Ao analisar os dados das transcrições da amostra, observou-se que todos os dados do pronome *tu* no tipo de discurso relatado fazem referência às falas reportadas de uma interação íntima do participante. Em outras palavras, seja o participante retomando a sua própria fala com algum parente, como se observa em (24), ou reportando a fala do parente em algum contexto, conforme se vê em (25). Ressalta-se que no contexto do diálogo (24), a participante relata sua convivência com a mãe em termos de assuntos confidentes e em (25), a falante retomava uma experiência sobrenatural vivida por ela e pelo seu marido.

(24) **Informante:** na hora que ele passou a moto sumiu... aí quando a gente chegou em casa eu perguntei pra ele “**tu** viu alguma coisa” ele falou “vi... porquê **tu** também viu?” eu falei “vi” ((risos))... eu falei aí é assim e na hora a gente nem comentou ele passou certo (AFV 03 GMAC).

(25) **Informante:** agora quando eu conto pra ela uma coisa que eu sei que não pode falá falo assim ó “fica cala boca” e ela fala comigo assim também ó “vai ficá entre eu e **tu**” “tá bom entre eu e a senhora cabô” (AFV 01 TGA).

Esses dados reforçam a tendência da forma *tu* ser característica das relações íntimas em Alfredo Vasconcelos. Por outro lado, em relação à ocorrência da variante *cê* no tipo de discurso relatado, notou-se que os dados transcritos revelam que esse pronome pode se apresentar tanto em falas reportadas de parentes quanto de outras pessoas que não têm uma ligação íntima com o participante, como se observa nos exemplos (26) e (27). Em (26), o falante explicava sobre a questão da sua filha querer trabalhar para pagar um curso de Inglês, que era um desejo dela. No

que se refere ao contexto (27), a participante explicava as situações vividas por ela na área da saúde de sua cidade.

(26) **Participante:** só que eu não quero deixá... faz falta o financeiro ela que pega pra fazê o curso de inglês só que vai atrapalhá ela e ela não vai dá conta que ela tem que estudá ela estuda aqui ainda então que pegá mas na verdade quem vai acabá tomando conta é a minha esposa

Entrevistadora: mas vai chegar o momento né

Participante: eu falei “então **cê** calma” sabe? eu sei que va\ ela não vai dá conta

Entrevistadora: é muita coisa (AFV 11 FTS).

(27) **Participante:** “**cê** volta o\” aí fica assim “**cê** vem”aí vamo supô dia onze **cê** vai dia onze aí fica “ah não **cê** tem que vim outro mês”... igual eu tô querendo fazê o preventivo já tem dois anos que eu não faço o preventivo (AFV 01 TGA).

Diante desses dados, é possível concluir que o fato do pronome *tu*, no confronto com a forma *cê*, apontar um favorecimento no tipo de discurso relatado, pode estar relacionado ao caráter íntimo desse pronome, uma vez que o *tu* foi unanimemente escolhido para expressar as falas reportadas de uma interação íntima. Por outro lado, nas rodadas *ocê x tu* e *você x tu*, o discurso relatado favorece o uso da variante *ocê* (50,0% e 0.544 de peso relativo) e do pronome *você* (53,3% e 0.567 de peso relativo). Esses dados indicam que nos confrontos com o pronome *tu*, as formas *você* e *ocê* tendem a ser mais produtivas no discurso relatado.

Tendo em vista esses resultados, pode-se afirmar que a hipótese prevista para a variável tipo de discurso foi corroborada, uma vez que a tendência do pronome *você* e suas variantes (*ocê* e *cê*) nos discursos genéricos foi confirmada em Alfredo Vasconcelos. Já no que diz respeito ao pronome *você* e suas variantes (*ocê* e *cê*) serem favorecidos nas falas reportadas e nos discursos genéricos, essa tendência é constatada em Alfredo Vasconcelos, pois, quando se observa a Tabela 8, percebe-se que as formas *você* e *ocê* são favorecidas pelos tipos de discursos genérico e relatado. Já em relação à variante *cê*, nota-se que, no confronto *cê x tu*, essa forma demonstra um favorecimento quando empregada nos contextos de discurso genérico e neutra quando utilizada em discurso relatado.

Dando continuidade à exposição da análise multivariacional dos dados, a seguir são descritos os resultados da variável extralinguística sexo.

e) Sexo

A variável extralinguística sexo, durante o processo de análise, foi selecionada em apenas quatro rodadas binárias (*tu x você*, *você x tu*, *cê x você* e *você x cê*) em que o pronome *você* se faz presente. Ressalta-se que, nesses confrontos, o GoldVarb X apontou a variável sexo

como a primeira em ordem de relevância. Os resultados da análise desse fator podem ser vistos na Tabela 9.

Tabela 9: A atuação da variável sexo em Alfredo Vasconcelos

PRONOME (RODADA)	SEXO					
	Feminino			Masculino		
	Apl./T.	%	P.r.	Apl./T..	%	P.r.
tu (tu x você)	25/49	51,0	0.662	18/70	25,7	0.360
você (você x tu)	24/49	49,0	0.338	52/70	74,3	0.640
cê (cê x você)	164/164	28,7	0.610	129/181	71,3	0.400
você (você x cê)	24/164	14,6	0.390	52/181	74,2	0.600

Fonte: Dados da autora.

Conforme exposto na Tabela 9, percebe-se que o pronome *você* se mostra favorecido nas falas masculinas, com 74,3% e 0.640 de peso relativo na rodada binária com a forma *tu* e 74,2% e 0.600 na rodada binária com a variante *cê*. Por outro lado, as formas *tu* e *cê* destacam-se no sexo feminino, com 51,0% e 0.662 de peso relativo e 28,7% e 0.610 de peso relativo, respectivamente.

Levando-se em consideração alguns estudos mineiros, a saber Coelho (1999), Gonçalves (2008), Silva (2017) e Reis (2019), formulou-se a hipótese de que as mulheres tendem a ser mais conservadoras, utilizando as formas padrão *tu* e *você*. Dessa maneira, tal hipótese, quando se consideram os dados de Alfredo Vasconcelos, foi corroborada, parcialmente, por tão somente indicar o favorecimento do pronome *tu* nas falas das mulheres. Por outro lado, não se pode deixar de destacar que a forma conservadora *você* foi, unanimemente, nas rodadas binárias apresentadas na Tabela 9, aliada aos falantes do sexo masculino. Essa evidência refuta, em partes, tal hipótese.

A presença da forma *você* mais frequente nas falas masculinas dessa localidade pode estar ligada à questão da relação entrevistador e entrevistado, ou seja, na coleta dos dados nessa localidade, observou-se que um dos falantes, para os direcionamentos à entrevistadora, empregava os pronomes *você*, *ocê* e *cê*. Por outro lado, quando se referia ao marido da entrevistadora, esse mesmo falante utilizava a forma *tu*, conforme se vê nos exemplos (28) e (29). Em (28), o marido da entrevistadora, nomeado como Entrevistador 2, perguntava ao participante se existia mais casas na rua em que ele reside e, em (29), o falante explicava para a entrevistadora como chegar na casa de um dos seus amigos.

(28) **Entrevistador 2:** ali pra cima tem mais casa?

Participante: tem se **tu** voltá aqui ó subindo aqui **tu** vai vará lá na rua de lá tem pura casa (AFV 12 AM).

(29) **Participante:** aí tem que subi aqui... tem o Wilian lá em cima também... é que aí a não ser que **cê** subi aqui aí **cê** vai voltá aqui a hora que **cê** tivé quase acabando de descê o morrinho do asfalto novo tem uma umas casa do lado de lá... ele chama Wilian tem um como é que chama?... oh cara eu esqueci o nome do carro dele é um carro verde na berada da rua assim

Entrevistadora: ah tá (AFV 12 AM).

Diante desse dado, é possível inferir que esse falante de Alfredo Vasconcelos tende a utilizar a forma *tu* nas interações com pessoas do mesmo sexo que ele, ao passo que quando esse entrevistado se direciona ao sexo oposto, ou seja, às mulheres, prefere empregar o pronome *você*, *ocê* e *cê*, tal como ocorre nas referências com a entrevistadora.

Os dados sobre a variável sexo em Alfredo de Vasconcelos, apresentados na Tabela 9, parecem seguir a tendência do estudo de Peres (2006), realizado na capital mineira Belo Horizonte, sobretudo no que diz respeito aos resultados encontrados pela autora em relação aos homens serem mais conservadores, pois, utilizam com mais frequência a forma *você* e as mulheres são mais adeptas à variante *cê*, tal como ocorre na comunidade vasconcelense.

Em face dos resultados expostos, aborda-se, posteriormente, os dados da variável faixa etária.

f) Faixa etária

A variável faixa etária indicou ser a que mais influencia a variação pronominal em Alfredo Vasconcelos, fato que se comprova não somente pelo número de rodadas binárias nas quais a faixa etária foi selecionada como um fator que condiciona a variação dos pronomes de 2P, conforme se vê na Tabela 10, como também pelo fato de que em 6 confrontos (*tu x cê*, *cê x tu*, *tu x ocê*, *ocê x tu*, *ocê x você* e *você x ocê*) essa variável foi indicada, pelo *software* GoldVarb X, como a primeira em ordem de relevância e nas rodadas *você x cê* e *cê x você*, a faixa etária destacou-se como o segundo fator estaticamente relevante. Os resultados referentes a essa variável são exibidos na Tabela 10.

Tabela 10: A atuação da variável faixa etária em Alfredo Vasconcelos

PRONOME (RODADA)	FAIXA ETÁRIA		
	18 a 30 anos	31 a 50 anos	51 anos ou mais

	Apl./T.	%	P.r.	Apl./T.	%	P.r.	Apl./T.	%	P.r.
tu (tu x cê)	20/87	23,0	0.694	14/146	9,6	0.397	9/79	11,4	0.468
cê (cê x tu)	67/87	77,0	0.306	132/146	90,4	0.603	70/79	88,6	0.532
tu (tu x ocê)	20/25	80,0	0.930	14/45	31,1	0.235	9/26	34,6	0.392
ocê (ocê x tu)	5/25	20,0	0.070	31/45	68,9	0.765	17/26	65,4	0.608
cê (cê x você)	67/81	82,7	0.541	132/151	87,4	0.647	70/113	61,9	0.283
você (você x cê)	14/81	17,3	0.459	19/151	12,6	0.353	43/113	38,1	0.717
ocê (ocê x você)	5/19	26,3	0.369	31/50	62,0	0.698	17/60	28,3	0.369
você (você x ocê)	14/19	73,7	0.631	19/50	38,0	0.302	43/60	71,7	0.629

Fonte: Dados da autora.

Diante dos dados da Tabela 10, considerando os resultados correspondentes ao pronome *tu* em Alfredo Vasconcelos, observa-se um favorecimento dessa forma na faixa etária dos mais novos (18 a 30 anos). Em termos de números, tem-se no confronto *tu x cê* 23,0% e 0.694 de peso relativo e, em *tu x ocê*, 80% e 0.930 de peso relativo. Por outro lado, a faixa etária dos mais velhos (51 anos ou mais) favorece o uso de *você*, conforme se vê na rodada *você x cê*, 38,1% e 0.717 de peso relativo, e no confronto *você x ocê*, 71,7% e 0.629 de peso relativo. Destaca-se também que a faixa etária dos mais jovens (18 a 30 anos) demonstra um favorecimento ao emprego de *você*, como se nota no confronto *você x ocê*.

Com relação às variantes *ocê* e *cê*, observaram-se comportamentos diferenciados quando utilizados com o pronome *tu* e com a forma *você*. Isso é, nas rodadas binárias com o *tu*, tanto o *ocê* quanto *cê* demonstram ser favorecidos nas faixas etárias 31 a 50 anos e 51 anos ou mais. Já no que se refere aos confrontos *ocê x você* e *cê x você*, na primeira, o pronome *ocê* é, preferencialmente, usado entre a faixa etária dos medianos (31 a 50 anos), sendo 62,0% e 0.698 de peso relativo. Por outro lado, na segunda rodada, os resultados, além de apontarem o favorecimento do pronome *cê* na faixa etária 31 a 50 anos, também mostram a preferência dos falantes mais jovens (18 a 30 anos) a empregarem tal forma.

Dessa maneira, é possível concluir, diante dos dados apresentados pela Tabela 10, que a faixa etária dos mais novos (18 a 30 anos) favorecem o uso de *tu*, tal como ocorre nos estudos de Martins (2010), Alves (2010), Andrade (2010), Rocha (2010), Lopes *et al.* (2009), Mota (2008), Paredes Silva (2008), Santana (2008), Dias (2007), Oliveira (2005), Guimarães (2014), entre outros. Além disso, esse resultado confirma a nossa hipótese de que os jovens de Alfredo Vasconcelos fazem mais uso da forma *tu*, seguindo a tendência das pesquisas já realizadas em

Minas Gerais (MOTA, 2008; SILVA, 2017). É importante ressaltar que o fato de o pronome *tu* ser favorecido nas falas dos mais novos pode indicar um quadro de variação estável na localidade de Alfredo Vasconcelos.

Com relação à hipótese de a variante *cê* ser mais frequente em todas as faixas etárias, aproximando-se dos resultados já encontrados nas falas mineiras por Peres (2006) e Gonçalves (2008), é possível dizer, a partir dos resultados gerais da amostra em Alfredo Vasconcelos, que o pronome *cê* é o mais recorrente entre todas as faixas etárias, conforme se vê na Tabela 10. No entanto, é importante considerar o fato de que tal forma pronominal se mostra favorável à variação nas faixas etárias 31 a 50 anos e 51 anos ou mais, na rodada binária com o pronome *tu*, e apenas na faixa etária dos medianos (31 a 50 anos) no confronto com a variante *você*.

Em síntese, diante dos resultados apresentados pela análise multivariacional dos dados em Alfredo Vasconcelos, pode-se concluir que todas as variáveis analisadas condicionam o fenômeno de variação aqui estudado. No entanto, há algumas particularidades, como, por exemplo, o fator contexto sintático influencia apenas a variação entre os pronomes *você*, *ocê* e *cê*, a variável tipo de discurso indicou condicionar a variação de todos os confrontos do pronome *tu* com as demais variantes *você*, *ocê* e *cê* e o fator extralinguístico faixa etária destacou-se como uma variável que mais influencia na variação dos pronomes de 2P do singular na comunidade vasconcelense, por tão somente apresentar o maior número de rodadas selecionadas, pelo GoldVarb X, como relevante para variação. Diante desses aspectos, concluiu-se aqui a exposição dos resultados apresentados pela análise multivariacional dos dados em Alfredo Vasconcelos. Passa-se agora para a apresentação das análises realizadas no município de Barbacena, seguindo a mesma estruturação desta seção de Alfredo Vasconcelos.

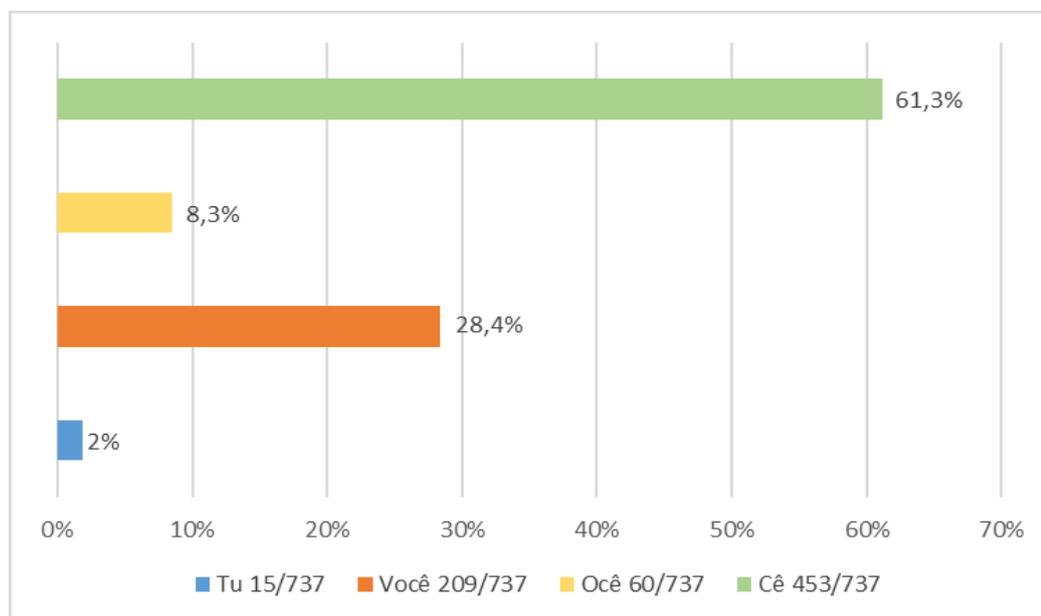
3.1.2. Amostra entrevistas sociolinguísticas: resultados de Barbacena

Expõem-se, a seguir, os resultados referentes à análise dos dados em Barbacena. Em um primeiro momento, apresenta-se a distribuição geral do número de ocorrências dos pronomes de 2P *tu*, *você*, *ocê* e *cê* e, em seguida, abordam-se os dados da análise multivariacional, considerando-se todas as variáveis que foram examinadas e a relevância de cada uma para o fenômeno em variação em estudo.

3.1.2.1. Distribuição geral dos pronomes *tu*, *você*, *ocê* e *cê* em Barbacena

No que se refere aos dados das entrevistas sociolinguísticas em Barbacena, no contexto geral, foram computadas 737 ocorrências dos pronomes de segunda pessoa do singular *tu*, *você*, *ocê* e *cê*, seguindo a seguinte distribuição descrita no gráfico 6.

Gráfico 6 – Distribuição geral dos pronomes *tu*, *você*, *ocê* e *cê* em Barbacena.



Fonte: Elaboração própria.

Observa-se, no gráfico 6, que a forma *cê* é a que mais predomina na fala barbacenense, com 451/737 (61%) das ocorrências, seguida dos pronomes *você* 209/737 (28%), *ocê* 49/737 (9%) e *tu* 15/737 (2%). Ao adentrar na cidade de Barbacena, para a coleta de dados deste presente estudo, foi possível notar, não somente pelas conversas com os participantes, como também pelo contato com os moradores desse município, que a variante *cê* era, constantemente, usada entre os falantes. Nesse sentido, pode-se dizer que Barbacena segue a tendência dos estudos de Coelho (1999), Peres (2006) e Gonçalves (2008). Esses autores também constataram a alta produção do pronome *cê* pelos mineiros de São Francisco, Belo Horizonte e Arcos, respectivamente, conforme já demonstrado, anteriormente, na seção 1.2.3.4, com índices acima de 50%.

Assim como em Alfredo Vasconcelos, um fator que motivou a realização deste estudo dos pronomes de 2P do singular em Barbacena era averiguar se a forma *tu* estava presente entre os falantes dessa cidade, uma vez que essa localidade está situada próxima de Ressaquinha. Diante dos dados do gráfico 6, é possível perceber que tal pronome também é utilizado pelos

barbacenenses, no entanto, em menor índice, 2%. Esse resultado corresponde às falas de seis participantes, sendo três homens e três mulheres. Nesse sentido, os dados da localidade de Barbacena diferem-se dos números apresentados pelo município de Alfredo Vasconcelos, onde se constatou que 16 dos 18 participantes utilizaram a variante *tu* no momento da entrevista. Essa evidência pode indicar que os falantes vasconcelenses tendem a utilizar mais o pronome *tu* do que os barbacenenses, tal como constatado na distribuição geral de ocorrências dos pronomes de 2P da cidade de Alfredo Vasconcelos.

Durante a estadia em Barbacena, foi possível observar as conversas das pessoas, nas praças, em hotéis, entre outros locais. Dessa maneira, verificou-se, na hospedagem, por exemplo, que as camareiras do hotel sempre se interagem utilizando o pronome *tu*. Ao adentrar nas lojas, por exemplo, ouviam-se muitas perguntas do tipo “tu tem essa camisa na cor branca?”. Diante dessas constatações, decidiu-se, após todos os procedimentos das gravações, perguntar para alguns dos participantes da pesquisa se eles usam ou conhecem pessoas que utilizam a forma *tu* em Barbacena e eles responderam como se exemplifica nos exemplos de (1) a (4).

(1) **Entrevistadora:** então você usa o tu?

Informante: sim com certeza... bastante.

Entrevistadora: com amigos? com

Informante: é com amigos... se a gente tá conversan(d)o né entre amigos mesmo... é mais é com amigos e assim de forma geral né.

Entrevistadora: tem alguma origem assim do tu assim que você usa?

Informante: não... de origem como assim?

Entrevistadora: que você começou a usar assim porquê?

Informante: não... isso já é já vem de natureza mesmo de pequena.

Entrevistadora: entre família?

Informante: é já vem da forma que ocê que a gente aprende a falar... vem de família (BRB 06 CSF).

(2) **Entrevistadora:** é só isso então... vou te perguntar... é você fala o tu?

Informante: sim

Entrevistadora: com muita frequência?

Informante: não... não com muita frequência... às vezes mais com amigos e em conversas mais informais (BRB 10 JGRG).

(3) **Entrevistadora:** então já ouviu muito o tu aqui?

Informante: demais

Entrevistadora: é? entre amigos?

Informante: entre as pessoas normais mesmo comum que não são amigos e até cliente

Entrevistadora: é?

Informante: é

Entrevistadora: e assim gente mais velha

Informante: mais velha mais novo todas as idades

Entrevistadora: você fala?

Informante: às vezes... mas eu uso mais você... mas às vezes falo tu mas é raro eu falar mas ouço direto (BRB 11 LR).

(4) **Entrevistadora:** então você conhece alguém que fala o pronome *tu*?

Informante: conheço... meu tio de oitenta e um anos meu tio de oitenta anos quando quer se referir a alguma coisa especialmente se for um problema assim de questionar um erro ele fala “MAS tu fez isso?” ... então assim eles são mais antigos eles falam né... eles sempre usam isso e a gente continua conversando... a gente respeita né eles são mais velho do que a gente e a gente sempre respeita isso... o meu neto que tem dezoito anos ele fala assim “mas não é certo vovó” eu falo “mas vamos respeitar... olha a idade do seu tio”... que ele tio avô né... então a gente respeita isso. (BRB 05 ATM).

Diante das conversas expostas, percebe-se que, apesar do pronome *tu*, na amostra aqui estudada, não ser tão frequente, os falantes têm reconhecimento que essa variante faz parte do repertório linguístico barbacenense. É interessante observar que, conforme relatado por alguns desses participantes, a forma *tu* parece ser característica tanto das falas dos mais novos quanto das falas dos mais velhos. Além disso, percebe-se na descrição (1) que a participante sinaliza usar o pronome *tu* desde pequena, sendo um fenômeno linguístico advindo do berço familiar. Já nos contextos (2) e (3), nota-se que os falantes afirmam que utilizam a variante *tu*, mas não de forma frequente, nas relações com amigos e, até mesmo, com os clientes, no caso do participante do trecho (3). Por outro lado, observa-se no diálogo (4) que a participante ressalta a questão do pronome *tu* ser característica das falas dos mais velhos, ou seja, “os mais antigos”. Além desse aspecto, ainda é possível perceber, na fala dessa participante, que a forma *tu* tem um grau de estigmatização, mais precisamente, nos trechos em que ela sinaliza respeitar o modo de expressar do seu tio e quando ela cita a passagem do seu neto dizendo não ser uma forma correta de se comunicar.

Nesse sentido, por não ter dados suficientes, não é possível confirmar se o fenômeno *tu* em Barbacena se trata de um caso de retorno ou até mesmo de manutenção dessa forma. É necessário um estudo mais afincado sobre essa temática para esclarecer as origens do pronome *tu* na fala barbacenense. Em geral, o que se nota, a partir dos dados das entrevistas sociolinguísticas realizadas em Barbacena, é a presença da variante *tu* nas falas dos mais novos e também dos mais velhos. As ocorrências de *tu* na faixa etária dos mais velhos (51 anos ou mais) evidenciam que esse pronome não parece ser um fenômeno novo nessa localidade.

No que diz respeito à presença da forma *tu* na cidade de Barbacena, em termos de classificação dos subsistemas pronominais realizados por Scherre *et al.* (2015, p. 142), pode-se dizer que esse município sinaliza ser representante do subsistema *você/tu sem concordância: tu de 1% a 90% sem concordância*. Além disso, destaca-se, nessa localidade que também foi constatada a presença das ocorrências das formas paradigmáticas de 2P, mais especificamente, dados do possessivo e pronome oblíquo tônico, como se observa nos exemplos (5) e (6).

(5) **cê** vai olhá **teu** pé daqui a vinte dias **tua** perna (BRB 01 TAA).

(6) aí muitas vezes **você** forma um grupo né? **contigo** ali de movimento pra fechar uma rua (BRB 17 FJS).

Em relação ao oblíquo tônico, há uma tendência dos barbacenenses utilizarem as expressões com *você/com cê e pr'ocê*, como nos trechos seguintes.

(7) parece que conversa com **você**... sabe? (BRB 05 ATM).

(8) tá ali ó aposto com **cê** que os cara mais feliz que muita gente aí ((risos)) (BRB 12 SBM).

(9) eu arrumo um serviço **pr'ocê** aqui (BRB 13 AEA).

No que se refere ao oblíquo átono, foi possível averiguar várias ocorrências com as formas não paralelas como, por exemplo *você + te*, conforme se vê no trecho (10). É importante ressaltar que esse é o padrão mais comum do paradigma *você*, tendência já verificada desde o século XIX, conforme Lopes (2008).

(10) (...) eu **te** diria que **você** vai subir direto (BRB 05 ATM).

No que diz respeito ao paralelo *tu/te*, tem-se apenas uma combinação, a saber:

(11) “eu já sei tudo que **tu** tá passando eu não vou **te** cobrar não **tu** vai me pagar muito” (BRB 15 TCS).

No que tange ao paralelo *você + sua e cê + sua*, conforme se vê nos exemplos seguintes, observou-se que é de uso constante entre os barbacenenses.

(12) **você** vai descê assim atravessá a **sua** esquerda e continua(r) reto (BRB 01 TAA).

(13) (...) então adianta **cê** pagá uma escola achando que **seu** filho: não vai aprender (BRB 05 ATM).

Em suma, esses dados representativos da cidade de Barbacena indicam a predominância da variante *cê* nessa localidade, seguida das formas *você* e *ocê*, respectivamente. Constatou-se que o pronome *tu* é parte do repertório linguístico dessa localidade, no entanto, o baixo índice dessa forma (2%) sinaliza que ela não é tão recorrente entre os barbacenenses. Apesar disso, conforme já relatado, a variante *tu* apresenta ser uma característica das falas dos participantes mais novos e dos mais velhos, sinalizando também ser estigmatizado. Tecidas as breves considerações sobre o uso dos pronomes de 2P em Barbacena, apresentam-se, na subseção seguinte, os resultados da análise multivariacional dos dados desse município.

3.1.2.2. Análise multivariacional dos dados de Barbacena

Nesta seção, apresentam-se os resultados da análise multivariacional dos dados na cidade de Barbacena. Assim como em Alfredo Vasconcelos, para o município barbacenense também foram realizadas 12 rodadas binárias no *software* GoldVarb X, com a finalidade de se obter dados referentes à frequência relativa bruta e os pesos relativos de cada pronome em estudo. Dessa maneira, os resultados correspondentes a cada variável são expostos, a seguir, em tópicos. Ressalta-se que o fator paralelismo formal não foi selecionado em nenhuma das 12 rodadas binárias realizadas. Diante disso, pode-se inferir que essa variável não condiciona a variação dos pronomes *tu*, *você*, *ocê* e *cê* na fala barbacenense. Por esse fato, não são apresentados dados dessa variável nesta seção.

Assim, passa-se, a seguir, para a exibição dos resultados das rodadas binárias em que cada fator foi selecionado, iniciando-se pela variável contexto sintático.

a) Contexto sintático

Os resultados da variável contexto sintático da análise multivariacional em Barbacena, assim como em Alfredo Vasconcelos, demonstraram que em apenas quatro rodadas binárias (*você* x *cê*, *cê* x *você*, *ocê* x *cê* e *cê* x *ocê*), esse fator foi selecionado como relevante para a variação pronominal, indicado pelo programa GoldVarb X, como o terceiro fator estatisticamente importante. Os dados referentes a essa variável estão expostos na Tabela 11.

Tabela 11: A atuação da variável contexto sintático em Barbacena.

PRONOME (RODADA)	CONTEXTO SINTÁTICO					
	Sujeito			Complemento com preposição		
	Apl./T.	%	P.r.	Apl./T.	%	P.r.

Você (você x cê)	192/640	30,0	0.487	13/17	76,5	0.878
cê (cê x você)	448/640	70,0	0.513	4/17	23,5	0.122
Ocê (ocê x cê)	56/504	11,1	0.492	5/9	55,6	0.856
cê (cê x ocê)	448/504	88,9	0.508	4/9	44,4	0.144

Fonte: Dados da autora.

Os dados da Tabela 11 indicam resultados similares aos de Alfredo Vasconcelos, sobretudo no que tange às rodadas binárias, que demonstram a significância dessa variável sendo estabelecida entre os pronomes *você*, *ocê* e *cê*, tal como já observado na comunidade vasconcelense. Um outro aspecto importante de se mencionar é que, assim como em Alfredo Vasconcelos, o fator sintático complemento sem preposição teve que ser excluído durante o processo de análise para retirada de nocautes nas rodadas binárias *você x cê* e *cê x você*. Isso ocorreu por tão somente encontrar, nos dados da entrevista realizadas em Barbacena, apenas quatro ocorrências de *você* correspondentes a esse contexto sintático, conforme se vê nos exemplos (14), (15), (16) e (17) seguintes.

(14) hoje as redes sociais ela te impõe **você** ser alguma coisa e o tempo inteiro (BRB 02 MFMF).

(15) não adianta professor chamá **você** (BRB 05 ATM).

(16) eu não aconselho **você** a ir porque nesses bairro longe é que tá acontecendo (BRB 09 NM).

(17) viabiliza tanto **você** no deslocamento quanto na segurança (BRB 15 TCS).

Já no que se refere às variantes *ocê* e *cê*, não apresentam nenhuma ocorrência como complemento sem preposição. Passando-se para outros resultados exibidos na tabela 11, percebe-se que o contexto sintático sujeito favorece o uso do pronome *cê*, sendo 70,0% e 0.513 de peso relativo na rodada com *você* e 88,9% e 0.508 de peso relativo na rodada binária com a variante *ocê*. No que concerne às formas *você* e *ocê*, nota-se um número maior de ocorrências na função sujeito, no entanto, a função complemento com preposição, mais precisamente, os contextos com as expressões *para você*, *pr'ocê* e *d'ocê*, mostram-se mais favoráveis ao emprego dessas duas variantes, sendo 76,5% e 0.878 de peso relativo para o pronome *você* e 55,6% e 0.856 de peso relativo, resultado que se assemelha com os dados encontrados no município de Alfredo Vasconcelos.

Em suma, considerando a hipótese sobre a recorrência dos pronomes *tu*, *você*, *ocê* e *cê* na função sujeito, pode-se dizer que foi confirmada em Barbacena por tão somente indicar um número maior de ocorrências dos pronomes *você*, *ocê* e *cê* no contexto sintático sujeito. Tal ocorre também com a forma *tu*, que, assim como em Alfredo Vasconcelos, não apresenta ser um pronome relevante para a variação pronominal quando se refere à variável contexto sintático, pois, conforme visto, nenhuma rodada com a forma *tu* foi selecionada na análise dessa variável, entretanto, é importante registrar que foram encontradas, em Barbacena, 14/15 ocorrências dessa forma pronominal na função sujeito.

Em relação à hipótese, formulada com base no estudo de Silva (2017), de que as funções complemento com preposição e complemento sem preposição favorecem o uso das variantes *você*, *ocê* e *cê*, nota-se uma similaridade com os resultados apresentados pela cidade de Alfredo Vasconcelos, uma vez que se percebe que em Barbacena também tal hipótese foi confirmada, parcialmente, ou seja, os pronomes *você* e *ocê* demonstram ser favorecidos na função sintática complemento com preposição. Já no que tange à forma *cê*, segue a tendência das falas vasconcelenses, sendo produtiva no contexto sintático sujeito.

No que se refere aos resultados da variável contexto sintático, destaca-se também que eles se aproximam dos estudos de Coelho (1999), Peres (2006) e Gonçalves (2008), principalmente no que diz respeito aos maiores índices dos pronomes *você*, *ocê* e *cê* no contexto sintático sujeito. Diante disso, é possível dizer que, assim como já verificado nos dados de Alfredo Vasconcelos, o município de Barbacena apresenta resultados bastante similares aos dados encontrados por Peres (2006), mais precisamente no que diz respeito ao equilíbrio entre os pesos relativos das duas amostras (1992 e 2002) na função sujeito, sendo acima de 0.50 para *cê* e valores entre 0.40 a 0.49 para *você* e *cê*. Conforme se vê na Tabela 11, os dados de Barbacena também seguem essa mesma tendência.

Diante desses dados apresentados, a seguir, passa-se para a análise da variável tipo de verbo.

b) Tipo de verbo

No que diz respeito ao fator tipo de verbo, essa variável mostra ser significativa em apenas duas rodadas binárias, *você x cê* e *cê x você*. Nesses confrontos, o programa computacional indicou que essa variável é a quinta na ordem de relevância. Os valores que correspondem aos dois pronomes nessas rodadas podem ser vistos na Tabela 12.

Tabela 12: A atuação da variável tipo de verbo em Barbacena

PRONOME (RODADA)	TIPO DE VERBO											
	Ação			Dicendi			Estado			Epistêmico		
	Apl./T.	%	P.r.	Apl./T.	%	P.r.	Oc./T.	%	P.r.	Oc./T.	%	P.r.
você (você x cê)	131/447	29,3	0.505	5/28	17,9	0.309	56/135	41,5	0.609	3/32	9,4	0.187
cê (cê x você)	316/447	70,7	0.495	23/28	82,1	0.691	79/135	58,5	0.391	29/32	90,6	0.813

Fonte: Dados da autora.

No que diz respeito aos dados da Tabela 12, percebe-se que a variante *cê* é favorecida quando empregada juntamente com o verbo *dicendi* (82,1% e 0.691 de peso relativo) e o verbo *epistêmico* (90,6% e 0.813 de peso relativo). Já o pronome *você* é favorecido nos contextos de usos com os verbos de *ação* (29,3% e 0.505 de peso relativo) e com os verbos de *estado* (41,5% e 0.609 de peso relativo).

Como já relatado na seção metodológica deste estudo, a análise dessa variável tem como finalidade verificar quais os tipos verbais favorecem a variação em Alfredo Vasconcelos, Barbacena e Ressaquinha, levando-se em consideração as tendências já apresentadas nos estudos de Franceschini (2011), em Concórdia (SC), e Guimarães (2014), em Fortaleza (CE), para fins de comparação dos resultados. Diante disso, é possível afirmar que os dados da Tabela 12 não apresentam muitas semelhanças com estudos de ambas autoras, sobretudo pelo fato de as rodadas binárias com o pronome *tu* não terem sido selecionadas, dando indícios de que essa variante não interfere no fenômeno variável dos pronomes de 2P no município de Barbacena, em termos dos tipos verbais analisados.

Dessa maneira, a tendência verificada, na fala barbacenense, quanto aos tipos verbais, tem como pronomes em variação o *você* e *cê*, sendo a forma *você* aliada aos verbos de *ação* e aos verbos de *estado*, ao passo que a variante *cê* demonstra ser favorecida nos contextos de usos com os verbos *dicendi* e *epistêmico*, assim como ocorre em Alfredo Vasconcelos.

Diante dessa análise, apresentam-se, posteriormente, os dados da variável tipo de discurso.

c) Tipo de discurso

A análise multivariacional dos dados em Barbacena indica que a variável tipo de discurso também é bastante favorável à variação dos pronomes *tu*, *você*, *ocê* e *cê*. Conforme se percebe na Tabela 13, em oito das 12 rodadas binárias essa variável foi selecionada como relevante.

Tabela 13: A atuação da variável tipo de discurso em Barbacena

PRONOME (RODADA)	TIPO DE DISCURSO								
	Direto			Genérico			Relatado		
	Apl./T.	%	P.r.	Apl./T..	%	P.r.	Apl./T.	%	P.r.
tu (tu x cê)	11/286	3,8	0.624	1/150	0,7	0.218	3/31	9,7	0.816
cê (cê x tu)	275/286	96,2	0.376	149/150	99,3	0.782	28/31	90,3	0.184
tu (tu x ocê)	11/36	30,6	0.708	1/25	4,0	0.187	3/15	20,0	0.580
ocê (ocê x tu)	25/36	69,4	0.292	24/25	96,0	0.813	12/15	80,0	0.420
tu (tu x você)	11/115	9,6	0.759	1/90	1,1	0.134	3/19	15,8	0.870
você (você x tu)	104/115	90,4	0.241	89/90	98,9	0.866	16/19	84,2	0.130
você (você x cê)	104/379	27,4	0.443	89/238	37,4	0.587	16/44	36,4	0.516
cê (cê x você)	275/379	72,6	0.557	149/238	62,6	0.413	28/44	63,6	0.484

Fonte: Dados da autora.

Destaca-se que, em termos da relevância indicada pelo programa GoldVarb X, nos confrontos *tu x cê*, *cê x tu*, *tu x ocê* e *ocê x tu*, a variável tipo de discurso foi apontada como o primeiro fator na ordem de relevância. No que diz respeito às rodadas *tu x você* e *você x tu*, essa variável foi a segunda estaticamente importante e, nos confrontos *você x cê* e *cê x você*, o tipo de discurso foi o quarto fator selecionado na ordem de relevância.

Conforme se observa na Tabela 13, em todas as rodadas binárias com o pronome *tu*, esse fator foi selecionado e os resultados apontam para a tendência dessa forma pronominal ser favorecida nos discursos diretos e relatados. Dessa maneira, passando-se pelos números correspondentes ao *tu* no discurso direto, tem-se, no confronto *tu x cê*, 3,8% e 0.624 de peso relativo, na rodada *tu x ocê*, 30,6% e 0.708 de peso relativo e, em *tu x você* 9,6%, e 0.759 de peso relativo. Já no que diz respeito ao fator discurso relatado, a variante *tu* apresenta os seguintes dados: 9,7% e 0.816 de peso relativo, na rodada com o pronome *cê*, 20,0% e 0.580 de peso relativo, no confronto com a forma *ocê*, e 15,8% e 0.870 de peso relativo, na rodada com o *ocê*. O fato de o pronome *tu*, quando confrontado com a variante *cê*, ser favorecido nos contextos de discursos relatados, indica uma aproximação com os resultados encontrados em Alfredo Vasconcelos, uma vez que, nessa localidade, esse mesmo confronto apontou que a forma *tu* é aliada a esse tipo de discurso. Entretanto, não se pode afirmar que em Barbacena esse fenômeno seja típico do caráter íntimo do pronome *tu*, pois, nos dados dessa localidade,

não há apenas ocorrências reportadas do *tu* no contexto da intimidade, ou seja, o falante também reproduziu as falas de pessoas não tão próximas a ele.

No que concerne à variante *cê*, quando analisada em detrimento ao *tu*, essa apresenta um favorecimento nos contextos de discursos genéricos, com 99,3% e 0.782 de peso relativo, ao passo que na rodada com o pronome *você*, o discurso direto favorece o uso da forma *cê*, sendo, em termos de dados, 72,6% e 0.557 de peso relativo. Em relação à variante *ocê*, essa forma demonstra ser favorecida também quando empregada no discurso genérico, com 96,0 e 0.813 de peso relativo. Já o pronome *você*, por sua vez, aponta um favorecimento no discurso genérico, tanto nas rodadas realizadas com o *tu* (98,9% e 0.866 de peso relativo) quanto no confronto em detrimento à forma *cê* (37,4% e 0.587 de peso relativo), além de se destacar também no discurso relatado, com 36,4% e 0.516 de peso relativo, na rodada *você x cê*.

Diante dos resultados correspondentes à cada pronome em análise, é possível dizer, com relação aos dados do pronome *tu*, que as falas barbacenenses seguem a tendência do estudo de Mota (2008), quanto ao discurso relatado ser favorecedor ao emprego de *tu*, e da pesquisa de Silva (2017), realizada em Ressaquinha, que sinalizou o discurso direto como aliado ao pronome *tu*. Já no que diz respeito à hipótese inicial prevista para esse fator — a tendência do pronome *você* e suas variantes (*ocê* e *cê*) serem favorecidos nas falas reportadas, e nos discursos genéricos, também prossegue nas cidades de Alfredo Vasconcelos e Barbacena —, foi corroborada, parcialmente, uma vez que os pronomes *você*, *ocê* e *cê*, nas falas barbacenenses, são favorecidos nos contextos de discursos genéricos. No entanto, no que tange ao discurso relatado, as formas *você*, *ocê* e *cê* não se mostram favorecidas nos confrontos com a variante *tu*, mas a rodada binária *você x cê* aponta que o *você* é aliado das falas reportadas.

Diante da análise da variável tipo de discurso, passe-se para os resultados correspondentes à variável extralinguística sexo.

d) Sexo

No que se refere à variável sexo, essa se mostra também bastante relevante para análise multivariacional em Barbacena, uma vez que oito rodadas binárias demonstram que tal variável extralinguística influencia a variação entre os pronomes *tu*, *você*, *ocê* e *cê*, sendo apontada, pelo software GoldVarb X, em todos esses confrontos, como a primeira na ordem de relevância. Dessa maneira, na Tabela 14 expõem-se os resultados representativos dessa variável na fala barbacenense.

Tabela 14: A atuação da variável sexo em Barbacena.

PRONOME (RODADA)	SEXO					
	Feminino			Masculino		
	Apl./T.	%	P.r.	Apl./T..	%	P.r.
tu (tu x você)	8/169	4,7	0.378	7/55	12,7	0.821
você (você x tu)	161/169	95,3	0.622	48/55	87,3	0.179
cê (cê x você)	312/473	66,0	0.465	140/188	74,5	0.586
você (você x cê)	161/473	34,0	0.535	48/188	25,5	0.414
ocê (ocê x você)	29/190	15,3	0.428	32/80	40,0	0.665
você (você x cê)	161/190	84,7	0.572	48/80	60,0	0.335
cê (cê x ocê)	312/341	91,5	0.566	140/172	81,4	0.372
ocê (ocê x cê)	29/341	8,5	0.434	32/172	18,6	0.628

Fonte: Dados da autora.

Os dados da Tabela 14 demonstram que todas as rodadas realizadas com o pronome *você* selecionaram a variável sexo como relevante para variação dos pronomes de 2P em Barbacena. Além disso, os resultados apontam para a tendência de as mulheres favorecerem o uso da forma *você*. Isso se torna perceptível quando se analisam os dados das rodadas binárias *você x tu* (95,3% e 0.662 de peso relativo), *você x ocê* (34,0% e 0.535 de peso relativo) e *você x cê* (84,7% e 0.572 de peso relativo). No que se refere às outras variantes *tu*, *ocê* e *cê*, essas demonstram ser aliadas ao sexo masculino nas rodadas com pronome *você*, sendo, em termos respectivos, 12,7% e 0.821 de peso relativo, 74,5% e 0.586 de peso relativo e 40% e 0.665 de peso relativo. No que tange à forma *ocê*, em detrimento ao *cê* e vice-versa, os resultados sinalizam o favorecimento de *ocê* nas falas dos homens (18,6% e 0.628 de peso relativo) e sexo feminino como mais favorável ao uso de *cê* (91,5% e 0.566 de peso relativo).

Diante desses resultados, é possível dizer que Barbacena apresenta um panorama diferente de Alfredo de Vasconcelos, pois indica que as falas femininas são mais favoráveis ao uso de *você*, ao passo que os dados do município vasconcelense demonstram que os homens são mais suscetíveis ao emprego dessa forma. Além disso, a hipótese inicial de que as mulheres tendem a ser mais conservadoras, utilizando as formas padrão *tu* e *você*, foi confirmada pelo dado de que o *você* se destaca, unanimemente, nas falas femininas, no entanto, no confronto *tu x você*, nota-se que o sexo masculino é o que mais favorece o emprego do pronome *tu*. Com relação à variante *cê*, observa-se que tal forma pronominal segue a mesma tendência já

encontrada no município de Alfredo de Vasconcelos e em Belo Horizonte, capital estudada por Peres (2006), de que as mulheres são mais adeptas à forma *cê*.

Seguindo com a análise multivariacional dos dados, a seguir, são apresentados os dados da análise da variável faixa etária.

e) Faixa etária

A variável extralinguística faixa etária demonstra ser relevante apenas para a variação entre os pronomes *você*, *ocê* e *cê*. Conforme se observa na Tabela 15, seguinte, nenhuma rodada com o pronome *tu* selecionou tal fator, dando indícios de que essa variável não influencia na variação pronominal quando se trata dos confrontos realizados com a forma *tu*. Apesar disso, não se pode deixar de mencionar o fato de que foram encontradas ocorrências da variante *tu*, na localidade de Barbacena, em todas as faixas etárias analisadas neste estudo. Na Tabela 15 expõem-se os resultados da variável faixa etária em Barbacena. Destaca-se que em todos os confrontos esse fator foi indicado, pelo GoldVarb X, como o segundo na ordem de relevância.

Tabela 15: A atuação da variável faixa etária em Barbacena

PRONOME (RODADA),,	FAIXA ETÁRIA								
	18 a 30 anos			31 a 50 anos			51 anos ou mais		
	Apl./T.	%	P.r.	Apl./T..	%	P.r.	Apl./T.	%	P.r.
ocê (ocê x cê)	5/159	3,1	0.246	27/180	15,0	0.638	29/174	16,7	0.608
cê (cê x ocê)	154/159	96,0	0.754	153/180	85,0	0.362	145/174	83,3	0.392
você (você x ocê)	82/87	94,3	0.767	43/70	61,4	0.328	84/113	74,3	0.384
ocê (ocê x você)	5/87	5,7	0.233	27/70	38,6	0.672	29/113	25,7	0.616
cê (cê x você)	154/236	65,3	0.473	153/196	78,1	0.622	145/229	63,3	0.422
você (você x cê)	82/236	34,7	0.527	43/196	21,9	0.378	84/229	36,7	0.578

Fonte: Dados da autora.

Nos resultados apresentados na Tabela 15, percebe-se a tendência da faixa etária dos mais novos (18 a 30 anos) favorecer o uso da forma *você*, com 94,3% e 0.767 no confronto *você x ocê* e 34,7% e 0.527 de peso relativo em *você x cê*. Essa última rodada binária também demonstra um favorecimento de *você* na faixa etária dos mais velhos (51 anos ou mais), sendo 36,7% e 0.578 de peso relativo.

No que se refere à variante *ocê*, nota-se que as faixas etárias 31 a 50 anos e 51 anos ou mais são as que mais favorecem o uso desse pronome. Em termos de resultados, no confronto *ocê x cê*, obteve-se uma frequência de 15% e 0.638 de peso relativo na faixa etária dos medianos e 16,7% e 0.608 de peso relativo nas falas dos mais velhos. Já na rodada binária *ocê x você*, nota-se um índice de 36,6% e 0.672 de peso relativo e uma frequência de 25,7% e 0.616 de peso relativo, nas faixas etárias 31 a 50 anos e 51 anos ou mais, respectivamente.

Em relação à forma *cê*, os dados apontam que, no confronto *cê x você*, os falantes da faixa etária 18 a 30 anos tendem a empregar com mais frequência essa variante, com 96,0% e 0.754 de peso relativo, ao passo que a rodada *cê x você* indica uma semelhança com o resultado encontrado em Alfredo Vasconcelos, uma vez que demonstra um favorecimento de *cê* na faixa etária mediana (31 a 50 anos), sendo 78,1% e 0.622 de peso relativo. Diante do exposto na Tabela 15, nota-se que a hipótese da tendência do pronome *cê* ser recorrente em todas as faixas etárias, assemelhando-se com os resultados já encontrados nas falas mineiras por Peres (2006) e Gonçalves (2008), nas cidades de Belo Horizonte e Arcos, respectivamente, foi confirmada em Barbacena, uma vez que se nota que esse pronome é bem frequente em todas as faixas etárias analisadas neste estudo.

Em suma, o que se nota a partir da variável faixa etária, em termos das falas barbacenenses, é uma variação entre os pronomes *você*, *ocê* e *cê*, sendo o *você* aliado à faixa etária dos mais novos, a variante *ocê* apresenta uma tendência de ser favorecida pelas pelos falantes das faixas etárias de 31 a 50 anos e de 51 anos ou mais, sendo pouco recorrente entre as falas dos mais novos e a forma *cê* demonstra comportamentos diferentes nos confrontos com os pronomes *você* e *ocê*, ou seja, quando confrontada com o *você*, o pronome *cê* é favorecido nas falas dos medianos (31 a 50 anos). Por outro lado, na rodada em detrimento à variante *ocê*, a forma *cê* apontou ser mais propensa ao uso entre os falantes da faixa etária dos mais novos (18 a 30 anos).

Em síntese, os resultados referentes à análise multivariacional dos dados examinada na cidade de Barbacena, em termos dos grupos de fatores analisados, apontam uma tendência de a variação pronominal ocorrer entre as variantes *você*, *ocê* e *cê*. Apenas duas variáveis (sexo e tipo de discurso) demonstram influenciar a variação com o pronome *tu*. Diante dos dados expostos, finaliza-se aqui a análise da variação pronominal em Barbacena. Na seção seguinte, apresentam-se os resultados que dizem respeito ao estudo das formas *tu*, *você*, *ocê* e *cê* em Ressaquinha.

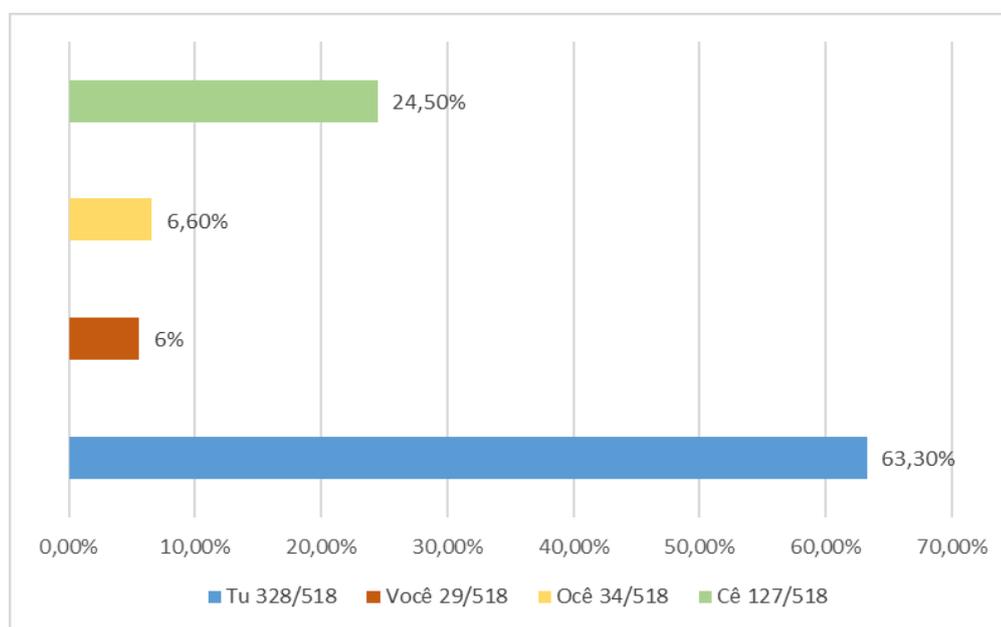
3.1.3. Amostra entrevistas sociolinguísticas: resultados de Ressaquinha

Apresentam-se, nas duas seções seguintes, os resultados referentes à análise dos dados em Ressaquinha. Inicialmente, são apontados os números da distribuição geral de ocorrências dos pronomes de 2P *tu*, *você*, *ocê* e *cê* e, logo após, abordam-se os dados da análise multivariacional, tendo em vista todas as variáveis que foram examinadas e a relevância de cada uma para o fenômeno em variação em estudo.

3.1.3.1. Distribuição geral dos pronomes *tu*, *você*, *ocê* e *cê* em Ressaquinha

Na amostra entrevistas sociolinguísticas deste estudo, mais especificamente nos dados da cidade de Ressaquinha, foram encontradas 518 ocorrências dos pronomes de 2P do singular *tu*, *você*, *ocê* e *cê*. No gráfico 7, expõe-se a distribuição geral das formas pronominais no referido município.

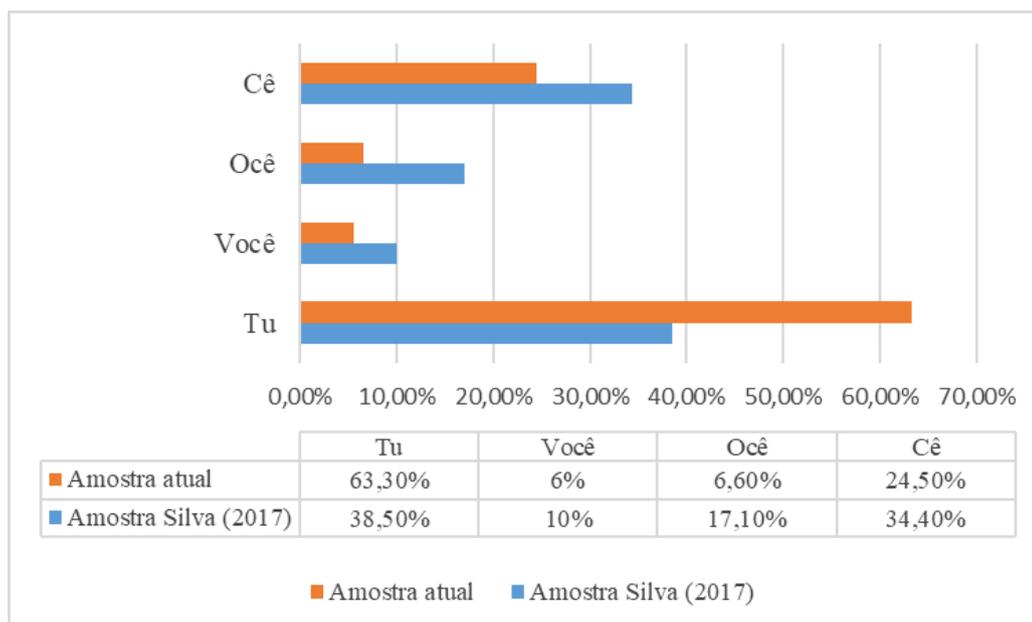
Gráfico 7 – Distribuição geral dos pronomes *tu*, *você*, *ocê* e *cê* em Ressaquinha



Fonte: Dados da autora.

O gráfico 7 demonstra que o pronome *tu* é o mais utilizado pelos falantes ressaquinhenses, com índice de 63,3%, seguido do pronome *você* e as variantes *ocê* e *cê*, que obtiveram percentuais de 5,6%, 6,6%, e 24,5%, respectivamente. Esse resultado difere-se dos dados encontrados por Silva (2017), cujo *corpus* foi coletado em 2016, conforme se vê no gráfico 8, seguinte.

Gráfico 8 – Dados dos pronomes *tu*, *você*, *ocê* e *cê* em Ressaquinha: amostra Silva (2017) e amostra atual



Fonte: Elaboração própria, com base em Silva (2017, p. 78).

Como se percebe no gráfico 8, no estudo de Silva (2017), encontra-se uma frequência de 38,5% do total de ocorrências da forma *tu*, 10% do pronome *você*, 17,1% e 24,5% das variantes *ocê* e *cê*, respectivamente. É válido ressaltar que para essa nova análise na cidade de Ressaquinha, ou seja, este estudo atual, consideraram-se quatro entrevistas do *corpus* de Silva (2017), sendo as demais (14 entrevistas) inéditas.

Dessa maneira, em vista dos resultados supracitados, nota-se que o pronome *tu* é mais recorrente na amostra deste estudo, com índice acima de 60%. É importante considerar o fato de que todas as entrevistas gravadas em Ressaquinha, para esta pesquisa em questão, foram realizadas por apenas um entrevistador, um morador nativo do município, com vínculo de amizade entre os participantes. Isso reforça que o pronome *tu* em Ressaquinha tende a ocorrer em relações mais íntimas. Já no que se refere ao *corpus* de Silva (2017), esse foi construído tendo em vista a colaboração desse mesmo entrevistador, mas também da pesquisadora. Dessa maneira, em contato com a amostra de Silva (2017), é possível perceber que, nas entrevistas realizadas pela pesquisadora, os participantes empregavam mais os pronomes *você*, *ocê* e *cê*, ao passo que, com o entrevistador nativo de Ressaquinha, houve a preferência pela forma *tu*.

Além desses aspectos, não se pode deixar de mencionar que, ao adentrar na comunidade ressaquinhense, observou-se que o pronome *tu* é de uso constante entre os falantes, tanto dos mais velhos quanto dos mais novos, sendo uma alternativa pronominal muito recorrente até mesmo nas falas das crianças. Dessa maneira, diante dos resultados apontados no gráfico 7, é possível dizer que, assim como constatado em Silva (2017), a forma *tu* permanece como a

estratégia pronominal mais escolhida entre os falantes ressaquinhenses. Além disso, é importante considerar o fato de que, dos 18 entrevistados dessa cidade, cinco utilizaram apenas a forma *tu* em suas falas, sendo três homens e duas mulheres e os demais alternavam-se as variantes *tu*, *você*, *ocê* e *cê*. Isso demonstra a intensidade do uso da variante *tu*, em Ressaquinha, que, ao contrário das cidades de Alfredo Vasconcelos e Barbacena, localidades que apontaram para o emprego mais frequentes da forma *cê*, caracterizou-se por ser um município mineiro de uso acentuado do pronome *tu*.

Atentando-se para o fato do surgimento do pronome *tu* nessa localidade, tendo em vista os aspectos de manutenção dessa forma, tal como constatado por Mota (2008), na localidade de São João da Ponte, no Norte de Minas Gerais, ou até mesmo um caso do retorno do pronome *tu* nessa localidade, tal como constatou Paredes Silva (2003), na cidade do Rio de Janeiro, é possível inferir que o *tu* dá indícios de ser um fenômeno que se manteve nessa comunidade mineira de Ressaquinha. Ao questionar alguns falantes sobre o porquê eles falam o *tu* e se esse elemento pronominal vem do berço familiar, as respostas, em geral, é que eles falam a forma *tu* desde pequenos e que tal pronome era de uso frequente nas interações familiares. Para exemplificar essa questão, em (1), exhibe-se um diálogo a respeito desse assunto com uma das participantes desta pesquisa, nomeada como Participante, e o colaborador nativo de Ressaquinha, nomeado como Entrevistador e a entrevistadora, autora desta pesquisa, nomeada como Entrevistadora.

(1) **Entrevistadora:** é... *cê* sabe porquê que fala o pronome *tu* por aqui? seus pais falavam?

Informante: é forç/ é força de expressão memo e costume

Entrevistadora: é... mas desde de criança?

Informante: é desde de criança é *tu*... “ah quem fez isso? foi *tu*”

Entrevistador: eu acho muito difícil falar *você*

Informante: não a gente não chama... fala é *tu*

Entrevistadora: seus pais por exemplo falavam?

Informante: falava *tu*

Entrevistadora: a senhora teve avô e avó que falava?

Informante: nossa! também era... a vó falava *tu*

Entrevistadora: olha!

Informante: é fala muito *tu*

Entrevistadora: e tudo dessa região aqui?

Informante: é... fala *tu*

Entrevistadora: que engraçado!

Informante: é minha vó morava aqui em Ressaquinha mas é na zona rural

Entrevistador: no Baú

Informante: no Baú fala *tu* fala *tu* não tem como *ocê* falar assim *ocê*... *cê* *tu* fala vamo supor se *tu* não ver eu fazer/

Entrevistadora: é mas eu vi que é geral mesmo

Entrevistador: eu não consigo falar você naturalmente não consigo

Informante: é o a força do hábito

Entrevistadora: aham (RSQ 01 LHSC).

Diante do trecho (1) exposto, nota-se que o pronome *tu*, em Ressaquinha, parece não se caracterizar como um fenômeno novo, ou seja, um possível caso de retorno dessa forma na comunidade. Mota (2008) constatou que em São João da Ponte a forma *tu* é um vestígio de um modo de falar rural, ou seja, a autora, explica que essa localidade interiorana não acompanhou o desenvolvimento industrial nessa região, ficando marginalizada nesse contexto e mantendo esse traço linguístico, enquanto os demais municípios limítrofes o perderam. Em Ressaquinha, a forma *tu* parece configurar ser um fenômeno do falar rural. Conforme se vê no exemplo (1), a participante ressaltava a questão da avó, que, apesar de morar um tempo na comunidade ressaquinhense, era da zona rural Retiro do Baú, subdistrito de Ressaquinha, localidade em que se predomina o uso de *tu*, segundo a participante.

No entanto, pode-se dizer que Ressaquinha também é um município interiorano com 4.826 habitantes, conforme IBGE (2021). Em termos de desenvolvimento, é uma localidade que se caracteriza pelo trabalho agrícola, advindo das atividades rurais, tais como, o cultivo de morangos, verduras e vegetais, além da criação de gados e fabricação e venda de produtos derivados do leite. Em face da infraestrutura, Ressaquinha é uma cidade muito dependente de Barbacena, principalmente no que se refere à área da saúde, educação, comércio, entre outras. Dessa maneira, pode-se inferir que, assim como em São João da Ponte, Ressaquinha não acompanhou o desenvolvimento industrial de outros municípios próximos, como a cidade de Barbacena, por exemplo. Esse fato possivelmente fez que essa cidade mantivesse não somente as atividades econômicas como também os traços linguísticos, como é o caso da retenção do pronome *tu*. No entanto, não se descarta a necessidade de um estudo mais aprofundado para se obter mais dados a respeito da origem do *tu*, não somente na localidade de Ressaquinha, mas também nos demais municípios vizinhos, como Alfredo Vasconcelos e Barbacena, cidades em que o pronome *tu* também é parte do repertório linguístico, ainda que em menores índices.

Dando continuidade à análise das formas pronominais em Ressaquinha, no que se refere à flexão verbal, não foi encontrada nenhuma ocorrência de *tu* com a concordância canônica correspondente de 2P. Nesse sentido, em termos de classificação dos subsistemas pronominais realizados por Scherre *et al.* (2015, p. 142), tal cidade, assim como Alfredo Vasconcelos e Barbacena, pode ser representada pelo subsistema *você/tu sem concordância: tu de 1% a 90% sem concordância*. Destaca-se que as formas pronominais do mesmo paradigma de *tu* também

foram identificadas na amostra, sendo utilizadas tanto com o pronome *tu* quanto com o *você* e *cê*, conforme se vê nos exemplos (2) a (9).

(2) **tu** vê que eu tô falando **contigo** (RSQ 01 LHSC).

(3) quando **cê** tá ajudando a pessoa que **cê** vê que a pessoa sai alegre **contigo** isso enche a gente de felicidade entendeu? (RSQ 11 GSF).

(4) a melhor coisa que tem da vida é **tu** ter uma família junto de **ti** (RSQ 10 VTP).

(5) mas depois **te** arrumo um **tu** vai gostar (RSQ 14 PJMF).

(6) **cê** vai ficar com medo... nad/ tudo que **te** faça medo (RSQ 10 VTP).

(7) põe isso na **tua** cabeça pra **tu** seguir lá (RSQ 11 GSF).

(8) muita vez **cê** ajuda o outro e faz a **tua** parte (RSQ 11 GSF).

(9) é mesma coisa **cê**... ah **você** arruma um namorado e a **tua** mãe e **teu** pai fala assim (RSQ 10 VTP).

Além do exposto, constataram-se também duas ocorrências do oblíquo átono *lhe*, sendo reportadas em discursos relatados, como se observa nos exemplos (10) e (11).

(10) (...) ele se abriu quando ele veio pra cá ele falou comigo “ó madrinha eu vou **lhe** falar uma coisa... se tiver problema? eu não tô não gosto de mulher não eu gosto de homem tem problema d’eu ficar aqui? eu falei “oh E. da tua vida pessoal envolvendo tua vida pessoal do lado de fora da da coisa lá pra estrada... eu não tenho nada a ver com a tua vida pessoal não” (RSQ 02 MCO).

(11) (...) aí a minha tia falava “leva ela no médico eu **lhe** ajudo quando for e coisa”... aí levou e ela passando muito mal naquela gritaiada naquele desespero (RSQ 02 MCO).

Em relação aos possessivos *seu/sua*, foram encontradas 10 ocorrências dessas formas, sendo nove nas realizações com os pronomes *você*, *ocê* e *cê* e apenas um dado do possessivo *sua* empregado com o pronome *tu*, conforme se vê em (12).

(12) as vezes Deus pôs a enfermidade pra provar a **sua** fé... **tu** vê que hoje em dia a mãe nem gosta de coisa... ela fez oitenta anos **tu** vê ela fez com camisa e tudo ela não quis celebração da palavra da missa (RSQ 01 LHSC).

Diante disso, observa-se que os possessivos *seu/sua* tendem a ocorrer com o pronome *você* e suas variantes *ocê* e *cê*. Em suma, os resultados expostos indicam que na localidade de

Ressaquinha permanece a predominância da forma *tu*, tal como constatado por Silva (2017). Nesse sentido, nota-se que os dados dessa cidade se diferem dos dados encontrados em Alfredo Vasconcelos e Barbacena, municípios que apresentam um uso acentuado da variante *cê*. Além disso, observa-se em Ressaquinha, indícios do pronome *tu* ser uma característica do falar rural, apontando-se para um caso retenção, assim como na cidade mineira de São João da Ponte, conforme os dados de Mota (2008). Além desses aspectos, notou-se também a presença das formas paradigmáticas de 2P (*teu, tua, te, ti e contigo*), bem como dos elementos pronominais em 3P (*seu, sua e lhe*). Isso posto, na seção seguinte apresentam-se os dados da análise multivariacional em Ressaquinha.

3.1.3.2. Análise multivariacional dos dados em Ressaquinha

a) Contexto sintático

No que diz respeito à variável contexto sintático, é importante ressaltar que seis das 12 rodadas binárias selecionaram tal fator como significante para explicação do fenômeno pronominal em variação no município de Ressaquinha, tais como *você x tu, tu x você, ocê x tu, tu x ocê, ocê x cê e cê x ocê*. Nessas rodadas, a variável contexto sintático se destacou como a segunda na ordem de relevância, conforme os dados indicados pelo *software* GoldVarb X. Diante dos resultados expostos na Tabela 16, é possível verificar que apenas os confrontos *você x tu* e *tu x você* apresentam resultados correspondentes ao fator complemento sem preposição. Isso se deve ao fato de que, na amostra dos dados das falas ressaquinhenses, foram encontradas duas ocorrências empregadas como complemento sem preposição, sendo uma com a forma *você*, conforme se vê em (13) e uma com o pronome *tu*, como exemplifica o trecho (14).

(13) porquê que o D. prefeito não colocou **você** (RSQ 14 PJMF).

(14) vão trocar de de palavra... porquê eu te faço **tu** feliz (RSQ 03 TRS).

Dessa maneira, como não houve ocorrências de *ocê* e *cê* no contexto sintático complemento sem preposição, nas rodadas nas quais essas variantes fazem parte, ou seja, *ocê x tu, tu x ocê, ocê x cê e cê x ocê*, foram analisados apenas os dados correspondentes às funções sujeito e complemento com preposição, conforme demonstra a Tabela 16.

Tabela 16: A atuação da variável contexto sintático em Ressaquinha

	CONTEXTO SINTÁTICO
--	--------------------

PRONOME (RODADA)	Sujeito			Complemento com preposição			Complemento sem preposição		
	Apl./T.	%	P.r.	Apl./T.	%	P.r.	Apl./T.	%	P.r.
você (você x tu)	24/344	7,0	0.471	3/10	30,0	0.960	2/3	66,7	0.944
tu (tu x você)	320/344	93,0	0.529	7/10	70,0	0.040	1/3	33,3	0.056
ocê (ocê x tu)	26/346	7,5	0.461	8/15	53,3	0.973	-	-	-
tu (tu x ocê)	320/346	92,5	0.539	7/15	46,7	0.027	-	-	-
ocê (ocê x cê)	26/149	17,4	0.449	8/12	66,7	0.928	-	-	-
cê (cê x ocê)	123/149	82,6	0.551	4/12	33,3	0.072	-	-	-

Fonte: Dados da autora.

Diante dos resultados apresentados pela Tabela 16, nota-se que a função sujeito favorece o uso do pronome *tu*, tendo 93,0% e 0.529 de peso relativo na rodada *tu x você* e 92,5% e 0.539 de peso relativo no confronto *tu x ocê*. Já o pronome *você*, por sua vez, mostra um favorecimento nos contextos complemento com preposição (30% e 0.960 de peso relativo) e complemento sem preposição (66,7% e 0.944 de peso relativo). No que se refere à variante *ocê*, os dados apontam que a função sintática complemento com preposição favorece o emprego dessa forma pronominal tanto na rodada *ocê x tu* (53,3% e 0.973 de peso relativo) quanto no confronto *ocê x cê* (66,7% e 0.928 de peso relativo). Por outro lado, o pronome *cê* demonstra ser produtivo quando utilizado como sujeito, sendo 82,6% e 0.551 de peso relativo.

Esses resultados apontados pela Tabela 16 demonstram que em Ressaquinha há um panorama diferenciado das cidades de Alfredo Vasconcelos e Barbacena, no que tange ao pronome *tu* como um pronome relevante para essa variável, favorecido, sobretudo na função sujeito. No contexto geral de ocorrências nas funções sintáticas analisadas, nota-se que uma das hipóteses relativa a essa variável, mais especificamente, sobre o maior número de ocorrências dos pronomes *tu*, *você*, *ocê* e *cê* na função sintática sujeito, foi corroborada também em Ressaquinha, uma vez que os dados da Tabela 16 apresentam tal evidência.

Já no que se refere à segunda hipótese, ou seja, sobre as funções complemento com preposição e complemento sem preposição favorecer o uso das variantes *você*, *ocê* e *cê*, tendo como base o estudo de Silva (2017), confirma-se que o contexto complemento com preposição favorece o uso das formas *você* e *ocê*, tal como ocorre nos municípios de Alfredo Vasconcelos e Barbacena, e a função complemento sem preposição favorece apenas o uso do pronome *você*. Conforme observado na Tabela 16, a forma *tu* é aliada ao contexto sintático sujeito, indicando

que essa tendência já encontrada por Silva (2017) se prossegue na localidade de Ressaquinha. No que tange aos dados da variante *cê*, percebe-se que, assim como nas cidades vizinhas, Alfredo Vasconcelos e Barbacena, na comunidade ressaquinhense tal forma pronominal também é favorecida quando empregada como sujeito.

Além desses resultados, em termos de aproximação com outros estudos mineiros, é possível dizer que Ressaquinha segue a tendência das falas de Belo Horizonte encontrada por Peres (2006), ou seja, os dados da autora demonstram que os pesos relativos das duas amostras (1992 e 2002), na função sujeito, apontam valores acima de 0.50 para *cê* e valores neutros entre 0.40 a 0.49 para *você* e *ocê*. Conforme se vê na Tabela 16, esse resultado também foi constatado em Ressaquinha, bem como nas cidades de Alfredo Vasconcelos e Barbacena.

Passados os dados referentes à variável contexto sintático analisada no município de Ressaquinha, abordam-se, a seguir, os resultados correspondentes à variável paralelismo formal.

b) Paralelismo formal

No que diz respeito à variável paralelismo formal, essa variável demonstra ser relevante para variação pronominal em Ressaquinha em seis rodadas binárias, a saber: *tu x cê*, *cê x tu*, *tu x ocê*, *ocê x tu*, *você x cê* e *cê x você*. Nesses quatro primeiros confrontos, essa variável aparece como a terceira na ordem de relevância e, nas duas últimas rodadas, o paralelismo formal é o segundo fator estatisticamente importante. Ressalta-se que, conforme se observa na Tabela 17, as rodadas *você x cê* e *cê x você* não apresentam resultados referentes ao fator formas não paralelas. Isso se deve ao fato de que não houve nenhuma ocorrência de *você* nesse contexto. Dessa maneira, optou-se por eliminar esse fator para evitar resultados categóricos e, conseqüentemente, possíveis nocautes. A seguir, expõem-se os dados que correspondem à variável paralelismo formal examinada em Ressaquinha.

Tabela 17: A atuação da variável paralelismo formal em Ressaquinha

PRONOME (RODADA)	PARALELISMO FORMAL								
	Formas paralelas			Formas não paralelas			Contextos sem paralelismo		
	Apl./T..	%	P.r.	Apl./T.	%	P.r.	Apl./T.	%	P.r.
tu (tu x cê)	24/27	88,9	0.836	1/7	14,3	0.113	303/421	72,0	0.482
cê (cê x tu)	3/27	11,1	0.164	6/7	85,7	0.887	118/421	28,0	0.518
tu (tu x ocê)	24/26	92,3	0.816	1/4	25,0	0.049	303/333	91,0	0.492

ocê (ocê x tu)	2/26	7,3	0.184	3/4	75,0	0.951	30/333	9,0	0.508
você (você x cê)	1/4	25,0	0.840	-	-	-	28/146	80,8	0.489
cê (cê x você)	3/4	75,0	0.160	-	-	-	118/146	19,2	0.511

Fonte: Dados da autora.

Em relação aos dados indicados na Tabela 17, observou-se que o pronome *tu* tende a ser fortemente favorecido quando utilizado com as formas *teu/tua*, *te* e *contigo*. Isso é, em termos de números, tem-se, no confronto *tu x cê*, um índice de 88,9% e 0.836 de peso relativo e, na rodada *tu x ocê*, uma frequência de 92,3% e 0.816 de peso relativo. Esses resultados podem estar relacionados ao fato de que a maioria das formas paralelas contabilizadas nos dados de Ressaquinha, ou seja, 24 das 30 ocorrências, foram do pronome *tu* com o paradigma de 2P. Por outro lado, em relação às formas não paralelas, constatou-se apenas um dado de *tu*, conforme se vê no exemplo (15) seguinte.

(15) tem que levar uma palavra de amor de carinho de afeto... pra ela compreender que as vezes aquela doença aquela enfermidade que Deus pôs foi pra experimentar a fé... não é quer dizer que **tu** tá pagando as coisas que a visão dos zoto “ah fulano tá doente tá pagando” não... as vezes Deus pôs a enfermidade pra provar a **sua** fé. (RSQ 01 LHSC).

No que se refere à variante *ocê*, esse pronome demonstra ser favorecido, conforme indica o confronto *ocê x tu*, com as formas gramaticais de 2P (*teu/tua*, *te* e *contigo*), ou seja, no fator formas não paralelas, com 25,0% e 0.951 de peso relativo e nos contextos sem paralelismo, com 9,0% e 0.508 de peso relativo, ao passo que os dados referentes ao *você*, mais especificamente, no confronto *você x cê*, mostram um favorecimento desse pronome quando utilizado com as formas paralelas do paradigma 3P, com 25,0% e 0.840 de peso relativo. Já a variante *cê*, por sua vez, quando confrontada com a forma *tu*, é favorecida nos contextos com as formas gramaticais de 2P (formas não paralelas). Dessa maneira, em termo de resultado, tem-se uma frequência de 85,7 % e 0.887 de peso relativo. Além disso, foi possível notar também o favorecimento de *cê* nos contextos sem paralelismo, com índice 28% e peso relativo de 0.518, no confronto *cê x tu*, e 19,2% e 0.511 de peso relativo, na rodada *cê x você*.

Tendo em vista os resultados expostos, pode-se dizer que a hipótese de que as formas paralelas *tu + te*, *tu + contigo* e *tu + teu/tua* tendem a ser mais frequentes em Ressaquinha, seguindo a evidência do estudo de Rocha (2012), foi corroborada, uma vez que os dados expostos na Tabela 17 apresentam um favorecimento de *tu* quando utilizado com as formas paradigmáticas de 2P. Além disso, o fato de os dados de Alfredo Vasconcelos também

indicarem que o pronome *tu* é favorecido em contextos de uso com as formas gramaticais em 2P, evidencia que essas duas cidades vizinhas mineiras seguem a mesma tendência em termos de paralelismo formal. Diante desses resultados apresentados, posteriormente, são exibidos os dados correspondentes à variável tipo de verbo.

c) Tipo de verbo

A variável tipo de verbo, durante o processo de análise dos dados da cidade de Ressaquinha, demonstrou favorecer a variação pronominal em seis dos 12 confrontos examinados. Dessa maneira, seguindo a ordem de relevância apontada pelo programa GoldVarb X, nas rodadas *você x cê* e *cê x você* o tipo de verbo foi o terceiro fator selecionado, nos confrontos *você x tu* e *tu x você*, essa variável foi a quarta selecionada e nas rodadas *ocê x tu* e *tu x ocê* esse fator foi o quinto estatisticamente relevante. Os resultados referentes à variável tipo de verbo são exibidos na Tabela 18.

Tabela 18: A atuação da variável tipo de verbo em Ressaquinha

PRONOME (RODADA)	TIPO DE VERBO											
	Ação			Dicendi			Estado			Epistêmico		
	Apl./T.	%	P.r.	Apl./T.	%	P.r.	Oc./T.	%	P.r.	Oc./T.	%	P.r.
tu (tu x você)	200/210	95,2	0.549	17/18	94,4	0.379	52/65	80,0	0.180	51/52	94,4	0.781
você (você x tu)	10/210	4,8	0.451	1/18	5,6	0.621	13/65	20,0	0.820	1/52	5,6	0.219
tu (tu x ocê)	200/214	93,5	0.520	17/18	94,4	0.427	52/64	81,2	0.229	51/52	98,1	0.780
ocê (ocê x tu)	14/214	6,5	0.480	1/18	5,6	0.541	12/64	18,8	0.776	1/52	1,9	0.221
você (você x cê)	10/84	11,9	0.427	1/6	16,7	0.561	13/42	31,0	0.745	1/17	5,9	0.216
cê (cê x você)	74/10	88,1	0.573	5/6	83,3	0.439	29/42	69,0	0.255	16/17	94,1	0.784

Fonte: Dados da autora.

Diante dos dados da Tabela 18, percebe-se que o pronome *você* é favorecido nos contextos com os verbos *dicendi* e de *estado*. Isso é, na primeira categoria verbal, em termos de números, a forma *você* tem uma frequência de 5,6% e 0.621 de peso relativo, na rodada *você x tu*, e 16,7% e 0.561 de peso relativo, no confronto *você x cê*. Já em relação aos verbos de *estado*, observa-se um índice de 20,0% e 0.820 de peso relativo, na rodada *você x tu*, e 31,0% e 0.745 de peso relativo, em *você x cê*.

Conforme os dados apresentados pela Tabela 18, nota-se que a variante *ocê* tem semelhança com os resultados do pronome *você*, sendo favorecida quando utilizada com os verbos *dicendi* (5,6% e 0.541 de peso relativo) e de *estado* (18,8% e 0.776 de peso relativo).

No que se refere ao pronome *tu*, também se mostrou favorecido em dois tipos de verbos, *ação* e *epistêmico*. Nesse sentido, no que diz respeito aos verbos de *ação*, constam-se os seguintes resultados para o *tu*: 95,2% e 0.549 de peso relativo, na rodada *tu x você*, e 93,5% e 0.520 de peso relativo, em *tu x ocê*. Em relação aos verbos *epistêmicos*, obteve-se um índice de 94,4% e 0.781 de peso relativo, no confronto *tu x você*, e 98,1% e 0.780 de peso relativo, na rodada *tu x ocê*. No que concerne à forma *cê*, parece seguir a mesma tendência do pronome *tu*, sendo favorecida nos contextos com os verbos de *ação* (88,1% e 0.573 de peso relativo) e *epistêmicos* (94,1% e 0.784 de peso relativo).

Diante dos resultados apresentados, em termos de comparação com os dados encontrados por Franceschini (2011), em Florianópolis (SC), e Guimarães (2014), em Fortaleza (CE), nota-se que um dos tipos verbais que favorece o uso do pronome *tu* em Ressaquinha é o verbo *epistêmico*, seguindo, dessa maneira, a tendência dos estudos das autoras supracitadas e dos dados já constatados em Alfredo Vasconcelos nesta presente pesquisa. Além disso, passando-se por outros resultados exibidos pela Tabela 18, é possível notar que a variante *tu* também se mostrou favorecida quando empregada juntamente com os verbos de *ação*, tal como ocorre em Fortaleza (CE), conforme indica a pesquisa de Guimarães (2014), e também nas falas vasconcelenses analisadas neste estudo.

No que diz respeito ao pronome *você*, as pesquisas de Franceschini (2011) e Guimarães (2014) indicam que os verbos de *estado* favorecem o uso de tal forma pronominal. Nesse sentido, é possível dizer que, assim como na localidade de Barbacena, essa tendência também foi constatada em Ressaquinha, uma vez que todas as rodadas binárias realizadas com a variante *você* apontam um favorecimento desse pronome quando empregados com os verbos de *estado*.

Em relação às variantes *ocê* e *cê*, nota-se uma semelhança com os resultados encontrados em Alfredo Vasconcelos, sobretudo no que se refere ao pronome *ocê* sendo aliado aos tipos verbais *dicendi* e de *estado*. No que concerne aos dados da forma *cê* em Ressaquinha, esses mostram uma aproximação com os resultados de Barbacena, mais especificamente, no que diz respeito à rodada binária *cê x você* apresentar um favorecimento da variante *cê* quando empregada juntamente com os verbos *epistêmicos*. Por outro lado, essa mesma rodada examinada em ambas as cidades, indica também direções diferentes quanto ao uso de *cê*, sobretudo no que se refere a esse pronome também ser mais propenso ao uso em contextos com os verbos *dicendi*, em Barbacena, e com os verbos de *ação*, em Ressaquinha.

Dados os resultados referentes à variável tipo de verbo analisada na comunidade ressaquinense, apresentam-se, a seguir, os resultados correspondentes à variável tipo de discurso.

d) Tipo de discurso

Em relação à variável tipo de discurso, nota-se que seis das 12 rodadas binárias demonstram que esse fator influencia a variação pronominal em Ressaquinha. É interessante observar que os resultados apontam, sobretudo que os confrontos compostos pelo pronome *tu* em detrimento às variantes *você*, *ocê* e *cê* e vice-versa são os que se destacam na análise da variável tipo de discurso, como pode ser visto na Tabela 19.

Tabela 19: A atuação da variável tipo de discurso em Ressaquinha.

PRONOME (RODADA)	TIPO DE DISCURSO								
	Direto			Genérico			Relatado		
	Apl./T.	%	P.r.	Apl./T..	%	P.r.	Apl./T.	%	P.r.
tu (tu x cê)	237/294	80,6	0.607	38/89	42,7	0.220	53/72	73,6	0.448
cê (cê x tu)	57/294	19,4	0.393	51/89	57,3	0.780	19/72	26,4	0.552
tu (tu x ocê)	237/255	92,9	0.508	38/53	71,7	0.174	53/54	98,1	0.799
ocê (ocê x tu)	18/255	7,1	0.492	15/53	28,3	0.826	1/54	1,9	0.201
tu (tu x você)	237/252	94,0	0.568	38/47	80,9	0.213	53/58	91,4	0.467
você (você x tu)	15/252	6,0	0.432	9/47	19,1	0.787	5/58	8,6	0.533

Fonte: Dados da autora.

Em termos da ordem de relevância indicada pelo *software* GoldVarb X, nas rodadas *você x tu* e *tu x você* a variável tipo de discurso foi a terceira selecionada e, nos confrontos *ocê x tu*, *tu x ocê*, *cê x tu* e *tu x cê* esse fator foi o quarto selecionado. No que tange ao pronome *tu*, os dados da Tabela 19 indicam o favorecimento dessa forma quando expressa nos discursos diretos, com a frequência de 80,6% e 0.607 de peso relativo, no confronto *tu x cê*, 92,9% e 0.508 de peso relativo, na rodada *tu x ocê*, e 94,0% e 0.568 de peso relativo, em *tu x você*. Além desses resultados, o discurso relatado indica favorecer o uso de *tu*, com 98,1% e 0.799 de peso relativo, na rodada *tu x ocê*. Tal resultado, se difere da localidade de Alfredo Vasconcelos, uma vez que o confronto das formas *tu* e *ocê* na análise dos dados vasconcelenses apontaram que a variante *ocê* é mais produtiva no discurso relatado.

No que se refere às variantes *você* e *cê*, nota-se uma semelhança no comportamento de ambas as formas pronominais, quando examinadas em detrimento ao *tu*, ou seja, são favorecidas quando utilizadas nos contextos de discursos genéricos quanto também no tipo de discurso relatado. Dessa maneira, no que diz respeito aos números, têm-se, no discurso genérico, o *você* com 19,1% e 0.787 de peso relativo e a forma *cê* com 57,3% e 0.780 de peso relativo. Já no discurso relatado, o pronome *você* obteve uma frequência de 8,6% e 0.533 de peso relativo e a variante *cê*, o percentual de 26,4% e 0.552 de peso relativo. No que tange à forma *ocê*, dados apontam que o discurso genérico favorece o uso de tal variante, sendo 28,3% e 0.826 de peso relativo.

Tendo em vista os resultados na Tabela 19, fazendo-se uma comparação com os dados encontrados por Silva (2017), em Ressaquinha, é possível dizer que a tendência de o discurso direto favorecer o uso do pronome *tu* se prossegue na comunidade ressaquinense. Apesar de a análise do estudo de Silva (2017) acoplar todos os dados das variantes *você*, *ocê* e *cê*, e esta pesquisa analisá-las separadamente, nota-se também uma semelhança nos resultados, pois, conforme descrito na Tabela 19, as formas *você*, *ocê* e *cê* têm em comum serem favorecidas quando empregadas em tipo de discurso genérico, tal como constatado por Silva (2017) na junção dessas formas pronominais.

Além disso, constata-se que, assim como em Alfredo Vasconcelos e Barbacena, a variável tipo de discurso foi de suma importância para a explicação do fenômeno pronominal em Ressaquinha, principalmente por demonstrar que todas as rodadas binárias realizadas com a pronome *tu* selecionaram essa variável como relevante para a variação analisada. Nesse sentido, pressupõe-se que a variação com o pronome *tu*, nessas localidades, tem como variável aliada o tipo de discurso, sendo o discurso direto o que mais favorece o uso do pronome *tu*. Além desses aspectos, ainda é possível destacar outras semelhanças nos resultados dessas três cidades como, por exemplo, o tipo de discurso genérico favorecer o uso das variantes *você*, *ocê* e *cê*. No que se refere ao pronome *você*, nota-se também que em Alfredo Vasconcelos e Ressaquinha há uma tendência dessa forma ser favorecida quando empregada nos contextos de discursos relatados.

Apresentados os dados correspondentes à variável tipo de discurso, passa-se para os resultados relacionados à variável extralinguísticos sexo.

e) Sexo

No que diz respeito aos resultados da variável sexo em Ressaquinha, nota-se que é a que menos influencia na variação pronominal nessa localidade, uma vez que em apenas quatro das 12 rodadas, essa variável se mostrou relevante, a saber: *tu x cê*, *cê x tu*, *cê x ocê x cê* e *ocê x cê*. Em termos da ordem de relevância indicada no processo de análise, o sexo foi o primeiro fator estatisticamente importante nesses quatro confrontos. É interessante observar que, no estudo de Silva (2017), a variável sexo foi eliminada pelo *software* GoldVarb X, durante o processo de análise, indicando não favorecer o fenômeno pronominal em variação. Além disso, a autora concluiu que as formas *tu* e *você* são de uso geral entre os falantes de Ressaquinha, demonstrando um equilíbrio entre ambos sexos (feminino e masculino). Vale lembrar que, nessa pesquisa, a autora considerou como variável dependente as formas *tu* e *você*. Nessa última variante, foram inseridas todas as ocorrências de *você*, *ocê* e *cê*. Dessa maneira, quando se analisam as variantes *você*, *ocê* e *cê* de forma separada, como é o caso deste presente estudo, percebe-se que as falas femininas favorecem o uso da variante *cê*, em Ressaquinha, com 30,4% e 0.686 de peso relativo no confronto com o *tu* e 84,3% e 0.653 de peso relativo na rodada binária com o pronome *ocê*, conforme se vê na Tabela 20.

Tabela 20: A atuação da variável sexo em Ressaquinha

PRONOME (RODADA)	SEXO					
	Feminino			Masculino		
	Apl./T.	%	P.r.	Apl./T.	%	P.r.
tu (tu x cê)	135/194	69,6	0.314	193/261	73,9	0.641
cê (cê x tu)	59/194	30,4	0.686	68/261	26,1	0.359
cê (cê x ocê)	59/70	84,3	0.653	68/91	74,7	0.381
ocê (ocê x cê)	11/70	15,7	0.347	23/91	25,3	0.619

Fonte: Dados da autora.

Por outro lado, diante dos dados expostos na Tabela 20, ainda é possível notar que, em Ressaquinha, os homens favorecem o uso das formas *tu* (73,9% e 0.641 de peso relativo) e *ocê* (25,3% e 0.619 de peso relativo). É importante ressaltar que, em Barbacena, o confronto *ocê x cê* também demonstra que as falas masculinas são aliadas ao emprego de *ocê*, fato que indica uma aproximação entre os resultados das duas cidades.

Em relação à hipótese de que as mulheres tendem a utilizar as formas padrão, *tu* e *você*, seguindo a tendência dos estudos mineiros de Coelho (1999), Gonçalves (2008) e Reis (2019),

pode-se dizer que essa condição não foi confirmada na cidade de Ressaquinha, uma vez que os resultados apresentaram as falas femininas como aliadas à variante *cê*. Pode-se dizer que os dados correspondentes à análise da variável sexo em Ressaquinha, assim como também constatado em Alfredo Vasconcelos e Barbacena, têm aproximação com o estudo de Peres (2006), realizado na capital mineira, e que comprovou, no *corpus* (2002), que as mulheres favorecem o emprego de *cê*.

A variável sexo, analisada por Silva (2017) na comunidade ressaquinhense, indicou que os dados das falas masculinas e femininas demonstraram um certo equilíbrio quanto ao uso do pronome *tu* em ambos os sexos, e, diante desse resultado, a pesquisadora inferiu que essa forma parece ser de uso geral entre os falantes ressaquinhenses. Já os dados relativos a este presente estudo, demonstram que, ao analisar, separadamente, as variantes, nota-se que a variação pronominal, em termos do fator sexo, se dá nos confrontos entre as formas *cê* e *tu* e *cê* e *ocê*, sendo o pronome *cê* aliado às falas femininas e as variantes *ocê* e o *tu*, mais produtivas entre os falantes do sexo masculino.

Esse diferencial apresentado pelos resultados realizados nessa mesma cidade pode ser explicado pelo fato de que, nessa nova análise em Ressaquinha, há uma configuração diferente em termos da distribuição geral do número de ocorrências, pois, observa-se que o pronome *tu* obteve um índice maior (63,3%) do que nos dados de Silva (2017), (34,5%), assim como o *você*, *ocê* e *cê*, que, nos dados atuais têm frequências de 6%, 6,6% e 24,5%, respectivamente, e, em Silva (2017), têm-se 10%, para *você*, 17,10 %, para *ocê* e 34,5%, para *cê*. Pode-se defender que tanto essa diferença na distribuição do número de ocorrências, quanto a análise separada das formas *você*, *ocê* e *cê* são fatores que contribuíram para visibilidade da variação na variável sexo, apontando um favorecimento da variante *cê* nas falas femininas e uma produtividade dos pronomes *tu* e *ocê* entre os falantes do sexo masculino. Diante da finalização da análise do fator sexo, posteriormente, apresentam-se os dados referentes à variável faixa etária.

f) Faixa etária

No que diz respeito à variável extralinguística faixa etária, é possível inferir que é um dos grupos de fatores que mais influencia a variação pronominal em Ressaquinha. Nota-se, na Tabela 21, que 10 das 12 rodadas binárias realizadas selecionaram a variável faixa etária como relevante para a variação entre os pronomes *tu*, *você*, *ocê* e *cê*. Um outro aspecto que destaca a forte influência da variável faixa etária na variação dos pronomes de 2P em Ressaquinha é fato

de que em oito das 10 rodadas selecionadas, ou seja, *tu x ocê*, *ocê x tu*, *tu x você*, *você x tu*, *ocê x você*, *você x ocê*, *cê x você* e *você x cê*, esse fator foi selecionado como o primeiro na ordem de relevância indicada pelo GoldVarb X e nos confrontos *tu x cê* e *cê x tu* essa variável foi a segunda estatisticamente importante.

Tabela 21: A atuação da variável faixa etária em Ressaquinha

PRONOME (RODADA)	FAIXA ETÁRIA								
	18 a 30 anos			31 a 50 anos			51 anos ou mais		
	Apl./T.	%	P.r.	Apl./T.	%	P.r.	Apl./T.	%	P.r.
você (você x ocê)	1/3	33,3	0.397	1/11	9,1	0.117	27/49	55,1	0.618
ocê (ocê x você)	2/3	66,7	0.603	10/11	90,9	0.883	22/49	44,9	0.382
você (você x cê)	1/6	16,7	0.598	27/119	22,7	0.093	1/31	3,2	0.640
cê (cê x você)	5/6	83,3	0.402	92/119	77,3	0.907	30/31	96,8	0.360
tu (tu x você)	48/49	98,0	0.664	152/153	99,3	0.867	128/155	82,6	0.113
você (você x tu)	1/49	2,0	0.336	1/153	0,7	0.133	27/155	17,4	0.887
tu (tu x ocê)	48/50	96,0	0.623	152/162	93,8	0.696	128/150	85,3	0.257
ocê (ocê x tu)	2/50	4,0	0.377	10/162	6,2	0.304	22/150	14,7	0.743
tu (tu x cê)	48/53	90,6	0.803	152/182	83,5	0.729	128/220	58,2	0.239
cê (cê x tu)	5/53	9,4	0.197	30/182	16,5	0.271	92/220	41,8	0.761

Fonte: Dados da autora.

Diante dos resultados expostos na Tabela 21, mais precisamente, nas rodadas *você x ocê*, *você x cê* e *você x tu*, percebe-se que a faixa etária dos mais velhos (51 anos ou mais) favorece o emprego de *você*, sendo, em termos respectivos, 55,1% e 0.618 de peso relativo, 3,2% e 0.640 de peso relativo e 17,4% e 0.887 de peso relativo. Com relação ao pronome *você*, ainda é possível destacar que o confronto *você x cê* demonstra que a faixa etária dos mais novos (18 a 30 anos) tende a favorecer o uso dessa variante, com 16,7% e 0.598 de peso relativo. Tal evidência também foi encontrada na cidade de Alfredo Vasconcelos, conforme já visto anteriormente. Dessa maneira, essas localidades parecem seguir a mesma tendência em relação à rodada *você x cê*, ou seja, a faixa etária dos mais jovens é aliada ao emprego de *você*.

No que diz respeito ao pronome *tu*, nota-se que todas as rodadas binárias realizadas com tal forma pronominal selecionaram a variável faixa etária como relevante para o fenômeno de

variação em Ressaquinha. Destaca-se que os resultados apontam que tanto os falantes mais novos (18 a 30 anos) quanto os medianos (31 a 50 anos) favorecem o uso de *tu* nas falas ressaquinhenses. Essa tendência é um pouco diferente da localidade de Alfredo Vasconcelos, pois, nesse município, as rodadas binárias *tu x ocê* e *tu x cê* indicam que o pronome *tu* é favorecido, exclusivamente, na faixa etária dos mais jovens.

Em termos de números referentes ao uso de *tu* em Ressaquinha, conforme indica a Tabela 21, na faixa etária 18 a 30 anos, obteve-se uma frequência de 98,0% e 0.664 de peso relativo, no confronto com o pronome *você*, 96,0% e 0.623 de peso relativo, na rodada *tu x ocê*, e 90,6% e 0.803 de peso relativo, na rodada *tu x cê*. Já no que diz respeito à faixa etária 31 a 50 anos, seguindo, respectivamente, os confrontos citados, têm-se 99,3% e 0.867 de peso relativo, 93,8% e 0.696 de peso relativo e 83,5% e 0.729 de peso relativo.

Em relação à variante *ocê*, percebem-se comportamentos diferentes nas rodadas binárias com os pronomes *tu* e *você*. Isso é, no confronto *ocê x tu*, verifica-se que a faixa etária dos mais velhos (51 anos ou mais) é aliada ao uso da forma *ocê*, com 14,7% 0.743 de peso relativo, ao passo que a rodada *ocê x você* indica a preferência dos mais novos (18 a 30 anos), com 66,7% e 0.603 de peso relativo, pelo uso da forma *ocê*, assim como também os falantes da faixa etária mediana (31 a 50 anos), com 90,9% e 0.883 de peso relativo. Esse último dado demonstra uma tendência de a faixa etária de 31 a 50 anos favorecer o emprego de *ocê* nas cidades de Alfredo Vasconcelos, Barbacena e Ressaquinha.

No que tange ao pronome *cê*, indica ser aliada à faixa etária 31 a 50 anos no confronto com a forma *você*, com 77,3% e 0.907 de peso relativo. Por outro lado, a rodada binária *cê x tu* aponta um favorecimento da variante *cê* nas falas dos mais velhos (51 anos ou mais), com 41,8% e 0.761 de peso relativo. É interessante observar que os resultados do confronto *cê x você*, nos municípios de Alfredo Vasconcelos, Barbacena e Ressaquinha, têm semelhanças no que diz respeito à variante *cê* aliada à faixa etária dos medianos. Apenas nas falas vasconcelenses, esse pronome também demonstra ser favorecido entre os falantes mais novos (18 a 30 anos). Já no que se refere ao confronto *cê x tu*, é possível perceber uma aproximação dos dados de Ressaquinha com Alfredo Vasconcelos, sobretudo quanto à faixa etária 31 a 50 anos favorecer o uso de *cê*.

Diante dos resultados analisados em Ressaquinha, não é possível dizer que a forma *cê* é mais recorrente em todas as faixas etárias, tal como ocorre em Alfredo Vasconcelos e Barbacena, uma vez que as falas ressaquinhenses apresentam usos predominantes do pronome *tu*. No entanto, destaca-se a tendência dos falantes mais novos (18 a 30 anos), bem como a faixa etária mediana (31 a 50) favorecerem o uso da forma *tu*, constatada por Silva (2017) nos dados

desta pesquisa. Por outro lado, o pronome *você* e suas variantes *ocê* e *cê* (exceto na rodada binária *cê x você*) demonstram ser aliados da faixa etária (51 anos ou mais) tanto na amostra desta pesquisa quanto nos resultados encontrados por Silva (2017).

Diante do exposto, pode-se dizer que, em relação à variável faixa etária, permanece a mesma tendência de Silva (2017), tanto nos dados correspondentes ao pronome *tu* ser aliado às faixas etárias 18 a 30 anos e 31 a 50 anos, quanto da forma *você* ser mais produtivo entre os falantes mais velhos (51 anos ou mais). Assim sendo, conclui-se a exposição da análise multivariacional dos dados da localidade de Ressaquinha. Ressalta-se que todas as variáveis analisadas condicionam a variação dos pronomes de 2P, tendo, como destaque, sobretudo a variável faixa etária, que, assim como em Alfredo Vasconcelos, também apresentou o maior número de rodadas binárias, indicando influenciar a variação de todos os pronomes analisados (*tu, você, ocê e cê*). A partir dessas considerações, na próxima subseção expõe-se uma síntese e comparação da análise dos dados em Alfredo Vasconcelos, Barbacena e Ressaquinha, levando-se em consideração tanto a distribuição geral do número de ocorrências quanto a análise multivariacional em cada município.

3.1.4. Síntese e comparação dos resultados

Exibe-se nos próximos tópicos uma síntese e comparação dos resultados encontrados nas cidades de Alfredo Vasconcelos, Barbacena e Ressaquinha, tendo em vista a distribuição geral do número de ocorrências dos pronomes *tu, você, ocê e cê*, como também a análise multivariacional dos dados.

3.1.4.1. Síntese e comparação: distribuição geral dos pronomes

Como já relatado, o foco deste estudo é analisar a variação dos pronomes de 2P do singular nas cidades mineiras de Alfredo Vasconcelos, Barbacena e Ressaquinha. Para tal, foram realizadas 54 entrevistas sociolinguísticas, sendo 18 por cada cidade. Dessa maneira, obteve-se um total de 1.696 ocorrências das formas pronominais *tu, você, ocê e cê*, sendo 441 em Alfredo Vasconcelos, 737 em Barbacena e 518 em Ressaquinha.

A cidade de Ressaquinha, por sua vez, já foi pesquisada por Silva (2017) e nesse estudo, a autora constatou um índice de 38,5% do pronome *tu*. Tal evidência foi o ponto de partida para origem da presente pesquisa, tendo como interesse, também, estudar as localidades de Alfredo Vasconcelos e Barbacena, com a finalidade de averiguar se a ocorrência da forma *tu* é um fenômeno presente apenas na comunidade ressaquinhense ou se também é parte do repertório

linguístico dos falantes dos municípios vizinhos. Diante disso, considerando-se os resultados das ocorrências dos pronomes de 2P nessas cidades, nota-se que o *tu* também faz parte das escolhas pronominais dos falantes de Alfredo Vasconcelos e Barbacena. No entanto, conforme os índices, 10% e 2%, respectivamente, essa forma não parece ser de uso tão frequente quanto na cidade de Ressaquinha, que, neste estudo atual, obteve uma frequência de 63,3% dos dados.

Dessa maneira, o que se observa, a partir da distribuição geral dos pronomes *tu*, *você*, *ocê* e *cê*, é um uso acentuado da forma *tu* em Ressaquinha e, nas localidades de Alfredo Vasconcelos e Barbacena, o pronome mais produtivo é a variante *cê* com índices bem semelhantes, sendo 61% e 61,3%, respectivamente. Apesar disso, não se pode deixar de mencionar o fato de que em Alfredo Vasconcelos a maioria dos falantes entrevistados, 16/18, usou o *tu* em algum momento da entrevista. Essa evidência nos faz inferir que tal forma é parte do repertório linguístico desses participantes e pode ser até mais recorrente, principalmente, nas relações sociais íntimas, tal como já foi relatado por meio de exemplos retirados da amostra deste estudo. Já em Barbacena, é interessante observar que apenas seis dos 18 participantes utilizaram o *tu* durante as gravações das entrevistas, fato que dá indícios de que esse pronome não é tão frequente na fala desses participantes.

Diante dos dados representativos do pronome *tu* nessas três localidades, apesar de serem cidades tão próximas, nota-se padrões diferentes quanto ao uso do pronome *tu*. Conforme visto, há uma evidência de que, em Ressaquinha, o pronome *tu* se manteve na comunidade, indicando ser um fenômeno característico do falar rural, tal como ocorre em São João da Ponte, cidade estudada por Mota (2008). Nota-se que a cidade de Ressaquinha, assim como São João da Ponte, não acompanhou o desenvolvimento industrial de outros municípios próximos, como a cidade de Barbacena, por exemplo, mantendo-se, possivelmente, não somente as atividades econômicas como também os traços linguísticos, como o caso da retenção do pronome *tu*. Os indícios da manutenção do pronome *tu* nessa localidade nos faz inferir que nas cidades de Alfredo e Barbacena, vizinhas de Ressaquinha, a presença dessa forma pronominal também seja um caso de retenção.

Como já relatado na seção metodológica deste texto, mais precisamente, na breve história da cidade de Alfredo Vasconcelos, nota-se que esse é um município também pequeno, interiorano, com aproximadamente 7000 habitantes (IBGE, 2021). Em face do desenvolvimento dessa localidade, assim como em Ressaquinha, em Alfredo Vasconcelos prevalece o trabalho agrícola, advindo das atividades rurais, tais como o cultivo de morangos, verduras e vegetais e também do trabalho exercido em função da criação de gados e fabricação e comercialização de produtos derivados do leite. Além disso, a comunidade vasconcelense

também é muito dependente da cidade polo Barbacena, em termos de saúde, educação, entre outros. Por ser tão próxima de Barbacena, com apenas 5Km de distância, muitos dos habitantes de Alfredo Vasconcelos trabalham ou estudam nessa localidade. Já o contexto de Barbacena é um pouco diferente dos outros dois municípios, é uma cidade maior, com uma população de 138.204 habitantes (IBGE, 2021) e, conforme já relatado, é considerada a cidade polo, ou seja, que atende às demandas da área da educação, saúde, emprego, entre outras, das localidades limítrofes, apresentando característica de uma cidade mais urbanizada e desenvolvida.

Diante desses aspectos, é possível inferir que essas diferenças nos desenvolvimentos dessas cidades, pode ser um dos fatores determinantes para as divergências nos traços linguísticos dessas localidades. Diante dos resultados das formas pronominais nos três municípios estudados e as evidências do uso de *tu* relatadas, percebe-se que em Barbacena o pronome *tu* não é tão usual entre os falantes, nota-se uma frequência maior da forma *cê*, seguida das variantes *você* e *ocê*. Esse dado indica, possivelmente, que *você/ocê/cê* se sobrepôs ao uso de *tu* nessa localidade, sendo o *cê*, no quadro atual do repertório linguístico barbacenense, a estratégia pronominal mais utilizada entre falantes, ao passo que a forma *tu* não apresenta ser de uso frequente. Conforme visto, os falantes têm conhecimento que o *tu* é uma estratégia que faz parte do quadro de pronomes 2P em sua cidade, no entanto, essa variante deu indícios de ser estigmatizada. Todavia, a pouca frequência dessa forma pronominal nessa localidade pode ser uma maneira de evitar um pronome com certo estigma, considerado, conforme uma das participantes, como um falar característico dos “mais antigos”.

Em Alfredo Vasconcelos, o fato de muitos falantes dessa localidade exercerem alguma atividade em Barbacena, tendo contato com repertório linguístico em que um uso de *você/ocê/cê* é predominante, nos faz inferir que essa localidade tende a acompanhar os traços linguísticos de Barbacena. Apesar disso, o pronome *tu* parece ser mais resistente nessa localidade, pois, conforme visto, a maioria dos falantes utilizou o *tu* no momento da entrevista, esse fato evidencia que, embora essa forma apresenta ser pouco utilizada, como indica os dados desta pesquisa, esse elemento pronominal pode ser até mais recorrente nas falas vasconcelenses, sobretudo nas relações sociais íntimas, como constatado na amostra desta pesquisa. Além disso, no contato com a comunidade, notou-se que o pronome *tu* é uma variante bem aceita pelos falantes, sem apresentar graus de estigma.

Em Ressaquinha, o uso acentuado do pronome *tu* indica a resistência dessa forma nessa localidade. Há diferencial em termos de comparação com a localidade de Alfredo Vasconcelos, pois, nota-se que a maioria dos habitantes tende a exercer alguma atividade na própria cidade, seja nas fazendas ou nas oportunidades oferecidas pelo comércio, prefeitura e outros

estabelecimentos. Apesar dos habitantes recorrerem à cidade de Barbacena, em termos da área da saúde e educação, esse fato parece não influenciar o uso das formas pronominais pelos ressaquinenses.

É certo que estudos futuros mais aprofundados sobre o tema podem revelar a origem do pronome *tu* tanto na localidade de Ressaquinha quanto em Alfredo Vasconcelos e Barbacena. Diante de poucos dados, não se pode, de fato, confirmar que nessa mesorregião mineira Campo das Vertentes, a forma *tu* seja um fenômeno de retenção, no entanto, foram apresentadas nesta pesquisa algumas evidências que caminham para essa conclusão.

Em termos de semelhanças com outros estudos mineiros, os resultados das cidades de Alfredo Vasconcelos e Barbacena, mais especificamente a preferência pelo uso frequente da variante *cê*, com índices acima de 60%, faz com que essas localidades aproximem-se dos dados já encontrados no estado de Minas Gerais realizados por Coelho (1999), Peres (2006) e Gonçalves (2008), nos municípios de São Francisco, Belo Horizonte e Arcos, respectivamente. Para exemplificar esses dados, apresentam-se, na Tabela 22, as frequências dos pronomes *tu*, *você*, *ocê* e *cê* constatadas por alguns estudos realizados no estado de Minas Gerais e também os resultados referentes às três cidades analisadas nesta pesquisa³⁹.

Tabela 22: Frequência dos pronomes *tu*, *você*, *ocê* e *cê* em Minas Gerais.

AUTORES	CIDADES	TU	VOCEÊ	OCÊ	CÊ
Coelho (1999)	São Francisco	-	20%	23%	56%
Peres (2006)	Belo Horizonte / <i>corpus</i> 1982	-	15,9%	6,6%	77,5%
	Belo Horizonte / <i>corpus</i> 2002	-	23,5%	3,9%	72,6%
Herênio (2006)	Uberlândia	-	100%	-	-
Gonçalves (2008)	Arcos	-	22%	24%	54%
Mota (2008)	São João da Ponte	10%	89%	-	-
Silva (2017)	Ressaquinha	38,5%	10%	17,1%	34,4%
Reis (2019)	Lontra/ Amostra Narrativa	22,4%	69,1%	-	5,6%
	Lontra/ Amostra Gênero Bilhete	35,3%	53%	2,9%	5,9%
	Lontra/ Amostra Áudios do <i>WhatsApp</i>	13,5%	57,6%	-	27,1%
Dados desta pesquisa	Alfredo Vasconcelos	10%	17%	12%	61%
Dados desta pesquisa	Barbacena	2%	28,4%	8,3%	61,3%
Dados desta pesquisa	Ressaquinha	63,3%	6%	6,6%	24,

³⁹ Ressalta-se que, apesar de não ser o ideal comparar dados de pesquisas com metodologias diferentes, buscou-se apresentar esses registros das formas pronominais de 2P em Minas Gerais para fins de um conhecimento maior da distribuição das variantes em diferentes localidades.

Fonte: Elaboração própria, com base nos estudos de Coelho (1999), Herênio (2006), Peres (2006), Gonçalves (2008), Mota (2008), Silva (2017) e Reis (2019).

Diante dos dados da Tabela 22, ainda é possível notar que o pronome *tu* é parte do repertório linguístico das cidades mineiras de Alfredo Vasconcelos, Barbacena, Lontra, São João da Ponte e Ressaquinha. É interessante observar que os dados de *tu* nessas localidades de Minas Gerais são empregados com o verbo na 3P gramatical. Em apenas uma ocorrência da forma *tu* no município de Alfredo Vasconcelos, foi constatada a concordância verbal expressa de 2P. No entanto, apesar desse dado, pode-se dizer que as cidades mineiras nas quais o *tu* faz parte das interações linguísticas, podem ser representadas pelo subsistema *você/tu sem concordância: tu de 1% a 90% sem concordância*, em termos de classificação dos subsistema realizados por Scherre *et al.* (2015, p. 142). Dessa maneira, observa-se que Minas Gerais segue a mesma tendência de outras localidades da região Sudeste brasileira, como, por exemplo, o município do Rio de Janeiro, conforme os dados de Lopes *et al.* (2009) e Santos (2012), e o município de Santos, estudado por Modesto (2006), que também constataram o emprego do pronome *tu* com os verbos da 3P gramatical.

No que diz respeito às formas *você* e *ocê*, como já relatado neste estudo, nota-se, em termos de semelhanças dos resultados, que as localidades de Alfredo Vasconcelos e Barbacena apresentaram aproximações com a pesquisa de Peres (2006), realizada na capital mineira de Belo Horizonte, sobretudo em relação aos índices de *você* e *ocê*. Além dos percentuais próximos, os dados desses três municípios indicam que a forma *você* é mais recorrente que a variante *ocê*. Por outro lado, os resultados das cidades de São Francisco, Arcos e Ressaquinha, conforme os estudos de Coelho (1999), Gonçalves (2008), Silva (2017) e os dados atuais desta pesquisa, apontam que a variante *ocê* tende a ser mais frequente que o pronome *você*.

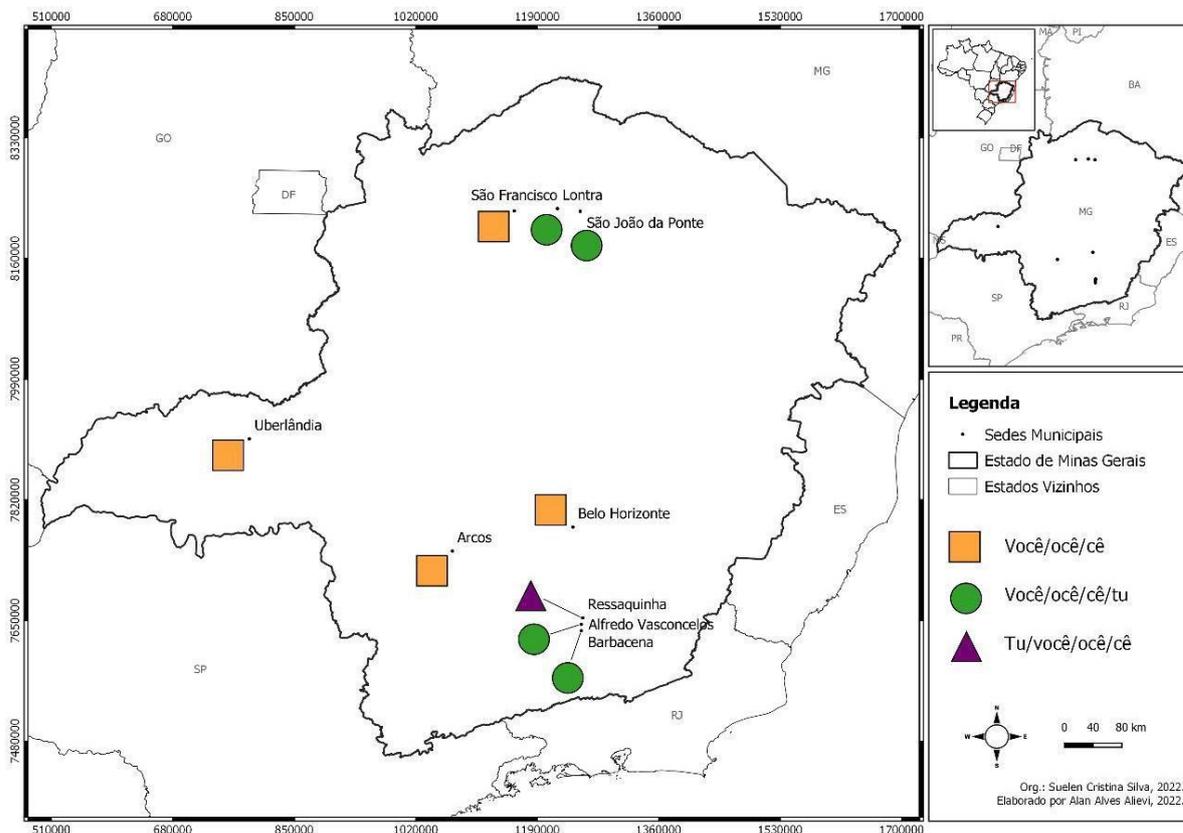
No que se refere aos municípios de São João da Ponte e Uberlândia, localidades estudadas por Mota (2008) e Herênio (2006), é importante ressaltar o fato de que essas duas autoras acoplaram os dados dos pronomes *você*, *ocê*, *cê*, analisando-os como uma única variável dependente (*você*). Dessa maneira, em termos dos dados de *você*, a cidade de Uberlândia apresenta um uso categórico dessa forma pronominal, ao passo que em São João da Ponte há uma predominância da variante *você*, com índice de 90%, e a presença do pronome *tu*, com 10% de frequência.

No que tange à localidade de Lontra, nota-se que Reis (2019) analisou três amostras em sua pesquisa, sendo duas com dados da língua escrita (amostra narrativa e amostra gênero bilhete) e uma com dados da oralidade (amostra áudios do *WhatsApp*). Conforme se vê na Tabela 22, os resultados apontam para o pronome *você* ser predominante nessa localidade. No entanto, nota-

se também a presença da forma *tu* entre os falantes de Lontra. Em termos dos índices constatados pela autora, a variante *tu* demonstra ser mais recorrente nos dados da escrita, ao passo que a amostra da oralidade apresenta uma frequência bem próxima do estudo de Mota (2008), realizado em São João da Ponte, que é um município vizinho da cidade de Lontra.

Diante dos dados apresentados e, conforme já relatado na introdução deste texto, consiste como um dos objetivos específicos desta pesquisa mapear os usos dos pronomes de 2ª P *tu*, *você*, *ocê*, e *cê* nas cidades de Alfredo Vasconcelos, Barbacena e Ressaquinha. Dessa maneira, apresentam-se na Figura 3, as tendências dos usos dessas formas pronominais, em função da variação registrada não somente nas três cidades analisadas nesta pesquisa, como também nas localidades onde os estudos mineiros mencionados na Tabela 22 foram realizados. Ressalta-se que municípios onde se constatou a tendência dos pronomes *você*, *ocê* e *cê*, tais como São Francisco, Belo Horizonte e Arcos, cidades pesquisadas por Coelho (1999), Peres (2006) e Gonçalves (2008), ou apenas da forma *você* (considerando a junção das variantes *você*, *ocê* e *cê*), no caso de Uberlândia, localidade alvo do estudo de Herênio (2006), são representados pela legenda *Você/ocê/cê*. Em relação à variação registrada a partir da alternância *tu*, *você*, *ocê* e *cê* com a tendência do uso acentuado das formas *você/ocê/cê*, como por exemplo, no município de Alfredo Vasconcelos e Barbacena, localidades analisadas neste estudo, na cidade de São João da Ponte, cidade estudada por Mota (2008) e Lontra, localidade estudada por Reis (2019) são representadas pela legenda *Você/ocê/cê/tu*. No que diz respeito ao município de Ressaquinha, por indicar, nesta pesquisa, a predominância de *tu* sobre as formas *você*, *ocê* e *cê*, é representada pela legenda *Tu/você/ocê/cê*.

Figura 3: Mapa dos registros do uso dos pronomes *tu*, *você*, *ocê* e *cê* em Minas Gerais.



Fonte: Organizado pela autora e elaborado por Alan Alves Alevi, com base nos resultados deste estudo e das pesquisas de Coelho (1999), Herênio (2006), Peres (2006), Gonçalves (2008), Mota (2008), e Reis (2019).

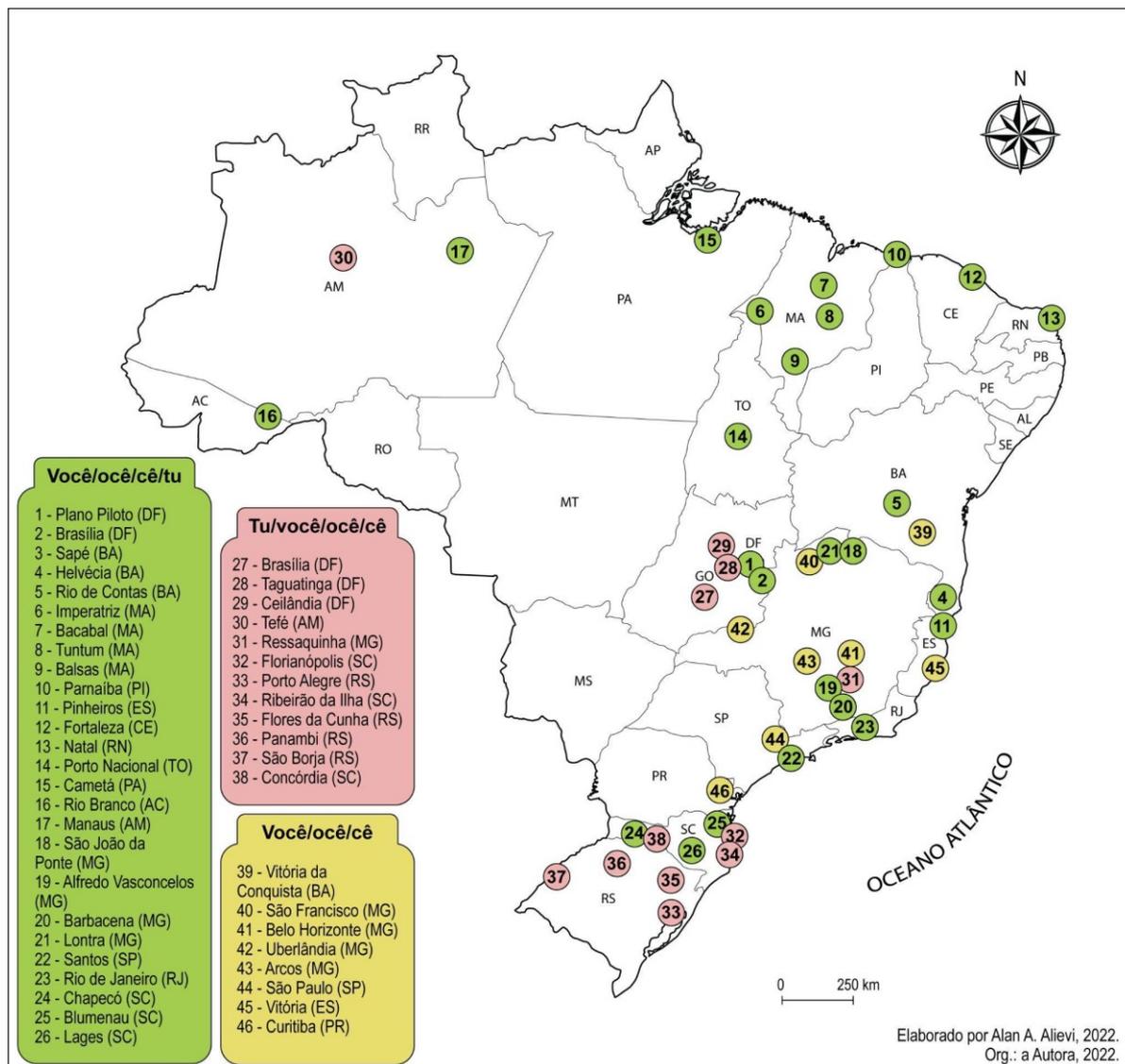
Nota-se na figura 3 que a configuração dos usos dos pronomes de 2P em Minas Gerais começa a mudar a partir dos registros de mais pesquisas realizadas. Esse mapeamento indica a tendência de usos das formas pronominais registradas a partir dos dados da oralidade de nove cidades mineiras. No mapa, é possível observar que quatro localidades (Arcos, Belo Horizonte, São Francisco e Uberlândia) apresentam o uso exclusivo da forma *você* e suas variantes *ocê* e *cê*, dado que classifica esses municípios, em termos do subsistema categorizados por Scherre *et. al.* (2015), como representantes do subsistema *só você*. Além disso, nota-se que outras quatro localidades mineiras (Alfredo Vasconcelos, Barbacena, Lontra e São João da Ponte) apresentam um uso mais elevado das formas *você*⁴⁰, *ocê* e *cê* e um índice menor do pronome *tu*. Considerando-se a classificação de Scherre *et. al.* (2015) esses municípios podem ser representados pelo subsistema *você/tu sem concordância*. A cidade de Ressaquinha demonstrou um fenômeno novo em Minas Gerais, uma vez que se constatou um alto índice do uso pronome *tu*, acima de 60% nesta pesquisa. Apesar da

⁴⁰ No caso do estudo de Mota (2008), que em seu estudo, realizado em São João da Ponte, fez a junção das formas *você*, *ocê* e *cê*.

predominância do *tu* na comunidade ressaquinense, também identificou que as formas *você*, *ocê* e *cê* são usuais nessa localidade, no entanto, com menos frequência. Diante desse dado, essa cidade também pode ser representada pelo subsistema *você/tu sem concordância*.

Em se tratando do território brasileiro, levando-se em consideração todas as pesquisas que foram relatadas nesta tese, mais especificamente, os dados da Tabela 4 apresentada na seção 1.2.3.6, e também os dados das localidades estudadas nesta pesquisa, elaborou-se um mapa em função da variação dos pronomes de 2P no Brasil, conforme se vê na figura 4. É importante citar que foram consideradas três legendas para o registro da variação pronominal na figura 4, seguindo a mesma orientação do mapa de Minas Gerais apresentado na figura 3, ou seja, a legenda *Você/ocê/cê* refere-se às localidades de uso exclusivo dos pronomes *você*, *ocê* e *cê*, a legenda *Você/ocê/cê/ tu* é representada pelas cidades que foram registradas a alternância *tu*, *você*, *ocê* e *cê* com a tendência do uso acentuado das formas *você/ocê/cê* e a legenda *Tu/você/ocê/cê* que diz respeito aos registros da predominância de *tu* sobre as formas *você*, *ocê* e *cê*.

Figura 4: Mapa dos registros do uso dos pronomes *tu*, *você*, *ocê* e *cê* no Brasil.



Fonte: Organizado pela autora e elaborado por Alan Alves Alievi, com base nos resultados deste estudo e das pesquisas citadas na revisão teórica desta tese, mais especificamente, na Tabela 4.

Apresentados esses dados, na seção seguinte, aborda-se uma síntese dos resultados encontrados pela análise multivariacional realizada nas três localidades.

3.1.4.2. Síntese e comparação: análise multivariacional dos dados

a) Contexto sintático

A variável contexto sintático aponta algumas semelhanças nos dados de Alfredo Vasconcelos e Barbacena, sobretudo em relação ao fato de que nenhuma rodada binária realizada com o pronome *tu* selecionou o fator contexto sintático. Dessa maneira, pode-se concluir que tal variável não influencia a variação pronominal com a forma *tu* nessas

localidades. Já em Ressaquinha, esse pronome se mostrou relevante nos confrontos com *você* e *ocê*, sendo favorecido na função sintática sujeito.

Em relação à forma *cê*, essa mostrou-se fortemente favorecida na função sujeito em todas as localidades. É interessante observar que em Alfredo Vasconcelos e Barbacena as rodadas que selecionaram a variável contexto sintático são as mesmas, tendo como confrontos a forma *cê* em detrimento a *você* e *ocê*. Os resultados de ambas as cidades apontam que a função complemento com preposição tende a favorecer o uso das variantes *você* e *ocê*. Isso ocorre, principalmente, pelo fato de essas formas pronominais serem, frequentemente, empregadas nas expressões *para você*, *pr'ocê* e *d'ocê*, como se vê nos exemplos de (1) a (5).

- (1) minha filha se aquele vizinho tivê precisando **d'ocê** (AFV 04 IFJ).
- (2) eu vou falá **pr'ocê**... costuma eu as vez hoje brincá a minha menina tá brincando de boneca eu pego a boneca eu brinco com ela (AFV 04 IFJ).
- (3) ó vem embora que eu arrumo um serviço **pr'ocê** aqui” (BRB 13 AEA).
- (4) assim as vezes eu vou saber tirar palavras que não diria **pra você** mas que saia do coração pra ele (AFV 04 IFJ).
- (5) respondi deste jeito “minha linda eu disse **pra você** que não (BRB 08 FCCG).

Já em Ressaquinha, os resultados indicam que tanto a função complemento com preposição e o contexto complemento sem preposição favorecem o uso da forma *você* e a variante *ocê* mostrou-se ser aliada à função complemento com preposição.

No que se refere à hipótese de que a função sujeito é o contexto sintático mais produtivo para ocorrência dos pronomes *tu*, *você*, *ocê* e *cê*, tendo como base os estudos de Coelho (1999), Peres (2006) Gonçalves (2008), Mota (2008), Silva (2017) e Reis (2019), pode-se dizer que essa pressuposição foi corroborada em todas as três localidades analisadas, uma vez que se constatou o maior número de dados dessas formas pronominais de 2P do singular nesse contexto sintático. Já no que se refere à hipótese do pronome *tu* ser favorecido na função sujeito e as variantes *você*, *ocê* e *cê* serem aliadas aos contextos complementos com preposição e complementos sem preposição, foi corroborada, parcialmente, ou seja, observou-se que em Alfredo Vasconcelos e em Barbacena o pronome *você* tende a ser favorecido nas funções de complemento com preposição e a forma *cê* ser aliada à função sujeito. Já em Ressaquinha, os pronomes *tu* e *cê* seguem a mesma tendência, sendo aliados à função sujeito, a forma *você* demonstrou ser favorecida quando empregada nas funções de complemento com preposição e

complemento sem preposição e o pronome *ocê* demonstrou ser favorecido quando utilizado nos contextos de complemento com preposição.

Além desses aspectos, nota-se uma aproximação dessas três cidades analisadas, Alfredo Vasconcelos, Barbacena e Ressaquinha, com os resultados encontrados por Peres (2006), em Belo Horizonte, sobretudo no que se refere aos pronomes *você*, *ocê* e *cê*, ou seja, os dados da autora demonstraram que as duas amostras (1992 e 2002), no que tange à função sujeito, apontaram um peso relativo de 0.50 para *cê* e valores neutros entre 0.40 a 0.49 de peso relativo para *você* e *ocê*, tal como foi constatado nos municípios analisados neste estudo. Diante dos dados demonstrados, a seguir, apresenta-se uma síntese e comparação da variável paralelismo formal que se mostrou relevante para variação pronominal em Alfredo Vasconcelos e Ressaquinha.

b) Paralelismo formal

A variável paralelismo formal mostrou-se influenciar a variação pronominal apenas nas cidades de Alfredo Vasconcelos e Ressaquinha. Dessa maneira, destaca-se, no que tange aos resultados encontrados em ambas as localidades, que correspondem às rodadas binárias compostas pelos confrontos com o pronome *tu*, apontam para o favorecimento dessa variante quando empregada com o paradigma de 2P.

No que diz respeito à cidade de Alfredo Vasconcelos, é importante ressaltar que apenas nos confrontos *tu x cê* e vice-versa, essa variável foi selecionada pelo programa GoldVarb X como uma variável que condiciona o fenômeno de variação estudado. Dessa maneira, nota-se que a forma *cê* mostra ser característica dos contextos sem paralelismo, ou seja, quando essa variante aparece isolada, sem uso dos elementos pronominais tanto do paradigma de 2P quanto de 3P. Em Ressaquinha, por outro lado, o pronome *cê*, além de também ser aliado aos contextos sem paralelismos, mais precisamente, na rodada binária *cê x você*, demonstra uma tendência dessa variante ser favorecida quando utilizada nos contextos com as formas não paralelas, ou seja, com o paradigma de 2P. O mesmo acontece com a variante *ocê*, que, conforme os dados relativos ao paralelismo formal em Ressaquinha, mais especificamente, a rodada binária *ocê x tu*, indica ser, fortemente, favorecida quando empregado com as formas não paralelas.

Com relação ao pronome *você*, apenas em Ressaquinha tal forma se mostrou relevante para a variação pronominal, sendo aliada das formas do paradigma de 3P, ou seja, ao fator formas paralelas. Tal evidência pode ser vista no confronto *você x cê*.

Além desses resultados, os dados da variável paralelismo formal indicam que, em Ressaquinha, a hipótese de que as formas paralelas *tu/te*, *tu/contigo tu/teu,tua* estão mais presentes, sobretudo por ser um local onde o uso de *tu* é a escolha pronominal mais recorrente entre os falantes, foi confirmada, pois, conforme já citado, constatou-se um favorecimento de *tu* quando utilizado com as formas paradigmáticas de 2P. Por outro lado, em Alfredo Vasconcelos, os resultados da variante *cê* indicam uma tendência desse pronome ocorrer como formas isoladas (contextos sem paralelismos). Esse dado refuta a hipótese de que nessa localidade o paralelismo formal tende a ser mais frequente com as variantes *você*, *ocê* e *cê* e as formas paradigmáticas de 3P (*seu/sua*, *lhe*, *com você* e *com cê*).

Ademais, não se pode deixar de mencionar o fato que essas duas localidades mineiras apresentam uma alternância pronominal em relação às formas paradigmáticas de 2P e 3P, ou seja, nota-se que há ocorrências tanto do pronome *tu* com o paradigma de 3P, ou seja, *tu + seu/sua*, quanto da variante *você* com as formas do paradigma de 2P como, por exemplo, *você + teu/tua*, *você + te* e *você + contigo*. Diante desses aspectos sobre a variável paralelismo formal, a seguir, exibe-se uma síntese e comparação dos resultados da variável tipo de verbo.

c) **Tipo de verbo**

No que se refere à variável tipo de verbo, nota-se uma semelhança dos dados de Alfredo Vasconcelos com os resultados da localidade de Ressaquinha, sobretudo no que diz respeito ao pronome *tu* ser favorecido em contextos com os verbos de ação. Em termos de comparação com outros estudos brasileiros, esse resultado aproxima-se dos registros encontrados em Fortaleza (CE), localidade estudada por Guimarães (2014).

Em relação à rodada *tu x ocê*, analisada tanto em Alfredo Vasconcelos quanto em Ressaquinha, e o confronto *tu x você*, averiguado apenas em Ressaquinha, apontam uma tendência do pronome *tu* ser favorecido nos contextos com os verbos epistêmicos, indicando uma semelhança com os estudos de Franceschini (2011), realizado em Florianópolis (SC) e de Guimarães (2014), na capital cearense, uma vez que os dados dessas autoras demonstram a prevalência do pronome *tu* nos contextos com os verbos epistêmicos.

No que diz respeito ao *você*, constatou-se que em Alfredo Vasconcelos, durante o processo de análise no GoldVarb X, nenhuma rodada com esse pronome foi selecionada, indicando que a variável tipo de verbo não influencia a variação pronominal quando se trata dos confrontos com o pronome *você*. Por outro lado, nas localidades de Barbacena e Ressaquinha, o pronome *você* demonstrou ser favorecido nos contextos de usos com os verbos

de estado, além de ser também aliado aos verbos de ação e *dicendi*, nas falas barbacenenses, e entre os falantes de Ressaquinha, respectivamente.

No que concerne à variante *ocê*, nota-se que em Alfredo Vasconcelos e Ressaquinha, esse pronome apresenta dados semelhantes, sobretudo por essa forma ser aliada aos verbos *dicendi* e de estado. Por outro lado, é importante ressaltar que, essa variante não condiciona a variação pronominal em Barbacena quando se refere à variável tipo de verbos, pois, durante a análise multivariacional dos dados, nenhuma rodada binária realizada com a variante *ocê* foi selecionada.

Em relação à forma *cê*, esse pronome mostra um resultado comum em todas as três localidades estudadas, mais especificamente sobre o favorecimento dessa variante quando empregada juntamente com os verbos epistêmicos. Há algumas particularidades como, por exemplo, o confronto da variante *cê* com a variante *ocê*, em Alfredo Vasconcelos, e a rodada binária *cê* x *você*, em Ressaquinha demonstram também que, além do pronome *cê* ser favorecido nos contextos de uso com os verbos epistêmicos, essa forma pronominal também é aliada aos verbos de ação.

Diante desses comportamentos da variante *cê*, é possível afirmar que essa forma, quando confrontada com *você* ou *ocê*, tende a ocupar os mesmos contextos de uso do *tu*, ou seja, empregada juntamente com os verbos de ação, como apresentam os resultados das três localidades analisadas, e com os verbos epistêmicos, como é o caso dos dados cidades de Alfredo Vasconcelos e Ressaquinha. Isso se nota a partir dos resultados das rodadas binárias com a forma *cê* nas três localidades analisadas. Por outro lado, os pronomes *você* e *ocê* têm comportamentos semelhantes. Nota-se que em todos os confrontos que essas formas foram analisadas elas demonstram ser aliadas aos verbos de estado e, em Alfredo Vasconcelos e Ressaquinha, essas variantes também tendem a ser produtivas com o tipo de verbo *dicendi*.

d) Tipo de discurso

A análise da variável tipo de discurso nas cidades de Alfredo Vasconcelos, Barbacena e Ressaquinha indica que nas três localidades o pronome *tu* foi favorecido nos contextos de discurso direto, ou seja, nas conversações nas quais o falante utiliza sua própria fala e discurso para interagir com seu interlocutor. Há particularidades como, por exemplo, em Alfredo Vasconcelos e Barbacena, o confronto das formas *tu* e *cê*, indica uma tendência do pronome *tu* ser aliado ao tipo de discurso relatado. Diante dos dados da amostra de Alfredo Vasconcelos, a forma *tu* se apresenta, nesse contexto, como uma estratégia, escolhida pelos entrevistados, de

reportar falas de interações mais íntimas. Esse fato reforça a tendência das falas vasconcelenses empregarem o *tu* nos contextos de relações de intimidade. Por outro lado, em Barbacena, não se confirmou esse dado, uma vez que a forma *tu* foi utilizada tanto na retomada de uma fala produzida na interação íntima do participante quanto na reprodução de alguma fala nos contextos de interlocução com alguém que não faz parte do convívio intimista do falante. Nesse sentido, pode-se afirmar que, em Barbacena, o uso de *tu* no discurso relatado não é somente uma forma de relatar as falas advindas das relações íntimas dos entrevistados, mas, é também um elemento empregado para se reproduzir as falas de relações não íntimas. No que tange à localidade de Ressaquinha, constatou-se, além do pronome *tu* ser favorecido quando expresso em discurso direto, que essa forma também demonstrou ser aliada ao tipo de discurso relatado, mais especificamente, no confronto com a variante *ocê*.

Em relação às formas *você* e *ocê*, todas as localidades apontam para tendência dessas formas serem aliadas ao tipo discurso genérico. No entanto, alguns confrontos indicam também o favorecimento desses pronomes nos contextos de discurso relatado, tais como, a rodada *ocê* x *tu*, em Alfredo Vasconcelos, *você* x *cê*, em Barbacena, e *você* x *tu*, em Ressaquinha. No que diz respeito à forma *cê*, mais especificamente no confronto dessa variante com o pronome *tu*, nota-se uma aproximação dos dados de Alfredo Vasconcelos, Barbacena e Ressaquinha, uma vez que em todas essas localidades a variante *cê* foi favorecida no tipo de discurso genérico. Entretanto, a rodada binária *tu* x *cê*, examinada nessa última localidade, indicou também que o discurso relatado favorece o emprego de *cê*. Além desses resultados, registra-se também em Barbacena, que no confronto entre as variantes *você* e *cê*, a forma *cê* demonstra ser favorecida quando empregada nos contextos de discursos diretos.

Em suma, os resultados apresentados nas três localidades indicam semelhanças tanto no uso de *tu* ser favorecido nos contextos de discurso direto quanto na predominância das formas *você*, *ocê* e *cê* serem aliadas aos discursos genéricos. Os dados correspondentes ao pronome *tu*, por exemplo, confirmam a tendência já verificada por Silva (2017), na localidade de Ressaquinha, que diz respeito à produtividade do *tu* nos discursos diretos. Em relação às formas *você*, *ocê* e *cê*, considerando a hipótese da tendência do pronome *você* e suas variantes (*ocê* e *cê*) serem favorecidos nas falas reportadas, e nos discursos genéricos, também é confirmada, conforme os resultados verificados nas cidades de Alfredo Vasconcelos e Barbacena, bem como na localidade de Ressaquinha.

e) **Sexo**

No que diz respeito à variável sexo, notou-se que, em Alfredo Vasconcelos e Barbacena, o confronto entre as formas *tu* e *você*, demonstra direções diferentes, ou seja, nos dados da primeira localidade, observa-se que o pronome *tu* é mais produtivo nas falas femininas e o emprego de *você* é favorecido pelos falantes do sexo masculino, ao passo que, em Barbacena, esses dados se opõem, uma vez que o *tu* mostrou ser aliado às falas masculinas e o *você* favorecido pelas falas femininas.

Diante de trechos retirados da amostra, observou-se, em Alfredo Vasconcelos, que um dos participantes do sexo masculino tende a utilizar a forma *tu* para se referir ao interlocutor homem, conforme visto, quando esse falante interagiu com o marido da entrevistadora, ele sempre empregava o pronome *tu*, ao passo que quando esse mesmo participante se direcionava ao sexo oposto, ou seja, à entrevistadora, ele, frequentemente, optava pelo uso das variantes *você*, *ocê* e *cê*. Apesar de serem poucos dados, essa evidência nos faz inferir que, em Alfredo Vasconcelos, o favorecimento de *tu*, nas falas femininas, e o de *você*, nas falas masculinas, pode estar ligado à relação entre entrevistador e entrevistado. Dessa maneira, pelo fato da apresentadora ser do sexo feminino, as mulheres das entrevistas utilizam com mais frequência a forma *tu*, por se tratar de uma interação com alguém do mesmo sexo. Por outro lado, os homens tendem a empregar a forma *você* pelo fato de estarem em uma conversação com uma pessoa do sexo oposto.

Em termos dos resultados do uso da forma *tu* em Ressaquinha, mais especificamente, no confronto desse pronome com a variante *cê*, nota-se uma produtividade maior do *tu* nas falas masculinas e, por outro lado, as falas femininas tendem a utilizar a forma *cê*. Diante desse resultado, observou-se que o estudo de Silva (2017), realizado nessa mesma localidade, aponta um equilíbrio entre *tu* e *você* (essa forma é representada pela junção dos pronomes *você*, *ocê* e *cê*), no entanto, neste estudo atual, que foi analisado de forma diferente, ou seja, separando as variantes *você*, *ocê* e *cê*, os dados mostram que há uma variação entre as formas *tu* e *cê*, demonstrando que esses pronomes não estão neutralizados nessa localidade.

No que diz respeito ao pronome *cê*, nota-se que, em Barbacena e Ressaquinha, o confronto dessa variante com a forma *ocê* demonstra resultados semelhantes por tão somente indicar que o *cê* é aliado às falas femininas e o pronome *ocê* apresenta ser mais produtivo entre os homens. Por outro lado, as rodadas *cê* x *você* e *você* x *cê*, examinadas nas cidades de Alfredo Vasconcelos e Barbacena, apontam direções diferentes, ou seja, nas falas vasconcelenses, constatou-se que as mulheres tendem a empregar a forma *cê* e os homens são mais adeptos ao pronome *você*, ao passo que em Barbacena, esses dados se invertem, ou seja, as mulheres favorecem o uso de *você* e os homens demonstram ser aliados ao emprego de *cê*.

No que se refere ao pronome *ocê*, em termos da variável sexo, os resultados mostram que apenas em Alfredo Vasconcelos e Barbacena, esse pronome demonstrou ser relevante para a variação. Nesse sentido, nota-se que os dados indicativos dessa variável, nas duas localidades, aproximam-se, apontando para o favorecimento de *você* nas falas femininas e uma maior produtividade de *ocê* entre os falantes do sexo masculino.

Diante dos resultados relatados, nota-se também que, em Barbacena, o uso do pronome *você*, nos confrontos com as formas *tu*, *ocê* e *cê*, tende a ocorrer com mais frequência nas falas das mulheres. Por outro lado, em Alfredo Vasconcelos, o *você* mostra ser aliado aos falantes do sexo masculino. Além desses aspectos, em termos gerais das três localidades, observa-se uma tendência da forma *cê* ser empregada pelas falas femininas. Esse resultado vai ao encontro do estudo de Peres (2006), realizado em Belo Horizonte, que também comprovou, no *corpus* (2002), que as mulheres favorecem o emprego de *cê*.

Levando-se em consideração alguns estudos mineiros de Coelho (1999), Gonçalves (2008), Silva (2017) e Reis (2019), formulou-se a hipótese de que as mulheres tendem a ser mais conservadoras, utilizando as formas padrão *tu* e *você*. Dessa maneira, em termos dos resultados dessa pesquisa, é possível afirmar que essa hipótese foi corroborada, parcialmente, nas localidades, pois em Alfredo Vasconcelos, os dados indicam o favorecimento do pronome *tu* nas falas das mulheres e, em Barbacena, a forma *você* é mais produtiva no sexo feminino. No entanto, quando se observa os resultados apresentados pela análise em Ressaquinha, essa hipótese não foi confirmada, uma vez que os resultados mostram que as falas femininas são aliadas à variante *cê*.

f) Faixa Etária

A variável faixa etária foi o que mais influenciou a variação pronominal nas localidades. Em termos dos resultados apresentados nos municípios de Alfredo Vasconcelos, Barbacena e Ressaquinha, nota-se que, em Barbacena, nenhuma rodada com o pronome *tu* foi selecionada, indicando que essa variável não condiciona o fenômeno de variação em questão. Por outro lado, nas cidades de Alfredo Vasconcelos e Ressaquinha observou-se a tendência do pronome *tu* ser favorecido na faixa etária dos mais novos (18 a 31 anos). Além desses resultados, em Ressaquinha, também é possível notar que o pronome *tu* é fortemente favorecido na faixa etária dos medianos (31 a 50 anos).

Em termos da variante *você*, as três localidades analisadas apontam a tendência desse pronome ser utilizado entre os falantes da faixa etária dos mais velhos (51 anos ou mais). Além

desse dado geral, há uma particularidade que se registra a partir do confronto *você* x *ocê*, examinado em Alfredo Vasconcelos e Barbacena, ou seja, esses municípios indicam resultados semelhantes, pois, além de mostrarem o favorecimento de *você* na faixa etária dos mais velhos, também demonstram que essa forma pronominal é aliada aos falantes mais novos.

No que se refere ao pronome *ocê*, em termos dos resultados gerais dos municípios estudados, essa variante é, predominantemente, favorecida na faixa etária mediana (31 a 50 anos). No entanto, além desse resultado, nota-se também que, em Alfredo Vasconcelos e Barbacena, o confronto *ocê* x *você* indica que a forma *ocê* é aliada à faixa dos mais velhos (51 anos ou mais). Por outro lado, essa mesma rodada binária foi registrada em Ressaquinha e aponta que os mais novos (18 a 30 anos) favorecem o uso da variante *ocê*. Um outro dado das falas ressaquinhenses reforça a tendência de os falantes mais velhos empregarem com mais frequência o pronome *ocê*, ou seja, o confronto *ocê* x *tu* demonstra que a forma *ocê* é aliada à faixa etária dos mais velhos (51 anos ou mais).

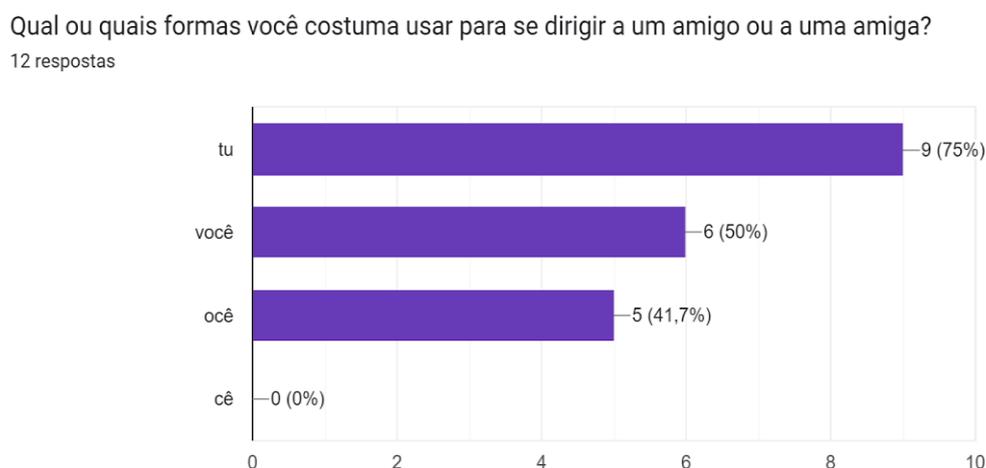
Em relação ao pronome *cê*, essa forma aponta resultados semelhantes em Alfredo Vasconcelos e Ressaquinha, mais especificamente, no confronto *cê* x *tu*, registrado nessas cidades, que indica o favorecimento de *cê* na faixa etária dos mais velhos (51 anos ou mais). Além desse resultado, essa mesma rodada binária, demonstra que, nas falas vasconcelenses, a variante *cê* é também aliada à faixa etária mediana (31 a 50 anos). Em termos do confronto *cê* x *você*, os dados apresentam a produtividade da forma *cê* entre a faixa etária mediana (31 a 50 anos). Os dados indicativos dessa mesma rodada em Alfredo Vasconcelos também demonstram que o *cê* é favorecido na faixa etária dos mais novos (18 a 50 anos), ao passo que em Barbacena e Ressaquinha há uma neutralização nos dados dos falantes mais jovens. No município de Barbacena, além desses resultados, notou-se que a rodada binária *cê* x *você* mostra um favorecimento de *cê* na faixa etária dos mais novos (18 a 31 anos).

Em suma, os resultados apresentados na análise da variável faixa etária demonstram o favorecimento de *tu* na faixa etária dos mais novos, nas localidades de Alfredo Vasconcelos e Ressaquinha, indicando uma variação estável. Em termos dos três municípios estudados, nota-se que a forma *você* é favorecida nas falas dos mais velhos e a variante *ocê* é mais produtiva na faixa etária mediana. Diante desses resultados gerais da análise multivariacional dos dados, conclui-se aqui os dados relativos da amostra entrevistas sociolinguísticas, passando para a seção correspondente à amostra teste percepção e produção.

3.2. Amostra de teste de percepção e produção

Os testes de percepção e produção, conforme apontado anteriormente, foram elaborados com base no estudo de Rocha (2012). Todos os testes foram aplicados, manualmente, após as gravações das entrevistas sociolinguísticas. Para o registro dos testes, utilizou-se o aplicativo de gerenciamento de pesquisas *Google Forms*. Dessa maneira, todas as perguntas e respostas referentes aos testes foram inseridas no formulário eletrônico, que já fornece alguns resultados, por meio de gráficos, conforme se observa na figura 5.

Figura 5: Exemplo dos resultados fornecidos pelo formulário eletrônico.



Fonte: Dados da autora.

Os dados expressos na figura 5 referem-se a uma das perguntas do formulário aplicado para este estudo. Ressalta-se que esses resultados fazem parte do teste de percepção realizado em Ressaquinha. Como informado na seção metodológica deste estudo, realizaram-se 36 testes de produção e percepção, sendo 12 para cada cidade. Os participantes foram escolhidos conforme a estratificação da amostra, ou seja, de acordo com o sexo (feminino e masculino) e com a faixa etária (18 a 30 anos, 31 a 50 anos e 51 anos ou mais). Todos os participantes dos testes também foram entrevistados na amostra entrevistas sociolinguísticas. Nas seções seguintes, são apresentados os aspectos metodológicos dos testes de percepção e produção, perpassando pelos procedimentos realizados para a coleta dessa amostra e da análise dos dados, seguido da exibição dos resultados.

3.2.1. Os testes de percepção

Com relação ao conteúdo do teste de percepção, parte já citada na seção metodológica deste texto, o mesmo consiste em perguntas subjetivas sobre as formas pronominais que os falantes costumam usar com diferentes interlocutores (amigo, pai e mãe, avô e avó e alguém superior como, por exemplo, chefe). O último questionamento envolve uma temática diferente, pois, se propõe a saber qual pronome os participantes acham mais usual em sua cidade, com a finalidade de averiguar a percepção do falante a respeito das formas pronominais empregadas pela população de sua comunidade.

É importante ressaltar que os entrevistados poderiam escolher mais de uma forma pronominal que eles julgassem utilizar com os diferentes interlocutores. Na subseção posterior, apresentam-se os resultados dos testes de percepção aplicados nos municípios de Alfredo Vasconcelos, Barbacena e Ressaquinha. Ressalta-se que todos os dados são exibidos por meio de tabelas que correspondem a cada uma das perguntas aplicadas.

3.2.1.1. Resultados dos testes de percepção

Nas duas seções seguintes, apresentam-se os resultados referentes à percepção subjetiva do falante no que diz respeito aos aspectos das relações sociais e das formas mais usuais em cada localidade. Nesse sentido, em um primeiro momento, expõem-se os dados do uso dos pronomes *tu*, *você*, *ocê*, *cê* e *o/a senhor (a)*, nas relações simétricas (de igual para igual) entre amigos e nas relações assimétricas ascendentes (de inferior para superior) de filho(a) para os pais, de neto(a) para os avós e de inferior para superior, tal como funcionário para chefe, por exemplo. E, logo após, exibem-se os resultados representativos da percepção do falante quanto aos pronomes de 2P mais utilizados nas cidades de Alfredo Vasconcelos, Barbacena e Ressaquinha.

3.2.1.1.1. O uso das formas pronominais nas relações simétricas e assimétricas

Conforme já relatado na seção introdutória deste presente texto, um dos objetivos específicos deste estudo em questão é averiguar qual forma pronominal de 2P do singular os participantes afirmam usar em relações de simetria (entre amigos) e assimetria (com os pais, com os avós e com alguém superior). Para tal, foram aplicados os testes de percepção, em cada município estudado, sendo que, como já descrito anteriormente, em um primeiro momento, foram realizadas quatro perguntas com a finalidade de identificar as formas pronominais de 2P que os participantes utilizam com diferentes interlocutores. Diante desse mecanismo, cada

participante teve a liberdade de escolher uma ou mais formas pronominais (*tu, você, ocê, cê e o/a senhor(a)*), de acordo com sua percepção subjetiva de uso, ou seja, a variedade linguística que eles julgassem utilizar nas diferentes relações sociais propostas nos testes.

Para análise desse objetivo, fez-se o uso da semântica do *poder* e semântica da *solidariedade* proposta por Brown e Gilman (1960), mais precisamente, no clássico artigo intitulado *The Pronouns of Power and Solidarity*. Esses autores contextualizam o binômio *poder* e *solidariedade* e, para tal, retomam a história externa das formas pronominais *tu* (*T*) e *uos* (*V*) no latim, sendo a primeira considerada um pronome de familiaridade, produtiva no plano do tratamento íntimo e a segunda passou a ser a estratégia de respeito aos imperadores e, por conseguinte, apresenta traços de formalidade.

Segundo Brown e Gilman (1960), o binômio *poder* e *solidariedade* faz parte da interação verbal, sendo o *poder*, diretamente ligado ao controle de um interlocutor no comportamento do outro. Para os autores,

O poder é uma relação entre, pelo menos, duas pessoas e ela não é recíproca no sentido de que ambas não conseguem ter poder na mesma área do comportamento. A semântica do poder é igualmente não-recíproca; a superior diz *T* e recebe *V*. (BROWN E GILMAN, 1960, p. 255).⁴¹

Nesse sentido, os autores sinalizam que a relação de *poder* nas interações verbais não é recíproca. Em outras palavras, em uma situação interacional entre duas pessoas, elas devem estar em níveis hierárquicos distintos, dessa maneira, o superior diz *T* e recebe *V*.

Diante disso, Brown e Gilman (1960) assinalam que essas relações de *poder* são perceptíveis nas instituições, como, por exemplo, os papéis estabelecidos entre os membros da igreja, do estado, assim como os papéis hierárquicos dentro de uma família (o pai/mãe é superior ao filho), além de outras características como sexo e idade. Tendo em vista esses aspectos, pressupõe-se o *poder* como uma relação de superior para inferior.

A semântica da *solidariedade*, por sua vez, diferentemente do *poder*, conforme Brown e Gilman (1960), é recíproca, sem grau de controle de um interlocutor sobre o outro. Em outras palavras, são as relações interpessoais entre os semelhantes de comportamento. Segundo os autores, as formas de tratamento empregadas como referência entre os iguais eram recíprocas na Europa Medieval, ou seja, os indivíduos davam e recebiam a mesma forma pronominal. Esse trato foi preservado até mesmo após tal período, no qual os indivíduos das classes superiores empregavam-se entre si o *V*, enquanto que nas classes populares trocavam-se entre si o *T*.

⁴¹ Do original, em inglês: Power is a relationship between at least two persons, and it is nonreciprocal in the sense that both cannot have power in the same area of behavior. The power semantic is similarly nonreciprocal; the superior says *T* and receives *V* (BROWN E GILMAN, 1960, p. 255) (Tradução nossa).

Diante dos aspectos referentes ao binômio *poder e solidariedade*, conforme já relatado anteriormente, constitui-se, como um dos objetivos dessa pesquisa, identificar as formas pronominais de 2P do singular empregadas pelos falantes em relações de simetria (entre amigos) e assimetria (com os pais, com os avós e com alguém superior). Dessa maneira, a partir das respostas dos questionários nas cidades de Alfredo Vasconcelos, Barbacena e Ressaquinha, obtiveram-se os seguintes resultados para a relação de simetria, ou seja, para a pergunta “Qual ou quais formas você costuma usar para se dirigir a um amigo? ”.

Tabela 23: Respostas do teste de percepção para a pergunta referente às formas utilizadas para se dirigir a um amigo.

CIDADES	PRONOMES			
	<i>Tu</i>	<i>Você</i>	<i>Ocê</i>	<i>Cê</i>
Alfredo Vasconcelos	7/12 (58%)	8/12 (66,7%)	3/12 (25%)	4/12 (33,3%)
Barbacena	5/12 (41,7%)	10/12 (83,3%)	4/12 (33,3%)	4/12 (33,3%)
Ressaquinha	9/12 (75%)	6/12 (50%)	5/12 (41,7%)	0/12 (0%)

Fonte: Dados da autora

Conforme se observa na Tabela 23, tendo em vista dos resultados da cidade de Alfredo Vasconcelos, observou-se que o pronome *você* é o preferido para a relação de simetria, entre amigos, atingindo 8/12 (66,7%) das opiniões, seguido da forma *tu*, com 7/12 (58%), e das variantes *cê* e *ocê* que apresentam índices de 4/12 (33,3%) e 3/12 (25%), respectivamente. Diante desses dados, é possível notar que os participantes vasconcelenses indicam utilizar mais o *tu* do que a forma *cê*, por exemplo, na relação de simetria entre amigos. Embora sejam metodologias diferentes, nos dados da amostra entrevistas sociolinguísticas, apresentados na seção 3.1.1.1, observou-se que a variante *cê* é mais recorrente entre os falantes de Alfredo Vasconcelos. Quando se considera a amostra do teste de percepção, esse dado pode indiciar que os participantes não têm conhecimento de que usam, frequentemente, a forma *cê*, uma vez que esse pronome foi parte da escolha de apenas quatro entrevistados para interação entre amigos. Por outro lado, nota-se que o *tu* mostrou ser mais usual nesse tipo de relação social, reforçando os indícios comprovados nos dados da oralidade de que esse pronome pode ser bem recorrente nas falas vasconcelenses, sobretudo nas relações íntimas.

No que tange à localidade de Barbacena, notam-se semelhanças com dados de Alfredo Vasconcelos, pois, conforme indica a Tabela 23, o pronome *você* também foi o elemento pronominal de maior preferência entre os participantes barbacenenses para se direcionar aos amigos, com 10/12 (83,3%), seguido de *tu*, com 5/12 (41,7%), de *ocê*, com 4/12 (33,3%) e de

cê, com 4/12 (33,3%). Diante dessa percepção dos falantes no contexto da relação de simetria, entre amigos, nota-se que, embora a amostra entrevistas sociolinguísticas demonstre que o pronome *tu* não é uma forma tão frequente nas falas dos barbacenenses, os dados indicam que cinco dos participantes do teste sinalizaram utilizar o *tu*, sendo um elemento pronominal que obteve até mais preferência do que as variantes *ocê* e *cê*, por exemplo. Nesse sentido, apesar de as amostras desta pesquisa terem procedimentos metodológicos diferentes, observou-se que, nos dados da oralidade, ou seja, na amostra das entrevistas sociolinguísticas, o pronome *cê* é predominante entre os barbacenenses, ao passo que, na amostra dos testes, essa variante não se destacou como uma escolha pronominal nas relações entre amigos desses participantes, indicando que, diante da percepção subjetiva dos falantes de Barbacena, eles não utilizam com tanta frequência o pronome *cê*, sobretudo nas relações interpessoais com amigos.

Por outro lado, observa-se que os participantes ressaquinenses têm preferência pela forma *tu* nas interações entre amigos, com 9/12 (75%), sendo a forma *você* a segunda variante mais escolhida entre os falantes, atingindo 6/12 (50%), seguida do pronome *ocê*, com 5/12 (41,7%) das opiniões. É importante observar que em Ressaquinha nenhum dos indivíduos disse utilizar a variante *cê* com os amigos. Tal resultado difere-se da amostra das entrevistas sociolinguísticas, na qual foi constatado que o pronome *cê* foi a segunda forma pronominal mais utilizada pelos participantes, com 127/518 (24,50%). No que diz respeito ao fato de o pronome *tu* ser a preferência dos ressaquinenses nas relações entre amigos, reforça a evidência, já relatada nos dados das entrevistas sociolinguísticas de Ressaquinha, de que esse elemento pronominal tende a ser característico das relações mais íntimas, e, também comprova que essa forma é predominante nessa localidade.

Ademais, é interessante citar que em nenhuma das localidades a forma *o/a senhor(a)* foi selecionada pelos participantes. Tal tratamento, por denotar formalidade e respeito, não é usual em relações de simetria, entre iguais, no entanto, é característico das relações assimétricas. Em termos de Brown e Gilman (1960), esse pronome é típico das relações de *poder*, nas quais os interlocutores estão em níveis hierárquicos distintos. Diante da exibição dos resultados referentes à relação de simetria, ou seja, da preferência pronominal dos falantes em suas interações entre amigos, passa-se para os dados relativos às relações assimétricas, iniciando-se pela relação social de filho para os pais.

Tabela 24: Respostas do teste de percepção para a pergunta referente às formas utilizadas para se dirigir aos pais.

PRONOMES	

CIDADES	<i>Tu</i>	<i>Você</i>	<i>Ocê</i>	<i>Cê</i>	<i>O/A senhor(a)</i>
Alfredo Vasconcelos	1/12 (8,3%)	2/12 (16,7%)	0/12 (0%)	0/12 (0%)	10/12 (83,3%)
Barbacena	0/12 (0%)	0/12 (0%)	0/12 (0%)	0/12 (0%)	12/12 (100%)
Ressaquinha	1/12 (8,3%)	1/12 (8,3%)	2/12 (16,7%)	0/12 (0%)	9/12 (75%)

Fonte: Dados da autora.

Os resultados exibidos pela Tabela 24 demonstram que os falantes vasconcelenses afirmam preferir a forma mais respeitosa *o/a senhor(a)* para se dirigirem a seus pais, com 10/12 (83,3%) das opiniões, seguida dos pronomes *você e tu*, com 2/12 (16,7%) e 1/12 (8,3%), respectivamente. Ressalta-se que essas duas últimas variantes foram escolhas dos participantes da faixa etária dos mais novos (18 a 30 anos). Esse dado pode indicar que esses jovens arriscam um tratamento mais simétrico na relação com seus pais. Por outro lado, o fato dos falantes medianos (31 a 50 anos) e dos mais velhos (51 anos ou mais) optarem, unicamente, pela forma *o/a senhor(a)*, sinaliza que esses participantes preservam a relação de formalidade e respeito ao seu superior.

É interessante observar que o resultado referente ao pronome *tu* reforça a evidência já relatada na amostra entrevistas sociolinguísticas, mais especificamente nos dados da distribuição geral dos pronomes em Alfredo Vasconcelos, quanto ao uso de *tu* nas relações sociais íntimas. Por meio de diálogos realizados entre familiares, constatou-se o uso de *tu* tanto nas relações assimétricas ascendentes (filha para o pai e neta para a avó) quanto nas relações assimétricas descendentes (pai para a filha e avó para a neta). No caso da amostra dos testes, esse dado de *tu* refere-se à opinião da mesma participante que interagiu com seu pai e avó, direcionando-os com a forma *tu*, conforme visto nos exemplos (3) e (4) da seção 3.1.1.1. Nesse sentido, é possível notar que, nas interações desses familiares, há um tratamento igualitário para todos, denotando ser mais uma relação de simetria, pois, nesse caso, o superior (o pai ou a avó) diz T (*tu*) para a subalterna (a filha) e recebe dela um T (*tu*).

No que tange aos resultados de Barbacena, a Tabela 24 demonstra que os participantes, para se direcionarem a seus pais, preferem, unanimemente, utilizar a forma mais polida, ou seja *o/a senhor(a)*. Por outro lado, na localidade de Ressaquinha, além do tratamento *o/a senhor(a)* ser a maioria das opiniões, com 9/12 (75%) dos dados, nota-se também que os falantes afirmam utilizar os pronomes *tu, você e ocê*, com índices de 1/12 (8,3%), 1/12 (8,3%) e 2/12 (16,7%), respectivamente. Os dados dessas variantes referem-se a três participantes, sendo dois da faixa etária dos mais novos (18 a 30 anos) que optaram por utilizar as formas *tu e você* no direcionamento a seus pais e um indivíduo da faixa etária de 31 a 50 anos que afirma empregar o pronome *ocê* na relação de filho para pai. Dessa maneira, percebe-se que, assim como em

Alfredo Vasconcelos, houve também a preferência pelas formas menos polidas como, por exemplo, *tu* e *ocê*, que são elementos pronominais característicos de interações entre iguais, ou seja, simétricas.

Em relação a *você*, Rocha (2012) constatou em Florianópolis, por meio da aplicação de teste de percepção, que esse pronome é bem equilibrado nas relações sociais simétricas e assimétricas. Em vista desse resultado, a autora concluiu que o *você* funciona como “coringa”, pois, pode ser usado tanto nas relações de poder (V) quanto para relações de solidariedade (V), dependendo apenas da escolha do indivíduo. Conforme já relatado, segundo Lopes (2019), no PB atual *tu* e *você* são pronomes de intimidade e o *você* é aceito de forma geral pelos falantes em diferentes relações interpessoais e regiões. No entanto, a pesquisadora ressalta que o *você* pode apresentar valores mais ou menos íntimos no Brasil, dependendo da presença de *tu*, que não tem seu uso frequente em todas regiões brasileiras. Por meio desses aspectos, não é possível afirmar que o uso de *você* seja exclusivo das relações igualitárias, tanto na cidade de Alfredo Vasconcelos quanto no município de Ressaquinha, pois, conforme a opinião dos falantes, ela é também uma escolha pronominal na relação assimétrica (de filho para pai), Diante disso, pode-se inferir que esse pronome pode funcionar como “coringa” utilizado nas relações de *poder* e também de *solidariedade*, mas que também pode indicar uma certa formalidade, uma vez que a forma *tu* é parte do repertório linguístico dessas localidades.

Entretanto, quando se trata da relação assimétrica de neto(a) para avô(a), nota-se que os resultados exibidos pela Tabela 25 demonstram a escolha predominante pelo tratamento *o/a senhor(a)*. É importante ressaltar que as respostas dos testes em relação às formas pronominais que os falantes utilizam para se direcionar ao avô e avó não eram obrigatórias, uma vez que se considerou o fato de que alguns dos entrevistados não tinham esses familiares vivos. Dessa maneira, não se obteve, necessariamente, respostas dos 12 participantes nesse questionamento para as cidades de Alfredo Vasconcelos e Ressaquinha, apenas em Barbacena.

Tabela 25: Respostas do teste de percepção para a pergunta referente às formas utilizadas para se dirigir aos avós.

CIDADES	PRONOMES				
	<i>Tu</i>	<i>Você</i>	<i>ocê</i>	<i>Cê</i>	<i>O/A senhor(a)</i>
Alfredo Vasconcelos	1/5 (20%)	1/5 (20%)	0/5 (0%)	0/5 (0%)	4/5 (80%)
Barbacena	0/7 (0%)	0/7 (0%)	0/7 (0%)	0/7 (0%)	0/7 (0%)
Ressaquinha	0/8 (0%)	0/8 (0%)	0/8 (0%)	0/8 (0%)	8/8 (100%)

Fonte: Dados da autora.

Nota-se, diante da Tabela 25, que os participantes de Barbacena e Ressaquinha, optam, exclusivamente, pelo emprego do tratamento *o/a senhor(a)*, com 7/7 (100%) e 8/8 (100%), respectivamente, e, em de Alfredo Vasconcelos, também esse pronome alcançou 4/5 (80%) das opiniões. Esse resultado sinaliza que, para se direcionarem a seus avós, esses participantes têm preferência pelo tratamento que denota respeito e cortesia, como é o caso da forma *o/a senhor(a)*. Além desses dados, é possível averiguar, nos resultados de Alfredo Vasconcelos, que há também uma escolha pelo pronome *tu*, que se refere ao dado da mesma falante que, anteriormente, foi relatada nos comentários a respeito do tratamento nas relações com os pais. Conforme visto, o pai e avó dessa participante também fazem uso da forma *tu* para lhe direcionar. Dessa maneira, esse elemento pronominal parece ser comum entre os integrantes dessa família, sendo utilizado tanto nas relações assimétricas ascendentes (de filha/neta para pai/avó) quanto nas relações assimétricas descendentes (de pai/avó para filha/neta).

No que diz respeito ao tratamento utilizado para alguém superior, em outras palavras, nas relações de assimetrias ascendentes, de funcionário para chefe, por exemplo, os resultados apontados pela Tabela 26 indicam a preferência dos falantes de Alfredo Vasconcelos utilizarem a forma mais polida *o/a senhor(a)* nesse tipo de relação social, alcançando 11/12 (917%) das opiniões, conforme se vê nos dados seguintes.

Tabela 26: Respostas do teste de percepção para a pergunta referente às formas utilizadas para se dirigir a alguém superior.

CIDADES	PRONOMES				
	<i>Tu</i>	<i>Você</i>	<i>Ocê</i>	<i>Cê</i>	<i>O/A senhor(a)</i>
Alfredo Vasconcelos	0/12 (0%)	2/12 (16,7%)	0/12 (0%)	0/12 (0%)	11/12 (91,7%)
Barbacena	0/12 (0%)	4/12 (33,3%)	2/12 (16,7%)	0/12 (0%)	7/12 (58,3%)
Ressaquinha	2/12 (16,7%)	7/12 (58,3%)	1/12 (8,3%)	0/12 (0%)	7/12 (58,3%)

Fonte: Dados da autora.

Além de Alfredo Vasconcelos, notou-se também que os participantes das localidades Barbacena e Ressaquinha também optaram pelo tratamento *o/a senhor(a)* para se referir a alguém superior, com 7/12 (58,3%) e 7/12 (58,3%), respectivamente. Em termos de Brown e Gilman (1960), essa é uma relação não recíproca, ou seja, os interlocutores não estão na mesma base hierárquica. Dessa maneira, o falante se dirige ao seu superior por V (um tratamento de formalidade e respeito, diante da figura que ele representa) e recebe dele um T. Em vista desses aspectos, nota-se que a maioria dos participantes das três localidades optam pela forma que traduz mais formalidade e respeito *o/a senhor(a)* para se dirigir a alguém superior. No entanto,

como se observa na Tabela 26, em Ressaquinha, por exemplo, dois participantes dizem utilizar o pronome *tu* nesse contexto de relação social. Ao indagar uma das participantes a respeito dessa escolha, ou seja, o fato de dela ter escolhido o pronome *tu* para se dirigir ao seu superior, obteve-se a seguinte resposta.

- (1) **Participante:** e as vezes eu igual as vezes eu trabalhava na casa de uma mu/ de uma dona aí ela é doutora.... não adianta no início ainda vai mas agora já vai acostumando né aí eu falo “tu M.” (RSQ 01 LHSC).

Diante desse dado, nota-se que a participante dá indícios de utilizar um tratamento mais formal no início de convivência com sua chefe. Entretanto, conforme a intimidade vai aumentando, há uma tendência dessa falante empregar um pronome mais íntimo (*tu*) nessa relação. Dessa maneira, torna-se possível afirmar que o emprego de *tu* nas relações de inferior para superior em Ressaquinha está relacionado à questão de intimidade entre os interlocutores, ou seja, a partir do grau de convivência, o tratamento tende a ser substituído por um pronome mais íntimo, como é o caso do emprego de *tu*.

Em relação à forma *ocê*, observou-se que, tanto em Barbacena (16,7%) quanto em Ressaquinha (8,3%), essa variante também foi parte das opiniões para se dirigir a alguém superior. Além desses dados, nota-se que os falantes das três cidades optaram também pelo pronome *você* no tratamento de inferior para superior, tendo como resultados 58,3%, em Alfredo Vasconcelos, 33,3%, no município de Barbacena e 58,3% na cidade de Ressaquinha. Apesar de não se ter dados a respeito, durante a aplicação dos testes com algumas funcionárias de um hotel em Barbacena, perguntou-se a duas participantes a respeito do uso de *você* e *ocê* com seu chefe e as respostas dadas por elas dizem respeito à questão de seu patrão ser mais jovem, nesse sentido, não conseguem se referir a ele pela forma *senhor*, por exemplo. Dessa maneira, é possível inferir que o tratamento direcionado a alguém superior, tendo em vista o depoimento dessas participantes, tende a ser menos formal se esse superior for mais jovem. Nesse caso, esses falantes recorrem à forma *você* ou até mesmo a variante *ocê*.

Todavia, não se descarta a possibilidade do *você* apresentar um grau de formalidade, sobretudo em Ressaquinha, município que 58,3% dos falantes confirmaram utilizar essa forma com alguém superior. Como sinaliza Lopes (2008), esse elemento pronominal pode apresentar valores mais ou menos íntimos no Brasil, conforme a presença de *tu* na localidade. Nesse sentido, como confirmado nos dados da amostra das entrevistas sociolinguísticas, em todas as três cidades aqui estudadas constatou-se o uso de *tu*. Destaca-se Ressaquinha, município onde o pronome *tu* é predominante. Dessa maneira, os casos de *você* direcionado a alguém superior

nessas localidades podem indicar uma estratégia do falante a empregar uma forma menos formal e de menor intimidade.

Diante do exposto, considerando os resultados apresentados pelos entrevistados de Alfredo Vasconcelos Barbacena e Ressaquinha, observou-se que as escolhas pronominais dos falantes para diferentes interlocutores têm alguns traços em comum. Conforme visto, em Alfredo Vasconcelos e Ressaquinha, na escolha das formas de referências a amigo, prevaleceu a preferência pelo *tu*, seguida de *você*, ao passo que entre os barbacenenses a primeira opção foi o pronome *você*, seguido do *tu*. No que tange aos direcionamentos aos interlocutores mãe e pai, avô e avó, os falantes de Barbacena optaram, unicamente, pelas formas que demonstram mais respeito, *o/a senhor(a)*.

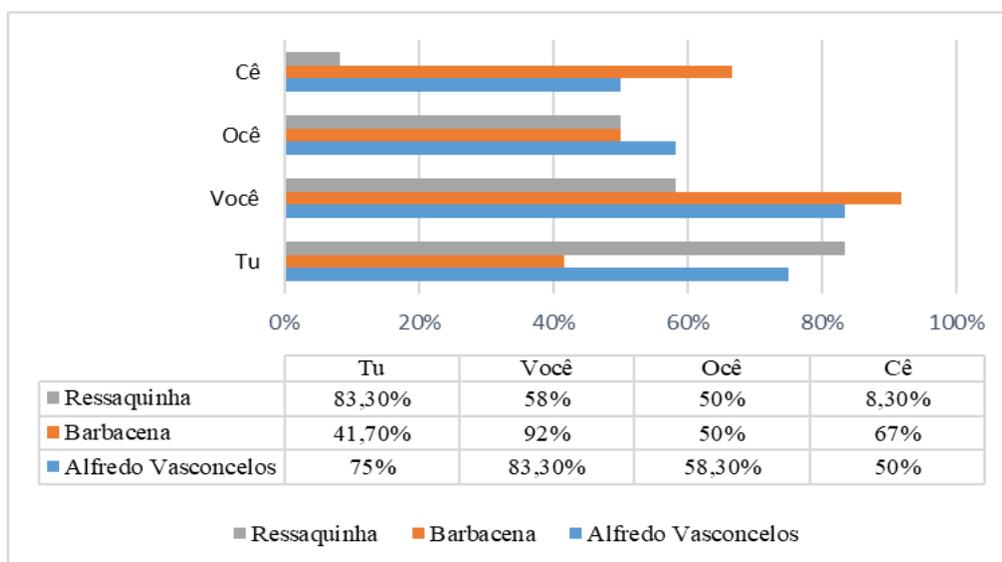
Por outro lado, os indivíduos das comunidades de Alfredo Vasconcelos e Ressaquinha afirmaram utilizar, além dos pronomes *o/a senhor(a)*, *o tu*, *você* e *cê* em suas relações com seus pais. No entanto, no que concerne às referências aos avós, os ressaquinhenses optam pelo uso exclusivo de *o/a senhor(a)*. Já os vasconcelenses, que também escolheram a forma mais respeitosa *o/a senhor(a)* na interação com seus avós, demonstram utilizar a forma *você*, bem como o pronome *tu* nesse tipo interação social. Quanto aos dados dos entrevistados no que se refere ao relacionamento com alguém superior, percebeu-se também a prevalência dos *o/a senhor(a)*, nas três cidades. No entanto, as demais formas pronominais também fazem parte da fala de alguns entrevistados nessa categoria, sendo em Alfredo Vasconcelos o pronome *você*, em Barbacena *você* e *cê* e em Ressaquinha *tu*, *você* e *cê*.

Nesta seção foram apresentados os dados relativos à percepção do falante quanto ao uso das formas pronominais nos contextos das relações simétricas e assimétricas ascendentes. Na seção seguinte, expõem-se os resultados referentes às formas de 2P mais utilizadas nos municípios de Alfredo Vasconcelos, Barbacena e Ressaquinha, tendo em vista a percepção subjetiva do falante.

3.2.1.1.2. A percepção do falante sobre o uso dos pronomes de 2P em Alfredo Vasconcelos, Barbacena e Ressaquinha

Conforme já citado, o último questionamento do teste de percepção envolve uma temática diferente do contexto das relações sociais, uma vez que se refere à percepção do falante quanto às formas pronominais mais usuais pela população de sua cidade. Dessa maneira, os resultados dessa indagação são exibidos no gráfico 9.

Gráfico 9 – Dados da percepção do falante sobre as formas pronominais mais usuais em Alfredo Vasconcelos, Barbacena e Ressaquinha.



Fonte: Elaboração própria.

Conforme os dados representados no gráfico 9, percebe-se que os falantes de Alfredo Vasconcelos afirmam que a forma pronominal mais usual em sua cidade é *você* (83,3%), seguida do pronome *tu* (75%) e das variantes *ocê* (58,3%) e *cê* (50%). Dessa maneira, quando se comparam esses resultados com os dados da amostra entrevistas sociolinguísticas, mais especificamente, na seção 3.1.1.1 deste texto, nota-se que há um diferencial quanto ao uso desses elementos pronominais, ou seja, os dados da oralidade indicaram um uso acentuado da forma *cê* e a forma *tu* foi a menos recorrente, com apenas 10% dos dados, ao passo que os dados dos testes de percepção apontam que, para os falantes, a forma *tu* é até mais usual que a variante *cê*, que apresentou menor índice nessa modalidade. Além desses aspectos, constatou-se, nos dados da oralidade a menor frequência de *tu* nas falas vasconcelenses. Conforme visto, 16 dos 18 participantes das entrevistas utilizaram o pronome *tu* em suas falas. Essa evidência nos fez inferir que essa variante pode até ser mais recorrente na localidade de Alfredo Vasconcelos. Nesse sentido, diante dos resultados apresentados no gráfico 9, observa-se que os falantes têm a percepção de que esse elemento pronominal é bem frequente nessa comunidade, com 9/12 (75%) das opiniões.

Em relação aos dados do município de Barbacena, observou-se que os participantes acham que a forma *você* é a mais usual em sua cidade, com índices de 92%. A segunda escolha dos participantes foi a variante *cê*, com 67%, seguida de *ocê*, com 50%, e *tu* com 41,7%. Dessa maneira, nota-se que para os indivíduos entrevistados nos testes o pronome *tu* não é tão

frequente na comunidade barbacenense, indicando ser um resultado bem semelhante dos dados da amostra entrevistas sociolinguísticas relatados na seção 3.1.2.1, mais precisamente, no que se refere ao baixo uso desse elemento pronominal entre os falantes de Barbacena. Nesse sentido, torna-se possível afirmar que os participantes têm conhecimento de que o pronome é parte do repertório linguístico de sua cidade, mas também reconhecem que não se trata de uma forma pronominal tão recorrente nas falas barbacenenses. Por outro lado, conforme visto no gráfico 9, apesar da variante *cê* ser a segunda mais escolhida entre as opiniões dos indivíduos, observou-se que os participantes têm conhecimento da alta frequência do uso dessa forma nas falas barbacenenses.

No que diz respeito à localidade de Ressaquinha, nota-se, no gráfico 9, que os participantes consideram que a forma *tu* é a forma pronominal mais empregada em Ressaquinha, alcançando 83% das opiniões. Esse resultado aproxima-se dos dados da amostra entrevistas sociolinguísticas, que demonstram a predominância do pronome *tu* nas falas dos ressaquinhenses, com uma frequência de 63,30%, conforme relatado na seção 3.1.3.1 deste texto. Nesse sentido, é possível afirmar que o *tu* é a variante mais empregada na localidade de Ressaquinha, como indicam os dados da oralidade, e, diante dos resultados apresentados pelo teste de percepção, observa-se que os falantes têm conhecimento do uso acentuado do pronome *tu* no repertório linguístico dessa comunidade.

Seguindo com os resultados representativos de Ressaquinha, conforme o gráfico 9, os resultados indicam também que a forma *você*, com 58% das opiniões dos participantes, é o segundo elemento pronominal mais escolhido entre os participantes como parte do repertório linguístico de Ressaquinha, seguido das formas *ocê*, com 50% e *cê*, com 8%. Nota-se, diante desse resultado, um panorama um pouco diferente dos dados obtidos por meio da amostra entrevistas sociolinguísticas, uma vez que os da oralidade indicaram que a variante *cê* é mais recorrente que as *você* e *ocê*. Conforme a percepção do falante, o pronome *cê* é, minimamente, utilizado nas falas ressaquinhenses. Nesse sentido, é possível inferir que os participantes não têm conhecimento que essa forma é bem recorrente entre eles.

Em suma, pode-se afirmar que alguns dos resultados apresentados nesta seção reforçam algumas tendências constatadas nos dados da oralidade, tais como: a forma *tu* indicar ser bem mais recorrente nas falas vasconcelenses; a variante *cê* ser de uso frequente na comunidade de Barbacena; o pronome *tu*, apesar de ser parte do repertório linguístico barbacenense, diante da percepção do falante, não é tão usual nessa localidade, tal como comprovado na amostra entrevistas sociolinguísticas, e, no município de Ressaquinha, notou-se o uso acentuado do

pronome *tu* tanto nos dados da oralidade quanto na escolha dos entrevistados no teste de percepção.

No entanto, não se pode deixar de mencionar que alguns resultados também contradizem os dados da oralidade no que diz respeito à forma *cê*, ou seja, em Alfredo Vasconcelos essa variante não indicou ser tão usual entre os falantes, conforme a percepção dos entrevistados no teste, entretanto, na amostra entrevistas sociolinguísticas, esse elemento pronominal apresentou um uso predominante nas falas vasconcelenses. O mesmo ocorre com os dados encontrados em Ressaquinha, onde, na amostra da oralidade, a forma *cê* indicou ser o segundo pronome mais utilizado entre os falantes. Por outro lado, conforme visto nos resultados dos testes, essa variante não se destacou como uma forma recorrente nas falas ressaquinhenses.

Diante da representação dos resultados referentes à percepção do falante quanto às formas pronominais mais usuais em suas cidades, destaca-se, na próxima seção, os dados referentes aos testes de produção aplicados nas localidades de Alfredo Vasconcelos, Barbacena e Ressaquinha.

3.2.2. Os testes de produção

Conforme já relatado na introdução deste texto, um dos objetivos específicos desta pesquisa consiste em analisar a extensão do encaixamento dos pronomes *tu* e *você* no sistema linguístico de cada comunidade estudada. Dessa maneira, como visto nos dados da amostra entrevistas sociolinguísticas, por meio da variável paralelismo formal, esse objetivo foi analisado, demonstrando influenciar na variação pronominal de Alfredo Vasconcelos e Ressaquinha. No entanto, interessou-se também averiguar o paralelismo formal diante da percepção subjetiva do falante e, para tal, recorreu-se aos testes de produção.

Segundo Lopes (2008), a inserção de *você* no quadro pronominal do PB ocasionou alguns rearranjos no sistema linguístico. A autora ressalta que a forma *você*, por ser oriunda da expressão nominal de tratamento *Vossa Mercê*, reteve algumas propriedades mórficas, como, por exemplo, a especificação original de 3P, apesar da interpretação semântico-discursiva ser de 2P. Essa reestruturação gramatical afetou algumas subclasses, tais como, a dos oblíquos átonos (pronomes-complemento) e dos possessivos, possibilitando a combinação de *você* com as formas paradigmáticas de 2P, como é o caso de *você + te* e *você + teu /tua* (LOPES, 2008, p. 103).

Lopes (2008) ainda ressalta que essas novas possibilidades combinatórias se tornam usuais, apesar de serem condenadas pela gramática normativa, que as rotula como “mistura de

tratamento” ou “falta de uniformidade no tratamento”. No entanto, a autora salienta que essas mudanças não devem ser consideradas como tal, pois, são consequências estruturais advindas da integração de *você* no quadro dos pronomes pessoais.

Conforme já mencionado anteriormente, Lopes (2008) sinaliza que essa combinação de *você* com formas de 2P (*te, teu, etc.*) já estava presente em cartas de leitores mineiros, em fins do século XIX. Os estudos mineiros de Herênio (2006), Mota (2008) e Silva (2017) e até mesmo os dados desta presente pesquisa confirmam que essa tendência parece ser bastante comum entre os falantes. Dessa maneira, com a finalidade de averiguar a percepção do participante, em termos das escolhas relativas ao uso das formas paradigmáticas de 2P e 3P, esse teste de produção foi elaborado. Diante dos resultados, será possível uma comparação com a amostra entrevistas sociolinguísticas e, assim, verificar se os dados das duas amostras apontam para a mesma tendência.

Em relação à metodologia do teste de produção, como já mencionado, foram também aplicados após as gravações das entrevistas sociolinguísticas e as respostas foram inseridas no aplicativo de gerenciamento de pesquisas *Google Forms*, assim como no teste de percepção. Em termos do método utilizado no teste de produção, os participantes preenchem as lacunas em branco, considerando as variáveis linguísticas que eles utilizam em seu dia a dia, na relação de simetria, ou seja, com os amigos, que tinham como opções possessivos, pronomes oblíquos tônicos e pronomes oblíquos átonos. Nesse teste, os entrevistados poderiam escolher mais de uma forma pronominal para a complementação do período solicitado. Para exemplificação, a figura 6 demonstra como essas perguntas eram inseridas no formulário eletrônico.

Figura 6: Exemplo das perguntas do teste de produção no formulário eletrônico.

1. Imagine que você esteja convidando uma amiga para uma festa e quer saber se ela levará o namorado. Então, como você diria?

Você vai à(na) festa de hoje com _____ namorado?

seu

teu

Tu vai(s) à(na) festa de hoje com _____ namorado?

seu

teu

Fonte: Dados da autora.

A partir dos dados inseridos no teste de produção, o próprio programa de gerenciamento *Google Forms* fornece os resultados, por meio de gráficos. Como já relatado, para a análise dos testes de produção, considerou-se uma metodologia diferente dos testes de percepção, ou seja, todos os dados fornecidos pelo formulário eletrônico foram codificados e inseridos no *software GoldVarb X* para controle das variáveis paralelismo sujeito e possessivo, paralelismo sujeito e oblíquo átono, paralelismo sujeito e oblíquo tônico, sexo e faixa etária, conforme já mencionado na seção metodológica deste texto.

No entanto, durante o processo de análise no *GoldVarb X*, mais precisamente no procedimento *step-up/step-down*, nenhuma variável foi selecionada, indicando não influenciar a variação pronominal *tu* e *você* nas três localidades analisadas. Dessa maneira, é possível inferir que, em termos dos dados dos testes de produção, ou seja, os resultados apresentados pela percepção do falante a respeito do paralelismo formal, as formas paradigmáticas tanto de 2P quanto de 3P não condicionam a variação dos pronomes *tu* e *você* nas cidades de Alfredo Vasconcelos, Barbacena e Ressaquinha. Esse dado é interessante, pois, quando se considera a variável paralelismo formal analisada na amostra entrevistas sociolinguísticas, observa-se que em Barbacena, essa variável não influencia na variação dos pronomes *tu*, *você*, *ocê* e *cê*, ao passo que, em Alfredo Vasconcelos, apenas duas rodadas apontam o condicionamento dessa variável no fenômeno de variação. Por outro lado, em Ressaquinha, essa variável se mostra significativa, demonstrando influenciar a variação dos pronomes de 2P analisados.

Na próxima seção, são apresentados os resultados das frequências do paralelismo formal nas realizações com os pronomes *tu* e *você*, considerando-se os fatores paralelismo sujeito e possessivo, paralelismo sujeito e oblíquo tônico e paralelismos sujeito e átono. Além disso, uma das perguntas realizadas no teste de produção refere-se também à função sintática complemento preposicionado, que consiste em averiguar a tendência de uso pelos falantes nesse contexto. Os resultados correspondentes a esse fator estão expostos também na próxima seção.

3.2.2.1. Resultados dos testes de produção das cidades de Alfredo Vasconcelos, Barbacena e Ressaquinha

Conforme citado anteriormente, no teste de produção foi solicitado ao participante que produzisse a variável linguística, conforme o uso que ele faz dos pronomes de segunda pessoa do singular, em seu dia a dia. É importante ressaltar que, em todas as perguntas, os falantes poderiam escolher mais de uma opção nas lacunas em branco. Além disso, alguns dos entrevistados optaram por realizações tanto com forma *tu* quanto com o pronome *você*.

Dessa maneira, os dados das produções dos falantes foram inseridos no GoldVarb X. Durante o processo de análise, esse *software* forneceu os resultados referentes aos números de ocorrências do fenômeno analisado, conforme se vê na Tabela 27.

Tabela 27: Distribuição geral das ocorrências do teste de produção.

CIDADE	PRONOMES		TOTAL
	<i>Tu</i>	<i>Você</i>	
Alfredo Vasconcelos	14	39	53
Barbacena	16	40	56
Ressaquinha	28	34	62
Total: 143 ocorrências			

Fonte: Dados da autora.

Diante da Tabela 27, nota-se um total de 143 ocorrências produzidas pelos participantes, tendo em Alfredo Vasconcelos 53 dados, na localidade de Barbacena somam-se 56 ocorrências e em Ressaquinha constataram-se 62. Em relação à primeira pergunta do teste de percepção, relacionada ao paralelismo sujeito e possessivo, têm-se os resultados, destacados na Tabela 28, para a produção com os pronomes *tu* e *você* nos municípios Alfredo Vasconcelos, Barbacena e Ressaquinha. Antes, porém, ressalta-se a questão de os dados dos testes serem complementares, ou seja, eles foram elaborados com a finalidade de enriquecer os dados desta pesquisa. Apesar

de ser uma amostra menor, podem demonstrar evidências do fenômeno variável em estudo por meio da percepção do falante.

Tabela 28: Resultado do teste de produção para a pergunta: “*Você/tu vai(s) à(na) festa de hoje com _____ namorada? [teu/seu].*”

CIDADE	PARALELISMO POSSESSIVO	PRONOMES	
		<i>Tu</i>	<i>Você</i>
Alfredo Vasconcelos	Formas Paralelas	2/13 (15%)	11/13 (85%)
	Formas não paralelas	1/3 (33%)	2/3(67%)
Barbacena	Formas Paralelas	4/13 (31%)	9/13 (69%)
	Formas não paralelas	3/8 (38%)	5/8 (62%)
Ressaquinha	Formas Paralelas	5/12 (42%)	7/12 (58%)
	Formas não paralelas	2/9 (22%)	7/9 (78%)

Fonte: Dados da autora.

Diante do exposto na Tabela 28, nota-se que a maioria dos participantes de Alfredo Vasconcelos, Barbacena e Ressaquinha optou pelo uso das formas paralelas com o pronome *você*, ou seja, a combinação *você + seu*, tendo, em termos de números respectivos dessas localidades, 11/13 (85%), 9/13 (69%) e 7/12 (58%). Por outro lado, o paralelismo *tu + teu* mostrou ser uma escolha pouco recorrente entre os falantes, pois, conforme indicam os dados da Tabela 28, quando se consideram os dados totais, tem-se 2/13 (15%) das opiniões dos entrevistados vasconcelenses, 4/13 (31%) e 5/12 (42%) das escolhas dos participantes de Barbacena e Ressaquinha, respectivamente. No que diz respeito às formas não paralelas, apresentam-se poucas respostas em Alfredo Vasconcelos, sendo 2/3 (67%) para *você + teu* e apenas 1/3 (33%) para *tu + seu*. Já os indivíduos barbacenenses indicaram utilizar as formas não paralelas com mais frequência, com 5/8 (62%) para as formas *você + teu* e 3/8 (38%) para *tu + seu*. Em relação à Ressaquinha, observa-se que os falantes optam pela forma não paralela *você + teu*, com 7/9 (78%) dos dados, ao passo que *tu + seu* obteve 2/9 (22%).

No contexto geral das três cidades, tendo em vista os resultados apresentados tanto pelas formas paralelas (*tu + teu* e *você + seu*) quanto pelas formas não paralelas (*tu + seu* e *você + teu*), nota-se uma escolha mais predominante nas realizações com o pronome *você*, sobretudo no que diz respeito às formas paralelas, uma vez que os dados indicam a tendência de os falantes escolherem o paralelismo *você + seu*. Há algumas particularidades como, por exemplo, os participantes ressaquinenses foram os que mais opinaram pelas formas paradigmáticas de 2P

tu + teu e, em relação às formas não paralelas *tu + seu*, foram bem mais recorrentes nos municípios de Barbacena e Ressaquinha. Além disso, é importante ressaltar o fato de que, conforme a percepção dos participantes vasconcelenses, eles tendem a escolher, com mais frequência, as formas paralelas tanto dos paradigmas 2P quanto de 3P. Conforme se observa na Tabela 28, os dados das formas não paralelas em Alfredo Vasconcelos foram mínimos em comparação com os resultados das outras cidades.

No que tange à percepção do falante a respeito do paralelismo sujeito e oblíquo tônico, os resultados estão apresentados na Tabela 29.

Tabela 29: Resultado do teste de produção para a pergunta -“*Você/Tu* quer(es) que eu vá à (na) festa _____? [com *você/contigo*].

CIDADE	PARALELISMO OBLÍQUO TÔNICO	PRONOMES	
		<i>Tu</i>	<i>Você</i>
Alfredo Vasconcelos	Formas Paralelas	5/13 (38%)	8/13 (62%)
	Formas não paralelas	3/11 (27%)	8/11 (73%)
Barbacena	Formas Paralelas	2/10 (20%)	8/10 (80%)
	Formas não paralelas	1/7 (14%)	6/7 (86%)
Ressaquinha	Formas Paralelas	8/11 (73%)	3/11 (27%)
	Formas não paralelas	1/9 (11%)	8/9 (89%)

Fonte: Dados da autora.

Como se observa na Tabela 29, no que diz respeito às formas paralelas, ou seja, *tu + contigo* e *você + com você*, os resultados apresentados pelos três municípios apontam pela tendência de os falantes de Alfredo Vasconcelos e Barbacena escolherem as formas paralelas do paradigma de 3P *você + com você*, tendo, respectivamente, 8/13 (62%) e 8/10 (80%) do total dos dados. Por outro lado, em termos sucessivos dessas 2 localidades, o paralelismo *tu/contigo* alcançou 5/13 (38%) e 2/10 (20%) das escolhas dos entrevistados. No que diz respeito aos resultados de Ressaquinha, há um panorama diferente das localidades, uma vez que, diante da percepção do participante, eles tendem a optar com mais frequência ao paralelismo *tu/contigo*, com 8/11 (73%) das opiniões, ao passo que as formas paralelas *você + com você* obtiveram 3/11 (27%) do total dos dados.

No que concerne às formas não paralelas, ou seja, *tu + com você* e *você + contigo*, nota-se que nas três localidades há uma tendência de os falantes escolherem o paralelismo *você +*

contigo. Em face dos resultados, tem-se 8/11 (73%) na cidade de Alfredo Vasconcelos, 6/7 (86%), no município de Barbacena, e 8/11 (89%) em Ressaquinha. No que diz respeito à combinação *tu + com você*, essa não se mostrou tão recorrente nas escolhas dos participantes, conforme se nota na Tabela 29, em Alfredo Vasconcelos, os dados indicam que 3/11 (27%) dos entrevistados optaram pela realização de *tu + com você* e, em Barbacena e Ressaquinha, essas formas não paralelas têm apenas 1/7 (14%) e 1/11 (22%), respectivamente, das escolhas dos falantes.

Diante desses resultados, nota-se que os entrevistados de Alfredo Vasconcelos e Barbacena seguem a mesma tendência de escolha em relação ao paralelismo sujeito oblíquo tônico, ou seja, no que diz respeito às formas paralelas, os participantes de ambas as cidades optaram, com mais frequência, pela combinação *você + com você*. Já no que tange ao fator formas não paralelas, há uma tendência de os falantes escolherem o paralelismo *você + contigo*. No que concerne à cidade de Ressaquinha, nota-se que os entrevistados optam pelas formas do paradigma de 2P tanto com as realizações com o pronome *tu* (*tu + contigo*) quanto com as produções com o *você* (*você + contigo*).

Passando-se para os resultados que envolvem o pronome oblíquo átono, foi possível observar os dados constantes na Tabela 30.

Tabela 30: Resultado do teste de produção - *Você/Tu* pode(s) vir aqui que eu tenho que ____ contar uma coisa. [te/lhe].

CIDADE	PARALELISMO ÁTONO	PRONOMES	
		<i>Tu</i>	<i>Você</i>
Alfredo Vasconcelos	Formas Paralelas	2/2 (100%)	0/2 (0%)
	Formas não paralelas	0/11 (0%)	11/11 (100%)
Barbacena	Formas Paralelas	5/5 (100%)	0/5 (0%)
	Formas não paralelas	0/12 (0%)	12/12 (100%)
Ressaquinha	Formas Paralelas	11/11 (100%)	0/11 (0%)
	Formas não paralelas	0/10 (0%)	10/10 (100%)

Fonte: Elaboração própria.

Diante da Tabela 30, nota-se que, nas três cidades analisadas, não foram escolhidas realizações com os pares *tu + lhe* e *você + lhe*. Dessa maneira, as bases das escolhas dos falantes foram o paralelismo formado a partir das combinações com a forma átona *te*, ou seja, *tu + te* e *você + te*. Sendo assim, em termos de formas paralelas, ou seja, as realizações *tu + te* na cidade de Alfredo Vasconcelos e Barbacena não demonstram ser tão usuais na opinião dos falantes,

tendo apenas 2/2 (100%) e 5/5 (100%) das escolhas, respectivamente, ao passo que, quando se consideram as formas não paralelas *você + te*, nota-se que a maioria dos entrevistados, ou seja, 11/11(100%) e 12/12 (100%), em termos respectivos das cidades relatadas, optam por essa combinação. Por outro lado, em Ressaquinha, observa-se uma frequência maior nas escolhas das formas paralelas *tu + te*, com 11/11 (100%) e também nas formas não paralelas *você + te*, com 10/10 (100%).

Em suma, os resultados apresentados na Tabela 30 confirmam os dados a respeito do encaixamento linguístico encontrados na amostra entrevistas sociolinguísticas, sobretudo no que diz respeito à unanimidade do emprego tanto de *tu* quanto de *você* com a forma do paradigma de 2P (*te*). Observou-se na amostra da oralidade que apenas em Ressaquinha encontraram-se duas ocorrências da forma *lhe*, mas em contextos nos quais os sujeitos não eram os pronomes *tu*, *você*, *ocê* e *cê*. Esses dados podem ser vistos na seção 3.1.3.1, nos exemplos (10) e (11). Tendo em vista tanto os resultados da amostra entrevistas sociolinguísticas quanto os resultados apontados pelas amostras dos testes, é possível confirmar que os falantes das três localidades aqui estudadas tendem a empregar as combinações, *tu+te* ou *você/ocê/cê+te*, conforme a tendência do uso pronomes de 2P do singular em cada comunidade.

No contexto geral, é possível observar que, em Alfredo Vasconcelos e Barbacena, os participantes do teste de produção escolheram com mais frequência, em termos do pronome *você*, as formas paralelas realizadas com o paradigma de 3P, como se vê na Tabela 31.

Tabela 31: Resultado geral do paralelismo formal em Alfredo Vasconcelos, Barbacena e Ressaquinha.

CIDADE	PARALELISMO	PRONOMES	
		<i>Tu</i>	<i>Você</i>
Alfredo Vasconcelos	Formas Paralelas	9/28 (32,1%)	19/28 (67,9%)
	Formas não paralelas	5/25 (20%)	20/25 (80%)
Barbacena	Formas Paralelas	11/28 (39,3%)	17/28 (60,7%)
	Formas não paralelas	5/28 (17,9%)	23/28 (82,1%)
Ressaquinha	Formas Paralelas	25/33 (75,8%)	8/33 (24,2%)
	Formas não paralelas	3/29 (10,3%)	26/29 (89,7%)
TOTAL		58/171 (34%)	113/171 (66%)

Fonte: Dados da autora.

Conforme se nota na Tabela 31, em Alfredo Vasconcelos e Barbacena têm-se 19/28 (67,9%) e 17/28 (60,7%) dos dados representativos das formas paralelas nas produções com

pronome *você*. Esse resultado deve-se ao fato de que, nas opções correspondentes aos paralelismos *você + seu* e *você + com você*, somaram-se o maior número de escolha entre os falantes desses dois municípios. Nota-se que quando se compara com dados da amostra entrevistas sociolinguísticas, as ocorrências encontradas no município de Barbacena, na seção 3.1.2.1, confirmam a tendência do uso das formas paradigmáticas de 3P, sobretudo no que diz respeito aos paralelismos *você + seu* e *você + com você*.

No que se refere à localidade de Alfredo Vasconcelos, observou-se nos dados da oralidade, exibidos na seção 3.1.1, que, assim como em Barbacena, os falantes tendem a utilizar as formas do paradigma de 3P. Conforme visto na distribuição geral dos dados nessa localidade, obteve-se um maior número de ocorrências de *você/ocê/cê + seu/sua*, bem como da combinação *você/ocê/cê + com cê*. No entanto, nos resultados da análise multivariacional dos dados em Alfredo Vasconcelos, nota-se um favorecimento do pronome *tu* quando empregado juntamente com os paradigmas de 2P. No que diz respeito às formas não paralelas, há também um índice maior de escolha das combinações de *você* com as formas do paradigma de 2P, alcançando 20/25 (80%) e 23/28 (82,1%) das opiniões dos entrevistados de Alfredo Vasconcelos e Barbacena, respectivamente.

Já na localidade de Ressaquinha, nota-se um percentual mais elevado nas formas paralelas, ou seja, nas realizações do pronome *tu* com as formas paradigmáticas de 2P, com 25/33 (75,8%) das produções, ao passo que a forma *você* se destacou no fator formas não paralelas, sendo mais produtivo com as formas do paradigma de 2P, com 26/29 (89,7%). A escolha dos entrevistados ressaquinenses pelas produções de formas não paralelas está representada, sobretudo entre os pares *você + contigo* e *você + te*. Nesse último, por exemplo, as opiniões são categóricas.

Em relação à última pergunta do teste de produção, o objetivo foi identificar a percepção do falante quanto ao uso dos complementos preposicionados. Conforme a pesquisa de Silva (2017), constatou-se o uso do complemento *pra tu* na comunidade Ressaquinha. Dessa maneira, com a finalidade de averiguar se as localidades de Alfredo Vasconcelos e Barbacena também fazem uso dessa expressão, direcionou-se um dos questionamentos do teste de produção para se obter os resultados correspondentes ao uso dos complementos preposicionados *pra você/ pr'ocê/ pra ti/ pra tu*. Dessa maneira, os dados da percepção do falante sobre o uso desses elementos são apresentados na Tabela 32.

Tabela 32: Resultado do teste de produção - “Eu trouxe um presente _____. [*pra você/ pr'ocê/ pra ti/ pra tu*].

COMPLEMENTO PREPOSICIONADO	CIDADES		
	Alfredo Vasconcelos	Barbacena	Ressaquinha
<i>Pra você</i>	10/12 (83,3%)	10/12 (83,3%)	5/12 (41,7)
<i>Pr'ocê</i>	3/12 (25%)	6/12 (50%)	2/12 (16,7%)
<i>Pra ti</i>	0/12 (0%)	0/12 (0%)	0/12 (0%)
<i>Pra tu</i>	4/12 (33,3%)	3/12 (25%)	6/12 (50%)

Fonte: Elaboração própria.

Em vista do exposto na Tabela 32, no que se refere aos dados de Alfredo Vasconcelos, nota-se que a maioria dos entrevistados optou pelo complemento preposicionado *pra você*, alcançando 10/12 (83,3%) das escolhas. Nos contextos *pra tu* e *pr'ocê*, têm-se 4/12 (33,3%) e 3/12 (25%) das opiniões, ao passo que o complemento *pra ti* não foi selecionado por nenhum dos participantes. Com relação às localidades de Barbacena e Ressaquinha, no que correspondem aos dados de *pra você*, percebe-se que essa é a escolha da maioria dos barbacenenses, com 10/12 (83,3%), ao passo que na cidade de Ressaquinha obteve-se 5/12 (41,7%). Os resultados representativos de Barbacena ainda indicam que o *pr'ocê*, com índice de 6/12 (50%), também é produtivo nessa localidade. Por outro lado, não houve nenhuma escolha pelo complemento *pra ti*, e o *pra tu* teve um percentual de 25% (3/12). No que se refere aos demais dados de Ressaquinha, o segundo complemento com maior índice escolhido pelos participantes foi *pra tu*, com 6/12 (50%), seguido de *pr'ocê*, com 2/12 (16,7%). Assim como em Alfredo Vasconcelos e Barbacena, os falantes não optaram pela utilização de *pra ti*.

Diante dos dados referentes aos complementos preposicionados, nota-se que as localidades de Alfredo Vasconcelos e Barbacena apresentam resultados semelhantes, indicando seguir a mesma tendência, sobretudo no que diz respeito à escolha predominante do complemento *pra você*. Já em Ressaquinha, as opiniões dos falantes alcançam maior índice no uso da forma *pra tu*. Em geral, destaca-se que em nenhuma das localidades os entrevistados escolheram o complemento *pra ti*. Já no que se refere à forma preposicionada *pr'ocê*, observa-se que no município de Barbacena, esse complemento é a segunda alternativa mais escolhida entre os participantes, ao passo que na opinião dos entrevistados de Alfredo Vasconcelos e Ressaquinha, essa forma apresenta ser tão usual em suas falas. Em relação ao elemento *pra tu*, mesmo que em menor índice, ainda é possível mencionar o fato dele ser também parte das escolhas dos falantes vasconcelenses e barbacenenses.

Em síntese, os resultados apontados pelo teste de produção nessas cidades, demonstram que os entrevistados de Alfredo Vasconcelos e Barbacena, optam, com mais frequência, pelas combinações com o pronome *você* tanto com as formas paralelas (com o paradigma de 3P)

quanto com as formas não paralelas (com o paradigma de 2P). Esse resultado reforça a tendência constatada na amostra entrevistas sociolinguísticas, na qual, o uso dos pronomes *você*, *ocê* e *cê* é mais frequente que a forma *tu*. Por outro lado, os ressaquinenses têm preferência pelo uso da variante *tu* e pelas formas do paradigma 2P. Essa evidência vai ao encontro dos resultados da amostra da oralidade tanto no que diz respeito ao uso acentuado de *tu* na comunidade de Ressaquinha quanto nos resultados da análise multivariacional demonstrar um favorecimento de *tu* nos contextos de usos com as formas paradigmáticas de 2P.

Conforme já relatado anteriormente, Lopes (2008) constatou, na escrita mineira, mais precisamente no século XIX, combinações do pronome *você* com as formas paradigmáticas de 2P, tais como *você + teu/tua* e *você + te*. Esse dado direcionou a autora para concluir que, possivelmente, esse fenômeno era bastante comum também na fala. Dessa maneira, conforme constatado tanto na amostra das entrevistas sociolinguísticas quanto na amostra dos testes de percepção e produção, esses traços linguísticos são vistos nas localidades mineiras de Alfredo Vasconcelos, Barbacena e Ressaquinha.

Em relação aos complementos preposicionados, observou-se que o *pra tu* é o preferido entre os entrevistados ressaquinenses e, em Alfredo Vasconcelos e Barbacena, a maioria dos participantes optou pelo complemento *pra você*. Entretanto, surpreendeu-se o fato do complemento *pra tu* estar presente na fala dos barbacenenses, pois, conforme se observou na amostra entrevistas sociolinguísticas, há uma tendência desses falantes utilizarem as formas do paradigma de *você*. É importante ressaltar que um dos objetivos desse teste de produção, sobretudo no que tange ao questionamento referente ao uso dos complementos preposicionados, foi averiguar se tal fenômeno era característica apenas das falas de Ressaquinha ou se também seria parte da variedade linguística das outras localidades estudadas nesta pesquisa. Nesse sentido, constatou-se também que nas localidades de Alfredo Vasconcelos e Barbacena, o elemento *pra tu* é parte das escolhas dos falantes no contexto de complemento preposicionado.

3.3. Comparação dos resultados das duas amostras analisadas

Esta pesquisa teve como objetivo principal analisar a variação entre os pronomes de 2P *tu*, *você*, *ocê* e *cê* nas localidades de Alfredo Vasconcelos, Barbacena e Ressaquinha a partir de duas amostras, entrevistas sociolinguísticas e testes de percepção para fins de se ter mais dados sobre o fenômeno estudado. Dessa maneira, os resultados correspondentes a ambas as amostras demonstram algumas aproximações, como também alguns distanciamentos, tais como:

- a) Em Alfredo Vasconcelos, em termos do teste de percepção, o pronome *tu* mostrou ser parte da maioria das opiniões dos participantes em suas interações com amigos, reforçando os dados encontrados na amostra da oralidade de que tal pronome pode ser até mais recorrente em Alfredo Vasconcelos, principalmente nas relações sociais íntimas. Percebeu-se
- b) Conforme visto no teste de percepção, nas localidades de Alfredo Vasconcelos e Barbacena, obteve-se menor frequência de escolha da variante *cê* na relação entre amigos. Esse resultado pode indicar que os indivíduos entrevistados não têm conhecimento de que empregam, frequentemente, a forma *cê*, uma vez que a amostra entrevistas sociolinguísticas aponta um uso predominante desse pronome pelos falantes dessas duas cidades. Por outro lado, na cidade de Ressaquinha, os falantes têm preferência pela forma *tu* nas interações entre amigos, reforçando as tendências dos dados da oralidade de que esse pronome é, majoritariamente, utilizado nesse município e também é característico das relações mais íntimas.
- c) Nota-se, em Alfredo Vasconcelos, a escolha pela forma *tu* nas relações assimétricas ascendentes (filha/neta para pai/neta). Esse tratamento vai ao encontro do dado constatado na amostra sociolinguística, uma vez que os resultados da oralidade apresentam também o uso de *tu* nessas interações.
- d) Em termos da percepção dos falantes em relação aos pronomes de 2P mais usuais em suas cidades, observa-se que, em Alfredo Vasconcelos, as escolhas dos participantes apontam para tendência da forma *tu* ser mais frequente neste município. No entanto, a amostra entrevistas sociolinguísticas não confirma esse dado, por tão somente demonstrar um uso acentuado da variante *cê* nas falas vasconcelenses e o *tu* é o pronome menos recorrente entre os participantes. Diante desse resultado, é possível inferir que a presença da entrevistadora pode ter sido um dos fatores que inibiu os falantes a utilizarem, com mais frequência, o pronome *tu* durante as gravações das entrevistas, sobretudo por tal forma pronominal ser de caráter mais íntimo e, neste caso, a entrevistadora não faz parte das relações intimistas dos participantes. Por outro lado, em Barbacena ocorre o contrário, ou seja, a variante *cê* alcançou um índice maior de escolha do que o pronome *tu*. Esse resultado assemelha-se com os dados da oralidade, em que se constatou, nessa amostra, a predominância da forma *cê* sobre o *tu*. No que diz respeito à cidade de Ressaquinha, nota-se que a escolha dos falantes em relação às formas mais usuais em suas cidades foi, majoritariamente, pelo pronome *tu*, corroborando o resultado da amostra entrevistas sociolinguísticas, a qual demonstra o emprego acentuado da

variante *tu* entre os participantes, ao passo que, quando se trata da forma *cê*, os dados não se confirmam, ou seja, diante da percepção do falante, o pronome *cê* é, minimamente, utilizado nas falas ressaquinenses. Entretanto, na oralidade, essa variante apresenta ser a segunda forma mais recorrente pelos indivíduos entrevistados.

- e) Em relação ao paralelismo formal, os dados do teste de produção indicam a tendência dos falantes dos municípios de Alfredo Vasconcelos e Barbacena escolherem as formas paralelas *você + seu* e *você + com você*. Esse resultado vai ao encontro dos dados da amostra entrevistas sociolinguísticas, pois, conforme visto, constatou-se, nas duas localidades, um maior número de ocorrências *você/ocê/cê + seu/sua*, bem como da combinação *você/ocê/cê + com você*. Em relação à cidade de Ressaquinha, os dados do paralelismo formal de ambas as amostras se aproximam, uma vez que tanto a percepção do falante quanto os resultados da oralidade demonstram que o pronome *tu* é mais produtivo com as formas paradigmáticas de 2P.
- f) No que diz respeito ao átono *te*, conforme os dados da amostra entrevistas sociolinguísticas, da amostra testes de percepção e produção das localidades de Alfredo Vasconcelos, Barbacena e Ressaquinha, essa forma demonstra ser, unanimemente, utilizada tanto com as formas paradigmáticas de 2P quanto de 3P, no entanto, ressalta-se que a maioria das ocorrências de *você*, nos dados da percepção do falante, e de *você*, *ocê* e *cê*, nos dados da oralidade, que se apresentam no fator formas não paralelas são da combinação *você/ocê/cê + te*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como finalidade averiguar a variação dos pronomes de 2P do singular *tu*, *você*, *ocê* e *cê* na fala mineira, mais especificamente, nos municípios de Alfredo Vasconcelos, Barbacena e Ressaquinha, por meio de duas amostras, entrevistas sociolinguísticas e teste de percepção e produção. A primeira amostra é constituída de dados das falas de cada comunidade analisada e a segunda amostra trata-se de dados da percepção e produção do falante a respeito do uso das formas pronominais de 2P em questão.

É importante deixar registrado que a amostra teste de percepção e produção, realizada com o auxílio do aplicativo de gerenciamento *Google Forms*, foi um mecanismo utilizado para complementar os dados desta pesquisa. Apesar de não ser uma amostra tão representativa, em termos de amplitude de dados, a mesma demonstrou ser fundamental para este estudo, confirmando algumas tendências identificadas na amostra entrevistas sociolinguísticas sobre a escolha dos pronomes *tu*, *você*, *ocê* e *cê* pelos falantes das três cidades mineiras examinadas neste trabalho.

Em face dos resultados relativos à amostra entrevistas sociolinguísticas, no contexto geral, foram analisadas 1698 ocorrências das formas *tu*, *você*, *ocê* e *cê*, sendo 441 em Alfredo Vasconcelos, 737 em Barbacena e 518 em Ressaquinha. Os dados representativos das formas pronominais em cada localidade indicam que em Alfredo Vasconcelos e Barbacena há uma predominância da variante *cê*, demonstrando semelhanças com os estudos de Coelho (1999), Peres (2006) e Gonçalves (2008). Perpassando por outros resultados relativos à distribuição geral do número de ocorrências nessas duas cidades, observa-se que a forma *você* é a segunda variante mais utilizada entre os falantes vasconcelenses e barbacenenses, seguida dos pronomes *ocê* e *tu*. Em ambas as cidades os resultados apontam que o pronome *tu* não é tão usual entre os falantes.

Em termos do emprego do pronome *tu* em Alfredo Vasconcelos, apesar dos dados indicarem pouca ocorrência dessa forma nas falas vasconcelenses, foi possível notar uma evidência de que esse pronome pode ser bem mais recorrente entre os falantes dessa comunidade, pelo fato de que a maioria dos entrevistados, ou seja, 16 dos 18 participantes, utilizaram a variante *tu* em algum momento durante a gravação das entrevistas. Além disso, constatou-se, por meio de exemplos retirados da amostra entrevistas sociolinguísticas, que, nessa localidade, o pronome *tu* demonstra ser característico das relações sociais mais íntimas (entre parentes). Isso é, percebeu-se o uso de *tu* tanto nas relações assimétricas ascendentes (pai

para filha e avó para neta) quanto nas relações assimétricas descendentes (filha para pai e filha para avó).

No que se refere ao pronome *tu* em Barbacena, assim como em Alfredo Vasconcelos, recorreu-se à amostra em busca de evidências do uso dessa forma na fala barbacenense. Dessa maneira, constatou-se que apenas 6 dos 18 participantes empregaram o *tu* em algum momento da entrevista, indicando não ser uma escolha tão frequente nas falas da maioria dos entrevistados, tal como se constatou na análise geral do número de ocorrências. Conforme já relatado, a variante *tu* apresenta ser uma característica das falas dos participantes mais novos e dos mais velhos, sinalizando também ser estigmatizada.

Por outro lado, nota-se uma configuração diferente em Ressaquinha, que é uma cidade mineira de uso acentuado do pronome *tu*, acima de 60%. No que diz respeito ao *tu* empregado em Alfredo Vasconcelos, esse pronome parece ser característico das relações sociais mais íntimas, independentemente da posição social do falante. Isso é, percebeu-se o uso de *tu* tanto nas relações assimétricas ascendentes (pai para filha e avó para neta) quanto nas relações assimétricas descendentes (filha para pai e filha para avó).

Diante dos resultados apresentados, em busca de evidências da origem do pronome *tu* nas três localidades estudadas, recorreu-se a algumas características do desenvolvimento desses municípios. Dessa maneira, foi possível observar indícios da manutenção do pronome *tu* nessas três localidades, sendo que em Barbacena, as formas *você/ocê/cê* se sobrepuseram ao uso de *tu*, sendo a variante *cê*, no quadro atual do repertório linguístico barbacenense, o elemento pronominal mais utilizado entre os falantes, e, por outro lado, o *tu* não é de uso frequente, aparentando ser uma forma estigmatizada nessa cidade. Nesse sentido, concluiu-se que, possivelmente, os poucos registros de *tu*, em Barbacena, podem ser tidos como uma maneira de evitar um pronome com certo estigma. Em termos da cidade de Alfredo Vasconcelos, considerando o fato de que muitos falantes desse município exercem alguma atividade em Barbacena, tendo contato com repertório linguístico em que um uso de *você/ocê/cê* é predominante, é possível inferir que essa localidade tende a acompanhar os traços linguísticos de Barbacena. No entanto, o pronome *tu* parece ser mais resistente nas falas vasconcelenses, pois, quando são considerados os dados da amostra, a forma *tu* aparece como uma escolha pronominal utilizada pela maioria dos participantes. Na cidade de Ressaquinha, a predominância de *tu* entre os falantes indica a resistência desse pronome nessa localidade.

No que diz respeito à análise multivariacional dos dados, em termos da variável contexto sintático, observou-se que apenas em Ressaquinha o pronome *tu* é favorecido na função sujeito. Por outro lado, em Alfredo Vasconcelos e Barbacena, essa variável não apresentou influência

na variação pronominal nos confrontos com a forma *tu*. No que tange à variante *cê*, essa indicou ser fortemente favorecida na função sujeito em todas as localidades. É interessante observar que, durante o processo de análise, as rodadas binárias que selecionaram a variável contexto sintático são as mesmas e os resultados são semelhantes, apontando que a função complemento sem preposição tende a favorecer o uso das variantes *você* e *ocê*. Em Ressaquinha, os dados indicaram que tanto a função complemento com preposição e quanto contexto complemento sem preposição favorecem o uso da forma *você* e a variante *ocê* mostrou-se ser aliada à função complemento com preposição. Os resultados também indicaram que a hipótese para esse fator foi corroborada, uma vez que se constatou, nas três localidades analisadas, o maior número de dados das formas *tu*, *você*, *ocê* e *cê* no contexto sintático.

No que se refere à variável paralelismo formal, foi possível observar que apenas em Alfredo Vasconcelos e Ressaquinha esse fator foi selecionado, apontando influenciar na variação dos pronomes de 2P do singular nessas localidades. Os resultados indicam o favorecimento de *tu* quando empregado com o paradigma de 2P. Em relação à forma *cê*, a mesma é característica dos contextos sem paralelismo, ou seja, quando essa variante aparece isolada, sem uso dos elementos pronominais tanto do paradigma de 2P quanto de 3P. Na localidade de Ressaquinha, essa variante também demonstra ser favorecida quando utilizada nos contextos com as formas não paralelas, ou seja, com o paradigma de 2P. Essa mesma tendência é verificada nos resultados do pronome *ocê*. No que tange ao pronome *você*, apenas em Ressaquinha tal forma se mostrou relevante para a variação pronominal, sendo aliada das formas do paradigma de 3P.

Em relação à variável tipo de verbo, observaram-se semelhanças nos dados de Alfredo Vasconcelos com os resultados da localidade de Ressaquinha, tais como, o pronome *tu* ser favorecido em contextos com os verbos de ação e epistêmicos, aproximando-se dos estudos de Franceschini (2011) e Guimarães (2014), e a variante *ocê* é aliada aos verbos *dicendi* e de estado. No que tange ao pronome *você*, destacou-se nos contextos de usos com os verbos de estado, nos municípios de Barbacena e Ressaquinha. Além disso, essa forma pronominal também apontou ser favorecida quando utilizada juntamente com os verbos de ação e *dicendi*, nas falas barbacenenses e ressaquinhenses, respectivamente. No que diz respeito à forma *cê*, essa mostrou um resultado comum em todas as três localidades estudadas, sendo favorecida nos contextos com os verbos epistêmicos. Além desse resultado, conclui-se que a forma *cê* tende a ocupar os mesmos contextos de uso do pronome *tu*, sendo empregada juntamente com os verbos de ação, conforme os dados dos três municípios analisados e também com os verbos epistêmicos, como apontam os resultados das cidades de Alfredo Vasconcelos e Ressaquinha.

No que diz respeito à variável tipo de discurso, observou-se, nos três municípios examinados nesta pesquisa, que o pronome *tu* é aliado ao discurso direto, ou seja, no contexto em que o falante utiliza sua própria fala e discurso para interagir com seu interlocutor. Notaram-se também algumas particularidades, tais como, a forma *tu* ser favorecida no discurso relatado, especificamente, no confronto das variantes *tu* e *cê*, nas cidades de Alfredo Vasconcelos e Barbacena. Constatou-se nos dados das falas vasconcelenses que o pronome *tu* é empregado nos discursos relatados como uma estratégia de escolha pelos entrevistados, de reportar falas de interações mais íntimas. Por outro lado, em Barbacena, a variante *tu* foi utilizada, nesse mesmo discurso, representando a fala de um contexto de conversação íntima do participante, como também reprodução de alguma fala nas interações com alguém que não faz parte do convívio íntimo do falante. Em Ressaquinha, o uso da variante *tu* no discurso relatado foi constatado apenas no confronto dessa forma com o pronome *ocê*.

Na análise da variável tipo de discurso ainda foi possível observar que as formas *você*, *ocê* e *cê* são aliadas ao tipo discurso genérico em todas as localidades analisadas. Apenas alguns confrontos, como *ocê* x *tu*, em Alfredo Vasconcelos, *você* x *cê*, em Barbacena e *você* x *tu* e *cê* x *tu*, em Ressaquinha indicaram também o favorecimento desses pronomes nos contextos de discurso relatado e, na comunidade de Barbacena, a rodada binária *você* x *cê* indicou que discurso direto favorece o uso de *cê*. Diante dos resultados representativos da análise do tipo de discurso, confirmou-se a tendência já verificada por Silva (2017) na localidade de Ressaquinha sobre o favorecimento do pronome *tu* nos discursos diretos. Além disso, esses dados corroboram a hipótese de que o pronome *você* e suas variantes (*ocê* e *cê*) tendem a ser favorecidos nas falas reportadas e nos discursos genéricos.

No que diz respeito à variável sexo, os resultados apontam direções diferentes em termos do confronto entre as formas *tu* e *você*, nas localidades de Alfredo Vasconcelos e Barbacena. Na primeira cidade, observou-se que o pronome *tu* é mais produtivo nas falas femininas e o emprego de *você* é favorecido pelos falantes do sexo masculino e, no segundo município, esses dados se opõem, sendo o *tu* aliado às falas masculinas e o *você* favorecido pelas falas femininas. Em Alfredo Vasconcelos, os dados da amostra indicaram que, possivelmente, o favorecimento de *tu* nas falas femininas, e o de *você* nas falas masculinas, pode estar ligado à relação com os falantes com interlocutores do mesmo sexo, uma vez que foi observado na gravação da entrevista que um dos participantes se direcionava à entrevistadora (sexo oposto) empregando a forma *você* e com o marido da entrevistadora (mesmo sexo) utilizava o pronome *tu*. Em termos da variante *tu* utilizada em Ressaquinha, notou-se uma

semelhança com os dados de Barbacena, uma vez que essa forma foi mais produtiva nas falas masculinas.

Em relação à forma *cê*, no confronto com a forma *ocê*, foi possível notar também semelhanças nos resultados de Barbacena e Ressaquinha, mais especificamente que o *cê* é aliado às falas femininas e o pronome *ocê* apresenta ser mais produtivo entre os homens. Por outro lado, rodadas *cê* x *você* e *você* x *cê*, examinadas nas cidades de Alfredo Vasconcelos e Barbacena apontam direções diferentes, uma vez que se constatou que as mulheres tendem a empregar a forma *cê* e os homens são mais adeptos ao pronome *você*, nas falas vasconcelenses. Em Barbacena, esses dados se invertem, ou seja, as mulheres favorecem o uso de *você* e os homens demonstram ser aliados ao emprego de *cê*. Em termos da variante *ocê*, em geral, observou-se uma maior produtividade de *ocê* entre os falantes do sexo masculino nas localidades de Alfredo Vasconcelos e Barbacena.

No que concerne ao pronome *você*, especificamente nos confrontos dessa variante com as formas *tu*, *ocê* e *cê*, tende a ocorrer com mais frequência nas falas das mulheres, conforme os dados de Barbacena, e em Alfredo Vasconcelos, o *você* mostra ser aliado aos falantes do sexo masculino. Em suma, as três localidades demonstraram uma tendência da forma *cê* ser empregada pelas falas femininas, aproximando-se do estudo de Peres (2006), realizado em Belo Horizonte, que também comprovou, no *corpus* (2002), que as mulheres favorecem o emprego de *cê*. Em termos da hipótese analisada, foi corroborada, parcialmente, nas localidades, pois, conforme visto nos dados dos três municípios estudados, há uma tendência do pronome *tu* ser aliado às falas das mulheres vasconcelenses e em Barbacena, a forma *você* é mais produtiva no sexo feminino. No entanto, esse dado não se confirma em Ressaquinha, pois os resultados mostram que as falas femininas favorecem o uso da variante *cê*.

A análise da variável faixa etária indicou que, em Barbacena, esse fator não influencia a variação em termos dos confrontos realizados com o pronome *tu*. Por outro lado, em Alfredo Vasconcelos e Ressaquinha, a forma *tu* demonstrou ser aliada à faixa etária dos mais novos (18 a 31 anos), além de ser também fortemente favorecida na faixa etária dos medianos (31 a 50 anos), na localidade de Ressaquinha. Dessa maneira, pode-se observar um quadro de variação estável nas localidades de Alfredo Vasconcelos e Ressaquinha. No que se refere ao pronome *você*, há uma tendência desse pronome ser favorecido entre os falantes da faixa etária dos mais velhos (51 anos ou mais), nos três municípios. No entanto, apenas no confronto *você* x *ocê*, examinado nos dados das falas vasconcelenses e barbacenenses, foi indicado que essa forma pronominal é aliada aos falantes mais novos (18 a 31 anos).

No que diz respeito à variante *ocê*, em termos dos resultados gerais dos municípios estudados, essa variante é, predominantemente, favorecida na faixa etária mediana (31 a 50 anos). Entretanto, o confronto *ocê* x *você* demonstrou que essa forma é também aliada à faixa dos mais velhos (51 anos ou mais), nas localidades de Alfredo Vasconcelos e Barbacena, e, em Ressaquinha, os mais novos (18 a 30 anos) também favorecem o uso da variante *ocê*.

Em termos do pronome *cê*, quando confrontado com o pronome *tu*, mostrou ser aliado à faixa etária dos mais velhos (51 anos ou mais) nos municípios de Alfredo Vasconcelos e Ressaquinha, ao passo que o confronto *cê* x *você* indicou uma produtividade da forma *cê* entre as faixas etárias dos mais novos (18 a 50 anos) e mediana (31 a 50 anos), nas falas vasconcelenses. Por outro lado, esse mesmo confronto, analisado em Barbacena e Ressaquinha, apresentou uma neutralização nos dados dos falantes mais jovens. Além desses resultados, notou-se que a rodada binária *cê* x *você* mostra um favorecimento de *cê* na faixa etária dos mais novos (18 a 31 anos).

Em termos gerais das variáveis analisadas, ressalta-se que essas influenciam na variação dos pronomes de 2P nas três localidades estudadas. Observou-se que a variável extralinguística faixa etária é um dos fatores que mais condiciona a variação pronominal em Alfredo Vasconcelos e Ressaquinha, sendo destacada, pelo *software* GoldVarb X, na maioria dos confrontos, como o primeiro fator na ordem de relevância. Por outro lado, em Barbacena, por meio dos resultados das análises, é possível notar que a variável extralinguística sexo é a que mais influencia na variação dos pronomes de 2P nessa comunidade, indicada, em oito rodadas binárias, como o primeiro fator na ordem de relevância. É interessante observar que a variável tipo de discurso se destacou nos confrontos do pronome *tu* com as variantes *você*, *ocê* e *cê*, nos três municípios aqui estudados, sendo o *tu* fortemente favorecido quando empregado, juntamente, com o discurso direto. Tal variável ainda ganha mais visibilidade em Barbacena, pois, conforme os dados das análises, em quatro rodadas binárias o tipo de discurso foi o primeiro fator na ordem de importância indicada pelo GoldVarb X. Com relação ao paralelismo formal, essa variável não demonstrou influenciar a variação pronominal em Barbacena. Já o contexto sintático sinalizou ser um fator que condiciona a variação apenas entre os pronomes *você*, *ocê* e *cê*, em Alfredo Vasconcelos e Barbacena, ao passo que em Ressaquinha essa variável condiciona a variação das formas *tu*, *você*, *ocê* e *cê*. No que diz respeito ao tipo de verbo, as análises realizadas indicaram que esse fator se destacou em Ressaquinha, localidade onde seis rodadas binárias foram selecionadas como relevantes para o fenômeno variável estudado.

Em suma, observou-se que muitos dos resultados da amostra dos testes de percepção e produção corroboram os dados da amostra entrevistas sociolinguísticas. Além disso, os dados indicaram aproximações do uso dos pronomes *tu*, *você*, *ocê* e *cê* nas três cidades, mas também algumas diferenças, apesar da proximidade desses municípios, como, por exemplo, o uso acentuado de *tu* na cidade de Ressaquinha e a prevalência da forma *cê* em Alfredo Vasconcelos e Barbacena. Conforme já relatado, estudos futuros podem identificar a procedência dos padrões diferentes dos usos das formas de 2P do singular em cada cidade. Acredita-se que alguns fenômenos ainda podem ser estudados, em busca da origem do pronome *tu* na região mineira Campo das Vertentes, tais como análises nos acervos dessas localidades em busca evidências do emprego desses pronomes nas escritas, análises mais aprofundadas em termos das relações sociais dos falantes, pois, conforme visto, há tendência desses tipos de relações influenciarem na escolha pronominal desses participantes. Por fim, espera-se que esta pesquisa contribua para informação e registro das falas mineiras, sobretudo para todos aqueles que se interessam pelo fenômeno abordado.

REFERÊNCIAS

- ALVES, C. C. B. **O uso do *tu* e do *você* no português falado no Maranhão**. 143f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade de Brasília, Brasília, 2010.
- ALVES, C. C. B. **Pronomes de segunda pessoa no espaço maranhense**. 153f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade de Brasília, Brasília, 2015.
- AMARAL, E. T. R. **A ausência/presença de artigo definido diante de antropônimos em três localidades de Minas Gerais: Campanha, Minas Novas e Paracatu**. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, 2003.
- AMARAL, E. T. R.; SANTOS, M. P. As pesquisas sobre o português falado em Minas Gerais em 125 anos de história (1889-2014). **Domínios da lingu@gem**, v 10, n. 3, 2016.
- ANDRADA, D. G. B. *Barbacena ontem e hoje*. 2 ed. Belo Horizonte, C/Arte, 2018.
- ANDRADE, C. Q. **Tu e mais quantos?** – a segunda pessoa na fala brasiliense. 139f. Dissertação (Mestrado em Linguística), Departamento de Linguística, Universidade de Brasília, Brasília, 2010.
- ANDRADE, C. Q. **A fala brasiliense: origem e expansão do uso do pronome *tu***. 158f. Tese (Doutorado em Linguística) – Departamento de Linguística, Universidade de Brasília, Brasília, 2015.
- ASSUNÇÃO, J. da S.; ALMEIDA, N. L. F. A realização do *Tu* e *Você* na variante linguística de falantes feirenses. In: **XII Seminário de iniciação científica**, Feira de Santana. Anais - Feira de Santana: UEFS, 2008.
- AZEVEDO, R. B. **Alfredo Vasconcelos, quem te conhece, jamais esquece**. 3 ed. Barbacena Gráfica e Editora de Barbacena, Barbacena, 2017.
- BABILÔNIA, L.; MARTINS, S. A. A influência dos fatores sociais na alternância *tu/você* na fala manauara. **Revista Guavira Letras** (UFMS/ Campus Três Lagoas), v. 13, 2011, p. 49-60.
- BACELAR, M. F. do N.; MENDES, A.; DUARTE, M. E. L. Sobre formas de tratamento no português europeu e brasileiro. **Diadorim**, Rio de Janeiro, vol. 20 – Especial, 2018, p. 245-262.
- BARCIA, L. R. **As formas de tratamento em cartas de leitores oitocentistas: peculiaridades do gênero e reflexos da mudança pronominal**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2006.
- BROWN, R.; GILMAN, A. The pronouns of power and solidarity. In: SEBEEK, T. A. (ed.). **Style in language**. Cambridge: MIT Press, 1960.
- BROWN, P.; LEVINSON, S. **Politeness: some universals in language usage**. Cambridge, University Press, 1987.

CALMON, E. N. **Ponte da passagem: *você* e *cê* transitando na fala de Vitória (ES)**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, 2010.

CALVET, L. J. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. São Paulo: Parábola, 2002.

CÂMARA MUNICIPAL DE CARANDAÍ. **História da cidade**. Disponível em: <<http://www.camaracarandai.mg.gov.br/camara/conheca-carandai.html#1>>. Acesso em: 17 dez. 2020.

CARDOSO, S. A. M. S. et al. **Atlas linguístico do Brasil**, v.2 (Cartas Linguísticas 1). Londrina: EDUEL, 2014

CASTILHO, A. T. Para história do português brasileiro. Disponível em: <<http://blog.editoracontexto.com.br/a-historia-do-portugues-brasileiro-ataliba-t-de-castilho/>> Acesso em: 13 jan. 2021.

CHAVES, E. **Implementação do pronome *você*: a contribuição de pistas gráficas**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Curso de Pós-graduação em Linguística. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras, Belo Horizonte. 2006.

CINTRA, L. F. L. **Sobre “formas de tratamento” na língua portuguesa**. Lisboa: Livros Horizonte/Coleção Horizonte, 1972.

COELHO, M. do S. V. **Uma abordagem variacionista do uso da forma *você* no Norte de Minas**. 1999. 85f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1999.

COELHO, I. L. A trajetória de mudança dos pronomes *tu* e *você* em Santa Catarina: análise de cartas pessoais (1880-1900). **LaborHistórico**, Rio de Janeiro, v.5, 2019, pp. 130-161.

CONDE SILVESTRE, J. C. **Sociolinguística histórica**. Madrid: Gredos, 2007.

COSTA, R. M. S. A alternância das formas pronominais *tu*, *você* e o(a) *senhor(a)* na função de sujeito no português falado em Cametá- Estado do Pará. **Revista de Letras**, Universidade Federal do Ceará, n. 35, v. 2, 2016, p. 64-76.

DAVET, J. C. T. **Estudo da concordância verbal de segunda pessoa do singular em Florianópolis-SC: algumas implicações identitárias**. Dissertação (Mestrado em Linguística). Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

DIAS, E. P. **O uso do *tu* no português falado brasiliense**. 103f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) - Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

FARACO, C. A. O tratamento de *você* em Português: uma abordagem histórica. **LaborHistórico**, Rio de Janeiro, v.3 n.2, 2017, pp. 114-132.

FARIA, R. F. N. **O Fenómeno da Delicadeza Linguística em Português e em Inglês**. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Ciências Sociais Humanas, Universidade Católica Portuguesa, Porto, 2009.

FRANCESCHINI, L. T. **Variação pronominal Nós/A gente e Tu/Você em Concórdia-SC**. 152f. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011.

FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO. **Microrregião dos Campos das Vertentes**. volume 1, 1981. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.mg.gov.br/consulta/verDocumento.php?iCodigo=49017&codUsuario=0>. Acesso em: 01 set. 2022.

GONÇALVES, C. R. **Uma abordagem sociolinguística das formas *você, ocê e cê* no português**. 348f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguagem, Universidade de São Paulo, São Paulo.

GOUVEIA, H. A. **As formas de tratamento em cartas pessoais escritas na grande Florianópolis entre 1880 e 1940**. Dissertação (Mestrado em Linguística). Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019. (No prelo).

GRANDO, V. **Formas de tratamento nas cartas de Harry Laus para Claire Cayron: uma análise sociolinguística**. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2016.

GUILHERME, A. R. B.; BERMEJO, V.L. Quão cortês é *você*? O pronome de tratamento *você* em Português Europeu. **LaborHistórico**, Rio de Janeiro, v.1, n.2, 2015. p. 167-180.

GUIMARÃES, T. A. A. S. **Tu é doido, Macho! A variação das formas de tratamento no falar de Fortaleza**. 237f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada). Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2014.

GUY, G. ZILLES, A. **Sociolinguística quantitativa**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007

HERÊNIO, K. K. P. **“Tu” e “você” em uma perspectiva intra-linguística**. 120f. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2006.

IBGE CIDADES. **Barbacena**. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/mg/barbacena.html>>. Acesso em: 17 dez. 2020.

IBGE CIDADES. **Alfredo Vasconcelos**. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/mg/alfredo-vasconcelos>> Acesso em: 17 dez. 2020.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 (1972).

LABOV, W. **Principles of Linguistic Change: Internal Factors**. Cambridge: **Blackwell Publishers**, v. 1, 1994.

LOPES, C. R. dos S.; MACHADO, A. C. M.. Tradição e inovação: indícios do sincretismo entre segunda e terceira pessoas nas cartas dos avós. In: LOPES, C. R. dos S. (Org). **Norma brasileira em construção: fatos linguísticos em cartas pessoais do século XIX**. Rio de Janeiro: Pós-graduação em Letras Vernáculas/FAPERJ, 2005, p. 45-66.

LOPES, C. R.S.; RUMEU, M. C. B. “O quadro de pronomes pessoais do português: as mudanças na especificação dos traços intrínsecos” In: **Descrição, história e aquisição do português brasileiro**. 1 ed. São Paulo/Campinas : FAPESP/Pontes Editores, v.1, 2007, p. 419-436.

LOPES, C. S. Pronomes pessoais. In: Silvia Figueiredo Brandão e Silvia Rodrigues Vieira. (Org.). **Ensino de gramática: descrição e uso**. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2007, v. 1, p. 103-114.

LOPES, C. R.S. Retratos da variação entre "você" e "tu" no português do Brasil: sincronia e diacronia. In: RONCARATI, C. ABRAÇADO, J. (Org.). **Português Brasileiro II - contato linguístico, heterogeneidade e história**, Niterói: EDUFF, 2008.

LOPES, C.; MARCOTULIO, L. L.; SILVA, A. S.; SANTOS, V. M. Quem está do outro lado do túnel? *Tu* ou *você* na cena urbana carioca. **Neue Romania**, Berlim, v. 39, p. 49-66, 2009.

LOPES, C. R. dos S. Retratos da mudança no sistema pronominal: o tratamento carioca nas primeiras décadas do século XX. In: CORTINA, A. NASSER, S. M. G. da C. (Org.). **Sujeito e Linguagem: Séries Trilhas Linguísticas**. Araraquara: Cultura Acadêmica, v.17, 2009. pp. 47-74.

LOPES, C. R. dos S. et al. A reorganização do sistema pronominal de segunda pessoa na história do português brasileiro: a posição de sujeito. In: CASTILHO, A. T. **História do Português Brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2018, p. 24.-141.

LOPES, C. R. dos S. A formação dos sistemas de tratamento em português: mudança e avaliação. **LaborHistórico**, Rio de Janeiro, v., 2019, p. 258-294.

LOREGIAN, L. **Concordância verbal com o pronome tu na fala do sul do Brasil**. Dissertação (Mestrado em Linguística). Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1996.

LOREGIAN-PENKAL, L. **Re(análise) da referência de segunda pessoa na fala da Região Sul**. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004.

LOREGIAN-PENKAL, L.; MENON, O. P. S. **Você(s), ocê(s) e cê(s) em Curitiba e Londrina, Paraná**. In: SIGNUM: Estudos Linguísticos, Londrina, 2012.

LUCCA, N. N. G. **A variação tu/você na fala brasiliense**. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade de Brasília, Brasília, 2005.

MACHADO, A. C. M. **A implementação de “Você” no quadro pronominal: as estratégias de referência ao interlocutor em peças teatrais no século XX**. Dissertação (Mestrado em Língua

Portuguesa) – Curso de Pós-Graduação em Letras Vernáculas. Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2006.

MARCELINO, K. L.; REIS DE AQUINO, N. **Os pronomes de segunda pessoa (*tu* e *você*) em cartas catarinenses do século XX**. Relatório de Iniciação Científica (PIBIC). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

MARTINS, G. F. **A alternância *tu/você/senhor* no município de Tefé- Estado do Amazonas**. 100f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

MARTINS, R. A. S.; MARRA, D; HAUPT, C. Os usos alternados das formas pronominais de segunda pessoa *cê*, *você* e *tu* na comunidade linguística de Porto Nacional, Tocantins. **Estudo da língua(gem)**, Vitória da Conquista, v.18, p. 37-53, 2020.

MEILLET, A. "L'Etat actuel des études de linguistique générale", aula inaugural no Collège de France, 13 de fevereiro de 1906. **Linguistique historique et linguistique générale**, Paris Champion, 1921.

MENON, O. P. S. O sistema pronominal do português do Brasil. **Revista Letras**, Curitiba, v. 44, p. 91- 106, 1995.

MODESTO, A. T. T. **Formas de tratamento no português brasileiro: a alternância *tu/você* na cidade de Santos-SP**. 152f. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) – Programa de Pós-Graduação em letras, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

MOLLICA, M. C. Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação. 2. ed. São Paulo. Contexto, 2004.

MOTA, M. A. **A variação dos pronomes ‘*tu*’ e ‘*você*’ no português oral de São João da Ponte (MG)**. 125f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Curso de Pós-graduação em Estudos Linguísticos. Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

NASCIMENTO, I. B. **O uso variável do pronome de segunda pessoa *você(s)/cê(s)* na cidade de São Paulo**. 217f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Curso de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral. Faculdade de Letras, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

NOGUEIRA, F. M. S. B. **Como os falantes de Feira de Santana e Salvador tratam o seu interlocutor?** 135f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Curso de Pós-graduação em Língua e Cultura. Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

NUNES DE SOUZA, C. M. **Poder e solidariedade no teatro florianopolitano dos séculos XIX e XX: uma análise sociolinguística das formas de tratamento**. – Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

NUNES DE SOUZA, C. M.; COELHO, I. L. O sistema de tratamento em Santa Catarina: uma análise de cartas pessoais dos séculos XIX e XX. **Revista do Gelne**, 2013.

NUNES DE SOUZA, C. M. **A alternância entre *tu* e *você* na correspondência de florianopolitanos ilustres no decorrer de um século.** Tese (Doutorado em Linguística). Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

OLIVEIRA, J. M. A sociolinguística Laboviana: festejando o cinquentenário e planejando o futuro. **Estudos Linguísticos**, Campinas, p.481-501, 2016.

OLIVEIRA, L. A. F. de. ***Tu e você no português afro-brasileiro.*** Comunicação ao VI Seminário de Pesquisa e Pós-Graduação da UFBA. Salvador, 2005.

OLIVEIRA, L. A. ***Tu e você no português popular do estado da Bahia.*** Comunicação ao VIII Seminário de Pesquisa e Pós-Graduação da UFBA. Salvador, 2007.

OLIVEIRA, W. M. *Ressaquinha de canto a canto.* Barbacena. Gráfica e Editora de Barbacena, 2002.

PAIVA, M. C. Transcrição de dados linguísticos. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. (orgs.) **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação.** 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

PAREDES SILVA, Vera Lúcia. O retorno do pronome tu à fala carioca. In: RONCARATI, Cláudia; ABRAÇADO, Jussara. **Português brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e história.** Rio de Janeiro: FAPERJ/ 7Letras, 2003, pp. 160-169.

PERES, E. P. **O uso de *você*, *ocê* e *cê* em Belo Horizonte:** um estatuto em tempo aparente e tempo real. 234f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte, 2006.

RAMOS, M. P. B. **Formas de tratamento no falar de Florianópolis.** Dissertação (Mestrado em Linguística). Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1989.

REIS, Z. M. **A variação ‘tu’ e ‘você’ no português falado e escrito em Lontra MG.** 294f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Programa de Pós-graduação Mestrado Profissional em Letras, Universidade Estadual de Montes Claros, Montes Claros, 2019.

RIBEIRO, J. et al. **Esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais.** Juiz de Fora: Fundação Casa Rui Barbosa/UFJF, v. 1, 1977.

ROCHA, W. J. C.; SANTOS, L. O.; SOUZA; V. V. O pronome *você* e sua variante *cê* em estudo (socio)funcional. **Interdisciplinar.** Universidade Federal de Sergipe, v. 24, 2016, p.143-158.

ROCHA, P. G. **O sistema de tratamento do português de Florianópolis: um estudo sincrônico.** 336f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

RUMEU, M. C. de B. **Para uma história do português no Brasil:** Formas pronominais e nominais de tratamento em cartas setecentistas e oitocentistas. Dissertação (Mestrado em

Língua Portuguesa) – Curso de Pós-graduação em Letras Vernáculas. Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2004.

RUMEU, M. C. de B. **A implementação do *você* no português brasileiro oitocentista e novecentista**: um estudo de painel. 276 f. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

RUMEU, M. C. de B. **Língua e sociedade**: a história do pronome '*Você*' no português brasileiro. Rio de Janeiro: Ítaca (FAPERJ), 2013.

RUMEU, M. C. de B. 'Tu' ou 'você', 'te' ou 'lhe'? A correlação entre as funções de sujeito e complemento verbal de 2ª pessoa. **Linguística**. vol.31 no. 2 Montevideo. 2015. Disponível em: http://www.scielo.edu.uy/scielo.php?pid=S2079-312X2015000200007&script=sci_arttext&tlng=pt. Acesso em: 01 set. 2022.

SANTANA, J. C. D. de. Universidade Estadual de Feira de Santana. Relatório de pesquisa: O uso dos pronomes *TU* e *VOCÊ* no falar feirense culto. Feira de Santana, 2008.

SANTOS, V. M. **"Tu vai para onde?... Você vai para onde?":** manifestações da segunda pessoa na fala carioca. 137f. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) – Curso de Pós-Graduação em Letras Vernáculas. Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

SAUSSURE, F. **Cours de Linguistique Générale**. In: BALLY, C; SECHEHAYE, A., 1978. [Ed. Br.: (2006). Curso de Linguística Geral. Trad. Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 27ª ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SCHERRE, M. M. P. Padrões sociolinguísticos do português brasileiro: a importância da pesquisa variacionista. **Tabuleiro de Letras**. Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens. Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Departamento de Ciências Humanas – DCH I NÚMERO 04 – junho de 2012. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/tabuleirodeletras/article/view/167>. Acesso em: 01 set. 2022.

SCHERRE, M. M. P. et al. Variação dos pronomes *tu* e *você*. In: MARTINS, M. A.; ABRAÇADO, J. **Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2015, pp. 133-172.

SCHERRE, M. M. P. et al. A alternância *tu* e *você*: cartas capixabas. **Confluências**. Rio de Janeiro, 2018.

SILVA, F. C. **Variação entre os pronomes *tu* e *você* na função de sujeito na conservação em Natal (RN): uma abordagem sociofuncionalista**. 105f. Dissertação (Mestrado em Estudo da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Estudo da Linguagem, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2015.

SILVA, M. R. **Tu e você na variedade rio-branquense**: Um caso de variação ou de escolha funcional? 180f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2019.

SILVA, S. C da. **A variação dos pronomes *tu* e *você* na fala mineira de Ressaquinha (MG)**. 100f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2017.

SOUZA, J. P. F. de. “**Mapeando a entrada do *você* no quadro pronominal**: análise de cartas familiares dos séculos XIX-XX”. 148f. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

SOTO, U. **Cartas através do tempo: o lugar do outro na correspondência brasileira**. Niterói: Editora da UFF, 2007.

TAGLIAMONTE, S. A. et al. **A multivariate analysis application for Macintosh**. University of Toronto, 2005. Disponível em: <http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/GoldVarb.html>. Acesso em: 20 maio 2020.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 1986.

TARALLO, F. **Tempos Linguísticos**. São Paulo, Ática, 1990.

VANELLI E SILVA, N. **Variação pronominal de segunda pessoa em cartas pessoais das décadas de 1960 e 1980**. Trabalho de Conclusão de Curso (Letras – Português), Universidade Federal de Santa Catarina, 2018.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].

APÊNDICE 1

Temáticas para entrevistas e alguns exemplos de perguntas que direcionam para um diálogo com o entrevistado

Receitas

1. O que você mais gosta de comer? E como se faz esse prato?
2. Tem algum outro prato predileto? Sabe prepará-lo também?
3. Qual o doce que você mais gosta? Como é feito?

Instruções

1. Qual trajeto que devo percorrer para chegar em determinado local (rua, escola, centro da cidade, município próximo da localidade, etc)?
2. Quais são os ponto(s) turístico(s) de sua cidade? Ficam perto do seu bairro? Como faço para chegar até esses locais?

Aconselhamento

1. Qual conselho você daria se tivesse algum parente ou amigo perdido no mundo do vício (drogas, bebidas, etc)?
2. Você acha importante estudar? Qual conselho você daria para um filho (a), neto (a) ou irmão (a) que parou de estudar?

Curiosidades sobre a cidade

1. Você gosta de morar aqui? Por quê?
2. Há muitos casos de assaltos na cidade ou ela é bem tranquila?
3. Conte-me sobre algum fato que marcou a sua cidade.
4. Tem algum evento ou festa anual em sua cidade? Quando acontece? Como são esses eventos? Vêm muitas pessoas de outras localidades? Já teve algum evento que você mais gostou? Conte-me sobre.
5. Se você tivesse que convencer alguém a visitar essa cidade, o que você diria?
6. O que você acha da área da saúde da sua cidade?
7. O que você acha da área da educação da sua cidade?
8. O que você acha que precisa melhorar na sua cidade?

Outros assuntos

1. Você acha que quando era criança a vida era bem mais fácil do que hoje em dia? Por quê?
2. Você trabalha? Da sua casa até o local em que você trabalha é muito longe? Qual é o trajeto?

APÊNDICE 2

TESTE DE PERCEÇÃO

Cidade: Idade: Sexo: () feminino () masculino

ATENÇÃO! Este teste tem como objetivo saber quais são as formas da língua que você mais USA (ou usaria) na fala do dia a dia e as formas de que mais GOSTA. Não é do nosso interesse saber o que é considerado CERTO ou ERRADO gramaticalmente. Sendo assim, pense na forma como você REALMENTE FALA. Escolha uma alternativa, ou mais de uma, caso você achar que usa mais de uma forma.

1. Qual forma você costuma usar para se dirigir a um amigo ou a uma amiga?

- a) () *tu*
- b) () *você*
- c) () *ocê*
- d) () *cê*

Fator em análise: As questões de 1 a 4 têm como propósito averiguar o tratamento pronominal nas relações de inferior para superior (de filho para pai e mãe e avó e avô e de funcionário ao chefe) e de igual para igual (amigo).

2. Qual forma você costuma usar para se dirigir ao seu pai ou a sua mãe?

- a) () *tu*
- b) () *você*
- c) () *ocê*
- d) () *cê*
- e) () *o senhor / a senhora*

3. Qual forma você costuma usar para se dirigir ao seu avô ou a sua avó (se possuir)?

- a) () *tu*
- b) () *você*
- c) () *ocê*
- d) () *cê*
- e) () *o senhor / a senhora*

4. Qual forma você costuma usar para se dirigir a alguém superior (chefe, por exemplo)?

- a) () *tu*
- b) () *você*
- c) () *ocê*
- d) () *cê*

e) o *senhor* / a *senhora*

6. Quais dessas formas são mais usuais em sua cidade?

a) *tu*

b) *você*

c) *ocê*

d) *cê*

Fator em análise: o propósito dessa questão é saber quais desses pronomes fazem parte das falas dos moradores das cidades em análise. Essa questão também trará evidências se o pronome *tu* está presente nas outras cidades vizinhas de Ressaquinha (MG).

TESTE DE PRODUÇÃO

Cada uma das questões abaixo tem alternativas com lacunas a serem preenchidas. Selecione uma alternativa, ou mais de uma, de acordo com as formas que você costuma usar. Logo após, escolha uma opção de preenchimento da lacuna que se segue abaixo de cada alternativa. Você pode escolher mais de uma opção, caso você achar que utiliza mais de uma.

1. Imagine que você esteja convidando um amigo para uma festa e quer saber se ele levará a namorada. Então, como você diria?

a) *Você* vai à(na) festa de hoje com _____ namorada? *tua* *sua*

b) *Tu* vai(s) à(na) festa de hoje com _____ namorada? *tua* *sua*

Fator em análise: paralelismo sujeito e possessivo

2. Agora, imagine que você perguntaria a seu amigo se ele quer que você vá junto com ele à festa. Como você diria?

a) *Tu* quer(es) que eu vá à (na) festa ____? *contigo* com *você*

b) *Você* quer que eu vá à (na) festa ____? *contigo* com *você*

Fator em análise: paralelismo sujeito e oblíquo tônico

3. Você quer convidar um amigo para ir até a sua casa para contar alguma coisa importante a ele. Como você diria?

a) *Tu* pode(s) vir aqui que eu tenho que ____ contar uma coisa. *te* *lhe*

b) () *Você* pode vir aqui que eu tenho que ____ contar uma coisa. () *te* () *lhe*

Fator em análise: paralelismo sujeito e oblíquo átono

4. Imagine que você levou um presente para o seu amigo, ou amiga, que estava de aniversário. Como você diria?

Eu trouxe um presente para ____ . () *pra ti* () *pra você* () *pr'ocê* () *pra tu*

Fator em análise: essa questão tem propósito de saber a procedência pronominal que se dá a partir do complemento com preposição. Sabe-se que em Minas Gerais é bem comum utilizar “pra você” e “pr'ocê”. No entanto, “pra *ti*” e “pra *tu*” é bem recorrente em Ressaquinha. Sendo assim, tal questão pode trazer indícios se outras cidades mineiras também utilizam “pra *ti*”.